

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ
ESCOLA DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA**

FELIPE SÉRGIO KOLLER

**A FÉ COMO EXPERIÊNCIA DE ENCONTRO COM CRISTO
NOS PAPAS DO PÓS-CONCÍLIO**

CURITIBA

2017

FELIPE SÉRGIO KOLLER

**A FÉ COMO EXPERIÊNCIA DE ENCONTRO COM CRISTO
NOS PAPAS DO PÓS-CONCÍLIO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Teologia.

Orientador: Prof. Dr. Clodovis Maria Boff.

CURITIBA

2017

Para Bento XVI,
cuja pregação me conduziu,
pelo Espírito Santo de Amor,
ao encontro de Jesus de Nazaré,
o rosto da misericórdia do Pai.

AGRADECIMENTOS

O encontro com Cristo, revelador do Deus-Amor: seria impossível desenvolver uma pesquisa sobre esse tema deixando de lado a própria experiência de reconhecer-se, no Espírito, pessoalmente amado e desejado pelo Deus verdadeiro, através de seu Filho Jesus, que “me amou e se entregou por mim” (Gl 2, 20). Por um lado, a minha experiência pessoal não pôde não ser fonte deste trabalho; por outro, ela também foi ricamente alimentada por ele. À Trindade Santa elevo, pois, minha ação de graças pelo tempo oportuno que o mestrado e o desenvolvimento desta dissertação significaram em minha vida.

Certamente, para isso Deus contou com a cooperação de numerosas pessoas. Em primeiro lugar, devo agradecer ao Frei Clodovis Boff, O.S.M., que com atenção tão amorosa orientou esta pesquisa e continuamente me incentivou e intercedeu por mim junto a Deus. Nesses quatro anos desde que estabelecemos contato, foi um verdadeiro mestre na vida em Cristo e no ministério da teologia. Que Deus o recompense.

Não posso tampouco deixar de agradecer àqueles que todos os dias tornam palpável o rosto do Amor incondicional de Deus na minha vida: a meus pais, a quem amo de todo o coração e a quem devo tudo, e a Giovana, minha querida namorada, companhia constante que dá cor aos meus dias e me ensina a amar sempre mais; não consigo imaginar esse caminho sem ela.

Exprimo a minha gratidão à pequena comunidade de irmãos na fé a que me uno todos os meses em torno de Jesus Eucaristia. Agradeço sobretudo àqueles que participaram da catequese que ministrei em 2016: foi ali que se esclareceram para mim as questões mais centrais implicadas nesta pesquisa. Um obrigado especial à minha amiga Débora, tão generosa com a sua ajuda na formatação desta dissertação.

Agradeço ainda ao meu bispo, Dom Francisco Carlos Bach, que me encorajou a prosseguir com esta pesquisa; ao meu diretor espiritual, o Padre Gabriel Vecchi, O.C.S.O., e a toda a comunidade da Abadia de Nossa Senhora do Novo Mundo; e aos professores que gentilmente aceitaram o convite para participar da minha banca de defesa, Alex Villas Boas e Lúcia Pedrosa de Pádua.

Por fim, rendo graças a Deus pela companhia fortalecedora e intercessora dos santos e pelo carinho maternal de Maria, a Senhora Aparecida, modelo de uma entrega visceral à misericórdia de Deus.

Há tanto tempo estou convosco
e tu não me conheces, Felipe?
Quem me vê, vê o Pai.

Jo 14, 9

RESUMO

A exigência de uma transmissão da fé que aconteça, em chave querigmática, a partir do coração do Evangelho, como expressa pelo Papa Francisco na exortação apostólica *Evangelii Gaudium* e em todo o contexto do Jubileu da Misericórdia, é corolário de um percurso que acompanhou todo o magistério pontifício pós-conciliar e que encontrou uma de suas formas mais enfáticas na noção de “encontro pessoal com Jesus Cristo”, compreendida como experiência do amor fiável e misericordioso de Deus. Essa expressão, utilizada pela primeira vez no magistério pelo Beato Paulo VI em 1968, e muito cara a seus sucessores, parece ter ganhado importância como tentativa de superação quer do discurso autorreferencial característico do período pré-conciliar, quer de todo reducionismo da fé cristã. A pesquisa aborda o uso dessa expressão no magistério dos papas do pós-concílio e procura explicitar, a partir do próprio magistério, a que ela se refere.

Palavras-chave: Encontro com Cristo. Magistério pontifício. Querigma. Experiência cristã. Misericórdia.

ABSTRACT

The demand for a transmission of the faith that comes, in a kerygmatic key, from the heart of the Gospel, as expressed by Pope Francis in the apostolic exhortation *Evangelii Gaudium* and throughout the context of the Jubilee of Mercy, is a corollary of a journey that accompanied all post-conciliar magisterium and found one of its most emphatic forms in the notion of a “personal encounter with Jesus Christ”, understood as an experience of God's merciful and trusting love. This expression, used for the first time in the magisterium of the pope by Blessed Paul VI in 1968, and very crucial to his successors, seems to have gained importance as an attempt to overcome both the self-referential discourse characteristic of the pre-conciliar period and every kind of reductionism of the Christian faith. The research addresses the use of this expression in the magisterium of the popes of the post-conciliar period and seeks to make explicit, based on the magisterium itself, what it refers to.

Keywords: Encounter with Christ. Magisterium of the pope. Kerygma. Christian experience. Mercy.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

1Cor	Primeira Carta de São Paulo aos Coríntios
1Jo	Primeira Carta de São João
1Pd	Primeira Carta de São Pedro
1Tm	Primeira Carta de São Paulo a Timóteo
1Ts	Primeira Carta de São Paulo aos Tessalonicenses
2Cor	Segunda Carta de São Paulo aos Coríntios
Ap	Apocalipse de São João
At	Atos dos Apóstolos
Br	Livro do Profeta Baruc
Celam	Conselho Episcopal Latino-Americano
CIC	Catecismo da Igreja Católica
Cl	Carta de São Paulo aos Colossenses
ChL	Exortação Apostólica Pós-Sinodal <i>Christifideles Laici</i> , de São João Paulo II
CT	Exortação Apostólica Pós-Sinodal <i>Catechesi Tradendae</i> , de São João Paulo II
DAP	Documento de Aparecida, da 5ª Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e Caribenho
DCE	Carta Encíclica <i>Deus Caritas Est</i> , de Bento XVI
DeV	Carta Encíclica <i>Dominum et Vivificantem</i> , de São João Paulo II
DM	Carta Encíclica <i>Dives in Misericordia</i> , de São João Paulo II
DV	Constituição Dogmática <i>Dei Verbum</i> , do Concílio Vaticano II
EAm	Exortação Apostólica Pós-Sinodal <i>Ecclesia in America</i> , de São João Paulo II
Ef	Carta de São Paulo aos Efésios
EG	Exortação Apostólica <i>Evangelii Gaudium</i> , de Francisco
EN	Exortação Apostólica <i>Evangelii Nuntiandi</i> , do Beato Paulo VI
ES	Carta Encíclica <i>Ecclesiam Suam</i> , do Beato Paulo VI
Ex	Livro do Êxodo
Ez	Livro do Profeta Ezequiel
Fl	Carta de São Paulo aos Filipenses

GD	Exortação Apostólica <i>Gaudete in Domino</i> , do Beato Paulo VI
Gl	Carta de São Paulo aos Gálatas
GME	<i>Gaudet Mater Ecclesia</i> , Discurso de Abertura do Concílio Vaticano II, de São João XXIII
Gn	Livro do Gênesis
GS	Constituição Pastoral <i>Gaudium et Spes</i> , do Concílio Vaticano II
Hb	Carta aos Hebreus
HS	Constituição <i>Humanae Salutis</i> para a Convocação do Concílio Vaticano II, de São João XXIII
Is	Livro do Profeta Isaías
JMJ	Jornada Mundial da Juventude
Jo	Evangelho de São João
Jó	Livro de Jó
Jr	Livro do Profeta Jeremias
Lc	Evangelho de São Lucas
LF	Carta Encíclica <i>Lumen Fidei</i> , de Francisco
LG	Constituição Dogmática <i>Lumen Gentium</i> , do Concílio Vaticano II
LS	Carta Encíclica <i>Laudato Si'</i> , de Francisco
Mc	Evangelho de São Marcos
MMi	Carta Apostólica <i>Misericordia et Misera</i> , de Francisco
Mt	Evangelho de São Mateus
MV	Bula <i>Misericordiae Vultus</i> , de Francisco
NMI	Carta apostólica <i>Novo Millennio Ineunte</i> , de São João Paulo II
Os	Livro do Profeta Oseias
PF	Carta Apostólica <i>Porta Fidei</i> , de Bento XVI
RD	Exortação Apostólica <i>Redemptionis Donum</i> , de São João Paulo II
RH	Carta Encíclica <i>Redemptor Hominis</i> , de São João Paulo II
Rm	Carta de São Paulo aos Romanos
Sb	Livro da Sabedoria
SC	Constituição Dogmática <i>Sacrosanctum Concilium</i> , do Concílio Vaticano II
SCa	Exortação Apostólica Pós-Sinodal <i>Sacramentum Caritatis</i> , de Bento XVI

Sl	Livro dos Salmos
SS	Carta Encíclica <i>Spe Salvi</i> , de Bento XVI
ST	Suma Teológica, de Santo Tomás de Aquino
Tg	Carta de São Tiago
UR	Decreto <i>Unitatis Redintegratio</i> , do Concílio Vaticano II
VD	Exortação Apostólica Pós-Sinodal <i>Verbum Domini</i> , de Bento XVI
VS	Carta Encíclica <i>Veritatis Splendor</i> , de São João Paulo II

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 ANTECEDENTES: A REVALORIZAÇÃO DO QUERIGMA E DA DIMENSÃO EXPERIENCIAL DA FÉ NO PRÉ-CONCÍLIO E NO CONCÍLIO	15
1.1 OS SANTOS.....	17
1.2 OS TEÓLOGOS	18
1.3 NOVAS REALIDADES ECLESIAIS	21
1.4 O CONCÍLIO VATICANO II.....	23
2 BEATO PAULO VI	25
2.1 VIDA, CONTEXTO E PONTIFICADO	25
2.2 DESENVOLVIMENTO DA TEMÁTICA	25
2.2.1 A encíclica <i>Ecclesiam Suam</i>	25
2.2.2 O encerramento do Concílio Vaticano II.....	28
2.2.3 As catequeses	29
2.2.4 O Credo do Povo de Deus	33
2.2.5 A exortação apostólica <i>Evangelii Nuntiandi</i>	33
2.3 CONSIDERAÇÕES.....	35
3 JOÃO PAULO I	37
3.1 VIDA, CONTEXTO E PONTIFICADO	37
3.2 DESENVOLVIMENTO DA TEMÁTICA	38
3.2.1 As catequeses	38
3.2.2 Outras alocações.....	39
3.3 CONSIDERAÇÕES.....	41
4 SÃO JOÃO PAULO II	42
4.1 VIDA, CONTEXTO E PONTIFICADO	42
4.2 DESENVOLVIMENTO DA TEMÁTICA	43

4.2.1 O início do pontificado	43
4.2.2 A encíclica <i>Redemptor Hominis</i>	43
4.2.3 Alocuções entre 1979 e 1980.....	44
4.2.4 A encíclica <i>Dives in Misericordia</i>	48
4.2.5 Alocuções entre 1981 e 1986.....	49
4.2.6 A encíclica <i>Dominum et Vivificantem</i>	52
4.2.7 A exortação apostólica pós-sinodal <i>Christifideles Laici</i>	53
4.2.8 Alocuções entre 1989 e 1991.....	53
4.2.9 A encíclica <i>Redemptoris Missio</i>	54
4.2.10 A encíclica <i>Fides et Ratio</i>	55
4.2.11 A exortação apostólica pós-sinodal <i>Ecclesia in America</i>	56
4.2.12 A carta apostólica <i>Novo Millenio Ineunte</i>	57
4.2.13 Alocuções entre 1999 e 2005.....	58
4.3 CONSIDERAÇÕES.....	63
5 BENTO XVI	65
5.1 VIDA, CONTEXTO E PONTIFICADO	65
5.2 DESENVOLVIMENTO DA TEMÁTICA	65
5.2.1 O início do pontificado	65
5.2.2 A encíclica <i>Deus Caritas Est</i>	67
5.2.3 Alocuções entre 2006 e 2007.....	71
5.2.4 A encíclica <i>Spe Salvi</i>	76
5.2.5 Alocuções entre 2008 e 2011.....	78
5.2.6 A carta apostólica <i>Porta Fidei</i>	85
5.2.7 Alocuções entre 2012 e 2013.....	87
5.3 CONSIDERAÇÕES.....	91
6 FRANCISCO	94
6.1 VIDA, CONTEXTO E PONTIFICADO	94

6.2 DESENVOLVIMENTO DA TEMÁTICA	94
6.2.1 O início do pontificado	94
6.2.2 A carta encíclica <i>Lumen Fidei</i>	97
6.2.3 Alocuções no ano de 2013.....	102
6.2.4 A exortação apostólica <i>Evangelii Gaudium</i>	110
6.2.5 Alocuções no ano de 2014.....	116
6.2.6 A encíclica <i>Laudato Si'</i>	119
6.2.7 A bula <i>Misericordiae Vultus</i>	120
6.2.8 Alocuções entre 2015 e 2016.....	122
6.2.9 A exortação apostólica pós-sinodal <i>Amoris Laetitia</i>	129
6.2.10 A carta apostólica <i>Misericordia et Misera</i>	130
6.3 CONSIDERAÇÕES.....	132
7 PONTOS ESTRUTURANTES DO QUERIGMA DOS PAPAS DO PÓS- CONCÍLIO	134
7.1 O CRISTIANISMO É CRISTO.....	134
7.2 JESUS, REVELAÇÃO DE DEUS-AMOR.....	135
7.3 RESPOSTA ÀS EXPECTATIVAS DO CORAÇÃO HUMANO	137
7.4 A SALVAÇÃO COMO EXPERIÊNCIA DE AMOR.....	138
7.5 A DIMENSÃO EXPERIENCIAL DA FÉ	139
7.6 A FÉ COMO EXPERIÊNCIA TRANSMITIDA PELA IGREJA TESTEMUNHA	140
7.7 A UNIDADE DO AMOR A DEUS E DO AMOR AO PRÓXIMO	142
CONCLUSÃO	143
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	146

INTRODUÇÃO

“Ao início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, o rumo decisivo” (DCE 1). Nas primeiras linhas da encíclica *Deus Caritas Est*, o Papa Bento XVI sintetizou – com palavras que, segundo o Papa Francisco, “nos levam ao centro do Evangelho” (EG 7) – uma noção que o magistério dos bispos de Roma vinha desenvolvendo desde o tempo do Concílio Vaticano II. Repetidas vezes, em um esforço para encontrar uma nova apresentação do anúncio cristão adaptada ao tempo presente, os papas do último meio século se referiram à fé como uma experiência de encontro pessoal com Jesus Cristo.

A expressão foi introduzida no magistério pontifício pelo Beato Paulo VI e retomada diversas vezes por seus sucessores. Na América Latina, o encontro pessoal com Cristo foi assumido como fio condutor do Documento de Aparecida. “Em nossa Igreja devemos oferecer a todos os nossos fiéis um ‘encontro pessoal com Jesus Cristo’, uma experiência religiosa profunda e intensa, um anúncio querigmático e o testemunho pessoal dos evangelizadores, que leve a uma conversão pessoal e a uma mudança de vida integral” (DAp 226), diz o documento.

Por trás da ênfase no encontro com Cristo, se sobressaem dois elementos que ganharam cada vez mais destaque no decorrer dos séculos XIX e XX: a valorização do conhecimento experiencial e o retorno ao querigma. Pouco a pouco, fórmulas meramente teóricas e apartadas da vida do dia-a-dia demonstraram a sua caducidade, dando cada vez mais lugar ao discurso pautado pela experiência e pela verificabilidade existencial. Ao mesmo tempo, crescia a consciência de que o anúncio central do Evangelho, o seu coração, não podia mais ser dado por pressuposto no discurso eclesial. Posteriormente, a própria integridade da fé se viu muitas vezes em perigo, subjugada pelo ativismo pastoral e social e por moralismos à esquerda e à direita. Assim, a noção do encontro pessoal com Cristo parece ter sido sublinhada pelos papas justamente pela necessidade de que se explicitasse o centro da fé cristã.

Atualmente, topamos continuamente com a expressão “encontro com Cristo” e similares nos textos do magistério pontifício pós-conciliar e também no magistério de bispos e conferências episcopais e na pregação de padres, diáconos, religiosos e leigos. Mas parece que ela tem sofrido o mesmo problema que buscou solucionar: sua compreensão é dada por descontada e segue-se em frente sem saber a que ela se refere. O subentendido se revela, ao fim, como mal-entendido.

A situação nos obriga a perguntar: afinal, a que realidade os papas do pós-concílio estão se referindo quando falam de uma experiência de encontro com Jesus Cristo? Para responder a essa questão, se faz necessário pesquisar o magistério dos papas do período referido, com os objetivos de compreender o que eles mesmos tinham em mente quando mencionavam o encontro com Cristo, traçar a história da temática no magistério do último meio século e perceber qual a contribuição específica de cada bispo de Roma nesse desenvolvimento.

Assim, vamos nos deter sobre os ensinamentos dos papas Beato Paulo VI (1963-1978), João Paulo I (1978), São João Paulo II (1978-2005), Bento XVI (2005-2013) e Francisco (2013-). A cada papa dedicaremos um capítulo. Além disso, um capítulo introdutório abordará os elementos que antecederam o magistério, no período do pré-concílio, na revalorização do querigma e da dimensão experiencial da fé. Um último capítulo procurará sintetizar a doutrina dos papas a esse respeito, evidenciando os pontos-chave do querigma pregado por eles.

Para o pontificado de Francisco, que ainda desempenha o ministério petrino, a data limite para o nosso estudo será o encerramento do Jubileu da Misericórdia (20 de novembro de 2016, Solenidade de Cristo Rei), incluindo a carta apostólica *Misericordia et Misera*. A data convém pelo simbolismo do jubileu, que, focado em um tema tão central para a fé cristã, foi celebrado a cinquenta anos do encerramento do Concílio Vaticano II – que marcou a virada da linguagem eclesial que permitiu o desenvolvimento da noção de encontro com Cristo no magistério pontifício.

Dessa forma, nosso estudo vai passar por pouco mais de cinquenta anos do magistério dos bispos de Roma procurando não apenas alusões à expressão literal “encontro com Cristo” e similares, mas tudo que ajude a compreender a realidade a que os papas se referem quando usam essa expressão. Ao fim, veremos que terá sido necessário nos debruçar sobre aspectos cristológicos, soteriológicos e éticos, entre outros, do seu ensinamento – justamente pela centralidade que o encontro com Cristo assume em seu discurso.

1 ANTECEDENTES: A REVALORIZAÇÃO DO QUERIGMA E DA DIMENSÃO EXPERIENCIAL DA FÉ NO PRÉ-CONCÍLIO E NO CONCÍLIO

A noção de uma experiência de encontro pessoal com Jesus Cristo não aparece explicitamente nos documentos conciliares. Porém, o simples fato de que, logo após o Concílio Vaticano II, a expressão passa a aparecer com frequência no magistério do bispo de Roma atesta que essa ênfase é devedora do concílio e do período que o antecedeu. Então, é importante nos dedicarmos inicialmente a compreender melhor esse período.

Com efeito, a valorização da dimensão experiencial do ato de fé e o retorno ao querigma são duas preocupações que pautaram, ainda que de maneira pressuposta e muitas vezes implícita, todos os movimentos de renovação que se caracterizaram como as “vigas mestras”¹ do pré-concílio – os movimentos litúrgico, bíblico, patrístico, ecumênico, catequético, leigo, social, etc.

Esses movimentos buscavam responder à falta de frescor e de vitalidade que se verificava, em traços gerais, no catolicismo da época. Naquele período, se constatou que se havia criado uma grande distância entre a postura da Igreja católica e a perspectiva e as expectativas do homem moderno. Dada por pressuposta a adesão da fé, não se conseguia ver no centro da vida da Igreja o anúncio do Evangelho. O querigma havia sido substituído pela explicação apologética dos dogmas, que parecia ter se tornado a síntese da fé cristã.² Insistia-se na condenação dos erros, como se houvesse nisso alguma eficácia evangelizadora. As ênfases do ensinamento moral não refletiam as do Evangelho. Havia um divórcio entre dogma e espiritualidade, entre pensar sobre Deus e experimentá-lo.³ O clima era de cansaço eclesial⁴: nas palavras do Papa Bento XVI, a sensação era “de que a Igreja não caminhava, ia diminuindo, parecia mais uma realidade do passado que a portadora do futuro. E, naquele momento, esperávamos que esta situação se alterasse, mudasse; que a Igreja fosse de novo força do futuro e força do presente.”⁵

Era uma situação descrita com acidez já na primeira metade do século XIX por Søren Kierkegaard (1813-1855), no contexto do protestantismo de Estado da sua Dinamarca. “A culpa da cristandade no fundo é esta: em vez daquilo que o Novo Testamento entende por

¹ Cf. ALMEIDA, Antônio José de. *ABC do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulinas, 2015, p. 26.

² Cf. ROXO, Roberto Mascarenhas. *O Concílio: teologia e renovação*. Petrópolis: Vozes, 1967, p. 68.

³ Cf. BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. Deus: experiência histórica e rosto humano – alguns elementos sobre a questão de Deus no Concílio Vaticano II. In: BOMBONATTO, Vera Ivanise e GONÇALVES, Paulo Sérgio Lopes (org.). *Concílio Vaticano II: análise e perspectivas*. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 89.

⁴ Cf. LIBANIO, João Batista. *Concílio Vaticano II: em busca de uma primeira compreensão*. São Paulo: Loyola, 2005, p. 58.

⁵ Encontro com o clero de Roma, Sala Paulo VI, 14 de fevereiro de 2013.

cristianismo, ela inventou o “brincar de cristianismo””,⁶ escrevia o filósofo, que pregou contra um cristianismo desnaturado, desvinculado da existência,⁷ e defendeu que era necessário introduzir o cristianismo na cristandade, tanto quanto em um país pagão.⁸ “Na cristandade, em substância, o cristianismo foi abolido.”⁹

A Igreja tinha, pois, o desafio de anunciar a fé como uma experiência significativa aos homens e às mulheres de hoje.¹⁰ Via-se que era preciso falar a um novo sujeito social e buscar oferecer respostas às suas inquietações.¹¹ Dando-se conta disso, o Papa São João XXIII convocou o Concílio Vaticano II, cujo objetivo era, segundo ele, aprofundar e expor o ensinamento da Igreja de forma a responder às exigências do tempo presente (cf. GME 5). Diante de uma sociedade envolta em profundas transformações, havia a necessidade de um *aggiornamento*, para pôr o mundo moderno “em contato com as energias vivificadoras e perenes do Evangelho” (HS 3).

Embora estivessem pressupostas em toda a renovação eclesial que culminou com o concílio, as questões do querigma e da experiência da fé (da espiritualidade, se se prefere) permaneceram na maior parte do tempo como noções que perpassavam as diversas temáticas, mas que, tratadas em si mesmas, como temas específicos, compuseram movimentos de renovação aos quais não se deu tanto destaque quanto aos outros. Também nos próprios documentos conciliares a ausência do desenvolvimento explícito dessas questões se fez notar – Cl. Boff considera esse o grande limite do Vaticano II, ainda que compreensível historicamente.¹²

Devido a essa desconcentração dos elementos pré-conciliares e conciliares que apontam para o reconhecimento da importância do querigma e da dimensão experiencial da fé, não queremos aqui senão indicar alguns sinais que deram voz a isso naquele período. Não há presunção de descrever o cenário de forma exaustiva. Diga-se desde já que não vemos essas duas questões como duas preocupações justapostas, mas como duas faces da mesma

⁶ *L'inquietudine della fede*. Turim: Gribaldi, 1968, p. 47. Tradução nossa.

⁷ Cf. *ibid.*, p. 36-37;78-79.

⁸ Cf. *ibid.*, p. 34.

⁹ *Ibid.*, p. 50. Tradução nossa.

¹⁰ Cf. LIBANIO, op. cit., p. 80.

¹¹ Cf. *ibid.*, p. 12.

¹² Cf. *A espiritualidade na vida consagrada a 50 anos do Vaticano II*. Palestra no Encontro dos Religiosos e Religiosas (cerca de 800) do Paraná e de outros Estados do Brasil, organizado pela CRB regional e que contou com a presença do cardeal D. João Braz de Aviz, Prefeito da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e Sociedades de Vida Apostólica. Disponível em: <http://www.crbpr.com.br/retiro/palestra-proferida-por-frei-clodovis-boff-no-encontro-da-vida-consagrada-com-o-cardeal-dom-joao/#_ftn1>. Acesso em 7 de novembro de 2016.

moeda: o anúncio e a sua resposta. Juntas, compõem o cerne de todo intento de renovação eclesial: o testemunho do Evangelho de Cristo e a adesão viva e total à sua pessoa.

1.1 OS SANTOS

Os santos são aqueles que conservam a dimensão experiencial da fé, mesmo quando em sua época a Igreja institucional parece não valorizar esse aspecto. Se queremos, pois, traçar o sulco da fé como experiência viva na história da Igreja, é sobre a vida deles que devemos nos debruçar. A virada do século XIX para o XX é pontilhada de santos e beatos, mas há alguns deles que se destacam pelo impacto que a riqueza de sua experiência de fé teve em seu tempo e até os dias de hoje. Pelo alcance de sua popularidade, vamos nos deter rapidamente em dois deles, que foram chamados por Y. Congar “dois faróis que a mão de Deus acendeu no umbral do século atômico”¹³: Santa Teresa do Menino Jesus e da Santa Face e o Beato Charles de Foucauld.

O impulso que a veneração a Santa Teresinha (1873-1897) conheceu já nos anos seguintes após a sua morte é extraordinário. A popularidade de sua devoção não é comparável a nenhum outro santo dos últimos quatro séculos. Canonizada 27 anos após a sua morte e declarada Doutora da Igreja em 1997 – a única, por enquanto, que viveu dentro dos últimos dois séculos –, o alcance de seu testemunho é surpreendente, se considerarmos que ela foi uma monja que nunca deixou a clausura e morreu com apenas 24 anos de idade.

O núcleo de seu ensinamento, a “pequena via”, toda fundamentada na relação com Deus-Amor, é uma resposta simples e vigorosa ao rigorismo da sua época. Teresinha chegou a se recusar a se consagrar à Justiça divina, como sua irmã e priora, Madre Inês, lhe havia sugerido. Para ela, a resposta que Deus espera de nós é a vivência profunda da fé, da esperança e da caridade, lançando fora todo temor. Nesse intento, ela não deixa de levar em conta o ser humano em seu todo, com suas riquezas e seus limites: seus próprios escritos são entretecidos na trama da sua vida, sem pretensões de abstração. Ela narra, como ficou conhecida a sua autobiografia, a *história de uma alma*: e a alma, isto é, a nossa abertura a Deus, tem uma história porque se desenvolve na experiência.¹⁴

Nascido quinze anos antes de Teresinha, o padre Charles de Foucauld (1858-1916) viveu uma verdadeira peregrinação rumo ao encontro com a face de Deus. Ateu na juventude,

¹³ Apud POUPLIN, Paul. L'héritage spirituel de Charles de Foucauld. *Études* 10/2006 (Tome 405), p. 361-367. Disponível em: <www.cairn.info/revue-etudes-2006-10-page-361.htm>. Acesso em 7 de novembro de 2016.

¹⁴ Cf. CAVALCANTE, Pedro Teixeira. *Introdução geral*. In: TERESA DO MENINO JESUS E DA SANTA FACE. *Obras completas*. São Paulo: Paulus, 2002, p. 23-28.

sensibilizou-se para a fé em Deus diante do testemunho da oração constante dos muçulmanos, com os quais teve contato em uma expedição pelo Marrocos. De volta à França, se converteu a Cristo aos 28 anos e fez uma peregrinação à Terra Santa que o seduziu completamente. Foi trapista e depois eremita, trabalhando como carpinteiro em Nazaré. Em 1901, já padre, partiu para o Saara, onde viveu o resto de sua vida, junto aos nômades tuaregues, aos quais procurou sempre amar, não converter. Foi assassinado em 1916, feito refém durante um assalto.

Sua experiência de fé, que narra em cartas e diários, é penetrante e apaixonada. “Eu perdi meu coração por esse Jesus de Nazaré crucificado há mil e novecentos anos”, escreveu, “e passo a minha vida tentando imitá-lo, na medida em que a minha fraqueza permite.”¹⁵ Fez uma experiência de comunhão de amor tão profunda com Jesus que não conseguia viver senão na pobreza e próximo dos abandonados. Foucauld antecipa em sua vida e em seus escritos muitos dos traços que a fé católica assumirá do concílio em diante. Mesmo antes de sua beatificação, em 2005, ele foi recorrentemente citado pelos papas do século passado.

Entre outras figuras carismáticas do começo do século XX que certamente deixaram a sua marca nesse percurso de redescoberta da dimensão experiencial da fé e da unidade entre o amor de Deus e o amor ao próximo, podemos citar ainda as carmelitas Santa Elisabeth da Trindade (1880-1906) e Santa Edith Stein (1891-1942), o franciscano polonês São Maximiliano Kolbe (1894-1941), o jesuíta chileno Santo Alberto Hurtado (1901-1952) e o monge trapista norte-americano Thomas Merton (1915-1968). Fora do âmbito específico do catolicismo, destacam-se Dietrich Bonhoeffer (1906-1945), mártir, e Simone Weil (1909-1943).

1.2 OS TEÓLOGOS

Na teologia, a ênfase na dimensão experiencial da fé já se fez notar pelo menos desde meados do século XIX, através do Beato John Henry Newman (1801-1890), contemporâneo de Kierkegaard. Para R. Fisichella, a “psicologia da experiência” poderia ser o subtítulo da apologética de Newman – abordagem que, em seu contexto, faz dele um caso isolado. “Em seus escritos é fácil encontrar a *raison du coeur* que procura de todo modo possível captar a globalidade da pessoa em seu ato de abandonar-se ao mistério, mas sem esquecer que o mistério é um só, o da verdade do Deus que se revela.”¹⁶ O lema de Newman – *cor ad cor*

¹⁵ In: ANNIE DE JESUS. *Charles de Foucauld: nos passos de Jesus de Nazaré*. Vargem Grande Paulista: Cidade Nova, 2004, p. 12.

¹⁶ FISICHELLA, Rino. *Introdução à teologia fundamental*. São Paulo: Loyola, 2012, p. 122.

loquitur: “o coração fala ao coração” – testemunha a centralidade de uma fé viva e pessoal em seu pensamento e em sua vida. Bento XVI é um grande admirador do cardeal inglês e o beatificou em 2010 – a única celebração de beatificação de seu pontificado presidida pessoalmente por ele.

Posteriormente, temos aquele que é considerado o maior teólogo católico da primeira metade do século XX, Romano Guardini (1885-1968), que “construiu abrigos para gerações inteiras”, no dizer de H. U. von Balthasar.¹⁷ De fato, o magistério pontifício do pós-concílio o cita largamente. Bento XVI nunca escondeu que se trata de um dos seus autores preferidos e o Papa Francisco o estudou em um doutorado que não chegou a concluir – ele admitiu, inclusive, que toda a parte sobre os “critérios sociais” da exortação *Evangelii Gaudium* (n. 217-237) foi retirada da sua tese sobre Guardini.¹⁸

O teólogo ítalo-alemão é claro em seu intento de conceber a fé como experiência, o que em seu tempo poderia cheirar a subjetivismo, acusação de que sempre se defendeu. De fato, ele não foi um pensador subjetivista nem objetivista, mas relacional.¹⁹ Sua obra responde ao anseio dos jovens que foram seus interlocutores e queriam se desvincular de tudo que parecesse impessoal, alheio ao indivíduo e normativo desde o exterior.²⁰

Emblemática é a sua obra *A vida da fé*, de 1935, em que pretendeu falar da fé, “não tanto do mistério da sua origem como da experiência que dela podemos ter”.²¹ Segundo ele, “para atingirmos a verdade na fé, não basta que a olhemos do exterior sem dela participarmos. [...] O objeto deste conhecimento só se elabora à medida que eu vivo.”²² “Crer não é, portanto, conceber algo de fixo e acabado que se nos apresenta e que compreendemos – é viver a experiência pessoal da existência.”²³ Contra toda concepção da fé abstracionista e alheia à experiência, Guardini deixa claro que “a fé não é, pois, um sentimento hirto, mas vivo; não está acabada, mas em contínuo devir; não está assegurada, mas precisa de uma realização constante.”²⁴

Por isso, antecipa em muitos anos o refrão do magistério pontifício do pós-concílio, dizendo que é “do encontro com Cristo que nasce a fé.”²⁵ Já antes, em 1929, Guardini tinha

¹⁷ *Romano Guardini: Reform from the Source*. São Francisco: Ignatius, 2010, p. 8.

¹⁸ Cf. CÁMARA, Javier e PFAFFEN, Sebastián. *Aquel Francisco*. Córdoba: Raíz de Dos, 2014.

¹⁹ Cf. LÓPEZ QUINTÁS, Alfonso. *La verdadera imagen de Romano Guardini*. Pamplona: EUNSA, 2001, p. 140.

²⁰ Cf. *ibid.*, p. 142.

²¹ GUARDINI, Romano. *A vida da fé*. Lisboa e Coimbra: Aster e Casa do Castelo, 1957, p. 23.

²² *Ibid.*, p. 62 e 65.

²³ *Ibid.*, p. 68. V. tb. p. 117.

²⁴ *Ibid.*, p. 71.

²⁵ *Ibid.*, p. 101.

explicitado que a própria pessoa de Jesus Cristo é a essência da fé cristã.²⁶ Ele entendia isso de modo relacional:

Algo semelhante, de certo modo, com o que experimenta todo aquele para o qual adquire significação essencial outra pessoa. Para ele, não é nem a “humanidade” nem o “humano” o que tem importância, mas esta pessoa concreta. Ela determina tudo o mais, e tanto mais profunda e amplamente quanto mais intensa é a relação. Pode acontecer até mesmo que tudo – o mundo, o destino e a própria tarefa – passe através da pessoa amada, que esta se encontre contida em tudo, que seja vista através de tudo e que tudo receba dela o seu sentido. Na experiência de um grande amor todo o mundo conflui na relação eu-tu, e tudo o que acontece se converte em um episódio dentro de seu âmbito. O elemento pessoal ao qual se refere em última instância o amor, e que representa a mais elevada entre as realidades do mundo, penetra e determina todo o resto: espaço e paisagem, a pedra, a árvore e os animais.²⁷

Outro autor que se debruçou sobre a constituição pessoal e experiencial do ato de fé foi Jean Mouroux (1901-1973), autor de *Creio em ti* (1938), *A experiência cristã* (1952) e *Do batismo ao ato de fé* (1953). Ele expressa o caráter de desenvolvimento experiencial da fé em termos de “existência cristã trágica”, porque nunca fixada em definitivo.²⁸ Mouroux diz, porém, que sua reflexão não deve nada ao existencialismo, mas se desenvolve no âmbito do personalismo cristão.²⁹

Essa necessidade de desenvolvimento é parte de própria estrutura da fé, já que sua meta é a liberdade espiritual: “Se conseguirmos fazer com que, num homem ou numa criança, surja e vença a liberdade espiritual, cumprimos nossa tarefa. Do contrário, tudo falhou, e a existência cristã arruinar-se-á no infantilismo, será esclerosada no formalismo e, por fim, desaparecerá.”³⁰

Segundo Mouroux, só é possível despertar a fé a partir do contato vivo com Jesus Cristo.³¹ O ato de fé é o revelar-se de uma pessoa a outra e, por isso, a razão discursiva não dá conta de compreendê-lo.³² Trata-se sempre da relação com uma pessoa: a experiência de segurança da fé não se deve “porque ela comporta a evidência de algo visto, mas porque ela é a adesão a uma Pessoa que vê.”³³

²⁶ Cf. GUARDINI, Romano. *La esencia del cristianismo*. Madri: Cristiandad, 1984, p. 19.

²⁷ *Ibid.*, p. 19-20.

²⁸ Cf. MOURoux, Jean. *Do batismo ao ato de fé*. São Paulo: Paulinas, 1975, p. 16.

²⁹ Cf. MOURoux, Jean. *Je crois en toi: structure personnelle de la foi*. Paris: Les Éditions du Cerf, 1954, p. 8.

³⁰ *Do batismo ao ato de fé*, p. 29.

³¹ Cf. *ibid.*, p. 49.

³² Cf. MOURoux, Jean. *Je crois en toi*, p. 54.

³³ *Ibid.*, p. 59. Tradução nossa.

Mouroux vê a questão da experiência cristã no centro da Primeira Carta de São João.³⁴ No ponto central da experiência cristã está a relação de amor com Deus, compreendendo-se vivamente em relação com Ele. O teólogo francês evita, assim, qualquer redução da relação com Deus a mero sentimentalismo da experiência: “A vida cristã adere a Deus pela fé e se une a Deus pela caridade. Seu objeto primeiro é o próprio Deus e não a experiência.”³⁵

Karl Rahner (1904-1984), tido largamente como o teólogo católico mais influente do século XX, também pôs em destaque em sua obra a dimensão da fé como experiência. Teve influência também no período do pré-concílio a obra do abade trapista Jean-Baptiste Chautard (1859-1935), *A alma de todo apostolado*, que ressaltava o primado da vida espiritual e o verdadeiro apostolado como transbordamento da vida interior. Sua tendência a desvalorizar a autonomia das realidades terrenas é contraposta pela obra de Pierre Teilhard de Chardin (1881-1955), cuja influência foi ainda mais vasta. Henri de Lubac (1896-1991) e Hans Urs von Balthasar (1905-1988) também sublinharam a importância de uma fé viva e consciente em suas obras.

1.3 NOVAS REALIDADES ECLESIAIS

A primeira metade do século XX viu o surgimento de novas expressões de vida cristã, assumidas principalmente pelos leigos. Ainda que com limites, maiores ou menores, sinalizaram um despertar dos fiéis para além da fé vivida como rotina. Listamos aqui alguns deles, em ordem cronológica, priorizando os que tiveram uma difusão mais global e que se apresentam como novos carismas, em vez de adaptações laicais de carismas já existentes na vida religiosa.

O Opus Dei surgiu na Espanha em 1928 e reavivou, quase quarenta anos antes do concílio, o chamado universal à santidade. “Há algo de santo, de divino, escondido nas situações mais comuns, algo que cabe a cada um de vós descobrir”,³⁶ dizia seu fundador, São Josemaria Escrivá (1902-1975). É verdade que em muitos contextos o Opus Dei se revestiu de contornos restauracionistas e de uma tendência ao legalismo; ao mesmo tempo, porém, o ensinamento de Escrivá permitiu que muitas pessoas experimentassem a fé com um frescor novo a partir da relação filial e íntima com Deus e do compromisso com a transformação das realidades do mundo.

³⁴ Cf. MOUROUX, Jean. *L'expérience chrétienne: introduction a une théologie*. Paris: Aubier, 1952, p. 166-188.

³⁵ *Ibid.*, p. 369. Tradução nossa.

³⁶ *Questões atuais do Cristianismo*. São Paulo: Quadrante, 1968, n. 114.

Também na Espanha teve origem o Movimento de Cursillos de Cristiandade, gestado durante os anos 1940 no seio da Ação Católica. Como dizem os documentos do próprio movimento, seu propósito é “tornar possível a viva experiência (‘vivência’) e a experiência comunitária (‘convivência’) daquilo que é fundamental no cristianismo”.³⁷

A França, por sua vez, viu em 1940 – em plena Segunda Guerra – a fundação da Comunidade de Taizé, na localidade homônima, uma comunidade monástica ecumênica iniciada pelo suíço Roger Schutz (1915-2005). Com o testemunho de uma vida contemplativa e profética profundamente arraigada nas Escrituras e na oração, dando atenção ao que é mais central na fé cristã, Taizé interpela desde seus primórdios jovens de crenças diversas do mundo todo. Como modelo de empenho ecumênico, a comunidade despertou a admiração de vários papas desde São João XXIII. Roger chegou até mesmo a participar do Vaticano II como observador.

Também durante a guerra, na Itália, da experiência viva de fé de Chiara Lubich (1920-2008), surgiram os focolares, ou Obra de Maria. Para a fundadora, a ideia-força primordial da espiritualidade focolarina é Deus que é Amor. “Sentimo-nos objeto de seu amor, subimos ‘na mão de Deus’ e nada se move sem seu consenso. É uma fé exaltante, que fortalece, que faz exultar. É uma fé que faz chorar nas primeiras vezes que se a experimenta. É um dom de Deus que faz gritar: ‘Nós cremos no amor’ (1Jo 4, 16).”³⁸

Nos anos 1950, o padre Luigi Giussani (1922-2005) fundou o Comunhão e Libertação, que tomaria esse nome apenas em 1969. Surgido em ambiente estudantil e universitário, busca levar a uma fé madura – e não passa à margem da noção de experiência para isso: centra-se em torno da categoria da resposta existencial que se origina do encontro com o “fato” (*avvenimento*) cristão.

Já durante o concílio, em 1964, teve início o Caminho Neocatecumenal, em Madri, por obra de Kiko Argüello (1939-) e Carmen Hernández (1930-2016), centrado no querigma e em um caminho de conversão semelhante ao catecumenato primitivo. “Quem sou eu? Sou alguém que se sentiu amado por Cristo, mesmo se desgraçado, mesmo se indigno. Os outros me amavam se eu valia algo, se estudava, se era útil, se dava, se rendia. Por Ele, porém, por Cristo, me senti amado gratuitamente, mesmo pecador, mesmo infiel,”³⁹ expressou certa vez Kiko a respeito de sua experiência de fé.

³⁷ V. A. I Cursillos di Cristianità nella vita dela Chiesa. Idee Fondamentali del Movimento. Bolonha, 1975, p. 34. Apud FAVALE, Agostino (org.). *Movimenti ecclesiali contemporanei: dimensioni storiche, teologico-spirituali ed apostoliche*. Roma: Las, 1980, p. 168. Tradução nossa.

³⁸ Apud FAVALE, op. cit., p. 227. Tradução nossa.

³⁹ Apud FAVALE, op. cit., p. 237. Tradução nossa.

Vale lembrar ainda, embora já situado no pós-concílio, o surgimento da Renovação Carismática, em 1967, nos Estados Unidos, a partir do intercâmbio com presbiterianos pentecostais. A experiência pessoal do amor de Deus que se dá no chamado “batismo no Espírito Santo” constitui o cerne desse movimento, que se ramificou amplamente e é, ao menos no Brasil, o mais difundido, embora muitas vezes seja objeto de ressalvas devido à sua tendência ao sentimentalismo, à busca de experiências extraordinárias e a uma visão seletiva do compromisso social do cristão.⁴⁰

1.4 O CONCÍLIO VATICANO II

A diferença de tom entre os pronunciamentos papais do pré-concílio e aqueles do pós-concílio fica evidente ao mínimo contato que temos com os textos. Pressupondo que a experiência de fé já estava dada, os papas se limitavam com frequência a discursos e homilias de tom laudatório, diplomático ou admoestativo.

O Papa São João XXIII deu-se conta de que a experiência de fé não devia ser pressuposta e que as práticas do catolicismo eram vividas, na maioria das vezes, por mero costume. Por isso, convocou o Concílio Vaticano II. A expressão “encontro pessoal com Jesus Cristo” não aparece nos documentos conciliares. No entanto, três dos grandes traços do concílio permitiram criar o ambiente em que, enfatizando a experiência do encontro com Cristo, o bispo de Roma assumiu de maneira renovada a missão de anunciar o Evangelho. São eles: o cristocentrismo, a volta às fontes (*ressourcement*) e a exigência de expor o Evangelho de maneira significativa para o homem de hoje (*aggiornamento*). Elencaremos alguns trechos dos documentos conciliares que refletem a retomada de uma preocupação com a fé vivida como experiência pessoal e significativa.

A constituição *Sacrosanctum Concilium* afirma que o Filho foi enviado “para evangelizar os pobres e curar os corações feridos”, sendo sua humanidade “o instrumento de nossa salvação” (n. 5). Percebe-se ainda como o documento se importa com a experiência quando diz que, para além das exigências de validade e liceidade das celebrações, os fiéis devem participar “da liturgia de maneira ativa e frutuosa, sabendo o que estão fazendo” (n. 11): a participação deve ser consciente, plena e ativa (cf. n. 14). A própria permissão para o uso do vernáculo manifesta uma preocupação por uma fé consciente (cf. n. 54).

⁴⁰ Cf. ALMEIDA, Antônio José de. *Leigos em quê?* Uma abordagem histórica. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 302-306.

A constituição *Lumen Gentium* deixa claro que “o primeiro e mais necessário dom é a caridade, com que amamos a Deus sobre todas as coisas e ao próximo por amor d'Ele” e que é “pela caridade para com Deus e o próximo que se caracteriza o verdadeiro discípulo de Cristo” (n. 42). A ênfase no chamado universal à santidade (cap. V) constitui também, de maneira eminente, um convite a uma fé mais vivida e consciente.

A constituição *Dei Verbum*, por sua vez, se inicia deixando entrever que o fim de toda doutrina é a prática do amor. Recorre ainda ao início da Primeira Carta de São João, pondo em destaque que o que anunciamos é “o que vimos e ouvimos” (n. 1). Além disso, deixa claro que a revelação divina se dá não apenas por palavras, mas pelas obras que Deus realiza na história da salvação (cf. n. 2). Assim, Israel pôde conhecer “por experiência” os planos de Deus (n. 14). A constituição ainda revisa o conceito de fé, pondo em primeiro lugar a sua dimensão de entrega livre e total a Deus e só depois especificando a submissão da inteligência e da vontade, que costumava estar em primeiro plano (n. 5). Incentiva ainda que se estabeleça um “colóquio entre Deus e o homem”, através da leitura das Escrituras em espírito de oração (n. 25).

A constituição *Gaudium et Spes* também põe em destaque a caridade, vivida como testemunho do amor que o Pai nos revelou: “A vontade do Pai é que reconheçamos e amemos efetivamente em todos os homens a Cristo, por palavra e por obras, dando assim testemunho da verdade e comunicando aos outros o mistério do amor do Pai celeste” (n. 93). Toda a constituição tem uma clara abordagem antropológica. Sobre o pecado, por exemplo, afirma que “diminui as possibilidades do ser humano e impede sua plena realização” (n. 13). Reconhece o valor eminente da consciência e da liberdade (cf. n. 16-17) e diz que a origem do ser humano está no amor de Deus: ele “existe, foi criado e vive porque Deus o ama” (n. 19).

Além desses quatro documentos principais do concílio, é digno de nota o que diz o decreto *Ad Gentes*, que também dá destaque à caridade e diz que “assim como Deus nos amou com um amor gratuito, também os fiéis, pela sua caridade, sejam solícitos pelos homens, amando-os com o mesmo zelo com que Deus veio procurá-los” (n. 12). Além disso, afirma que na conversão de cada pessoa ela é “libertada do pecado e introduzida no mistério do amor de Deus, que a chama a entabular relações com Ele em Cristo” (n. 13).

É importante ainda a noção de hierarquia das verdades que o decreto *Unitatis Redintegratio* ressalta (cf. n. 25), ou seja, o fato de que o nexos de cada conteúdo doutrinal com o fundamento da fé é diferente. Esse conceito nos dá a deixa para perguntar: segundo o magistério pontifício pós-conciliar, qual é, afinal, o coração da fé cristã?

2 BEATO PAULO VI

2.1 VIDA, CONTEXTO E PONTIFICADO

O Beato Paulo VI (Giovanni Battista Maria Montini) foi papa de 21 de junho de 1963 até a sua morte, em 6 de agosto de 1978. Nascido em Concesio, na província de Brescia, em 26 de setembro de 1897, ele foi um estreito colaborador do Papa Pio XII, desde 1937, quando o cardeal Eugenio Pacelli ainda era secretário de Estado do Vaticano e Montini seu substituto. Nomeado arcebispo de Milão em 1954, foi nomeado cardeal quatro anos depois no primeiro consistório de São João XXIII, que tinha por ele grande estima.

Com a morte do papa, em 1963, após a primeira sessão do Concílio Vaticano II, Montini foi eleito seu sucessor e decidiu continuar o concílio. Foi, portanto, o responsável pela promulgação de todos os seus documentos e pela execução de diversas reformas desejadas pelo concílio, como a da liturgia e a da Cúria Romana e a instituição do Sínodo dos Bispos. Os três sucessores de Paulo VI foram criados cardeais por ele: Albino Luciani em 1973, Karol Wojtyła em 1967 e Joseph Ratzinger em 1977. O quarto sucessor, Francisco, o beatificou em 2014.

Seu pontificado de quinze anos moldou o modo de exercer o ministério petrino nos tempos atuais. Em 1964, abandonou o uso da tiara papal, depondo-a diante do altar durante o Concílio. Assumiu como tarefa do bispo de Roma a realização de viagens apostólicas, tornando-se o primeiro papa a visitar os cinco continentes. Com a encíclica *Populorum Progressio*, consolidou a relevância da doutrina social da Igreja. Empenhou-se pelo ecumenismo, restabelecendo relações com os ortodoxos, os anglicanos e os luteranos. E, como veremos, deu ênfase à necessidade de uma experiência pessoal da fé cristã, tornando-se um grande anunciador da Boa Nova em seu tempo – como o nome “Paulo” sugeria.

2.2 DESENVOLVIMENTO DA TEMÁTICA

2.2.1 A encíclica *Ecclesiam Suam*

A primeira encíclica de Paulo VI, *Ecclesiam Suam*, foi publicada em 6 de agosto de 1964 – pouco mais de um ano após a sua eleição. Já ali, podemos notar diversas referências à dimensão experiencial da fé. A própria estrutura do documento reflete a preocupação com o

testemunho da experiência de fé da Igreja: o Papa Paulo o dividiu em três partes, uma sobre a *consciência* que a Igreja tem de si mesma, outra sobre a *renovação* que lhe é sempre necessária e uma última sobre o *diálogo* dela com o mundo.

O papa ressalta na encíclica a importância de refletir “sobre a origem e natureza da relação nova e vital que a doutrina de Cristo estabelece entre Deus e o homem” (n. 8) e convida a todos “para um ato de fé *viva, profunda e consciente* em Jesus Cristo, Senhor nosso” (n. 9).⁴¹ Para ilustrá-lo, alude a algumas profissões de fé que se encontram no Evangelho, como a do cego de nascença (cf. Jo 9, 38), a de Marta (cf. Jo 11, 27) e a de Simão Pedro (cf. Mt 16, 16).

Paulo VI diz ainda que o momento é de prova da “experiência espiritual interior” da Igreja (n. 1) e aponta o remédio: a Igreja “precisa *experimentar Cristo* em si mesma” (n. 10). “O primeiro fruto da tomada de consciência da Igreja quanto a si mesma é a descoberta renovada da sua *relação vital com Cristo*, coisa bem conhecida, mas fundamental, indispensável e nunca suficientemente compreendida, meditada e encarecida” (n. 15), escreve o papa. Essa relação é o “capítulo central” de todo o patrimônio da Igreja e deve ser “objeto principal” e “diretriz” da sua vida espiritual e da sua pregação (Ibid.).

O papa insiste que “ser cristão, ter recebido o santo batismo, não deve parecer-nos coisa indiferente ou desatendível; deve ser característica profunda e venturosa da *consciência* de cada batizado” (n. 18). A consciência do mistério da Igreja, para o fiel, não necessita ser fruto do estudo teológico: “Deve ser fato vivido, em que a alma fiel, antes de ser capaz de definir a Igreja com exatidão, a pode apreender numa *experiência conatural*” (n. 16). Qualquer polarização teórica sobre aspectos complementares do mistério da Igreja será resolvida com a experiência da pertença a ela: “Muitas antinomias [...] serão praticamente vencidas e resolvidas na *experiência da realidade viva* da Igreja inspirada na sua doutrina” (n. 17).

Não querendo se antecipar aos trabalhos do concílio, o Beato Paulo VI dá apenas duas indicações ao abordar a renovação da vida da Igreja: a pobreza e a caridade. “Não constitui a caridade o *ponto focal da economia religiosa* do Antigo e do Novo Testamento? Não se dirigem à caridade os passos da *experiência espiritual* da Igreja?”, questiona ele, para então proclamar:

Com os nossos Predecessores, com a coroa de Santos que o nosso tempo deu à Igreja celeste e terrestre e com o pressentimento devoto do povo fiel, nós julgamos que é necessário dar finalmente à caridade o lugar que lhe compete: o primeiro, o

⁴¹ Daqui em diante, os grifos são sempre nossos, exceto quando se especifique outra coisa.

mais alto na escala dos valores religiosos e morais, não só na estimativa mas também na prática da vida cristã. Isto vale tanto na caridade para com Deus, que o seu Amor derramou sobre nós, como na caridade para com o nosso próximo, para com todo o gênero humano, à qual por reflexo nós devemos dar largas (n. 32).

Essas palavras são importantes e, sem exagero, podem ser consideradas uma virada de página na vida da Igreja ou, ao menos, uma parte importante da virada que tem seu eixo no concílio. Com elas, o Papa Paulo reconhece que até então a caridade não estava, como deveria estar, no centro da vida da Igreja. Centro que lhe é devido por ser a suma da revelação divina:

A história da salvação narra este diálogo longo e variado, a partir de Deus e a travar conversação com o homem, variada e admirável. É nesta conversação de Cristo entre os homens (cf. Br 3, 38) que Deus dá a entender alguma coisa mais de si – o mistério da sua vida, perfeitamente una na essência e trina nas Pessoas – e diz, em resumo, como quer ser conhecido – *ele é Amor* – e como quer ser honrado e servido por nós – *amor é o mandamento supremo* que nos impõe (n. 41).

Todo o diálogo da salvação foi “pedido insistente de amor” que “facilitou assim aos ouvintes o consentimento livre à revelação divina” (n. 43). Assim, também a evangelização deve ser reflexo do diálogo de Deus com o homem – o que proporciona uma abordagem renovada da Igreja em relação ao mundo, mais compreensiva e amistosa. “Dele nos aproximaremos com toda a reverência, cuidado e amor, para o compreendermos, para lhe oferecermos os dons de verdade e de graça de que Jesus Cristo nos constitui depositário” (n. 40). Ao próprio anúncio que a Igreja propaga, “interior impulso da caridade, que tende a fazer-se dom exterior”, Paulo VI prefere chamar “diálogo” (n. 37).

As consequências de ter a caridade como eixo e ponto de partida da aproximação com o mundo são claras: apenas “o amor fervoroso e desinteressado” deve despertar o diálogo, que deve ser “sem limites nem cálculo” (n. 42); é preciso atender “às lentidões da maturação psicológica e histórica”, sabendo que o diálogo se desenrola dentro de “graus, progressos sucessivos, humildes princípios antes do resultado pleno” (n.44); fica de fora “a condenação apriorística, a polêmica ofensiva e habitual, o prurido do falar por falar” (n. 46), bem como “expressões imóveis, quando estas tenham perdido o poder de interessar e mover os homens” (n. 48); impõe-se que se revejam “todas as formas de nossa linguagem” (n. 47) e que “nos identifiquemos, até certo ponto, com as formas de vida daqueles a quem desejamos levar a mensagem de Cristo” (n. 49); sublinha-se o “esforço para tornar as verdades divinas não espada para dividir os espíritos, em discussões estéreis ou em cisões fastidiosas, mas laço para os unir e os levar a maior clareza e concórdia” (n. 13); evitam-se “os modos violentos”, porque “o diálogo não é orgulhoso, não é pungente, não é ofensivo”, mas “pacífico”, “paciente” e “generoso” (n. 47); impõe-se que, antes de falar, escutemos “a voz e mesmo o

coração do homem” (n. 49); somos levados a “descobrir elementos de verdade mesmo nas opiniões alheias” (n. 48) e a considerar “a sensibilidade alheia”, modificando “as nossas pessoas e modos, para não sermos desagradáveis nem incompreensíveis” (n. 47).

Tudo isso como resultado da obediência “a exigências ensinadas pela *experiência*” (n. 48) e da vitalidade da relação de cada fiel com Cristo, porque é a correspondência à graça de Deus, a fidelidade ao Evangelho e a disposição interior do espírito que se constituem princípio fecundo de verdadeira renovação (cf. n. 28).

2.2.2 O encerramento do Concílio Vaticano II

Como um esforço de recapitular todo o ensinamento do Concílio Vaticano II a partir do núcleo da fé cristã, o Beato Paulo VI dedicou o seu discurso por ocasião do encerramento do concílio para refletir sobre o valor religioso do evento. “Por religioso entendemos *a relação direta com o Deus vivo*, aquela relação que é a razão de ser da Igreja e de tudo que ela crê, espera e ama, de tudo que ela é e faz.”⁴² E pôs no centro, novamente, a caridade:

Desejamos antes notar que a religião do nosso Concílio foi, antes de mais, a caridade; por esta sua declarada intenção, o Concílio não poderá ser acusado por ninguém de irreligiosidade, de infidelidade ao Evangelho, se nos lembrarmos que o próprio Cristo nos ensina que todos conhecerão que somos seus discípulos, se nos amarmos mutuamente (cf. Jo 13, 35); se deixarmos igualmente que estas palavras do Apóstolo se façam ouvir dentro das nossas almas: “A religião pura e imaculada junto de Deus Pai é esta: visitar os órfãos e as viúvas nas suas tribulações, e conservar-se imaculado neste mundo” (Tg 1, 27); e mais estas: “Quem... não ama o seu irmão, a quem vê, como pode amar alguém que não vê?” (1Jo 4, 20)⁴³

Na sua mensagem de Natal, poucas semanas depois do encerramento do concílio, Paulo VI disse considerar essa festa como “o encontro, o grande encontro, o histórico encontro, o decisivo encontro de Deus com a humanidade. Quem tem fé sabe disso, e exulte. Os demais, escutem e reflitam”. Esse encontro não foi “um simples contato”, mas “uma união, uma união vital, uma união estável, uma união da natureza divina com a natureza humana”. O próprio concílio, afirmou o papa, foi um encontro, um duplo encontro: da Igreja consigo mesma e da Igreja com o mundo.⁴⁴

⁴² Discurso na última sessão pública do Concílio Vaticano II, 7 de dezembro de 1965.

⁴³ Ibid.

⁴⁴ Mensagem radiofônica natalícia ao mundo, 23 de dezembro de 1965.

2.2.3 As catequeses

As catequeses do Papa Paulo são o lugar privilegiado em que ele desenvolveu a categoria da experiência do encontro com Cristo. Em 1964, falando sobre o primeiro capítulo do Evangelho de João, disse:

Esse relato mereceu o título de “primeiro chamado” a André; e põe em evidência o fato de que todo encontro com Cristo reveste o caráter de chamado. A relação produzida pela sua presença entre nós não pode assumir outro aspecto que o de uma vocação; não pode não se traduzir em um convite da parte de Cristo a segui-lo, e da parte de quem *é encontrado por Ele* em uma escolha, em uma resposta, *tendencialmente orientadora, talvez decisiva por toda a vida*. “Vinde e vede”, diz o Senhor. “Foram e viram” aqueles primeiríssimos chamados.⁴⁵

Destacando esse trecho do quarto Evangelho, o papa ressaltou a necessidade de uma experiência com o Senhor – embora o termo “experiência” não apareça aqui. André e João, perguntando a Jesus onde morava, não receberam uma resposta teórica, mas o convite a uma experiência: “Vinde e vede” (cf. Jo 1, 39).

Um ponto já presente aí e enfatizado repetidamente por Paulo VI é a necessidade de que a fé seja um ato consciente, uma resposta viva e pessoal. “A fé não é uma herança supérflua dos pais, nem um simples adorno do nome cristão, nem observância passiva de hábitos religiosos”,⁴⁶ afirmou. E ainda:

Ter fé não é admitir certas fórmulas religiosas pouco precisas, uma espécie de sedimento, resíduo de uma instrução catequética esquecida e de uma prática religiosa abandonada, mas ainda dotada de uma fortuita revivência. É esta, em demasia, a fé de muita gente, no mundo de hoje, fé por hábito, fé convencional, fé não compreendida e pouco praticada.⁴⁷

É em uma audiência geral de junho de 1968, porém, que o tema do encontro surge mais explicitado. Ali, podemos ouvir Paulo VI dizer: “A fé tem o seu ponto focal em Jesus Cristo (cf. Ef 3, 17; ST II-II, 16, 1, 1; III, 62, 6); *ela é um encontro, poderíamos dizer, pessoal com Ele*”. Pelo próprio modo como o papa constrói sua frase, parece de fato a primeira vez em que a expressão “encontro pessoal com Jesus Cristo” aparece no magistério pontifício.

O Papa Paulo continua: “Ele é o Mestre. *Ele é o vértice da revelação. Ele é o centro que em Si reúne e de Si irradia todas as verdades religiosas necessárias à nossa salvação*. Dele a Igreja docente assume autoridade docente. *Nele a nossa fé encontra alegria e*

⁴⁵ Audiência geral, 23 de setembro de 1964. Tradução nossa.

⁴⁶ Mensagem radiofônica pelo IV centenário da entrada de São Carlos na Arquidiocese de Milão, 4 de novembro de 1965. Tradução nossa.

⁴⁷ Audiência geral, 19 de abril de 1967. Tradução nossa.

segurança, encontra a vida.” Essa catequese, proferida dez dias antes do encerramento do Ano da Fé, começa precisamente com a exortação para que os fiéis procurem que a sua fé seja viva. A religião é, afinal, para Paulo VI, “a ciência fundamental da vida”. E “viver com a fé, e não de fé, não basta” (cf. Gl 3, 11).

O papa ordena a fé à caridade, citando o importante trecho da Carta aos Gálatas sobre a fé que opera pela caridade (5, 6): “Os teólogos dizem que a caridade é o complemento da fé, isto é, a sua plena qualificação, que a determina e a dirige eficazmente ao seu fim, que é Deus buscado, desejado, amado e possuído mediante o amor”. E recorda Santo Tomás: “A caridade é dita a forma da fé, porquanto mediante a caridade o ato de fé se integra e se completa” (ST II-II, 4, 3). Paulo VI, novamente, procura fazer ver que a caridade está no centro da vida cristã.

“Como fazer para ter uma fé viva?”, pergunta, enfim, o papa, preparando o terreno para indicar a fé com o encontro pessoal com Jesus Cristo. Muitas coisas nos ajudam, diz ele, mas observa, reconhecendo mais uma vez que a fé não se sustenta apenas como reprodução de um costume coletivo:

A fé deve ser para nós um fato pessoal, um ato consciente, desejado, profundo; esse *elemento subjetivo da fé* é hoje importantíssimo; sempre foi necessário, porque *faz parte do ato autêntico de fé*, mas com frequência era e é substituído pela tradição, pelo clima histórico, pelo costume coletivo; *hoje é indispensável*. Cada um deve exprimir em si mesmo com grande consciência e grande energia a própria fé.⁴⁸

Em 1971, Paulo VI pôs em uma catequese o título de “Necessidade absoluta de encontrar Jesus”, poucos dias antes do Natal. “Por que esta lógica? Esta necessidade do pensamento e da *experiência* humana de encontrar Jesus?”, pergunta o papa. “Porque, assim nos parece, Ele ocupa as posições estratégicas das duas vias inevitáveis, que conduzem uma ao homem, a outra a Deus. Não é por acaso que Ele é o Filho do homem e Ele é o Filho de Deus.”⁴⁹ Jesus é, pois, determinante na experiência do encontro porque é o revelador do Pai, a sua imagem (cf. Jo 14, 9); é Emanuel, Deus-conosco, plenamente acessível, “traduzido” em experiência humana.

Perto da Páscoa do ano seguinte, Paulo VI perguntava em outra catequese: “A Páscoa: o que é para nós? O que deve ser? Um encontro com Cristo. Dizíamos, em outra audiência, um encontro pessoal”. E esboça os traços desse encontro:

O encontro é *interior*. Ou seja, dentro de nós, na nossa alma, na cela íntima da nossa personalidade. Deveríamos ainda acrescentar: na clareza da nossa consciência, e por

⁴⁸ Audiência geral, 19 de junho de 1968. Tradução nossa.

⁴⁹ Audiência geral, 15 de dezembro de 1971. Tradução nossa.

isso na impressão fulgurante da misteriosa presença de Cristo em nós, na confissão impetuosa da nossa humildade (cf. Lc 5, 8; Mt 8, 8), na *experiência* inefável da nossa comunhão com Ele (cf. Jo 6, 57); mas essa, de per si óbvia, efusão de sentimentos primordiais da consciência religiosa (cf. Lc 1, 43.46) nem sempre nos é dado saborear; somos e com frequência permanecemos *inexperientes*, como crianças, como forasteiros, como enfermos, na linguagem da devoção psicológica, e mais ainda na da conversação mística. Paciência. *O que importa é que o encontro com Cristo aconteça dentro de nós, no âmbito da vida interior, na esfera pessoal da nossa religiosidade, e antes de tudo da nossa fé.* Não nos esqueçamos, ao dizer isso, da veste ritual e da espécie sacramental, que determinam sensivelmente o encontro de que falamos; tampouco ignoremos o aspecto comunitário em que se celebra a ceia-sacrifício da Eucaristia, e o efeito (*res*) principal que jorra da participação nesse sacramento, ou seja, a unidade do corpo místico (cf. 1Cor 10, 17; ST III, 73, 3); mas agora a nossa atenção se detém sobre a interioridade da Páscoa, e mesmo de toda a vida cristã, vista sob esse seu primeiro aspecto essencial e gerador de toda sua manifestação sobrenatural: a sua interioridade.⁵⁰

Assim, sacramento e comunidade ao mesmo tempo fundamentam-se na interioridade e a alimentam. O Papa Paulo recorda que “*o ponto de encontro natural com Deus é o coração do homem*”. A experiência do encontro interior e pessoal com Cristo, porém, não deve ser confundida com uma “efusão de sentimentos”, que pode ou não a acompanhar. O primeiro efeito da adesão à Palavra de Deus – que não é outra coisa senão a fé – é a inabitação de Cristo em nossos corações (cf. Ef 3, 17; Gl 2, 20). “Em que grau de interioridade se consuma o encontro com Cristo!”, exclama o papa, ressaltando a importância de buscar a própria interioridade, escutando a Palavra de Deus, dedicando-se ao silêncio, participando de retiros, para engendrar “uma livre disponibilidade ao encontro com Cristo”.

Isso deixa claro que os sinais exteriores de nossa fé – a frequência aos sacramentos e até mesmo as boas obras – não se traduzem ainda no cerne da experiência cristã, embora se relacionem com esse cerne em uma via de mão-dupla. “O nosso compromisso verdadeiro com Ele que passa (Páscoa quer dizer passagem) é no *cenáculo interior de nossa pessoa*. Estaremos lá, dentro de nós, prontos para o encontro pascal?”⁵¹

Em janeiro de 1974, Paulo VI intitulou “Experiência religiosa do encontro pessoal com Deus” a mais uma catequese embebida da espiritualidade do Natal. “Não deveríamos mais esquecer essa realidade da nossa vida religiosa: *o encontro pessoal com o Senhor*”, diz.

O fato sacramental do nosso batismo nos obriga a essa mentalidade, a essa espiritualidade, a de *uma proximidade pessoal, uma amizade, uma confiança*, que vai além de todo limite pensável na Eucaristia: chega à comunhão, à fusão da Vida humano-divina de Jesus Cristo com a nossa vida pessoal, por humilde e insignificante que ela seja.⁵²

⁵⁰ Audiência geral, 22 de março de 1972. Tradução nossa.

⁵¹ Ibid.

⁵² Audiência geral, 16 de janeiro de 1974. Tradução nossa.

Dada a importância de que a fé seja uma experiência, como dizia naquela catequese de 1968, o papa afirma que “essa religiosidade admite, ou melhor, exige uma gradualidade, um desenvolvimento moral e espiritual, que seria temerário trascurar (cf. Mt 22, 12)”.⁵³ “A história espiritual do mundo corresponde, pode-se dizer subjetivamente, à pequena, mas para nós única, interessante história de nossa alma. Cada um de nós recebeu também revelações graduais”,⁵⁴ afirmou o papa em outra ocasião, ressaltando a dimensão subjetiva do ato de fé.

O Beato Paulo VI identifica, enfim, a experiência do encontro pessoal com Deus como experiência de misericórdia:

O nosso primeiro contato, sensível ou espiritual, com Deus, não é normalmente destinado a suscitar impressão de maravilha divertida, e nem mesmo de alegria pacífica. [...] Se de verdade queremos entrar na esfera religiosa, *devemos passar através de emoções, sentimentos, atos de profunda perturbação interior*. Não se vai até Deus como se fosse um espetáculo divertido ou um encontro de familiar indiferença. [...] Deus é a luz; se um de nós se apresenta diante Dele, qual é o primeiro efeito resultante? O primeiro efeito é que nós, antes de olhar a Deus, olhamos a nós mesmos; e somos subitamente *invadidos por confusão e desconforto*, porque, enquanto intuímos a majestade transcendente da sua presença, vemos a nossa baixaza (até mesmo Nossa Senhora experimentou essa humildade metafísica; lembram do Magnificat, em que Maria proclama sua própria pequenez diante da grandeza de Deus? – Lc 1, 48); descobrimos com humilhante evidência a nossa indignidade (cf. Mt 22, 12). [...] *A primeira tentativa de estabelecer uma relação com Deus implica a denúncia da nossa incapacidade de fazê-lo sem uma intervenção miraculosa de bondade e de misericórdia*. Lembrem do retorno, isto é, da conversão do filhinho pródigo no Evangelho: “Pai, pequei contra o céu e contra ti. Já não sou digno de ser chamado teu filho!” (Lc 15, 18-19)⁵⁵

Com todas as dificuldades que essa experiência supõe, sobretudo para o homem moderno, o Papa Paulo conclui a catequese com um alento de esperança, dizendo: “O Senhor veio: quem não desejaria encontrá-lo?” A necessária intervenção da misericórdia divina que o papa cita se expressa também como encontro, como disse em outra ocasião: “As outras religiões se esforçam, com os braços erguidos ao céu, por atingir – sem, contudo, alcançar – o gesto de Deus para vir ao *encontro* do homem. Esse gesto chama-se cristianismo.”⁵⁶

Essa caracterização do cristianismo como encontro com Cristo – como encontro com a misericórdia – bebe, sem dúvida, das narrações evangélicas dos encontros que os seus contemporâneos têm com Jesus. Paulo VI, dessa maneira, não somente foi o responsável por introduzir a temática do encontro pessoal com Jesus Cristo no magistério pontifício, como já deixou delineado o traço constituinte desse encontro como experiência do amor misericordioso de Deus. “Toda a nossa história, a nossa salvação, é guiada por um prodígio

⁵³ Ibid.

⁵⁴ Homília na Vigília Pascal, 9 de abril de 1966. Tradução nossa.

⁵⁵ Audiência geral, 16 de janeiro de 1974. Tradução nossa.

⁵⁶ Homília na Paróquia de Santa Maria Liberatrice, 20 de março de 1966. Tradução nossa.

único: a misericórdia de Deus, a qual gratuitamente nos redime para efundir em nós a revelação suprema de quem Ele é: Bondade infinita”,⁵⁷ ensinou o papa.

Por fim, é oportuno recordar que, ainda antes de se referir ao tema do encontro com Cristo nas suas catequeses, o Papa Paulo fez uma alusão a esse respeito na encíclica *Mense Maio*, dizendo que “Maria é sempre caminho que leva a Cristo. Nenhum encontro com ela pode deixar de ser encontro com o próprio Cristo.”⁵⁸

2.2.4 O Credo do Povo de Deus

O Papa Paulo VI quis, no encerramento do Ano da Fé que convocou em 1967 em honra dos 1900 anos do martírio de São Pedro e São Paulo, fazer uma solene profissão de fé, cujo texto recebeu o nome de Credo do Povo de Deus. Sabe-se que a redação do texto coube ao filósofo leigo francês Jacques Maritain. O papa depois o revisou, fazendo pequenas alterações.

No texto da profissão de fé, ressalta-se novamente a ênfase na revelação de Deus como Amor:

Ele é Aquele que é, conforme Ele próprio revelou a Moisés (cf. Ex 3, 14); Ele é Amor como nos ensinou o Apóstolo São João (cf. 1Jo 4, 8); de tal maneira que estes dois nomes – Ser e Amor – exprimem inefavelmente a mesma divina essência. Daquele que se quis manifestar a nós e que, habitando uma luz inacessível (cf. 1Tm 6, 16), está, por si mesmo, acima de todo nome, de todas as coisas e de todas as inteligências criadas.⁵⁹

Vale notar que, na exortação apostólica com a qual convocou o ano comemorativo, Paulo VI fez referência às dimensões complementares do ato de fé, dizendo: “Queremos oferecer a Deus, na presença dos beatos apóstolos, uma profissão de fé individual e coletiva, livre e consciente, interior e exterior, humilde e franca.”⁶⁰

2.2.5 A exortação apostólica *Evangelii Nuntiandi*

A exortação apostólica *Evangelii Nuntiandi*, publicada em seguida à assembleia do Sínodo dos Bispos sobre a evangelização e precisamente no décimo aniversário da conclusão do Vaticano II, é considerada um dos principais documentos do pontificado de Paulo VI. Foi

⁵⁷ Homília na Vigília Pascal, 9 de abril de 1966. Tradução nossa.

⁵⁸ Carta encíclica *Mense Maio*, 29 de abril de 1965.

⁵⁹ Homília na Praça de São Pedro na conclusão do Ano da Fé, 30 de junho de 1968.

⁶⁰ Exortação apostólica *Petrum et Paulum Apostolos*, 22 de fevereiro de 1967. Tradução nossa.

aí que teve início o costume de remeter as conclusões da assembleia sinodal ao papa para que ele redigisse uma exortação apostólica a respeito do tema.

Interessa-nos aqui, sobretudo, o capítulo III, sobre *o conteúdo da evangelização*. Vejamos como o papa sintetiza ali em que consiste a evangelização:

Não é supérfluo, talvez, recordar o seguinte: evangelizar é, em primeiro lugar, dar testemunho, de maneira simples e direta, de Deus revelado por Jesus Cristo, no Espírito Santo. *Dar testemunho de que no seu Filho ele amou o mundo*; de que no seu Verbo Encarnado ele deu o ser a todas as coisas e chamou os homens para a vida eterna. Esta atestação de Deus proporcionará, para muitos talvez, o Deus desconhecido (cf. At 17, 22-23), que eles adoram sem lhe dar um nome, ou que eles procuram por força de um apelo secreto do coração quando fazem a experiência da vacuidade de todos os ídolos. Mas ela é plenamente evangelizadora, ao manifestar que *para o homem, o Criador já não é uma potência anônima e longínqua: ele é Pai*. “Vede que prova de amor o Pai nos deu: sermos chamados filhos de Deus. E nós o somos” (1Jo 3, 1; cf. Rm 8, 14-17); e portanto, *nós somos irmãos uns dos outros em Deus* (n. 26).

Ainda, ao elencar alguns elementos que constituem “as promessas feitas por Deus na Nova Aliança em Jesus Cristo”, o Beato Paulo VI põe em primeiro lugar “a pregação do amor de Deus para conosco e do nosso amor a Deus, a pregação do amor fraterno para com todos os homens, capacidade de doação e de perdão, de renúncia e de ajuda aos irmãos, que promana do amor de Deus e que é *o núcleo do Evangelho*” (n. 28).

Vale observar que, dos quinze parágrafos desse capítulo, onze (cf. n. 29-39) são dedicados a aprofundar e esclarecer a dimensão libertadora da evangelização, em sua “necessária ligação com a promoção humana” (n. 31), sem reduzir a missão da Igreja “às dimensões de um projeto simplesmente temporal” e a salvação “a um bem-estar material” (n. 32).

O capítulo seguinte traz outras contribuições ao nosso tema. Quando aborda a evangelização através do contato pessoal, Paulo VI diz: “E observando bem as coisas, haveria uma outra forma melhor de transmitir o Evangelho, para além da que consiste em comunicar a outrem a sua própria *experiência* de fé?” (n. 46). Ele ainda faz menção à importância de levar “cada um dos cristãos a *viver* – e a não se limitar a receber *passivamente* ou a suportar – os sacramentos como eles realmente são, verdadeiros sacramentos da fé” (n. 47).

O Papa Paulo afirma também que a religiosidade popular pode se tornar, quando bem orientada, “um verdadeiro *encontro com Deus em Jesus Cristo*”, pois “traduz em si uma certa sede de Deus que somente os pobres e os simples podem experimentar” e “comporta um apurado sentido dos *atributos profundos* de Deus: a paternidade, a providência, a presença amorosa e constante, etc.” (n. 48).

2.3 CONSIDERAÇÕES

O Beato Paulo VI não só destacou a importância da missão evangelizadora da Igreja, como também recentralizou o ministério do bispo de Roma em torno da pregação e da evangelização. Foi no seu pontificado que se assumiu como tarefa do papa, por exemplo, as catequese semanais durante a audiência geral e as viagens apostólicas ao redor do mundo. Assumiu-se um novo estilo e na sua própria pregação o Papa Paulo buscou fazer sua tarefa apontada pelo Concílio Vaticano II: buscar uma nova maneira de transmitir a fé cristã, por fidelidade a essa mesma fé.

Para usar as suas próprias palavras, Paulo VI buscou “refletir sobre coisas já conhecidas”, o que é “característico do homem moderno” (ES 11), e reapresentou o querigma ao seu tempo. Muitos dos elementos querigmáticos que serão desenvolvidos, aprofundados e melhor entrelaçados por seus sucessores já se encontram no seu ensinamento. A experiência do encontro pessoal com Jesus Cristo já é caracterizada como experiência de misericórdia, em que Cristo, que une em si Deus e o homem, aparece como o pleno revelador do Deus que é Amor.

Essa experiência interior e pessoal não descarta os sacramentos e a comunidade, mas, ao contrário, deles se alimenta e confere à sua vivência uma significação mais profunda. É uma experiência que se identifica com o encontro com a Vida verdadeira; uma experiência de segurança, mas que não se confunde com efusão sentimental. Na sequência, veremos como os sucessores de Paulo VI explicitarão mais a relação entre esses elementos.

Sobretudo, o papa beato viu que era chegada a “hora da caridade”, consciente de que essa virtude – que o próprio Deus revela ser a sua essência – é “o ponto focal de toda a economia religiosa” (ES 32). Isso trouxe muitas consequências para o ensinamento e a prática da Igreja. É como se Paulo VI tivesse aberto uma comporta e inundado o magistério pontifício com o oceano da caridade, dando novo início a um processo paulatino de permeação da caridade em todos os âmbitos do ensino e da atividade do bispo de Roma.

Isso foi possível pela atenção que ele deu à experiência, permitindo que toda teoria passasse por esse crivo, ao reconhecer que a realidade é superior à ideia (cf. ES 16-17). Além disso, guiava-o uma preocupação constante em salvaguardar o Absoluto de Deus traduzindo-o para a relatividade do tempo presente.⁶¹ O Papa Paulo sabia que a fé só poderia ser defendida,

⁶¹ Cf. ZAVALLONI, R. *Prospectivas pastorais de J. B. Montini*. Petrópolis: Vozes, 1968, p. 6-7 e 44.

mantida e transmitida – como era necessário nos tempos difíceis em que guiou a Igreja – se se avivasse a sua indispensável dimensão experiencial.

O encontro pessoal com Cristo vivo, enfim, foi o centro não apenas de sua pregação, mas de sua vida, como atesta a meditação “Pensamento da morte”, publicada postumamente. O texto parece ter sido escrito por Paulo VI ao fim de um retiro, logo após a inserção de um segundo suplemento ao seu testamento, em 1973. Escreveu o papa: “Penso, aqui diante da morte, mestra da filosofia da vida, que o acontecimento maior entre todos foi para mim, como o é para todos que têm igual fortuna, o encontro com Cristo, a Vida.”⁶²

⁶² Pensamento da morte, *L'Osservatore Romano*, 9 de agosto de 1979.

3 JOÃO PAULO I

3.1 VIDA, CONTEXTO E PONTIFICADO

Com a morte de Paulo VI, os cardeais elegeram para o ministério petrino, em 26 de agosto de 1978, o patriarca de Veneza, Albino Luciani. Nascido de uma família modesta em Canale d'Agordo, na província de Belluno, em 17 de outubro de 1912, o novo papa adotou um inédito nome composto, João Paulo, para homenagear seus dois predecessores e deixar claro que era em sua senda, a senda do concílio, que ele iria desempenhar o seu serviço à Igreja universal. Seu papado foi brevíssimo: 33 dias depois de eleito, em 28 de setembro, um infarto surpreendeu o papa de apenas 65 anos e o mundo. Seu processo de beatificação foi aberto em 2003.

Como presbítero, Luciani se destacou como catequista, chegando a ser o responsável pela catequese em sua diocese. Em 1949, publicou um pequeno manual de catequética chamado *Catechetica in briciole* (“Catequética em migalhas”). Foi consagrado bispo em 1958 por São João XXIII e participou, pois, do Concílio Vaticano II como bispo de Vittorio Veneto. Foi Paulo VI quem o nomeou em 1969 para a sé de Veneza e em 1973 o fez cardeal. De fato, um pouco antes da nomeação cardinalícia, em 1972, ao fazer uma visita a Veneza, Paulo VI realizou um gesto singular: diante de vinte mil pessoas, tirou a estola papal que portava, a mostrou à multidão e a pôs sobre os ombros de Luciani, que corou de vergonha. O gesto foi largamente interpretado como um sinal de predileção do Papa Paulo, que desejava o patriarca de Veneza como seu sucessor em Roma.

Muito próximo aos padres de sua diocese que se faziam missionários, Luciani realizou diversas viagens durante seu período como patriarca de Veneza. Em 1966 esteve no Burundi, e em 1975 no Brasil, onde recebeu o doutorado *honoris causa* da Universidade Federal de Santa Maria. A sua origem camponesa e a sua experiência pastoral, bem diversas da de seu predecessor, contribuíram para que a brevidade do seu pontificado não fosse obstáculo para a contribuição que deu à Igreja. Com efeito, as suas alocações têm um tom querigmático muito forte e uma linguagem bem diferente da de Paulo VI, como veremos.

3.2 DESENVOLVIMENTO DA TEMÁTICA

3.2.1 As catequeses

João Paulo I decidiu continuar o hábito de seu antecessor de realizar uma catequese às quartas-feiras. “No Sínodo de 1977 vários Bispos disseram: ‘Os discursos do Papa Paulo, nas quartas-feiras, são *verdadeira catequese adaptada ao mundo moderno*’. Procurarei imitá-lo, na esperança de poder também eu, de algum modo, ajudar a gente a tornar-se melhor”,⁶³ explicou ele, em sua primeira audiência geral, em que tratou da virtude da humildade.

Em seguida, o papa dedicou três catequeses às virtudes teologais, uma de cada vez, o que fechou um ciclo até a data da sua morte. São João Paulo II, depois, daria continuidade ao assunto, tratando das virtudes cardeais nas primeiras catequeses de seu pontificado.

Na primeira, João Paulo I disse que a fé consiste em “entregarmo-nos a Deus, mas transformando a própria vida”; trata-se de uma confiança absoluta em Deus, como explicou:

Minha mãe dizia-me, quando era já grandinho: Em pequeno foste muito doente; tive de te levar de médico em médico, e velar-te noites inteiras; acreditas? Como poderia eu dizer: — Mãezinha, não te acredito? Sim, acredito-te, acredito no que me dizes, mas acredito especialmente em ti. *Assim é na fé. Não se trata unicamente de crer nas coisas que Deus revelou mas n'Ele*, que merece a nossa fé, que tanto nos amou e tanto fez por amor de nós.⁶⁴

Fica evidente aí o entrelaçamento entre fé e amor, cujo eixo parece ser uma aproximação cada vez mais estreita – no decorrer dos pontificados do pós-concílio – entre a *fides qua*, aquela fé fiducial, a confiança e a entrega de si mesmo a Deus, e a *fides quae*, o conteúdo a ser crido.

Ao falar da esperança, na semana seguinte, o Papa João Paulo recordou um trecho da *Divina Comédia*, apontando assim a centralidade das virtudes teologais na existência cristã:

Dante, no seu Paraíso (Cantos 24, 25 e 26), imaginou apresentar-se a um exame sobre o cristianismo. Funcionava uma comissão categorizada. “Tens fé?”, pergunta-lhe, primeiro, São Pedro. “Tens esperança?”, continua São Tiago. “Tens caridade?”, termina São João. “Sim – responde Dante – tenho fé, tenho esperança, tenho caridade”. Demonstra-o e fica aprovado por unanimidade.⁶⁵

Aludindo às palavras da Carta aos Romanos sobre “esperar contra toda esperança” (cf. 4, 18), o papa disse:

⁶³ Audiência geral, 6 de setembro de 1978. Os grifos, lembramos, são sempre nossos, exceto quando especificado.

⁶⁴ Audiência geral, 13 de setembro de 1978.

⁶⁵ Audiência geral, 20 de setembro de 1978.

Direis ainda: Mas como pode acontecer tal coisa? Acontece, porque nos apegamos a três verdades: Deus é onipotente, *Deus ama-me imenso* e Deus é fiel às promessas. E é Ele, *o Deus da misericórdia*, que acende em mim a confiança; por isso não me sinto nem só, nem inútil, nem abandonado, mas integrado num destino de salvação, que um dia virá a levar-me ao Paraíso.⁶⁶

Com isso, João Paulo I enriqueceu o conteúdo daquele encontro de misericórdia de que falava Paulo VI. A esperança, virtude que é como que o penhor da salvação, é vivida na medida em que conheço o amor imenso que o Deus da misericórdia tem por mim. Essa esperança dá origem à alegria cristã e aponta para um futuro que não é nada menos do que a eternidade.

O papa recordou ainda uma vez em que atendeu em confissão uma mulher desanimada pelos seus pecados. Ele a exortou à esperança, dizendo: “Deus detesta as faltas, porque são faltas. Mas, por outro lado, em certo sentido, ama as faltas, enquanto lhe dão o ensejo de mostrar a sua misericórdia e a nós o de permanecermos humildes e compreendermos as faltas do próximo e delas nos compadecermos”.⁶⁷

Por fim, em sua última catequese, sobre a caridade, proferida um dia antes de sua morte, o Papa João Paulo definiu assim o amor: “Amar significa viajar, correr com o coração para o objeto amado. [...] Amar a Deus é portanto um viajar com o coração para Deus.” Sobre o amor a Deus e o amor ao próximo, disse que são “dois amores que são ‘irmãos gêmeos’ e inseparáveis”. Esse amor se traduz em obras, que são bem especificadas – embora de modo incompleto, segundo o papa – na lista das obras de misericórdia. A perfeição que Jesus nos pede (cf. Mt 5, 48), consiste em “amar a Deus não pouco, mas muito; não parar no ponto a que se chegou, mas, com o seu auxílio, progredir no amor.”⁶⁸

3.2.2 Outras alocuções

A preocupação pelo anúncio a partir do coração da fé cristã estava muito a peito na linguagem de João Paulo I. Esse coração não pode ser outro a não ser a vida vivida em comunhão com Deus, como ele disse ao clero romano, citando o autor do clássico *A alma de todo apostolado*:

Há a disciplina “pequena”, que se limita à observância puramente externa e formal de normas jurídicas. Eu desejaria, pelo contrário, falar da disciplina “grande”. Esta

⁶⁶ Ibid.

⁶⁷ Ibid.

⁶⁸ Audiência geral, 27 de setembro de 1978.

só existe se a observância externa é fruto de convicções profundas e resulta de projeções, livres e alegres, de *uma vida vivida intimamente com Deus*. Trata-se — escreve Dom Chautard — da atividade de uma alma que se esforça continuamente para dominar as suas inclinações más e adquirir, aos poucos, o costume de pensar e de se comportar, em todas as circunstâncias da vida, segundo as máximas do Evangelho e os exemplos de Jesus. “Dominar as inclinações” é disciplina. A frase “aos poucos” indica disciplina que requer esforço continuado, longo e não fácil.⁶⁹

Tal comunhão se fundamenta no amor imenso que Deus tem por nós, como ficou claro em suas catequeses e em um discurso durante a oração do *Angelus*, quando João Paulo I citou Isaías 49, 15 – “Pode uma mulher esquecer-se daquele que amamenta? Não ter ternura pelo fruto de suas entranhas? E mesmo que ela o esquecesse, eu não te esqueceria nunca” – e disse:

Também nós, que nos encontramos aqui, temos os mesmos sentimentos; *somos objeto, da parte de Deus, dum amor que não se apaga*. Sabemos que tem os olhos sempre abertos para nos ver, mesmo quando parece que é de noite. Ele é papai; mais ainda, é mãe. Não quer fazer-nos mal, só nos quer fazer bem, a todos. Os filhos, se por acaso estão doentes, possuem um título a mais para serem amados pela mãe. Também nós, se por acaso estamos doentes de maldade, fora do caminho, temos um título a mais para que o Senhor nos ame.⁷⁰

Duas semanas depois, comentando algumas notícias trágicas dos jornais italianos, o papa disse:

Que fazer para melhorar a sociedade? Eu responderia: procure cada um de nós ser bom e contagiar os outros com uma bondade toda penetrada pela mansidão e pelo amor ensinado por Cristo. A regra de ouro de Cristo foi: “Não faças aos outros aquilo que não queres que seja feito a ti. Faze aos outros o que queres que seja feito a ti. Aprendei de mim que sou manso e humilde de coração”. E Ele deu sempre. Colocado na cruz, não só perdoou aos que o crucificaram, mas desculpou-os. Disse: “Pai, perdoa-lhes porque não sabem o que fazem”. *Isto é cristianismo, são sentimentos que se fossem postos em prática tanto ajudariam a sociedade!*

Recordou ainda o trigésimo aniversário da morte do escritor Georges Bernanos e relembrou um trecho do seu *Diálogo das carmelitas*, que narra o martírio das monjas do Carmelo de Compiègne, durante a Revolução Francesa. João Paulo citou as últimas palavras da priora – “O amor sempre vencerá, o amor tudo pode” – e comentou: “Eis a palavra exata: não é a violência que tudo pode, é o amor que tudo pode. Peçamos ao Senhor a graça de que uma nova onda de amor para com o próximo invada este pobre mundo.”⁷¹

O amor como resposta ao mal no mundo já era um tema muito presente em Paulo VI, que cunhou a expressão “civilização do amor”. São João Paulo II, Bento XVI e Francisco

⁶⁹ Discurso ao clero romano, 7 de setembro de 1978.

⁷⁰ *Angelus*, 10 de setembro de 1978.

⁷¹ *Angelus*, 24 de setembro de 1978.

também o ressaltarão com frequência, sempre lembrando que tal resposta só é possível a partir de uma experiência com o Deus que é Amor.

3.3 CONSIDERAÇÕES

Na virada de linguagem em curso no pós-concílio, foi fundamental que, mesmo por pouco tempo, um catequista desempenhasse o ministério petrino. A linguagem acessível e terna de João Paulo I e os seus modos descomplicados e despidos de toda pompa e formalidade contribuíram vigorosamente para a dimensão evangelizadora do magistério pontifício.

Além disso, os seus ensinamentos procuraram se focar no essencial, fazendo emergir vários *insights* que serão enriquecidos por seu sucessor e se consolidarão plenamente no ensinamento de Bento XVI, para quem, de forma muito consciente, são temas caríssimos. São elementos que, antes do Papa João Paulo I, não estavam tão explicitados no magistério pontifício, como: a identificação da experiência de salvação com a experiência da grandeza do amor de Deus; a superação da oposição entre *fides qua* e *fides quae*; a identificação da existência cristã com a vivência das virtudes teologais; o amor como única resposta ao mal no mundo e última palavra, mais forte que a violência; a unidade indissolúvel entre o amor a Deus e o amor ao próximo.

João Paulo I renovou completamente a linguagem do magistério e a consolidou definitivamente como linguagem de anúncio, querigmática. É verdade que essa mudança já pode ser creditada a Paulo VI, que deu início a uma abordagem mais experiencial e antropológica da fé. Mas em termos de linguagem propriamente dita, uma nova referência se impôs. A linguagem do magistério nunca mais seria pensada do mesmo modo depois daqueles 33 dias.

4 SÃO JOÃO PAULO II

4.1 VIDA, CONTEXTO E PONTIFICADO

O primeiro papa não italiano em mais de quatro séculos: depois da surpresa com a morte de João Paulo I, estava reservada ainda essa outra surpresa, essa novidade. Karol Wojtyła vinha de um contexto bem diferente de seus predecessores. Nascido em 18 de maio de 1920 em Wadowice, na Polônia, aos 20 anos ele já tinha perdido o pai, a mãe e o irmão mais velho; estava só. Operário, estudante de filologia, dramaturgo e ator de teatro em uma época difícil, em meio à II Guerra Mundial, sua vocação ao sacerdócio despontou um pouco mais tardiamente que a de seus predecessores.

Os outros passos, porém, não se fizeram esperar: foi consagrado bispo aos 38 anos (1958), nomeado arcebispo de Cracóvia aos 43 (1964), criado cardeal aos 47 (1967) e eleito papa aos 58, em 16 de outubro de 1978. Assumiu o nome de João Paulo II, querendo com isso manter viva a memória de seus três predecessores. No seu pontificado, o terceiro mais longo da história, intensificou o empenho ecumênico e o diálogo inter-religioso; promulgou documentos eclesiais fundamentais, como o Código de Direito Canônico e o Catecismo da Igreja Católica; criou eventos importantes como a Jornada Mundial da Juventude e o Encontro Mundial das Famílias; visitou 129 países; e canonizou mais santos do que todos os seus predecessores dos cinco séculos anteriores juntos.

Ferido por três tiros em um atentado em 1981, sua saúde a partir daí se debilitou pouco a pouco. O atlético papa que tinha saído às escondidas do Vaticano 115 vezes para esquiar aparentava cada vez mais fraco, principalmente depois de ser diagnosticado com a doença de Parkinson. Suportou a enfermidade até o fim, morrendo em 2 de abril de 2005, véspera do Domingo da Divina Misericórdia. Foi beatificado por Bento XVI em 2011 e canonizado por Francisco em 2014.

Dividimos aqui em três fases as alocações de João Paulo II que dizem respeito ao nosso tema, embora seja uma divisão muito frágil. Apenas identificamos algumas ênfases em cada período, dentro do qual certa noção é melhor explicitada, sem com isso querer dizer que as noções enfatizadas se restringem àquele período.

4.2 DESENVOLVIMENTO DA TEMÁTICA

4.2.1 O início do pontificado

Tornou-se famoso e característico da pregação de São João Paulo II o seu brado na homilia da celebração eucarística com a qual iniciou solenemente seu ministério de bispo de Roma: “Não, não tenhais medo! Antes, procurai abrir, melhor, escancarar as portas a Cristo!” Ao que se seguia:

Ao Seu poder salvador abri os confins dos Estados, os sistemas econômicos assim como os políticos, os vastos campos de cultura, de civilização e de progresso! Não tenhais medo! *Cristo sabe bem “o que é que está dentro do homem”.* Somente Ele o sabe!

Hoje em dia muito frequentemente o homem não sabe o que traz no interior de si mesmo, no profundo do seu ânimo e do seu coração, muito frequentemente se encontra incerto acerca do sentido da sua vida sobre esta terra. E sucede que é invadido pela dúvida que se transmuta em desespero. Permitti, pois – peço-vos e vo-lo imploro com humildade e com confiança – *permitti a Cristo falar ao homem.* Somente Ele tem palavras de vida; sim, de vida eterna.⁷²

A centralidade do mistério de Cristo, plena revelação do amor do Pai, fica evidenciada de modo inquestionável no magistério do papa polonês. “Ninguém como Ele, de fato, tornou o Deus vivo assim próximo dos homens e ninguém O revelou como o fez só Ele mesmo” (cf. Jo 14, 9), disse ele na mesma homilia.

4.2.2 A encíclica *Redemptor Hominis*

A primeira encíclica de João Paulo II, *Redemptor Hominis*, publicada em 4 de março de 1979, faz uma forte ligação entre a experiência humana do amor e a redenção:

O homem não pode viver sem amor. *Ele permanece para si próprio um ser incompreensível e a sua vida é destituída de sentido, se não lhe for revelado o amor, se ele não se encontra com o amor, se o não experimenta e se o não torna algo seu próprio, se nele não participa vivamente.* E por isto precisamente Cristo Redentor, como já foi dito acima, revela plenamente o homem ao próprio homem. Esta é – se assim é lícito exprimir-se – a dimensão humana do mistério da Redenção (n. 10).

⁷² Homilia no início do pontificado, 22 de outubro de 1978. Lembramos que os grifos, a não ser quando especificado, são sempre nossos.

Fica, assim, cada vez mais evidente que o magistério pontifício pós-conciliar lê o mistério da redenção como uma experiência de amor – uma leitura querigmática e antropológica – que se torna possível através da pessoa de Jesus:

Se Deus “tratou como pecado” (2Cor 5, 21; cf. Gl 3, 13) Aquele que era absolutamente isento de qualquer pecado, fê-lo *para revelar o amor que é sempre maior do que tudo o que é criado, o amor que é Ele próprio, porque “Deus é amor”* (1Jo 4, 8.16). E sobretudo o amor é maior do que o pecado, do que a fraqueza e do que “a caducidade do que foi criado” (cf. Rm 8, 20), mais forte do que a morte; é amor sempre pronto a erguer e a perdoar, sempre pronto para ir ao encontro do filho pródigo (cf. Lc 15, 11-32), sempre em busca da “revelação dos filhos de Deus” (Rm 8, 19), que são chamados para a glória futura (cf. Rm 8, 18). *Esta revelação do amor é definida também misericórdia* (cf. ST III, q. 46, a. 1 ad 3); e *tal revelação do amor e da misericórdia tem na história do homem uma forma e um nome: chama-se Jesus Cristo.* (n. 9).

A dimensão experiencial da fé é claramente colocada no centro, seja por essas afirmações, seja quando o papa diz:

A tarefa fundamental da Igreja de todos os tempos e, de modo particular, do nosso, é a de dirigir o olhar do homem e de *endereçar a consciência e experiência* de toda a humanidade para o mistério de Cristo, de ajudar todos os homens a *ter familiaridade* com a profundidade da Redenção que se verifica em Cristo Jesus. Simultaneamente, toca-se também *a esfera mais profunda do homem*, a esfera – queremos dizer – dos corações humanos, das consciências humanas e das vicissitudes humanas (n. 10).

4.2.3 Alocuções entre 1979 e 1980

No início da primeira de suas 104 viagens apostólicas, falando a sacerdotes e religiosos, mas com palavras que, em sua maioria, servem a todo cristão, João Paulo II deixou claro como a experiência com Cristo deve estar na base de toda a vida e o agir cristão. Mais tarde, o papa dirá que “o encontro com Jesus Cristo está ligado à qualidade da vida eclesial”.⁷³ Como o Beato Paulo VI, aqui ele fala do encontro pessoal com o Senhor como um encontro pascal:

Gostaria sinceramente de dispor de muito tempo para estar convosco, para fixar os vossos nomes e para escutar dos vossos lábios o que transborda do coração (Mt 12, 34), aquilo que de maravilhoso experimentastes dentro de vós – *fecit mihi magna qui potens est...* (Lc 1, 49) –, tendo sido fiéis ao encontro com o Senhor. Um encontro que Ele fez de predileção.

É isto, precisamente – o encontro pascal com o Senhor –, o que desejo propor à vossa reflexão, para reavivar ainda mais a vossa fé e o vosso entusiasmo nesta Eucaristia; *um encontro pessoal, vivo, de olhos abertos e coração palpitante, com Cristo ressuscitado* (cf. Lc 24, 30), *o objetivo do vosso amor e de toda a vossa vida.*

⁷³ Discurso à Sessão Plenária da Congregação para os Religiosos e os Institutos Seculares, 20 de novembro de 1981.

Acontece, por vezes, que a nova sintonia de fé com Jesus enfraquece ou se atenua – coisa que o povo fiel nota logo, contagiando-se, por isso, de tristeza – porque o trazemos dentro, sim, mas confundido, com as nossas propensões e os nossos raciocínios humanos (cf. Lc 24, 15) sem deixarmos brilhar, com toda a sua intensidade, a luz grandiosa que Ele encerra para nós. Talvez haja ocasiões em que falamos d’Ele, apoiados em alguma premissa de mudança ou em dados de saber sociológico, político, psicológico, linguístico, em vez de fazermos derivar os critérios básicos da nossa vida e da nossa atividade de um Evangelho vivido com integridade, com alegria, com a confiança e esperança imensas que a cruz de Cristo encerra.

Uma coisa é clara, queridos irmãos: *a fé em Cristo ressuscitado não é resultado de um saber técnico ou fruto de uma bagagem científica* (cf. 1Cor 1, 26). O que se nos pede é que anunciemos a morte de Jesus e proclamemos a Sua ressurreição. Jesus vive. Deus ressuscitou-O, libertando-O dos grilhões da morte (At 2, 24). Aquilo que entre as primeiras testemunhas foi um trêmulo murmúrio, depressa se transformou em *alegre experiência da realidade d’Aquele com Quem comemos e bebemos...* depois da Sua ressurreição dos mortos (At 10, 41). Sim, Cristo vive na Igreja, está em nós, portadores de esperança e de imortalidade.⁷⁴

O destaque para o fato de que a fé cristã não é uma teoria ou um costume permanece, como em Paulo VI, um refrão para João Paulo II. É preciso que a adesão à pessoa de Cristo se torne “uma convicção feita vida”:

Se, pois, encontrastes Cristo, vivei Cristo, vivei com Cristo! E anunciai-O em primeira pessoa, como autênticas testemunhas: Para mim, viver é Cristo (Fl 1, 21). Nisto está, também, a verdadeira libertação: em proclamar Jesus livre de ligaduras, presente em homens transformados, feitos nova criatura. Porque é que o nosso testemunho, por vezes se torna vão? Porque apresentamos um Jesus sem toda a força sedutora que a sua Pessoa oferece; sem tornarmos patentes as riquezas do ideal sublime que é segui-l’O; porque nem sempre chegamos a mostrar *uma convicção feita vida* acerca do valor estupendo da nossa entrega à grande causa eclesial que servimos.⁷⁵

Pouco mais de um mês depois, o papa falou da juventude como momento privilegiado de encontro com Cristo, um encontro “consciente e voluntário” – mais de seis anos antes de instituir a Jornada Mundial da Juventude:

A vossa idade é a do *encontro consciente e voluntário com Cristo*. Caríssimos jovens, só Jesus Cristo é a resposta adequada e última à pergunta suprema acerca do sentido da vida e da história.

Respeitando mesmo todos os que têm outras ideias e sabendo perfeitamente que a fé em Cristo tem os seus tempos e as suas estações, e *exige uma maturação pessoal*, ligada à “graça” de Deus, eu digo-vos com franqueza confiada que, passadas a idade ingênua da meninice e a época sentimental da adolescência e atingida a juventude, isto é, na vossa idade exuberante e crítica, *a mais bela e entusiasmante aventura que vos possa tocar é o encontro pessoal com Jesus*, que é o único a dar verdadeiro significado à nossa vida.

⁷⁴ Homilia durante a missa na Catedral de Santo Domingo com os sacerdotes, religiosos, religiosas e seminaristas, República Dominicana, 26 de janeiro de 1979.

⁷⁵ Ibid.

Não basta procurar; *é necessário procurar para encontrar a certeza*. E a certeza é Jesus que afirma: Eu sou o caminho, a verdade e a vida (Jo 14, 6); Eu sou a luz do mundo; quem me segue não anda nas trevas... (Jo 8, 12); Eu vim para dar testemunho à verdade (Jo 18, 37).

Só Jesus tem palavras convincentes e consoladoras; só ele tem palavras de vida eterna: Deus tanto amou os homens que lhes deu o seu Filho Unigênito, para que todo aquele que n'Ele crê não morra mas tenha a vida eterna; Deus não mandou o Filho ao mundo para julgar o mundo, mas para o mundo se salvar por meio d'Ele (Jo 3, 16-17).

Não há solução para o ceticismo e o desespero, senão na fé em Cristo. Só Jesus revela o significado da nossa existência no ilimitado mistério do universo, no vértice obscuro e imprevisível da história.⁷⁶

São João Paulo II desenvolveu bem a apresentação de Cristo como aquele que oferece uma experiência de amor que dá sentido à vida em um discurso em Paris, novamente falando aos jovens, cuja psicologia ele demonstra conhecer bem. O contexto da viagem era a comemoração dos 1500 anos do batismo de Clóvis: nessa ocasião, o papa via a necessidade de se retornar à experiência mesma da fé.

Valeis também o que vale o vosso coração. *Toda a história da humanidade é a história da necessidade de amar e de ser amado*. Este fim de século – sobretudo nas regiões de evolução social acelerada – torna mais difícil o desabrochar de uma afetividade sã. É sem dúvida por isso que muitos jovens e menos jovens procuram o ambiente de pequenos grupos, para escaparem ao anonimato e por vezes à angústia, para reencontrarem a sua vocação profunda às relações interpessoais. A dar crédito a uma certa publicidade, a nossa época seria mesmo tomada do que se poderia chamar um “doping” do coração.

Importa neste domínio, como nos precedentes, ver claro. Seja qual for o uso que dele façam os seres humanos, o coração – símbolo da amizade e do amor – tem também as suas normas, a sua ética. Dar lugar ao coração na construção harmoniosa da vossa personalidade não tem nada a ver com a pieguice nem mesmo com o sentimentalismo. O coração é abertura de todo o ser à existência dos outros, a capacidade de os adivinhar, de os compreender. Uma tal sensibilidade, verdadeira e profunda, torna-nos vulneráveis. E por isso que alguns são tentados a desfazer-se dela endurecendo-se.

Amar é pois essencialmente dar-se aos outros. Longe de ser uma inclinação instintiva, o amor é uma decisão consciente da vontade de ir para os outros. Para poder amar em verdade, é preciso desapegar-se de muitas coisas e sobretudo de si, dar gratuitamente, amar até ao fim. Esta desapropriação de si – obra de grande fôlego – é esgotante e exaltante. É fonte de equilíbrio. É o segredo da felicidade.⁷⁷

Como se pode ver, o papa começou o argumento falando da experiência humana de amar e ser amado, lembrando a vocação do homem à relação e sem negar os seus paradoxos – amar é “esgotante”, mas é “o segredo da felicidade”. Cristo entra no discurso, assim, como “o Homem que mais amou”. João Paulo II evocou dois encontros muito significativos que

⁷⁶ Discurso a uma representação de militares italianos, 1º de março de 1979.

⁷⁷ Discurso aos jovens franceses reunidos no Parc-des-Princes, 1º de junho de 1980.

aparecem nos Evangelhos – com Zaqueu e com a samaritana – e encerrou o trecho dando a entender que é o amor que recebemos de Deus em Cristo que nos torna capazes de amar o próximo:

Jovens da França, levantai mais vezes o olhar para Jesus Cristo! Ele é *o Homem que mais amou, e mais conscientemente, mais voluntariamente, mais gratuitamente!* Meditai no testamento de Cristo: “Não há maior prova de amor do que dar a vida por aqueles que amamos”. *Contemplai o Homem-Deus, o homem do coração trespassado!* Não tenhais medo! Jesus não veio condenar o amor mas libertar o amor dos seus equívocos e das suas falsificações. *Foi bem Ele que mudou o coração de Zaqueu, da Samaritana, e que opera ainda hoje, em todo o mundo, conversões semelhantes.* Parece-me que esta tarde Cristo murmura a cada um e a cada uma de vós: “Dá-me o teu coração!... Purificá-lo-ei, fortificá-lo-ei, orientá-lo-ei para todos os que dele necessitam: para a tua própria família, para a tua comunidade escolar ou universitária, para o teu meio social, para os pouco amados, para os estrangeiros que vivem sobre o solo da França, para os habitantes do mundo inteiro que não têm de que viver e se desenvolver, para os mais pequenos entre os homens. O amor exige a partilha!”.

Jovens da França, é hora, mais que nunca, de trabalhar de mãos dadas pela civilização do amor, segundo a expressão cara ao meu grande predecessor Paulo VI. Que canteiro gigantesco! Que tarefa entusiasmante!⁷⁸

O papa recorreu ainda ao episódio do jovem rico (cf. Mt 19, 21) para deixar claro que o cristianismo encontra em Cristo, como dizia, Paulo VI, o seu “ponto focal”: “Este ‘vem e segue-me’ é o ponto central de todo este episódio. Estas palavras significam que não se pode aprender o cristianismo como uma lição composta de numerosos e diversos capítulos, mas que é preciso ligá-lo sempre a uma pessoa, a uma pessoa viva: Jesus Cristo.”⁷⁹

Os jovens eram os frequentes interlocutores do Papa João Paulo II quando ele exortava a um encontro com o Senhor. Até mesmo o tempo de férias, quando a natureza e a convivência entre amigos são oportunidade para o encontro com Deus, era uma ocasião para fazer recomendação a esse respeito:

É importante que o repouso não seja um cair no vazio, que ele não seja apenas um vazio (em tal caso não seria verdadeiro repouso). *É importante que o repouso seja enchido com o encontro.* Penso – sim, certamente – no encontro com a natureza, com as montanhas, com o mar e com as florestas. O homem, em contato esclarecido, recupera o descanso e acalma-se interiormente. Mas isto não é ainda tudo quanto se pode dizer do repouso. É necessário que ele seja enchido com um conteúdo novo, com aquele conteúdo que se exprime no símbolo de “Maria” [de Betânia].

“Maria” significa *o encontro com Cristo, o encontro com Deus. Significa abrir os olhos interiores da alma para a sua presença no mundo, abrir os ouvidos interiores para a Palavra da Sua Verdade.*⁸⁰

⁷⁸ Ibid.

⁷⁹ Ibid.

⁸⁰ *Angelus*, 20 de julho de 1980.

4.2.4 A encíclica *Dives in Misericordia*

São João Paulo II recolocou de forma clara no centro da pregação da Igreja o anúncio da misericórdia de Deus. Isso fica evidente com a sua segunda encíclica, *Dives in Misericordia*, publicada em 30 de novembro de 1980. Nesse documento, profundamente entrelaçado à sua encíclica anterior, o papa quis “expor que a abertura para Cristo que, como Redentor do mundo, revela plenamente o homem ao próprio homem, não pode realizar-se senão mediante uma relação, cada vez mais consciente, ao Pai e ao seu amor” (n. 1).

Assim, Jesus mesmo “*é, em certo sentido, a misericórdia*. Para quem a vê n’Ele – e n’Ele a encontra – Deus torna-se particularmente ‘visível’ como Pai ‘rico em misericórdia’ (cf. Ef 2, 4)”⁸¹ (n. 2). Ele é um “sinal particularmente legível de que Deus é amor” (n. 3).

Cristo, portanto, revela Deus que é Pai, que é “amor”, como se exprimiria S. João no sua primeira Epístola (1Jo 4, 8.16). Revela Deus “rico em misericórdia”, como lemos em S. Paulo (Ef 2, 4). Esta verdade, mais do que tema de ensino, é realidade que Cristo nos tornou presente. *Tornar presente o Pai como amor e misericórdia*, constitui na consciência do próprio Cristo, ponto fundamental do exercício da sua missão messiânica (n. 3).⁸²

Dessa maneira, a salvação é mais uma vez entendida como experiência do amor de Deus, que age já na Antiga Aliança (cf. n. 4) e é sumamente revelado na entrega de Jesus na cruz:

A Cruz de Cristo, na qual o Filho consubstancial ao Pai presta *plena justiça a Deus*, é também *revelação radical da misericórdia*, ou seja, do amor que se opõe àquilo que constitui a própria raiz do mal na história do homem: se opõe ao pecado e à morte.

A Cruz é o modo mais profundo de a divindade se debruçar sobre a humanidade e sobre tudo aquilo que o homem – especialmente nos momentos difíceis e dolorosos – considera seu infeliz destino. A cruz é como que um toque do amor eterno nas feridas mais dolorosas da existência terrena do homem, é o cumprir-se cabalmente do programa messiânico, que Cristo um dia tinha formulado na sinagoga de Nazaré (cf. Lc 4,18-21) e que repetiu depois diante dos enviados de João Batista (cf. Lc 7,20-23).

[...] Este é o Filho de Deus que na sua ressurreição experimentou em si de modo radical a misericórdia, isto é, o amor do Pai que é *mais forte do que a morte*. Ele é também o mesmo Cristo Filho de Deus, que no termo – e, em certo sentido, já para além do termo – da sua missão messiânica, se revela a si mesmo como fonte inexaurível de misericórdia, daquele amor que, na perspectiva ulterior da história da Salvação na Igreja, deve perenemente mostrar-se *mais forte do que o pecado*. Cristo pascal é a encarnação definitiva da misericórdia, o seu sinal vivo: histórico-salvífico e, simultaneamente, escatológico (n. 8).⁸³

⁸¹ Este grifo é do próprio papa.

⁸² Novamente, o grifo é de João Paulo II.

⁸³ Os grifos são do papa.

Assim, entende-se que a fé do cristão não é outra coisa que a confiança segura no amor e na misericórdia de Deus:

Crer no Filho crucificado significa “ver o Pai” (cf. Jo 14, 9), significa crer que o amor está presente no mundo e que o amor é mais forte do que toda a espécie de mal em que o homem, a humanidade e o mundo estão envolvidos. Crer neste amor significa *acreditar na misericórdia*. Esta é, de fato, a dimensão indispensável do amor, é como que o seu segundo nome e, ao mesmo tempo, é o modo específico da sua revelação e atuação perante a realidade do mal que existe no mundo, que assedia e atinge o homem, que se insinua mesmo no seu coração e o “pode fazer perecer, na Geena” (Mt 10, 28) (n. 7).⁸⁴

A misericórdia é, enfim, constitutiva de uma relação verdadeira com Deus. Para os filhos de Deus, a misericórdia “é o conteúdo da intimidade com o seu Senhor, o conteúdo do seu diálogo com Ele” (n. 4). Ela é a perfeição e o atributo divinos “graças aos quais o homem, na verdade íntima da sua existência, se encontra com maior intimidade e maior frequência em relação autêntica com o Deus vivo” (n. 13).

4.2.5 Alocuções entre 1981 e 1986

O encontro com Cristo está, como vimos, associado a uma certeza, que o torna capaz de iluminar verdadeiramente a vida do homem – e de modo existencialmente verificável, como disse o papa, falando novamente aos jovens:

Aquela “qualidade da vida”, da qual o homem, cada homem é “desconhecido amante” (G. Leopardi), tornou-se próxima, está presente: não mais término de incerteza e errante procura, mas *possibilidade gratuita de encontro e de seguimento*: de fato “a Vida manifestou-se, nós vimo-la, damos testemunho dela e vos anunciamos esta Vida eterna que estava no Pai e que nos foi manifestada” (1Jo 1, 2). Em Jesus Cristo aquela “qualidade da vida”, que responde unicamente à amplitude do desejo e da nostalgia do homem, é oferecida ao homem “em superabundância”: “Eu vim para que tenham a vida e a tenham em abundância” (Jo 10, 10).

No encontro com Jesus Cristo o germe da verdadeira vida é gratuitamente comunicado; no Seu convite à liberdade de cada homem, “vem e segue-me”, está contida a possibilidade simples e imediata de que aquele germe de vida cresça “sem ele saber como” (Mc 4, 27) e “dê muito fruto” (Jo 15, 8).

[...] Na experiência desta “qualidade da vida”, surpreendente e gratuita e também “mais humana”, cada um de nós reconhece *a verdade existencial* da promessa de Jesus Cristo aos discípulos: “quem me segue terá cem vezes mais e terá por herança a vida eterna” (cf. Mt 19, 29), “quem me segue não andarás nas trevas, mas terá a luz da vida” (Jo 8, 12). Também a nós hoje, como aos primeiros discípulos, é dada a mesma possibilidade de encontro, de seguimento, de familiaridade, de experiência de uma “qualidade da vida”, mais verdadeira, mais livre, mais humana.⁸⁵

⁸⁴ Aqui o grifo também é do papa.

⁸⁵ Discurso aos jovens universitários participantes de um congresso internacional, 6 de abril de 1982.

Contudo, sem o ambiente da comunidade de fé, que é a testemunha de Cristo, essa certeza não se dá. É a Igreja que garante o acesso ao conhecimento de Cristo; ela é, nos sacramentos e no testemunho, a Sua própria presença:

A Igreja, Corpo de Cristo, modalidade da Sua Presença hoje entre os homens, é “sinal e instrumento eficaz” (cf. LG 1) desta “íntima comunhão” com o Filho de Deus e com o Pai no Espírito.

Na inserção consciente e livre na vida da Igreja, nos seus gestos, nos sacramentos da fé, na sua oração, no testemunho dos seus santos, na sua tradição viva, o homem aprende a conhecer concretamente a Jesus Cristo, segue-O, penetra em todo o Seu Mistério. *Só dentro da vida da Igreja o inicial assombro e maravilha do encontro com Jesus Cristo se torna evidência plenamente racional e livre, que faz repetir a cada um de nós com certeza: “Tu tens palavras de vida eterna” (Jo 6, 68), “Tu és o Caminho, a Verdade e a Vida” (cf. Jo 14, 6).*

Onde a pertença à Igreja, à sua vida e ao seu magistério, é somente formal e o homem permanece apegado ao seu individualismo, não pode acontecer o prodígio de uma personalidade totalmente cristã: devemos resignar-nos à tristeza de “um sal que se torna insípido e não serve para mais nada” (Mt 5,13) ou de um talento escondido na terra, com medo de perdê-lo (cf. Mt 25, 25).

Para que o germe da verdadeira vida, que o encontro e o seguimento de Jesus Cristo comunicam ao homem, cresça e mature, é necessário que cada um de nós enfrente todos os problemas e todas as circunstâncias da vida à luz daquele encontro e naquele seguimento, tendo diante dos olhos e no coração o assombro e a certeza da fé.

Onde a fé não ilumina, purifica, valoriza cada aspecto da existência humana, onde existe uma “artificial separação” entre a fé e os empenhos de estudo, de trabalho, de vida familiar e social, a fé, mesmo que não falte, reduz-se facilmente à abstração, a vago sentimento, a um conjunto de deveres não plenamente racionais e livres.⁸⁶

No mesmo mês, João Paulo II voltou a esse tema, sublinhando o elemento do testemunho apostólico, que se torna testemunho da Igreja e experiência do cristão em primeira pessoa.

Pedro, depois de apresentar os acontecimentos relacionados com a morte e a ressurreição de Cristo continua: “Dessa forma, Deus cumpriu o que antecipadamente anunciara pela boca de todos os profetas: Que o Seu Messias havia de padecer. Arrependei-vos, portanto, e convertei-vos para que os vossos pecados sejam apagados...” (At 3, 18-20).

Encontramos nestas palavras do Apóstolo o claro eco das palavras de Cristo: da iluminação, que os discípulos experimentaram no encontro com o Senhor ressuscitado.

Assim, pois, se edificava a fé da primeira geração dos confessores de Cristo: da geração dos discípulos dos apóstolos. Brotava diretamente da declaração das testemunhas oculares da Cruz e da Ressurreição. [...]

Que significa ser cristão?

⁸⁶ Ibid.

Ser cristão – hoje, tal como outrora, na primeira geração dos confessores de Cristo – significa continuar a *aceitar o testemunho dos apóstolos, testemunhas oculares*. Significa crer com a mesma fé, que nasceu neles das obras e das palavras de Cristo, confirmadas com a sua morte e ressurreição.

Também nós, pertencentes à presente geração de confessores de Cristo, devemos pedir para ter *a mesma experiência* dos dois discípulos de Emaús: “Senhor Jesus, fazei que compreendamos as Escrituras; que o nosso coração arda quando nos falais” (cf. Lc 24, 32).

Que “arda o coração”!: porque *a fé não pode ser apenas um cálculo frio do intelecto. Deve ser vivificada pelo amor*. Viva mediante as obras em que se exprime a verdade revelada por Deus como verdade interior do homem.

Então também nós – embora não tenhamos sido testemunhas oculares das obras e das palavras, da morte e da ressurreição – herdamos dos Apóstolos o seu testemunho. E nós próprios nos tornamos também testemunhas de Cristo. Ser cristão é ser também testemunha de Cristo.

Então também a fé – a fé viva – se forma como *um diálogo entre o Deus Vivo e o homem vivo*.⁸⁷

Em Cristo, se torna presente o próprio Reino de Deus, a própria Boa Nova, que é o anúncio da salvação. A salvação, por sua vez, se realiza em todas as dimensões da existência do homem, que é criado para a relação, para o amor. Por isso, São João Paulo II pôde dizer – novamente em um encontro com jovens – que “só o amor salva”:

O que é pois a salvação? É a vitória do bem sobre o mal, realizada no homem, em todas as dimensões da sua existência. A própria superação do mal já tem um caráter salvífico. A forma definitiva da salvação consistirá para o homem em libertar-se completamente do mal e em alcançar a plenitude do bem. Esta plenitude chama-se e é de fato a salvação eterna. Realiza-se no Reino de Deus como uma realidade escatológica de vida eterna. É uma realidade do “tempo futuro” que, mediante a cruz de Cristo, se iniciou na sua Ressurreição.

Todos os homens são chamados à Vida eterna. São chamados à salvação. Tendes consciência disto? Tendes consciência disto vós, jovens meus amigos: que todos os homens estão chamados a viver com Deus e que, *sem Ele, perdem a chave do “mistério” de si mesmos?*

[...] Para mais, só em Cristo encontrareis resposta aos próprios problemas e inquietações. E vós sabeis o porquê: *Ele foi o homem que mais amou; e deixou-nos um “código” do amor, o seu Evangelho* que, lido pelo Concílio, “proclama a liberdade dos filhos de Deus; rejeita toda a escravidão, derivada, em última análise, do pecado; respeita integralmente a dignidade da consciência e a sua livre decisão; sem cessar, recorda que todos os talentos humanos devem redundar em serviço de Deus e dos homens; e, finalmente, a todos recomenda a caridade” (GS 41).

No fim de contas, *só o amor salva*. E repito: a problemática da salvação – isto é, a vitória do bem sobre o mal – é um tema fundamental da vida humana. A vida do homem desenrola-se inteiramente na órbita desse apelo. Por isso, o tema “salvação” é daqueles que estão inscritos, de modo particular, na alma dos jovens. Importa

⁸⁷ Homilia na visita pastoral à Paróquia Romana de São Marcelino e São Pedro, 25 de abril de 1982.

saber fazer a sua leitura com perspicácia e desenvolvê-lo honestamente, em vida e obras.⁸⁸

4.2.6 A encíclica *Dominum et Vivificantem*

É verdade que, se o Espírito Santo está sempre implicado no encontro com Cristo e na experiência do amor do Pai, nem sempre isso é explicitado. Uma exceção é a encíclica *Dominum et Vivificantem*, de 18 de maio de 1986, que constitui uma espécie de trilogia junto às duas primeiras encíclicas de São João Paulo II. Ali, fica claro que o Espírito Santo é o próprio Amor de Deus experimentado como salvação.

No que concerne à história da salvação entendida como revelação da misericórdia abundante de Deus, a relação entre as pessoas da Trindade é concebida desta maneira:

Mas o Livro Sagrado, mais frequentemente, fala-nos de um Pai que experimenta compaixão pelo homem, como que compartilhando a sua dor. Esta imperscrutável e indizível “dor” de Pai, em definitivo, gerará sobretudo a admirável economia do *amor redentor* em Jesus Cristo, para que, através do “mistério da piedade”, *o amor possa revelar-se mais forte do que o pecado*, na história do homem. Para que prevaleça o “Dom”! (n. 39).

A compaixão do Pai se torna dom abundante de amor no Filho. Esse Amor, esse Dom, é o próprio Espírito. A misericórdia se personifica, assim, de certa maneira, no Espírito Santo: a sua efusão, a efusão do Amor divino, é a resposta ao pecado do homem. Essa efusão é redentora, uma vez que o pecado foi justamente a rejeição do amor. É o que explica João Paulo II:

O Espírito Santo, que, segundo as palavras de Jesus, “convence quanto ao pecado” (cf. Jo 16, 7), é o Amor do Pai e do Filho; e, como tal, é o Dom trinitário e, simultaneamente, a eterna fonte de toda a dádiva divina às criaturas. N’Ele, precisamente, nós podemos conceber *como que personificada e atuada de uma maneira transcendente a virtude da misericórdia*, que a tradição patrística e teológica, na linha do Antigo e do Novo Testamento, atribui a Deus.

Em Deus, *o Espírito que é Amor faz com que a consideração do pecado humano se traduza em novas dádivas do amor salvífico*. D’Ele, na unidade com o Pai e o Filho, nasce a economia da salvação, que enche a história do homem com os dons da Redenção. Se o pecado, rejeitando o amor, gerou o “sofrimento” do homem que, de algum modo, se estendeu a toda a criação (cf. Rm 8, 20-22), o Espírito Santo entrará no sofrimento humano e cósmico com *uma nova efusão de amor, que redimirá o mundo*. E nos lábios de Jesus Redentor, em cuja humanidade se concretiza o “sofrimento de Deus”, ressoará com frequência uma palavra em que se manifesta o Amor eterno e cheio de misericórdia: “*Misereor*” (tenho compaixão) (cf. Mt 15, 32, Mc 8, 2) (n. 39).

⁸⁸ Homilia na missa para os jovens, Lisboa, Portugal, 14 de maio de 1982.

4.2.7 A exortação apostólica pós-sinodal *Christifideles Laici*

Na exortação que se seguiu à assembleia do Sínodo dos Bispos sobre os leigos, *Christifideles Laici*, de 30 de dezembro de 1988, São João Paulo II destacou que o anúncio do amor de Deus manifestado plenamente em Cristo constitui o coração da evangelização. A fé se dá como resposta a esse amor, quando nos encontramos com Cristo e aderimos à sua pessoa, fazendo da nossa vida também amor:

O homem é amado por Deus! Este é o mais simples e o mais comovente anúncio de que a Igreja é devedora ao homem. A palavra e a vida de cada cristão podem e devem fazer ecoar este anúncio: Deus ama-te, Cristo veio por ti, para ti Cristo é “Caminho, Verdade, Vida” (Jo 14, 6)!

Esta nova evangelização, dirigida, não apenas aos indivíduos mas a inteiras faixas de população, nas suas diversas situações, ambientes e culturas, tem por fim formar comunidades eclesiais maduras, onde, a fé desabroche e realize todo o seu significado originário de *adesão à pessoa de Cristo e ao Seu Evangelho*, de *encontro* e de comunhão sacramental com Ele, de existência vivida na caridade e no serviço (n. 34).

4.2.8 Alocuções entre 1989 e 1991

O serviço da evangelização encontra hoje, segundo o papa, a necessidade de voltar às fontes, ao primeiro anúncio, pois nada pode substituir o encontro pessoal sempre novo que cada fiel tem com Cristo.

É necessário antes de tudo, como vos propusestes em vossas reflexões em preparação à Assembleia, *voltar às fontes*. Evangelizar é proclamar a boa notícia da salvação, anunciar Jesus Cristo que é o Evangelho de Deus.

Voltar às fontes, em nosso caso, é retornar ao próprio manancial da vida em que se nutre “o fervor dos santos”. Por isso é bom escutarmos das primeiras testemunhas do Evangelho o impacto, a novidade e o dinamismo do primeiro anúncio.

Este texto [1Jo 1, 1-3], tão sugestivo, tem a força e o dinamismo da evangelização que é sempre nova: nova, porque *o anúncio de Cristo é uma graça, um dom que vem do Pai e não uma criação nossa*; nova, *pela maravilha que produz o encontro com o mistério de Cristo*, Salvador do mundo, um encontro destinado a cada geração e a cada pessoa; nova, por essa Palavra em que se encerra a riqueza do Evangelho de Deus e responde à indigência fundamental do homem e da humanidade: a Vida.

[...] Se o anúncio da Palavra da Vida está no centro da nova evangelização, *nada pode substituir-se à proclamação de Jesus Cristo e ao encontro pessoal com o seu mistério*: nem as mais perspicazes análises da realidade, nem as mais esmeradas estratégias de apostolado. A nova evangelização tem que colocar o acento nesta apresentação melhorada do mistério de Jesus Cristo, Redentor do homem, porque não só é o único mestre da verdade, mas também o único em quem está a salvação.⁸⁹

⁸⁹ Carta à XV Assembleia Geral Ordinária da Conferência dos Religiosos do Brasil, 11 de julho de 1989.

No Brasil, falando aos jovens, São João Paulo II deixou claro que o convite que ele tinha a fazer era um convite ao encontro com Cristo:

O Papa, queridos amigos, veio hoje convocá-los para um decisivo encontro, e para um empolgante caminho.

Em primeiro lugar, para *um encontro, decisivo, do qual vai depender o significado e a projeção de suas vidas. Vocês já perceberam que quero falar-lhes do seu encontro, cada dia mais pleno e autêntico, com Cristo.*

[...] Ao convocá-los para um autêntico encontro com Cristo, o que lhes peço é isto: *ofereçam a Jesus seus corações abertos de par em par! Abram confiadamente as almas aos tesouros da verdade cristã! Busquem com empenho uma formação, que leve ao amadurecimento da fé! Mantenham a vida totalmente aberta às fontes da graça, que brotam dos Sacramentos! Deixem o coração abrasar-se, como os discípulos de Emaús, (cf. Lc 24, 32) junto de Cristo, pão vivo e palavra de vida. Permitam que Ele viva em vocês, para assim se tornarem capazes de amar o mundo, os homens todos, como Ele os amou (cf. Jo 15, 12-13). [...]*

*O encontro com Cristo será autêntico se vocês souberem permanecer constantes no seu amor (cf. Jo 15, 6-7), se souberem manter-se perseverantes e firmes nos ideais cristãos, a despeito de todos os obstáculos, da forte pressão de um ambiente materializado, de todas as decepções e de todas as fraquezas.*⁹⁰

Para o papa, portanto, é na constância no amor de Cristo – na abertura ao amor que ele nos oferece e na prática desse amor junto ao próximo – que está a autenticidade do encontro com ele.

4.2.9 A encíclica *Redemptoris Missio*

Dedicada a tratar do mandato missionário da Igreja, a encíclica *Redemptoris Missio*, de 7 de dezembro de 1990, também nos ajuda a compreender como João Paulo II concebe a salvação enquanto experiência do amor de Deus.

No documento, o papa explicita que “a salvação consiste em crer e acolher o mistério do Pai e do Seu amor, que se manifesta e oferece em Jesus, por meio do Espírito” (n. 12). Assim, todo homem “é convidado a ‘converter-se’ e a ‘crer’ no amor misericordioso de Deus por ele: o Reino crescerá na medida em que cada homem aprender a dirigir-se a Deus, na intimidade da oração, como a um Pai (cf. Lc 11, 2; Mt 23, 9), e se esforçar por cumprir a Sua vontade (cf. Mt 7, 21)” (n. 13). “Abrir-se ao amor de Cristo é a verdadeira libertação” (n. 11), diz João Paulo II.

⁹⁰ Discurso no encontro com os jovens, Cuiabá, Brasil, 16 de outubro de 1991.

O próprio Jesus viveu a sua missão procurando levar aqueles que encontrava, sobretudo “as vítimas da rejeição e do desprezo”, a uma experiência do amor acolhedor e incondicional de Deus. Jesus fez com que eles pudessem

sentir e viver já uma *experiência de libertação*, estando com eles, partilhando a mesma mesa (cf. Lc 5, 30; 15, 2), tratando-os como iguais e amigos (cf. Lc 7, 34), procurando que *se sentissem amados por Deus*, e revelando deste modo imensa ternura pelos necessitados e pecadores (cf. Lc 15, 1-32) (n. 14).

“*O amor de Jesus envolvia o mais fundo da pessoa: Ele, que ‘sabia o que há em cada homem’ (Jo 2, 25), amava a todos para lhes oferecer a redenção e sofria quando esta era rejeitada*” (n. 89). Assim também o missionário deve ser “uma testemunha da experiência de Deus” (n. 91), ainda mais porque “o homem contemporâneo acredita mais nas testemunhas do que nos mestres (cf. EN 41), mais na experiência do que na doutrina, mais na vida e nos fatos do que nas teorias” (n. 42).

O missionário é o homem da caridade: para poder *anunciar a todo o irmão que Deus o ama* e que ele próprio pode amar, ele terá de usar de caridade para com todos, gastando a vida ao serviço do próximo. Ele é o “irmão universal”, que leva consigo o espírito da Igreja, a sua abertura e amizade por todos os povos e por todos os homens, particularmente pelos mais pequenos e pobres. Como tal, supera as fronteiras e as divisões de raça, casta, ou ideologia: *é sinal do amor de Deus no mundo, que é um amor sem qualquer exclusão nem preferência* (n. 89).

Tendo experimentado verdadeiramente o amor de Deus através do encontro com Cristo, o missionário pode então anunciar o que a Igreja anuncia, ou seja, o amor de Deus. E o próprio amor é a forma fundamental através da qual o amor de Deus é anunciado.

4.2.10 A encíclica *Fides et Ratio*

O encontro com Cristo, que está na origem da fé cristã, volta a ser abordado na encíclica *Fides et Ratio*, de 14 de setembro de 1998:

Na base de toda a reflexão feita pela Igreja, está a consciência de ser depositária duma mensagem, que tem a sua origem no próprio Deus (cf. 2Cor 4, 1-2). O conhecimento que ela propõe ao homem, não provém de uma reflexão sua, nem sequer da mais alta, mas de ter acolhido na fé a palavra de Deus (cf. 1Ts 2, 13). *Na origem do nosso ser crentes existe um encontro*, único no seu gênero, que assinala a abertura de um mistério escondido durante tantos séculos (cf. 1Cor 2, 7; Rm 16, 25-26), mas agora revelado: “Aproveu a Deus, na sua bondade e sabedoria, revelar-Se a Si mesmo e dar a conhecer o mistério da sua vontade (cf. Ef 1, 9), segundo o qual os homens, por meio de Cristo, Verbo encarnado, têm acesso ao Pai no Espírito Santo e se tornam participantes da natureza divina” (DV 2). Trata-se de uma iniciativa completamente gratuita, que parte de Deus e vem ao encontro da humanidade para a salvar. *Enquanto fonte de amor*, Deus deseja dar-Se a conhecer, e o conhecimento

que o homem adquire d'Ele leva à plenitude qualquer outro conhecimento verdadeiro que a sua mente seja capaz de alcançar sobre o sentido da própria existência. (n. 7).

João Paulo II entrelaçou bem várias das noções que apareceram em seu magistério – encontro com Cristo, amor, certeza, resposta à existência – ao evocar os mártires como testemunhas privilegiadas desse encontro:

Com efeito, o mártir é a testemunha mais genuína da verdade da existência. *Ele sabe que, no seu encontro com Jesus Cristo, alcançou a verdade a respeito da sua vida, e nada nem ninguém poderá jamais arrancar-lhe esta certeza.* Nem o sofrimento, nem a morte violenta poderão fazê-lo retroceder da adesão à verdade que descobriu no encontro com Cristo. Por isso mesmo é que, até agora, o testemunho dos mártires atrai, gera consenso, é escutado e seguido. Esta é a razão pela qual se tem confiança na sua palavra: *descobre-se neles a evidência dum amor que não precisa de longas demonstrações para ser convincente, porque fala daquilo que cada um, no mais fundo de si mesmo, já sente como verdadeiro e que há tanto tempo procurava.* Em resumo, o mártir provoca em nós uma profunda confiança, porque diz aquilo que já sentimos e torna evidente aquilo que nós mesmos queríamos ter a força de dizer (n. 32).

A verdade pela qual o mártir oferece a vida não é, pois, uma informação teórica qualquer, desprovida de significado para a experiência do homem, mas é a certeza de ser amado, que lhe foi dada por Jesus Cristo. O mártir não morre por uma ideia, mas por uma pessoa.

4.2.11 A exortação apostólica pós-sinodal *Ecclesia in America*

Um texto muito significativo para o nosso tema é a exortação apostólica pós-sinodal *Ecclesia in America*, publicada em 22 de janeiro de 1999. O próprio cabeçalho do documento diz que a exortação é “sobre o encontro com Jesus Cristo vivo, caminho para a conversão, a comunhão e a solidariedade na América”. De fato, esses três últimos elementos constituem os capítulos III, IV e V da exortação, enquanto o primeiro se intitula, justamente, “O encontro com Jesus Cristo vivo”.

Ali, o papa evoca novamente os diversos encontros com Cristo narrados no Evangelho, como aqueles com a samaritana, com Zaqueu, com Madalena, com os discípulos de Emaús, com Paulo. A partir daí, João Paulo II constata que se tratam tanto de encontros pessoais como de encontros comunitários e elenca três lugares privilegiados de encontro com Cristo, a partir da reflexão dos padres sinodais: a Sagrada Escritura, a Sagrada Liturgia e as pessoas, especialmente os pobres (cf. n. 12).

No decorrer da exortação, sobretudo no capítulo VI, sobre a nova evangelização, alguns trechos chamam a atenção para a importância e os efeitos do encontro com Cristo. Aparece de novo a constatação de que “cresce sempre mais a necessidade que os fiéis passem de uma fé rotineira, sustentada talvez apenas pelo ambiente, a uma fé consciente, vivida pessoalmente” (n. 73). Em outro trecho, João Paulo II recolhe diversos elementos já trabalhados anteriormente, focando-os na fecundidade do encontro com Cristo no que se refere à evangelização e à transformação do mundo:

O encontro com o Senhor gera uma profunda transformação em todos aqueles que não se fecham a Ele. O primeiro impulso que nasce dessa transformação é comunicar aos outros a riqueza descoberta neste encontro. Não se trata apenas de ensinar aquilo de que tivemos conhecimento, mas de fazer também, à semelhança da mulher samaritana, com que os outros encontrem pessoalmente Jesus: “Vinde ver” (Jo 4, 29). O resultado será igual ao que então se verificou no coração dos samaritanos: “Já não é por causa das tuas palavras que acreditamos; nós próprios ouvimos e sabemos que Ele é realmente o Salvador do mundo” (Jo 4, 42). A Igreja, que vive da presença permanente e misteriosa do seu Senhor ressuscitado, tem como centro da sua missão o empenho de “levar todos os homens a encontrar-se com Cristo” (Propositio 2).

Ela é chamada a anunciar que Cristo é verdadeiramente o Vivente, o Filho de Deus, que Se fez homem, morreu e ressuscitou. Ele é o único Salvador de todos os homens e do homem todo e, como Senhor da história, atua continuamente na Igreja e no mundo, por meio do seu Espírito, até ao fim dos séculos. *Esta presença do Ressuscitado na Igreja torna possível o nosso encontro com Ele, graças à ação invisível do seu Espírito vivificante. Aquele encontro realiza-se na fé recebida e vivida na Igreja, o corpo místico de Cristo.* Este, portanto, possui essencialmente uma dimensão eclesial e leva a um compromisso de vida. De fato, “encontrar Cristo vivo significa acolher o amor com que Ele primeiro nos amou, optar por Ele, aderir livremente à sua pessoa e ao seu projeto, que consiste no anúncio e realização do Reino de Deus” (Ibid.) (n. 68).

Volta a ideia de que o anúncio cristão não se reduz à propagação de uma doutrina, mas procura levar o interlocutor a que ele mesmo faça a experiência do encontro com Cristo e do acolhimento de seu amor – experiência que se torna possível através do Espírito Santo, que torna Jesus Ressuscitado presente na Igreja.

4.2.12 A carta apostólica *Novo Millenio Ineunte*

No encerramento do grande Jubileu do ano 2000, São João Paulo II desejou meditar sobre os frutos desse tempo privilegiado de graça na carta apostólica *Novo Millenio Ineunte*, publicada em 6 de janeiro de 2001. No texto, diz que o encontro com Cristo é “o legado do grande Jubileu” – é o título da primeira seção.

Certamente um “rio de água viva”, o mesmo que jorra incessantemente “do trono de Deus e do Cordeiro” (Ap 22,1), inundou a Igreja. É a água do Espírito que sacia e renova (cf. Jo 4,14). *É o amor misericordioso do Pai que uma vez mais nos foi manifestado e oferecido em Cristo.* No termo deste ano, podemos repetir, com renovado júbilo, aquele antigo refrão de ação de graças: “Louvai o Senhor porque Ele é bom, porque é eterna a sua misericórdia” (Sl 118-117,1).

O papa diz que “o cristianismo é graça, é a surpresa de um Deus que, não satisfeito com criar o mundo e o homem, saiu ao encontro da sua criatura e, depois de ter falado muitas vezes e de diversos modos pelos profetas, ‘falou-nos agora, nestes últimos tempos, pelo Filho’ (Hb 1,1-2)” (n. 4). Por isso,

não devemos ter medo que possa constituir ofensa à identidade de outrem aquilo que é, inversamente, anúncio jubiloso de um dom, que se destina a todos e, por conseguinte, há-de ser proposto a todos com o maior respeito da liberdade de cada um: *o dom da revelação do Deus-Amor*, que “amou de tal modo o mundo que lhe deu o seu Filho único” (Jo 3,16) (n. 56).

Assim, quando João Paulo II diz que “quem verdadeiramente encontrou Cristo, não pode guardá-Lo para si; tem de O anunciar” (n. 40), fica claro que o anúncio de Cristo não é outra coisa que o anúncio de que Deus é Amor, é a “misericórdia que salva” (n. 8).

A oração é vista, então, como a experiência pessoal de um “coração verdadeiramente ‘apaixonado’” que se abre ao amor de Deus e, por consequência, ao amor dos irmãos (cf. n. 18.32):

4.2.13 Alocuções entre 1999 e 2005

Nos últimos anos da vida e do pontificado de São João Paulo II, o tema do encontro com Cristo se fez presente repetidamente. Na Carta aos Artistas, por exemplo, ele diz que o conhecimento da fé “supõe um encontro pessoal com Deus em Jesus Cristo.”⁹¹

Remetendo-se ao texto sobre os discípulos de Emaús, o papa destacou que “o desejo de dar testemunho de Jesus brota, no coração dos crentes, do encontro pessoal com Ele.”⁹² Aliás, “o apostolado autêntico exige como condição prévia o encontro pessoal com Jesus vivo, o Senhor (cf. Ap 1, 17-18).”⁹³ Foi o que aconteceu com Maria, que “na sua vida terrena

⁹¹ Carta aos Artistas, n. 6, 4 de abril de 1999.

⁹² Homília na missa de canonização de S. Marcelino Champagnat, S. João Calábria e Sta. Agostina Lúvia Pietrantoni, 18 de abril de 1999. Cf. tb. Homília na Paróquia Romana de S. Gelásio I, 3 de março de 2002.

⁹³ Homília na Celebração da Hora Sexta, Fórum de Zadar, Croácia, 9 de junho de 2003.

soube aprender, pelo encontro com o Senhor, a dialogar com os irmãos e a pôr-se com prontidão ao seu serviço”,⁹⁴ e com os santos:

Eles abriram os seus olhos face aos sinais da presença de Cristo: adoraram-n’O e receberam-n’O na Eucaristia, amaram-n’O nos irmãos mais necessitados, reconheceram os sinais do seu desígnio de salvação nos acontecimentos da existência quotidiana.

Ouviram as palavras de Jesus e cultivaram a sua companhia, sentindo arder dentro do peito o coração. Que fascínio indescritível exerce a misteriosa presença do Senhor em quantos O acolhem! É a experiência dos santos. É a mesma *experiência* espiritual que podemos fazer nós, encaminhados pelas veredas do mundo rumo à pátria celeste. O Ressuscitado também vem ao nosso encontro com a sua Palavra, revelando-nos o seu amor infinito no Sacramento do Pão eucarístico, partido para a salvação da humanidade inteira.⁹⁵

E reafirmou: “Quem, de fato, encontra Cristo na Eucaristia, não pode deixar de proclamar com a vida o amor misericordioso do Redentor.”⁹⁶

Tudo o que foi dito até agora sobre essa experiência de amor fica lido em chave pneumatológica, se identificamos esse amor com a própria pessoa do Espírito Santo, “Aquele graças ao qual fazemos a experiência do amor paterno de Deus”. É o que explicou João Paulo II, tratando de forma mais coesa e clara do que na encíclica *Dominum et Vivificantem* a relação entre experiência de Deus, amor e o Espírito Santo:

O apóstolo João recomenda: “Caríssimos, amemo-nos uns aos outros, porque o amor vem de Deus e todo aquele que ama, nasceu de Deus e O conhece. Aquele que não ama, não conhece a Deus, porque Deus é amor” (1Jo 4, 7-8).

Estas palavras sublimes, enquanto nos revelam *a própria essência de Deus como mistério de caridade infinita*, lançam também as bases sobre as quais se apoia a ética cristã, toda centrada no mandamento do amor. O homem é chamado a amar a Deus com um empenho total e a relacionar-se com os irmãos com uma atitude de amor, inspirado no amor de Deus. *Converter-se significa converter-se ao amor*. [...]

O amor faz-nos entrar plenamente na vida filial de Jesus, tornando-nos filhos no Filho: “Vede com que amor nos amou o Pai, ao querer que fôssemos chamados filhos de Deus. E, de fato, nós o somos! Por isso, o mundo não nos conhece, porque não O conheceu a Ele” (1Jo 3, 1). O amor transforma a vida e ilumina também o nosso conhecimento de Deus, até alcançar aquele conhecimento perfeito de que fala São Paulo: “Hoje conheço de maneira imperfeita; então conhecerei exatamente, como também sou conhecido” (1Cor 13, 12).

Deve-se sublinhar a relação entre conhecimento e amor. *A conversão íntima que o cristianismo propõe é uma autêntica experiência de Deus*, no sentido indicado por Jesus, durante a última Ceia, na oração sacerdotal: “E a vida eterna consiste nisto: que Te conheçam a Ti, por único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a Quem enviaste” (Jo 17, 3). Certamente o conhecimento de Deus tem também uma

⁹⁴ *Angelus*, 1º de janeiro de 2001.

⁹⁵ Homília na missa de canonização de S. Marcelino Champagnat, S. João Calábria e Sta. Agostina Lúvia Pietrantoni, 18 de abril de 1999.

⁹⁶ Mensagem para o Dia Mundial das Missões, 19 de abril de 2004.

dimensão de ordem intelectual (cf. Rm 1, 19-20). Mas *a experiência viva do Pai e do Filho realiza-se no amor, isto é, em última análise, no Espírito Santo*, pois “o amor de Deus foi derramado em nossos corações, pelo Espírito Santo” (Rm 5, 5).

O Paráclito é *Aquele graças ao qual fazemos a experiência do amor paterno de Deus. E o efeito mais consolador da sua presença em nós é precisamente a certeza de que este amor perene e infinito, com que Deus nos amou em primeiro lugar, nunca nos abandonará*: “Quem poderá separar-nos do amor de Cristo?... Porque estou certo que nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem o presente, nem o futuro, nem as potestades, nem a altura, nem a profundidade, nem qualquer outra criatura poderá separar-nos do amor de Deus, que está em Cristo Jesus, Nosso Senhor” (Rm 8, 35.38-39). O coração novo, que ama e conhece, pulsa em sintonia com Deus que ama com amor perene.⁹⁷

O papa especificou que esse encontro de amor com o Senhor requer a atitude de espera vigilante:

Os três apelos de Cristo: “Prestai atenção! Velaí, vigiai!” resumem de modo límpido a expectativa cristã do encontro com o Senhor.

A espera deve ser paciente, como nos adverte São Tiago na sua Carta: “Irmãos, sede pacientes até à vinda do Senhor. Vede como o agricultor espera pacientemente o fruto precioso da terra, até receber a chuva do outono e da primavera. Tende também vós paciência; fortalecei os corações, pois a vinda do Senhor está próxima” (5, 7-8). Para que uma espiga cresça e floresça há tempos que não podem ser forçados; para o nascimento duma criatura humana são necessários nove meses; para compor um livro ou uma música de valor muitas vezes é preciso empenhar anos em paciente pesquisa. Esta é também a lei do espírito. “Tudo aquilo que é frenético / logo passará”, cantava um poeta (R. M. Rilke, *Os sonetos a Orfeu*). Para o encontro com o mistério requerem-se paciência, purificação interior, silêncio, espera.⁹⁸

Além da atitude de escuta, um caminho de “decisões morais autênticas”⁹⁹ também nos prepara para o encontro com o Senhor.

A proposta do encontro pessoal com Cristo, ou, antes, o testemunho desse encontro, é um caminho pastoral sempre válido, como São João Paulo II teve oportunidade de ressaltar falando sobre o carisma do Oratório de São Filipe Néri:

No alvorecer do terceiro milênio cristão, a vossa Assembleia propõe-se ir de novo, sob o aspecto predominantemente pastoral, às fontes do movimento espiritual que tem origem na missão de conduzir sempre o homem ao encontro com Jesus Cristo, “Caminho, Verdade e Vida”, realmente presente na Igreja e “contemporâneo” de cada homem.

Esse encontro, vivido e proposto por São Filipe Néri de modo original e envolvente, *leva a tornar-se homem novo no mistério da Graça*, suscitando na alma aquela “alegria cristã” que constitui o “cêntuplo”, dado por Cristo a quem O acolhe na própria existência. Favorecer um encontro pessoal com Cristo representa também o fundamental “método missionário” do Oratório.

⁹⁷ Audiência Geral, 6 de outubro de 1999.

⁹⁸ Audiência Geral, 26 de julho de 2000.

⁹⁹ Audiência Geral, 4 de fevereiro de 2004.

Ele consiste em “falar ao coração” dos homens para os levar a fazer uma *experiência* do Mestre divino, capaz de transformar a vida. Obtém-se isto sobretudo *testemunhando a beleza de um semelhante encontro, do qual o viver recebe sentido pleno. É necessário propor aos “que estão afastados” não um anúncio teórico, mas a possibilidade de uma existência realmente renovada e por isso repleta de alegria.*

Eis a grande herança recebida do vosso Padre Filipe! Eis uma *via pastoral sempre válida, porque está inscrita na perene experiência cristã!*¹⁰⁰

O próprio batismo é um encontro pessoal com Cristo. Mais tarde, como veremos, o Papa Francisco estabelecerá uma relação entre o encontro existencial com Cristo e o batismo como encontro sacramental com Ele. João Paulo II, a seu tempo, disse a respeito desse sacramento:

Este encontro pessoal e irrepitível regenera, santifica e transforma o ser humano, tornando-o perfeito adorador de Deus e templo vivo do Espírito Santo. O Batismo, ao inserir o discípulo na verdadeira videira que é Cristo, faz dele um ramo capaz de dar fruto. Tornando filho no Filho, ele é herdeiro da felicidade eterna, preparada desde a origem do mundo.

Por conseguinte, *cada Batismo é um acontecimento marcado pelo encontro de amor entre Cristo Senhor e a pessoa humana, no mistério da liberdade e da verdade. É um acontecimento que tem uma dimensão eclesial, como se verifica com qualquer outro sacramento: a incorporação em Cristo significa também a incorporação na Igreja, Esposa do Verbo, Mãe Imaculada e afetuosa.*¹⁰¹

Ainda, o encontro com Cristo produz um “novo modo de ver”, tema que Bento XVI deixará cada vez mais claro e que a encíclica *Lumen Fidei*, de Francisco, terá como ponto central. São João Paulo II disse:

O encontro pessoal com Cristo ilumina a vida com uma nova luz, orienta-nos pelo bom caminho e leva-nos a ser suas testemunhas. O novo modo de ver o mundo e as pessoas, que d’Ele nos vem, faz-nos penetrar mais profundamente no mistério da fé, que não é simplesmente um conjunto de enunciados teóricos para serem acolhidos e ratificados pela inteligência, mas *uma experiência a assimilar*, uma verdade a ser vivida, o sal e a luz de toda a realidade (cf. VS 88).¹⁰²

A relação entre o encontro com Cristo e o serviço ao próximo encontra seu eixo nesse olhar novo que a experiência de intimidade com o Senhor nos proporciona:

É necessário e urgente ajudar a encontrar Cristo, para que Ele se torne a razão última da vida e da ação, inclusivamente do homem contemporâneo. Esta experiência de fé gera um olhar novo sobre a realidade, uma responsabilidade e uma criatividade, que

¹⁰⁰ Discurso aos participantes do congresso geral da Confederação dos Oratórios de S. Filipe Néri, 5 de outubro de 2000.

¹⁰¹ Carta Apostólica por ocasião do 1700º aniversário do batismo do povo armênio, 2 de fevereiro de 2001.

¹⁰² Mensagem para a XVII Jornada Mundial da Juventude, 25 de julho de 2001.

dizem respeito a todo o âmbito da existência: da atividade de trabalho às relações familiares, do compromisso social à animação do ambiente cultural e político.¹⁰³

O homem que “nunca se cansa de procurar” encontra uma resposta que satisfaz no “encontro com Aquele que é a fonte do seu ser e do seu agir”:

Marcados pelo dom da fé, pelo encontro com o Redentor, os crentes são chamados a tornarem-se eco do acontecimento de Cristo, a serem eles próprios “acontecimento”.

O cristianismo, antes de ser um conjunto de doutrinas ou uma regra para a salvação, é por conseguinte o “acontecimento” de um encontro. [...]

É preciso voltar para Cristo, Verbo de Deus encarnado para salvação da humanidade. Jesus de Nazaré, que viveu a experiência humana como mais ninguém o poderia fazer, coloca-se como meta de qualquer aspiração humana. Só n’Ele o homem pode chegar a conhecer-se plenamente a si próprio.

Desta forma, *a fé apresenta-se como uma autêntica aventura do conhecimento, não sendo um tema abstrato, nem um vago sentimento religioso, mas um encontro pessoal com Cristo, que dá um sentido novo à vida. [...]* Unicamente no Filho unigênito do Pai o homem pode encontrar uma resposta plena e definitiva às suas expectativas íntimas e fundamentais.¹⁰⁴

O encontro com o Senhor é também alívio para o oprimido (cf. Mt 11, 28): “O cansaço e o desânimo de quem se sente oprimido, fraco e indefeso descobrem alívio no encontro de fé com o Senhor, porque Ele carrega com as nossas dores e misérias mais profundas, fazendo renascer o vigor e a esperança para continuar a viver.”¹⁰⁵

O papa não deixou de recordar ainda que a Festa da Apresentação do Senhor no Templo é chamada no Oriente de “Festa do Encontro”, “porque, no espaço sagrado do Templo de Jerusalém, tem lugar o abraço entre a bondade de Deus e a expectativa do povo eleito”. Maria é, dessa maneira, “modelo daqueles que esperam e abrem com docilidade o coração para o encontro com o Senhor”.¹⁰⁶

O encontro pessoal, com Cristo, é, enfim, para São João Paulo II, “a resposta plena e definitiva às expectativas mais profundas do coração humano”,¹⁰⁷ ou seja, à expectativa de um amor que não passa. Foi o que ele quis expressar em seu último texto, escrito para o *Regina Coeli* do dia seguinte ao da sua morte – Domingo da Divina Misericórdia – e lido

¹⁰³ Carta ao fundador do movimento Comunhão e Libertação, Monsenhor Luigi Giussani, 20 de abril de 2004.

¹⁰⁴ Mensagem a Monsenhor Luigi Giussani pelo XX aniversário do reconhecimento da Fraternidade de Comunhão e Libertação, 11 de fevereiro de 2002.

¹⁰⁵ Discurso aos participantes na missão diocesana para os fiéis da América Latina residentes em Roma, 13 de abril de 2002.

¹⁰⁶ Homília na Festa da Apresentação do Senhor no templo, 1º de fevereiro de 2003.

¹⁰⁷ Carta por ocasião das solenes exéquias de Monsenhor Luigi Giussani, 22 de fevereiro de 2005.

postumamente, apontando “o imenso mistério deste amor misericordioso que sai do Coração de Cristo”:

À humanidade, que no momento parece desfalecida e dominada pelo poder do mal, do egoísmo e do medo, *o Senhor ressuscitado oferece como dom o seu amor* que perdoa, reconcilia e abre novamente o ânimo à esperança. Quanta necessidade tem o mundo de compreender e de acolher a Divina Misericórdia!

Senhor, que com a tua morte e ressurreição *revelas o amor do Pai*, nós cremos em Ti e com confiança te repetimos no dia de hoje: Jesus eu confio em Ti, tem misericórdia de nós e do mundo inteiro.¹⁰⁸

4.3 CONSIDERAÇÕES

Cristo como resposta que sacia plenamente o coração humano: não restam dúvidas de que esse foi o cerne da pregação de São João Paulo II enquanto exerceu o ministério petrino. Além disso, ele mostrou que a chave para compreender isso é o amor – como escreveu na sua juventude: “O amor explicou-me todas as coisas / O amor resolveu-me tudo”. O encontro pessoal com Cristo preenche o coração humano porque é um encontro de amor – um amor fiável, testemunhado pela comunidade de fé, a Igreja, que recebeu o testemunho ocular dos apóstolos.

É verdade, porém, que há certa falta de coesão se olharmos o seu ensinamento como um todo – resultado, talvez, do próprio volume de discursos e documentos e do uso extensivo de *ghost writers* em sua redação, mas também dos limites do modo como respondeu ao contexto de sua época. Em sua preocupação por manter a integridade da fé em meio aos riscos que ela parecia correr no pós-concílio, João Paulo II manteve lado a lado interpretações teológicas antigas, mas pouco capazes de se fazerem compreender pelo homem moderno, e leituras mais contemporâneas, que levavam mais em conta a dimensão antropológica e experiencial do ato de fé.

Ainda assim, no magistério de João Paulo II já encontramos todos os elementos que perfazem, por assim dizer, o querigma que o magistério pontifício pós-conciliar anuncia. Seus sucessores aprofundarão as relações entre esses elementos e permitirão mais largamente que esse anúncio central de fato alimente e molde todo o ensinamento e a prática da Igreja. Mas os elementos fundamentais já estão presentes no magistério de João Paulo II.

São eles: o ponto de partida antropológico, que se manifesta quando o papa fala das expectativas do coração humano, isto é, o desejo de ser amado; a centralidade do anúncio de

¹⁰⁸ *Regina Coeli*, 3 de abril de 2005.

Deus que é Amor e Misericórdia; Jesus Cristo como aquele que é capaz de responder plenamente às aspirações do homem, porque a sua pessoa é a Revelação de Deus; a salvação entendida ultimamente como experiência de um amor que é fiável e não passa; a Igreja como testemunha que assegura a verdade do amor; o encontro com Cristo como experiência originária da caridade cristã que fecunda a sociedade e a evangelização.

Ademais, João Paulo II se esforçou por indicar os lugares de encontro com Cristo. A oração, disse ele, “consiste num encontro pessoal com Aquele que é o único caminho para nos conduzir ao Pai.”¹⁰⁹ A leitura orante das Escrituras pode se constituir num “encontro vital” com a “palavra viva que interpela, orienta, plasma a existência” (NMI 39). Já a confissão é oportunidade de experimentar “um encontro pessoal com o Deus de misericórdia”, “a grande alegria de encontrar Cristo num encontro de amor, misericórdia e perdão”.¹¹⁰ A Eucaristia é “momento privilegiado de encontro com Jesus Cristo vivo”.¹¹¹ O papa reconheceu, aliás, que “só no último século foi prestada atenção aos aspectos do sacramento inadvertidos no decurso dos séculos, por exemplo à sua dimensão eclesial e ao encontro pessoal com Cristo”.¹¹² Outro lugar de encontro a não ser descurado são “as pessoas, especialmente os pobres, com os quais Cristo se identifica” (EAm 12). E também “a fábrica, o escritório, a biblioteca, o laboratório, a oficina, as paredes da casa” – ou seja, as ocupações do dia-a-dia – “podem transformar-se em outros tantos lugares de encontro com o Senhor”.¹¹³

Certamente, a formação de São João Paulo II contribuiu para que ele desse um aporte original ao magistério pontifício. Sua sensibilidade artística, sua profundidade filosófica e sua larga experiência pastoral com os jovens permitiram que ele desenvolvesse, dentro de seus limites e dos limites de seu tempo, um ensinamento cada vez mais consciente da centralidade do querigma e da dimensão antropológica e experiencial da fé e, por isso, mais capaz de falar ao homem de hoje.

¹⁰⁹ Homília no IV centenário da morte de Sta. Teresa de Jesus, Ávila, Espanha, 1º de novembro de 1982.

¹¹⁰ Discurso aos bispos da II região dos Estados Unidos em visita *ad limina*, 15 de abril de 1983.

¹¹¹ Discurso aos bispos da conferência episcopal de El Salvador em visita *ad limina*, 23 de novembro de 2001. Ver tb. Discurso às Irmãs Carmelitas Missionárias Teresianas, 9 de novembro de 2004.

¹¹² Audiência geral, 8 de setembro de 1982.

¹¹³ Discursos aos participantes no congresso do Opus Dei pelo centenário de nascimento do Beato Josemaria Escrivá, 12 de janeiro de 2002.

5 BENTO XVI

5.1 VIDA, CONTEXTO E PONTIFICADO

Suceder a alguém que tinha permanecido 26 anos na sé de Roma e que tinha se tornado “o papa” por antonomásia para algumas gerações não parecia uma tarefa fácil. A escolha dos cardeais recaiu sobre um colaborador de longa data de São João Paulo II, o teólogo Joseph Ratzinger. Nascido em Marktl-am-Inn, na Bavária, em 16 de abril de 1927, Ratzinger havia recém-completado 78 anos de idade – a eleição se deu em 19 de abril de 2005 –, o que fez dele o homem mais velho a ser eleito papa nos últimos 275 anos.

Bento XVI foi o último papa que participou do Concílio Vaticano II: Ratzinger ainda não era bispo na década de 1960, mas tomou parte na assembleia conciliar como perito do cardeal Josef Frings, arcebispo de Colônia. Pouco depois do concílio, publicou duas de suas principais obras, *Introdução ao cristianismo* (1968) e *O novo povo de Deus* (1969). Foi nomeado arcebispo de Munique e Freising em maio de 1977 e criado cardeal apenas um mês depois. Antes de completar cinco anos à frente da arquidiocese, São João Paulo II o nomeou prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé, serviço que exerceu até a morte de seu predecessor. Devido a isso, foi o responsável por coordenar a redação do *Catecismo da Igreja Católica* (1992) e de seu *Compêndio* (2005).

Durante o seu magistério, o Papa Bento procurou servir a Igreja a partir do seu carisma de teólogo, apontando para as questões centrais da fé e traduzindo-as para o homem de hoje. Como sabemos, ele foi o primeiro papa a renunciar ao ministério petrino em quase 600 anos – e o primeiro em toda a história da Igreja a fazê-lo alegando a fragilidade da velhice. Bento anunciou sua renúncia em 11 de fevereiro de 2013 e a efetivou no dia 28 do mesmo mês. Como papa emérito, vive hoje na residência Mater Ecclesiae, no Vaticano.

5.2 DESENVOLVIMENTO DA TEMÁTICA

5.2.1 O início do pontificado

“Não é o poder que redime, mas o amor! Este é o sinal de Deus: Ele mesmo é amor”, ressaltava o Papa Bento já em sua primeira homilia. “Só onde se vê Deus, começa verdadeiramente a vida. Só quando encontramos em Cristo o Deus vivo, conhecemos o que é

a vida”, disse ele, dando ainda a chave de leitura para compreender afirmações como essa: em Jesus, tocamos o amor de Deus:

Não somos o produto casual e sem sentido da evolução. Cada um de nós é o fruto de um pensamento de Deus. *Cada um de nós é querido, cada um de nós é amado, cada um é necessário.* Não há nada mais belo do que ser alcançados, surpreendidos pelo Evangelho, por Cristo.¹¹⁴

Duas semanas depois, na Basílica do Latrão, o papa deixou claro que tudo na Igreja deve ser pautado pelo amor, que é o centro da sua vida:

Presidir na doutrina e presidir no amor, no final, devem ser uma só coisa: *toda a doutrina da Igreja, no final, conduz ao amor.* E a Eucaristia, *enquanto amor presente de Jesus Cristo, é o critério de qualquer doutrina.* Do amor dependem a Lei e os Profetas (cf. Mt 22, 40). O amor é o cumprimento da lei, escrevia São Paulo aos Romanos (13, 10).¹¹⁵

Daí a ênfase no cristocentrismo: em Jesus, esse amor se torna palpável. Antes ainda de completar um mês como papa, Bento XVI já apontava para uma das suas principais influências, o teólogo Romano Guardini, autor de *A essência do cristianismo* (1939). Referindo-se “ao cristocentrismo, à necessidade de que a nossa fé seja sempre alimentada com o encontro pessoal com Cristo, por uma amizade pessoal com Jesus”, o papa afirmou:

Romano Guardini, há setenta anos, disse justamente que a essência do Cristianismo não é uma ideia mas uma Pessoa. Grandes teólogos tinham tentado descrever as ideias fundamentais constitutivas do Cristianismo. Mas o Cristianismo que tinham delineado no final demonstrava-se não ser convincente. Porque o Cristianismo é, em primeiro lugar, um Acontecimento, uma Pessoa. E na Pessoa depois encontramos a riqueza dos conteúdos. Isto é importante.¹¹⁶

Várias vezes durante o seu pontificado, Bento XVI retomará a afirmação de que a fé cristã é fé numa pessoa. A experiência de encontro com essa pessoa, portanto, é insubstituível e é a ela que deve levar toda a ação pastoral:

Unicamente o conhecimento dos conteúdos da fé jamais substitui a experiência do encontro pessoal com o Senhor. A catequese nas paróquias e o ensino da religião e da moral nas escolas de inspiração cristã, assim como o testemunho vivo de quantos O encontraram e O transmitem, com a finalidade de suscitar o desejo de O seguir e servir com todo o coração e alma, devem favorecer esta experiência de conhecimento e de encontro com Cristo.¹¹⁷

¹¹⁴ Homilia na celebração eucarística para o início do ministério petrino do bispo de Roma, 24 de abril de 2005. Como sempre, os grifos são nossos em todas as citações, exceto quando especificado.

¹¹⁵ Homilia na celebração eucarística na Basílica de São João de Latrão, 7 de maio de 2005.

¹¹⁶ Discurso ao clero da Diocese de Roma, Basílica de São João de Latrão, 13 de maio de 2005.

¹¹⁷ Discurso ao primeiro grupo de bispos da Conferência Episcopal do México por ocasião da visita *ad limina*, 8 de setembro de 2005.

Essa pessoa, Jesus, é fundamental porque nos explicita o imenso amor de Deus por nós. É a essa questão – coração da fé cristã – que Bento dedicou a sua primeira encíclica.

5.2.2 A encíclica *Deus Caritas Est*

O início da encíclica *Deus Caritas Est*, datada de 25 de dezembro de 2005, é de grande importância para o nosso tema. Ali, pontos-chave que já haviam sido apontados por João Paulo II aparecem bem relacionados e insistentemente sublinhados – e num texto com a autoridade doutrinal singular de uma encíclica.

“Deus é amor, e quem permanece no amor permanece em Deus e Deus nele” (1Jo 4, 16). Estas palavras da Primeira Carta de João exprimem, com singular clareza, o centro da fé cristã: a imagem cristã de Deus e também a conseqüente imagem do homem e do seu caminho. Além disso, no mesmo versículo, João oferece-nos, por assim dizer, uma fórmula sintética da existência cristã: “Nós conhecemos e cremos no amor que Deus nos tem”.

Nós cremos no amor de Deus – deste modo pode o cristão exprimir a opção fundamental da sua vida. Ao início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, o rumo decisivo (n. 1).

Com essas palavras, o Papa Bento deixou claro que o centro da fé cristã é o anúncio de Deus que é Amor. Crer em Deus e crer no Amor são uma só coisa. A fé e o amor tem uma relação tão estreita porque a fé cristã é fé no Amor, pois o conteúdo da Revelação é o amor inigualável de Deus. Sendo experiência de amor, o ser cristão só pode se originar do encontro com uma pessoa – com aquela pessoa que me revela esse amor, que me ama pessoalmente com um amor sem limites.

Aquela abordagem antropológica que vimos nos predecessores de Bento XVI, sobretudo em São João Paulo II, é mantida na *Deus Caritas Est*, já que o papa alemão fez questão de ressaltar ali que o amor que Deus nos oferece não é uma realidade estranha à nossa experiência. A primeira parte da encíclica intitula-se justamente “A unidade do amor na criação e na história da salvação”. Bento dedicou várias páginas da encíclica a tratar especificamente das várias dimensões do amor humano, concluindo que “a fé bíblica não constrói um mundo paralelo ou um mundo contraposto àquele fenômeno humano originário que é o amor, mas aceita o homem por inteiro intervindo na sua busca de amor para purificá-la, desvendando-lhe ao mesmo tempo novas dimensões” (n. 8).

Ele aponta justamente que a novidade da fé bíblica está tanto no anúncio da unicidade de Deus quanto no anúncio de que Deus ama o ser humano. Aliás, como o Profeta Oseias dá a entender, é precisamente em sua misericórdia que Deus manifesta a sua divindade:

O *eros* de Deus pelo homem – como dissemos – é ao mesmo tempo totalmente *agape*. E não só porque é dado de maneira totalmente gratuita, sem mérito algum precedente, mas também porque é amor que perdoa. Sobretudo Oseias mostra-nos a dimensão da *agape* no amor de Deus pelo homem, que supera largamente o aspecto da gratuidade. Israel cometeu “adultério”, rompeu a Aliança; Deus deveria julgá-lo e repudiá-lo. Mas *precisamente aqui se revela que Deus é Deus*, e não homem: “Como te abandonarei, ó Efraim? Entregar-te-ei, ó Israel? O meu coração dá voltas dentro de mim, comove-se a minha compaixão. Não desafogarei o furor da minha cólera, não destruirei Efraim; porque sou Deus e não um homem, sou Santo no meio de ti” (Os 11, 8-9). O *amor apaixonado* de Deus pelo seu povo – pelo homem – é ao mesmo tempo um amor que perdoa. E é tão grande, que chega a virar Deus contra Si próprio, o seu amor contra a sua justiça. Nisto, o cristão vê já esboçar-se veladamente o mistério da Cruz: *Deus ama tanto o homem que, tendo-Se feito Ele próprio homem, segue-o até à morte e, deste modo, reconcilia justiça e amor* (n. 10).

É na própria pessoa de Jesus, portanto, que está a novidade do Novo Testamento, na medida em que Ele torna plenamente palpável e concreto aquele amor divino já manifestado no Antigo Testamento.

A verdadeira novidade do Novo Testamento não reside em novas ideias, mas *na própria figura de Cristo*, que dá carne e sangue aos conceitos – um incrível realismo. Já no Antigo Testamento a novidade bíblica não consistia simplesmente em noções abstratas, mas na ação imprevisível e, de certa forma, inaudita de Deus. Esta ação de Deus ganha agora a sua forma dramática devido ao fato de que, em Jesus Cristo, *o próprio Deus vai atrás da “ovelha perdida”, a humanidade sofredora e transviada*. Quando Jesus fala, nas suas parábolas, do pastor que vai atrás da ovelha perdida, da mulher que procura a dracma, do pai que sai ao encontro do filho pródigo e o abraça, não se trata apenas de palavras, mas constituem *a explicação do seu próprio ser e agir*. Na sua morte de cruz, cumpre-se aquele virar-se de Deus contra Si próprio, com o qual Ele Se entrega para levantar o homem e salvá-lo – *o amor na sua forma mais radical*. O olhar fixo no lado trespassado de Cristo, de que fala João (cf. 19, 37), compreende o que serviu de ponto de partida a esta Carta Encíclica: “Deus é amor” (1 Jo 4, 8). É lá que esta verdade pode ser contemplada (n. 12).

Ver a fé cristã a partir desse seu coração tem consequências importantes no modo de conceber a moral cristã. A ideia de “mandamento”, no sentido que a palavra tem, fica ao mesmo tempo relativizada e superada: “Dado que Deus foi o primeiro a amar-nos (cf. 1Jo 4, 10), agora o amor já não é apenas um ‘mandamento’, mas é a resposta ao dom do amor com que Deus vem ao nosso encontro” (n. 1). A unidade entre amor de Deus e amor ao próximo é um dos refrões da encíclica. Mais: no cristianismo, “fé, culto e *ethos* compenetraram-se mutuamente como uma única realidade que se configura no encontro com a *agape* de Deus. Aqui, a habitual contraposição entre culto e ética simplesmente desaparece” (n. 14).

Isso se dá porque o culto cristão, a Eucaristia, é a presença duradoura daquele ato de oferta amorosa que foi a entrega de Jesus. Logo, por sua própria natureza, o culto cristão não pode contradizer o amor; na verdade, ele mesmo realiza a comunhão de amor entre os fiéis, fazendo deles “um só corpo” (cf. 1Cor 10, 17). “No próprio “culto”, na comunhão eucarística, está contido o ser amado e o amar, por sua vez, os outros. Uma Eucaristia que não se traduza em amor concretamente vivido é em si mesma fragmentária” (n. 14).

A unidade entre amor a Deus e amor ao próximo é ressaltada, ainda, na parábola do juízo final (cf. Mt 25, 31-46), “onde o amor se torna o critério para a decisão definitiva sobre o valor ou a inutilidade duma vida humana. [...] Amor a Deus e amor ao próximo fundem-se num todo: no mais pequenino, encontramos o próprio Jesus e, em Jesus, encontramos Deus” (n. 15).

O amor experimentado no encontro com Deus transforma-se em amor doado ao próximo à medida que arrasta consigo a vontade e o intelecto, ou seja, o homem todo, conduzindo-o a uma comunhão de pensamento, sentimento e vontade com Deus.

É próprio da maturidade do amor abranger todas as potencialidades do homem e incluir, por assim dizer, o homem na sua totalidade. *O encontro com as manifestações visíveis do amor de Deus pode suscitar em nós o sentimento da alegria, que nasce da experiência de ser amados. Tal encontro, porém, chama em causa também a nossa vontade e o nosso intelecto.* O reconhecimento do Deus vivo é um caminho para o amor, e o sim da nossa vontade à d’Ele une intelecto, vontade e sentimento no ato globalizante do amor. Mas isto é um processo que permanece continuamente em caminho: o amor nunca está “concluído” e completado; transforma-se ao longo da vida, amadurece e, por isso mesmo, permanece fiel a si próprio. *Idem velle atque idem nolle*¹¹⁸ – querer a mesma coisa e rejeitar a mesma coisa é, segundo os antigos, *o autêntico conteúdo do amor: um tornar-se semelhante ao outro, que leva à união do querer e do pensar.* A história do amor entre Deus e o homem consiste precisamente no fato de que esta comunhão de vontade cresce em comunhão de pensamento e de sentimento e, assim, o nosso querer e a vontade de Deus coincidem cada vez mais: *a vontade de Deus deixa de ser para mim uma vontade estranha que me impõem de fora os mandamentos, mas é a minha própria vontade, baseada na experiência de que realmente Deus é mais íntimo a mim mesmo de quanto o seja eu próprio.*¹¹⁹ Cresce então o abandono em Deus, e Deus torna-Se a nossa alegria (cf. Sl 73/72, 23-28) (n. 17).

É somente a partir dessa comunhão, que me faz enxergar a partir do olhar de Jesus Cristo, que se torna possível o agir cristão, ou seja, o amor. A exposição de Bento XVI está longe de qualquer moralismo ou legalismo.

Para além do aspecto exterior do outro, dou-me conta da sua expectativa interior de um gesto de amor, de atenção, que eu não lhe faço chegar somente através das organizações que disso se ocupam, aceitando-o talvez por necessidade política. *Eu vejo com os olhos de Cristo* e posso dar ao outro muito mais do que as coisas

¹¹⁸ SALÚSTIO. *De coniuratione Catilinae*, XX, 4.

¹¹⁹ Cf. SANTO AGOSTINHO. *Confissões*, III, 6, 11.

externamente necessárias: posso dar-lhe o olhar de amor de que ele precisa. [...] Se na minha vida falta totalmente o contato com Deus, posso ver no outro sempre e apenas o outro e não consigo reconhecer nele a imagem divina. Mas, se na minha vida negligencio completamente a atenção ao outro, importando-me apenas com ser “piedoso” e cumprir os meus “deveres religiosos”, então definha também a relação com Deus. [...] *Amor a Deus e amor ao próximo são inseparáveis, constituem um único mandamento. Mas, ambos vivem do amor proveniente com que Deus nos amou primeiro.* Deste modo, já não se trata de um “mandamento” que do exterior nos impõe o impossível, mas de *uma experiência do amor proporcionada do interior*, um amor que, por sua natureza, deve ser ulteriormente comunicado aos outros. O amor cresce através do amor (n. 18).

O papa o repetiu ao afirmar que é necessária uma “formação do coração” para os agentes das organizações caritativas da Igreja: é preciso levá-los “àquele encontro com Deus em Cristo que neles suscite o amor e abra o seu íntimo ao outro de tal modo que, para eles, o amor do próximo já não seja um mandamento por assim dizer imposto de fora, mas uma consequência resultante da sua fé que se torna operativa pelo amor (cf. Gl 5, 6)” (n. 31). E voltou a sublinhar: “O projeto do cristão – o projeto do bom samaritano, o projeto de Jesus – é ‘um coração que vê’. Este coração vê onde há necessidade de amor, e atua em consequência” (n. 31). As pessoas que realizam ações caritativas em nome da Igreja

não se devem inspirar nas ideologias do melhoramento do mundo, mas deixarem-se guiar pela fé que atua pelo amor (cf. Gl 5, 6). Por isso, devem ser pessoas movidas antes de mais nada pelo amor de Cristo, *peças cujo coração Cristo conquistou com o seu amor, nele despertando o amor ao próximo.* O critério inspirador da sua ação deveria ser a afirmação presente na Segunda Carta aos Coríntios: “O amor de Cristo nos constrange” (5, 14). A consciência de que, n’Ele, o próprio Deus Se entregou por nós até à morte, deve induzir-nos a viver não mais para nós mesmos, mas para Ele e, com Ele, para os outros (n. 33).

Tudo isso é realizado pelo Espírito Santo, infundido nos fiéis como “força interior que harmoniza seus corações com o coração de Cristo e leva-os a amar os irmãos como Ele os amou” (n. 19).

Enfim, as consequências de se colocar no centro da compreensão da Revelação a identificação entre Deus e o amor são expressas claramente por Bento XVI:

Quem realiza a caridade em nome da Igreja, nunca procurará impor aos outros a fé da Igreja. Sabe que *o amor, na sua pureza e gratuidade, é o melhor testemunho do Deus em que acreditamos e pelo qual somos impelidos a amar.* O cristão sabe quando é tempo de falar de Deus e quando é justo não o fazer, deixando falar somente o amor. Sabe que Deus é amor (cf. 1Jo 4, 8) e *torna-Se presente precisamente nos momentos em que nada mais se faz a não ser amar.* Sabe – voltando às questões anteriores – que *o vilipêndio do amor é vilipêndio de Deus e do homem, é a tentativa de prescindir de Deus.* Consequentemente, *a melhor defesa de Deus e do homem consiste precisamente no amor* (n. 31).

5.2.3 Alocuções entre 2006 e 2007

Na paróquia romana que tem o significativo título de Deus Pai Misericordioso, Bento XVI voltou a falar do amor de Deus manifestado na vida de Jesus – e sobretudo na sua crucificação:

Se toda a missão histórica de Jesus é *sinal eloquente do amor de Deus*, a sua morte é um sinal completamente singular, na qual se expressou de modo total a ternura redentora de Deus. Sempre, mas de modo particular neste tempo quaresmal, no centro da nossa meditação deve portanto estar a Cruz; nela contemplamos a glória do Senhor que resplandece no corpo martirizado de Jesus. *Precisamente nesta doação total de si sobressai a grandeza de Deus, sobressai o seu ser amor*. É a glória do Crucificado que cada cristão está chamado a compreender, a viver e a testemunhar com a sua existência. A Cruz – a doação de si mesmo por parte do Filho de Deus – é, definitivamente, o *“sinal” por excelência que nos foi dado para compreender a verdade do homem e a verdade de Deus*: todos nós fomos criados e remidos por um Deus que por amor imolou o seu único Filho. [...]

Quantos, também no nosso tempo, andam à procura de Deus, à procura de Jesus e da sua Igreja, à procura da misericórdia divina, e aguardam um “sinal” que toque a sua mente e o seu coração! Hoje como naquela época o evangelista recorda-nos que o único “sinal” é Jesus elevado na Cruz: Jesus morto e ressuscitado é o sinal absolutamente suficiente. Nele podemos compreender a verdade da vida e obter a salvação. *Este é o anúncio central da Igreja, que permanece inalterável nos séculos. Por conseguinte, a fé cristã não é ideologia, mas encontro pessoal com Cristo crucificado e ressuscitado. Desta experiência, que é individual e comunitária, brota um novo modo de pensar e de agir: tem origem, como testemunham os santos, uma existência marcada pelo amor.*¹²⁰

Poucos meses depois, o papa voltou a reafirmar que é no encontro com Cristo que nos tornamos capazes de oferecer amor ao próximo. E não só: desse encontro, que se prolonga em uma amizade, depende a nossa felicidade:

Também para cada um de vós, como aconteceu com os Apóstolos, o encontro pessoal com o Mestre divino que vos chama amigos (cf. Jo 15, 15) pode ser o início de uma aventura extraordinária: tornar-vos apóstolos entre os vossos coetâneos, para os levar a fazer a vossa mesma *experiência de amizade* com o Deus que se fez Homem. Fazer a vossa mesma experiência com Deus feito Homem, com Deus que se fez meu amigo. Nunca vos esqueçais, queridos jovens, que *do encontro e da amizade com Jesus depende, no fim de contas, a vossa e a nossa felicidade*.

[...] É necessário que considereis Jesus como um dos vossos amigos mais queridos, antes, como o primeiro. Então vereis como a amizade com Ele vos conduzirá a abrir-vos aos outros, que considerareis como irmãos, estabelecendo com todos um relacionamento de amizade sincera. Jesus Cristo, de fato, é precisamente “o amor encarnado de Deus” (cf. DCE 12), e *só n’Ele é possível encontrar a força para oferecer aos irmãos afeto humano e caridade sobrenatural*, num espírito de serviço que se manifesta sobretudo na compreensão.¹²¹

¹²⁰ Homilia na Paróquia Romana de Deus Pai Misericordioso, 26 de março de 2006.

¹²¹ Discurso aos participantes do UNIV, 10 de abril de 2006.

Por que a nossa felicidade depende do encontro com Cristo? Porque o homem sente dentro de si uma necessidade de Deus, que Bento identificou com a necessidade de ser verdadeiramente amado – e é precisamente isso que Jesus nos traz: “Só a partir d’Ele, da sua vitória sobre o pecado e sobre a morte, é possível *responder à necessidade fundamental do homem, que é necessidade de Deus*, não de um Deus distante e genérico mas do Deus que em Jesus Cristo se manifestou como *o amor que salva*.”¹²² Por isso, a fé tem a dimensão “de se confiar a uma pessoa – não a uma pessoa ordinária, mas a Cristo. É importante aquilo em que cremos, mas ainda mais importante é aquele em quem cremos.”¹²³ Fica evidente aí a superação de qualquer oposição entre *fides qua* e *fides quae*, a fé de entrega pessoal e a fé enquanto conteúdo a ser crido.

Como centro do anúncio cristão, o tema do encontro com Cristo, sempre visto como encontro com Aquele que nos revela o amor apaixonado de Deus por nós, foi sublinhado repetidamente por Bento XVI em seus discursos a congressos pastorais. Se a pastoral da Igreja não anuncia e torna presente esse amor gratuito e misericordioso, não cumpre sua missão, que é a de levar as pessoas a experimentá-lo e a viver dessa experiência:

Precisamente nesta situação todos nós temos necessidade, e sobretudo as nossas crianças, adolescentes e jovens têm necessidade, de viver a fé como alegria, de saborear aquela serenidade profunda que *nasce do encontro com o Senhor*. [...] *A fonte da alegria cristã é esta certeza de sermos amados por Deus, amados pessoalmente pelo nosso Criador, por Aquele que tem nas suas mãos o universo inteiro e que ama cada um de nós e toda a grande família humana com um amor apaixonado e fiel, um amor maior que as nossas infidelidades e pecados, um amor que perdoa*. [...]

Queridos irmãos e irmãs, esta certeza e esta alegria de ser amados por Deus deve tornar-se de qualquer forma *palpável e concreta* para cada um de nós, e sobretudo para as jovens gerações que estão a entrar no mundo da fé. Por outras palavras: Jesus disse que era o “caminho” que conduz ao Pai, além de ser a “verdade” e a “vida” (cf. Jo 14, 5-7). Portanto, a pergunta é: como podem as nossas crianças e os nossos jovens encontrar n’Ele, *na prática e na existência*, este caminho de salvação e de alegria? *É precisamente esta a grande missão para a qual a Igreja existe*, como família de Deus e companhia de amigos na qual somos inseridos com o Batismo já desde pequeninos e na qual deve crescer a nossa fé e a alegria e a *certeza de sermos amados pelo Senhor*.¹²⁴

O Papa Bento não se cansará de pôr em evidência o nexo entre o amor recebido de Deus e a nossa resposta a ele através do amor a Deus e ao próximo: “Aquele que sabe que é amado sente-se por sua vez solicitado a amar. Precisamente assim o Senhor, que nos amou primeiro, nos pede para pôr por nossa vez no centro da nossa vida o amor por Ele e pelos

¹²² Discurso aos membros da Conferência Episcopal Italiana reunidos para a 56ª assembleia, 18 de maio de 2006.

¹²³ Homília durante a concelebração eucarística no Parque de Błonia, Cracóvia, 28 de maio de 2006.

¹²⁴ Discurso aos participantes no Congresso Eclesial da Diocese de Roma, Basílica de São João de Latrão, 5 de junho de 2006.

homens que Ele amou.”¹²⁵ Como em sua primeira encíclica, ele ressaltou que a compreensão cristã do amor está relacionada a experiência humana do amor, à “grande questão do amor”, tão central para o homem que o cristianismo se veria “desencarnado” se a ignorasse:

Em toda a obra educativa, na formação do homem e do cristão, não devemos portanto, por receio ou por embaraço, deixar de lado *a grande questão do amor*: se o fizéssemos apresentaríamos *um cristianismo desencarnado*, que não pode interessar seriamente o jovem que se abre à vida. Mas também devemos introduzir a dimensão integral do amor cristão, onde *amor a Deus e amor ao homem estão indissolivelmente unidos* e onde o amor ao próximo é um compromisso concreto como nunca. O cristão não se contenta com palavras, e nem sequer com ideologias enganadoras, mas vai ao encontro das necessidades do irmão pondo-se verdadeiramente em jogo, sem se contentar com qualquer boa ação ocasional.¹²⁶

A fé é o estabelecimento de um vínculo de intensa amizade com Deus, que é a Verdade mesma e, por isso, essa amizade não pode ser menos do que o fundamento da vida inteira. Em todas as dimensões da nossa vida pode-se encontrar o Deus de Jesus Cristo, mas existe um espaço que não deve ser descurado se se trata de entrar em uma comunhão cada vez mais íntima e total com Ele: a oração.

A fé, que é um ato humano muito pessoal, permanece uma escolha da nossa liberdade, que também pode ser recusada. Mas aqui resalta uma segunda dimensão da fé, *a de se confiar a uma pessoa: não a uma pessoa qualquer, mas a Jesus Cristo, e ao Pai que O enviou*. Crer significa estabelecer um vínculo muito pessoal com o nosso Criador e Redentor, em virtude do Espírito Santo que age nos nossos corações, e fazer deste vínculo o fundamento de toda a vida. De fato, Jesus Cristo “é a Verdade feita Pessoa, que atrai o mundo para si... Qualquer outra verdade é um fragmento da Verdade que Ele é e remete para Ele.”¹²⁷ Assim Ele enche o nosso coração, dilata-o e enche-o de alegria, estimula a nossa inteligência para horizontes inexplorados, oferece à nossa liberdade o seu ponto de referência decisivo, aliviando-a das angústias do egoísmo e tornando-a *capaz de amor autêntico*.

[...] Falamos da *fé como encontro com Aquele que é Verdade e Amor*. Também vimos que se trata de um encontro ao mesmo tempo comunitário e pessoal, que deve ter lugar em todas as dimensões da nossa vida, através do exercício da inteligência, das escolhas da liberdade, do serviço do amor.

Mas existe um espaço privilegiado no qual este encontro se realiza de modo mais direto, se fortalece e se aprofunda, e torna-se assim verdadeiramente capaz de penetrar e caracterizar toda a existência: este espaço é a oração.¹²⁸

Em uma celebração ecumênica, Bento XVI afirmou que “ser testemunha de Jesus Cristo significa sobretudo ser testemunha de um determinado modo de viver”, em que a fé se

¹²⁵ Ibid.

¹²⁶ Ibid.

¹²⁷ Discurso à Congregação para a Doutrina da Fé, 10 de fevereiro de 2006.

¹²⁸ Discurso aos participantes no Congresso Eclesial da Diocese de Roma, Basílica de São João de Latrão, 5 de junho de 2006.

manifesta como “força do amor”. “Não podemos talvez constatar hoje, que somente mediante o encontro com Jesus Cristo a vida se torna verdadeiramente tal?”¹²⁹

Esse encontro se realiza na misericórdia de Deus, para a qual nos abrimos reconhecendo a nossa miséria: “A fé é um caminho de iluminação: parte da humildade de se reconhecer necessitados de salvação e chega ao encontro pessoal com Cristo, que chama a segui-l’O pelo caminho do amor.”¹³⁰ Na pessoa de Jesus, que não é apenas “um grande profeta”, mas o rosto do próprio Deus, encontramos um Deus que ama e perdoa: esse rosto é o rosto da misericórdia – tema evidentemente retomado pelo Papa Francisco, que em 2015 dará esse título à bula de proclamação do Jubileu da Misericórdia. Disse o Papa Bento:

É necessário voltar para Deus Criador, para o Deus que é a razão criadora, e depois encontrar Cristo, que é o Rosto vivo de Deus. Digamos que aqui existe uma reciprocidade. Por um lado, *o encontro com Jesus, com esta figura humana, histórica, real; ajuda-me pouco a pouco a conhecer Deus; e por outro, conhecer Deus ajuda-me a compreender a grandeza do mistério de Cristo, que é o Rosto de Deus*. Somente se conseguirmos compreender que Jesus não é um grande profeta, uma das personalidades religiosas do mundo, mas o Rosto de Deus, é Deus, então teremos descoberto a grandeza de Cristo e encontrado quem é Deus. Deus não é apenas uma sombra distante, a *Causa prima*, mas *tem um Rosto: é o Rosto da misericórdia, o Rosto do perdão e do amor, o Rosto do encontro conosco*. Portanto, estes dois temas compenetraram-se reciprocamente e devem caminhar sempre juntos.¹³¹

Como é que se vê que aconteceu de verdade o encontro com Cristo? À luz de tudo o que foi dito até agora sobre o amor derramado nesse encontro e o novo olhar que ele nos confere, a resposta a essa pergunta fica clara: “A verdadeira contemplação demonstra-se nas obras da caridade. Portanto, o sinal de que verdadeiramente rezamos, de que tivemos o encontro com Cristo, é que somos ‘para os outros’”.¹³² Em outras palavras, “abater as barreiras entre o Senhor e nós” caminha junto com abater “as que nos separam uns dos outros”.¹³³ Tudo isso não é nenhuma novidade, se lembrarmos que a Primeira Carta de São João – que ensina que é mentiroso aquele que diz que ama a Deus mas odeia o seu irmão (cf. 4, 20) – é a grande referência do Papa Bento nessa temática.

Ser “para os outros” é o que define a existência de Jesus e, portanto, deve definir a do cristão. “A Páscoa constitui o coração do cristianismo”, sublinhou o papa, e por isso, “para cada crente e cada comunidade eclesial é importante o encontro com Jesus Cristo crucificado

¹²⁹ Homilia na celebração ecumênica na Catedral de Regensburg, 12 de setembro de 2006.

¹³⁰ *Angelus*, 29 de outubro de 2006.

¹³¹ Discurso no encontro com o clero de Roma no início da Quaresma, Sala das Bênçãos, 22 de fevereiro de 2007.

¹³² *Ibid.* Cf. tb. Homilia, Esplanada do Aeroporto de Friburgo, 25 de setembro de 2011.

¹³³ Discurso aos bispos da Conferência Episcopal Regional do Norte da África em visita *ad limina*, 9 de junho de 2007.

e ressuscitado. Sem esta experiência pessoal e comunitária, sem uma íntima amizade com Jesus, a fé permanece superficial e estéril.”¹³⁴

Esse encontro é, por isso, o acontecimento originário da missão evangelizadora da comunidade cristã. “A evangelização da pessoa e das comunidades humanas depende, absolutamente, da existência ou não deste encontro com Jesus Cristo.”¹³⁵ O encontro com Cristo transforma a vida toda em testemunho, em missão:

Animo-vos a perseverar no caminho empreendido, deixando-vos guiar pelos vossos Pastores, colaborando com eles na tarefa entusiasmante de fazer chegar aos vossos coetâneos a ventura indescritível de *saber que se é amado por Deus, o único amor que nunca falha nem termina*. Não deixeis de cultivar vós mesmos o encontro pessoal com Cristo, de o ter sempre no centro do vosso coração, porque assim toda a vossa vida se converterá em missão; deixareis transparecer Cristo que vive em vós.¹³⁶

Por isso, não basta a transmissão teórica dos conteúdos da fé. Se o cristianismo é o encontro com uma pessoa, não se pode ignorar que não é possível conhecer uma pessoa apenas através de teorias – ainda mais porque esse encontro desabrocha em uma amizade e uma comunhão que abrangem o homem todo: trata-se de ter até os mesmos sentimentos de Cristo:

Ser discípulos de Cristo o que significa? Pois bem, significa em primeiro lugar: chegar a conhecê-lo. Como acontece isto? É um convite a ouvi-lo do modo como Ele nos fala no texto da Sagrada Escritura, como se dirige a nós e vem ao nosso encontro na comum oração da Igreja, nos Sacramentos e no testemunho dos santos. *Nunca se pode conhecer Cristo apenas teoricamente*. Com grande doutrina pode-se conhecer tudo sobre as Sagradas Escrituras, sem nunca O ter encontrado. É parte integrante do fato de O conhecer, caminhar juntamente com Ele, entrar nos seus sentimentos, como diz a Carta aos Filipenses (2, 5). Paulo descreve brevemente estes sentimentos do seguinte modo: ter o mesmo amor, formar juntos uma só alma (*sýmpsychoi*), estar de acordo, não agir por rivalidade nem vanglória, não tendo cada um por finalidade apenas os próprios interesses, mas também os dos outros (2, 2-4). *A catequese nunca pode ser apenas um ensinamento intelectual, deve tornar-se sempre também um exercitar-se na comunhão de vida com Cristo, um exercitar-se na humildade, na justiça e no amor*. Só assim caminhamos com Jesus Cristo pelo seu caminho, só assim se abrem os olhos do nosso coração; só assim aprendemos a compreender a Escritura e nos encontramos com Ele. *O encontro com Jesus Cristo exige escuta, exige a resposta na oração e em praticar o que Ele nos diz*. Com o conhecimento de Cristo chegamos ao conhecimento de Deus, e só a partir de Deus compreendemos o homem e o mundo, um mundo que de outra forma permanece uma pergunta sem sentido.¹³⁷

¹³⁴ Discurso no final do concerto *Resurrexi* oferecido pela Conferência Episcopal Italiana, 23 de maio de 2007.

¹³⁵ Discurso aos bispos da Conferência Episcopal Portuguesa em visita *ad limina*, 10 de novembro de 2007.

¹³⁶ Discurso aos participantes da “Missão Jovem” promovida pelas dioceses da Província Eclesiástica de Madri, Castelgandolfo, 9 de agosto de 2007.

¹³⁷ Discurso à Cúria Romana para os votos de Natal, Sala Clementina, 21 de dezembro de 2007.

5.2.4 A encíclica *Spe Salvi*

Em 30 de novembro de 2007, Bento XVI assinou sua segunda encíclica, em que continuou a sua pregação sobre o coração do cristianismo a partir das virtudes teologais. A *Spe Salvi* é uma encíclica sobre a esperança e, portanto, sobre a redenção. Nela, o papa deixou claro o que entende por “ser redimido”. O início do documento já coloca a questão:

“Spe salvi facti sumus” – é na esperança que fomos salvos: diz São Paulo aos Romanos e a nós também (Rm 8, 24). A “redenção”, a salvação, segundo a fé cristã, não é um simples dado de fato. *A redenção é-nos oferecida no sentido que nos foi dada a esperança, uma esperança fidedigna*, graças à qual podemos enfrentar o nosso tempo presente: o presente, ainda que custoso, pode ser vivido e aceite, se levar a uma meta e se pudermos estar seguros desta meta, se esta meta for tão grande que justifique a canseira do caminho. E imediatamente se levanta a questão: *mas de que gênero é uma tal esperança para poder justificar a afirmação segundo a qual a partir dela, e simplesmente porque ela existe, nós fomos redimidos?* E de que tipo de certeza se trata? (n. 1)

Assim como, em outros lugares, Bento colocou em evidência que a ligação entre fé e amor é tão estreita que, ao fim, parecem ser uma coisa só, na *Spe Salvi* ele sublinhou a proximidade entre fé e esperança, afirmando que em várias passagens bíblicas os termos são intercambiáveis. O argumento do papa parte de São Paulo, que afirma que se vive sem esperança enquanto não se encontra Cristo (cf. Ef 2, 12; 1Ts 4, 13).

Aparece aqui também como elemento distintivo dos cristãos o fato de estes terem um futuro: não é que conheçam em detalhe o que os espera, mas sabem em termos gerais que a sua vida não acaba no vazio. Somente quando o futuro é certo como realidade positiva, é que se torna vivível também o presente. Sendo assim, podemos agora dizer: o cristianismo não era apenas uma “boa nova”, ou seja, uma comunicação de conteúdos até então ignorados. Em linguagem atual, dir-se-ia: *a mensagem cristã não era só “informativa”, mas “performativa”*. Significa isto que o Evangelho não é apenas uma comunicação de realidades que se podem saber, mas uma comunicação que gera fatos e muda a vida. A porta tenebrosa do tempo, do futuro, foi aberta de par em par. Quem tem esperança, vive diversamente; foi-lhe dada uma vida nova (n. 2).

No que diz respeito à temática do encontro com Cristo, a compreensão aqui expressa por Bento XVI é bem relevante: pode-se encontrar Jesus Cristo porque o anúncio de seu nome não é meramente informativo, mas performativo. Na palavra anunciada, pode-se verdadeiramente encontrar a própria Palavra encarnada e experimentar o seu amor. A questão central, então, é:

Em que consiste esta esperança que, enquanto esperança, é “redenção”? Pois bem, o núcleo da resposta encontra-se no trecho da Carta aos Efésios já citado: os efésios, antes do encontro com Cristo, estavam sem esperança, porque estavam “sem Deus

no mundo”. Chegar a conhecer Deus, o verdadeiro Deus: isto significa receber esperança (n. 3).

Para que a resposta ficasse mais clara, o Papa Bento recorreu ao exemplo de uma santa muito querida a ele: a sudanesa Josefina Bakhita (ca. 1869-1947).

Aos nove anos de idade foi raptada pelos traficantes de escravos, espancada barbaramente e vendida cinco vezes nos mercados do Sudão. Por último, acabou escrava ao serviço da mãe e da esposa de um general, onde era diariamente seviciada até ao sangue; resultado disso mesmo foram as 144 cicatrizes que lhe ficaram para toda a vida. Finalmente, em 1882, foi comprada por um comerciante italiano para o cônsul Callisto Legnani que, ante a avançada dos mahdistas, voltou para a Itália. Aqui, depois de “patrões” tão terríveis que a tiveram como sua propriedade até agora, Bakhita acabou por conhecer um “patrão” totalmente diferente – no dialeto veneziano que agora tinha aprendido, chamava “paron” ao Deus vivo, ao Deus de Jesus Cristo. Até então só tinha conhecido patrões que a desprezavam e maltratavam ou, na melhor das hipóteses, a consideravam uma escrava útil. Mas agora ouvia dizer que existe um “paron” acima de todos os patrões, o Senhor de todos os senhores, e que este Senhor é bom, a bondade em pessoa. Soube que este Senhor também a conhecia, tinha-a criado; mais ainda, amava-a. Também ela era amada, e precisamente pelo “Paron” supremo, diante do qual todos os outros patrões não passam de miseráveis servos. *Ela era conhecida, amada e esperada*; mais ainda, este Patrão tinha enfrentado pessoalmente o destino de ser flagelado e agora estava à espera dela “à direita de Deus Pai”. *Agora ela tinha “esperança”; já não aquela pequena esperança de achar patrões menos cruéis, mas a grande esperança: eu sou definitivamente amada e aconteça o que acontecer, eu sou esperada por este Amor. Assim a minha vida é boa. Mediante o conhecimento desta esperança, ela estava “redimida”, já não se sentia escrava, mas uma livre filha de Deus. Entendia aquilo que Paulo queria dizer quando lembrava aos efésios que, antes, estavam sem esperança e sem Deus no mundo: sem esperança porque sem Deus (n. 3).*

Quando Bakhita conheceu o Amor, foi redimida. A redenção consiste precisamente em conhecer Deus que me ama, me espera e me deseja apaixonadamente. Passo a ver a minha vida e a vivê-la de maneira totalmente nova quando me dou conta desse amor – sou filho, sou livre, sou amado. A redenção é “a libertação recebida através do encontro com o Deus de Jesus Cristo” (n. 3). Novamente, Jesus Cristo é o ponto focal de toda a fé, pois a sua pessoa, de modo singular em sua morte e ressurreição, revela que o amor de Deus por nós não tem limites nem condições. Se até a vida de Jesus de Nazaré, o amor revelado por Deus na história da salvação não estava suficientemente claro, nele esse amor se torna plenamente fiável – e se existe um amor assim, que se dirige pessoalmente a mim, então minha vida está redimida. Deus entregou o seu Filho, nada reservando para si, para ganhar a nossa resposta de amor confiante.

Não é a ciência que redime o homem. *O homem é redimido pelo amor*. Isto vale já no âmbito deste mundo. Quando alguém experimenta na sua vida um grande amor, conhece um momento de “redenção” que dá um sentido novo à sua vida. Mas, rapidamente se dará conta também de que o amor que lhe foi dado não resolve, por si só, o problema da sua vida. É um amor que permanece frágil. Pode ser destruído

pela morte. *O ser humano necessita do amor incondicionado*. Precisa daquela certeza que o faz exclamar: “Nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem o presente, nem o futuro, nem as potestades, nem a altura, nem a profundidade, nem qualquer outra criatura poderá separar-nos do amor de Deus, que está em Cristo Jesus, nosso Senhor” (Rm 8, 38-39). *Se existe este amor absoluto com a sua certeza absoluta, então – e somente então – o homem está “redimido”, independentemente do que lhe possa acontecer naquela circunstância. É isto o que se entende, quando afirmamos: Jesus Cristo “redimiu-nos”*. Através d’Ele tornamos seguros de Deus – de um Deus que não constitui uma remota “causa primeira” do mundo, porque o seu Filho unigênito fez-Se homem e d’Ele pode cada um dizer: “Vivo na fé do Filho de Deus, que me amou e Se entregou a Si mesmo por mim” (Gl 2,20) (n. 26).

Aqui fica clara a relação estreita que há entre fé, esperança e caridade, que são indissociáveis. A fé, que é fé no amor, “é substância da esperança” (n. 10). Além disso, sendo inserção na vida de Cristo – que, como vimos, se caracteriza como existência “para os outros” – essa compreensão da vivência da fé, da esperança e da caridade não dá margem para o individualismo, pois a salvação só pode ser experimentada comunitariamente (cf. n. 13-15.28-29).

5.2.5 Alocuções entre 2008 e 2011

A expressão comunitária da fé, no magistério de Bento XVI, sempre caminha lado a lado com o ato pessoal e subjetivo de adesão a Cristo. Com Jesus, de fato, “*a fé toma a forma de encontro com uma Pessoa à qual se confia a própria vida*. Cristo Jesus continua hoje presente, na história, no seu corpo que é a Igreja; por isso, o ato da nossa fé é um ato simultaneamente pessoal e eclesial.”¹³⁸ Mesmo num contexto difícil como o da crise da Igreja na Irlanda, devido aos casos de pedofilia cometidos pelo clero, o papa quis reafirmar que a comunidade cristã permanece o lugar do encontro com Cristo – mas a confiança deve ser posta nele:

Todos estamos escandalizados com os pecados e as falências de alguns membros da Igreja, sobretudo de quantos foram escolhidos de modo especial para guiar e servir os jovens. Mas é na Igreja que encontrareis Jesus Cristo que é o mesmo ontem, hoje e sempre (cf. Hb 13, 8). *Ele ama-vos e ofereceu-se a si próprio na Cruz por vós. Procurai uma relação pessoal com ele na comunhão da sua Igreja, porque ele nunca trairá a vossa confiança! Só ele pode satisfazer as vossas expectativas mais profundas e conferir às vossas vidas o seu significado mais pleno orientando-as para o serviço ao próximo. Mantende o olhar fixo em Jesus e na sua bondade e protegei no vosso coração a chama da fé. [...]*

¹³⁸ Exortação apostólica pós-sinodal *Verbum Domini*, n. 25, 30 de setembro de 2009.

A experiência que um jovem faz da Igreja deveria dar sempre fruto num encontro pessoal e vivificante com Jesus Cristo numa comunidade que ama e que oferece alimento.¹³⁹

Bento XVI sempre reafirmou que o “encontro pessoal e íntimo com o Senhor [...] é o começo de uma autêntica vida cristã.”¹⁴⁰ “A vida cristã caracteriza-se essencialmente pelo encontro com Jesus Cristo que nos chama a segui-Lo” (VD 72). Esse encontro é “a experiência originária do cristianismo.”¹⁴¹ “É do encontro com Ele que brota aquela ‘novidade do coração’, capaz de dar uma orientação nova à existência pessoal; e só assim nos tornamos fermento e levedura de uma sociedade vivificada pelo amor evangélico.”¹⁴² Ademais, Bento estava convicto de que o cerne da crise da Igreja na Europa é a crise da fé: “Se não encontrarmos uma resposta para esta crise, ou seja, se a fé não ganhar de novo vitalidade, tornando-se uma convicção profunda e uma força real graças ao encontro com Jesus Cristo, permanecerão ineficazes todas as outras reformas.”¹⁴³ Daí a sua insistência no convite a uma experiência viva com Cristo:

Gostaria que todos os jovens, quer os que compartilham a nossa fé em Jesus Cristo, quer todos os que hesitam, que estão na dúvida ou não creem n’Ele, possam viver *esta experiência, que pode ser decisiva para a vida: a experiência do Senhor Jesus ressuscitado e vivo e do seu amor por todos nós.* [...]

O próprio Jesus apresenta-se como nossa vida (cf. Jo 14, 6). Por isso *a fé cristã não é só crer em verdades, mas é antes de tudo uma relação pessoal com Jesus Cristo, é o encontro com o Filho de Deus, que dá a toda a existência um novo dinamismo.* Quando entramos em relação pessoal com Ele, Cristo revela-nos a nossa identidade e, na sua amizade, a vida cresce e realiza-se em plenitude.¹⁴⁴

Aliás, Bento nunca perdeu de vista que todas essas afirmações são possíveis porque Jesus é quem revela Deus-Amor:

O homem tem necessidade de ser libertado das opressões materiais, mas deve ser salvo, e mais profundamente, dos males que afligem o seu espírito. *E quem pode salvá-lo, a não ser Deus, que é Amor e revelou o seu rosto de Pai todo-poderoso e misericordioso em Jesus Cristo?* Portanto, a nossa esperança sólida é Jesus Cristo: *nele, Deus amou-nos até ao extremo*, e ofereceu-nos a vida em abundância (cf. Jo 10, 10), aquela vida que cada pessoa, por vezes até mesmo inconscientemente, aspira a possuir. [...] Podemos acaso permanecer indiferentes diante do seu amor?¹⁴⁵

¹³⁹ Carta aos católicos na Irlanda, 19 de março de 2010.

¹⁴⁰ Discurso aos bispos de Honduras em visita *ad limina*, 26 de junho de 2008.

¹⁴¹ Discurso na Assembleia do II Congresso Eclesial Regional, Basílica de Aquileia, 7 de maio de 2011.

¹⁴² Discurso aos participantes do primeiro Encontro Europeu de Estudantes Universitários, Sala das Bênçãos, 11 de julho de 2009.

¹⁴³ Discurso à Cúria Romana para os votos de Natal, Sala Clementina, 22 de dezembro de 2011.

¹⁴⁴ Mensagem para a XXVI Jornada Mundial da Juventude, 6 de agosto de 2010.

¹⁴⁵ Homília na Santa Missa no Aeroporto Tuřany de Brno, República Tcheca, 27 de setembro de 2009.

Muito significativa é a resposta do Papa Bento quando, em um encontro em Roma, um jovem lhe perguntou: “O Evangelho disse-nos que Jesus fitou aquele jovem e o amou. Santo Padre, o que significa ser fitados com amor por Jesus; como podemos fazer também nós hoje esta experiência? Mas é de veras possível viver esta experiência também nesta vida de hoje?”

Naturalmente diria que sim, porque o Senhor está sempre presente e olha para cada um de nós com amor. Mas nós devemos procurar este olhar e encontrar-nos com ele. Como fazer? *Diria que o primeiro ponto para nos encontrarmos com Jesus, para fazer a experiência do seu amor, é conhecê-lo.* Conhecer Jesus implica diversos caminhos. A primeira condição é conhecer a figura de Jesus como nos é mostrada nos Evangelhos, que nos dão um retrato muito rico da figura de Jesus, nas grandes parábolas, pensemos no filho pródigo, no samaritano, em Lázaro, etc. Em todas as parábolas, em todas as suas palavras, no sermão da montanha, encontramos realmente o rosto de Jesus, o rosto de Deus até à cruz onde, por amor a nós, se entrega totalmente até à morte e pode, no final, dizer “Nas tuas mãos, ó Pai, entrego a Minha vida, a Minha alma” (cf. Lc 23, 46).

Portanto: conhecer, meditar Jesus juntamente com os amigos, com a Igreja e conhecer Jesus não só de modo acadêmico, teórico, mas com o coração, ou seja, falar com Jesus na oração. *Não se pode conhecer uma pessoa do mesmo modo como posso estudar a matemática. Para a matemática é necessário e suficiente a razão, mas para conhecer uma pessoa, antes de tudo, a grande pessoa de Jesus, Deus e homem, é necessário a razão mas, ao mesmo tempo, também o coração.* Só com a abertura do coração a ele, só com o conhecimento do conjunto de quanto disse e de quanto fez, com o nosso amor, com o nosso ir em sua direção, podemos a pouco e pouco *conhecê-lo cada vez mais e assim fazer também a experiência de ser amados.* Então: ouvir a Palavra de Jesus, ouvi-la na comunhão da Igreja, na sua grande experiência e responder com a nossa oração, com o nosso diálogo pessoal com Jesus, com o qual lhe dizemos o que não podemos compreender, as nossas necessidades e as nossas perguntas. Num diálogo verdadeiro, podemos encontrar cada vez mais este caminho do conhecimento, que se torna amor. Naturalmente não só pensar, não só rezar, mas também fazer é uma parte do caminho rumo a Jesus: fazer coisas boas, empenhar-se pelo próximo. Há diversos caminhos; cada um conhece as próprias possibilidades, na paróquia e nas comunidades em que vive, para se empenhar também com Cristo e pelo próximo, pela vitalidade da Igreja, para que a fé seja verdadeiramente força formativa do nosso ambiente, e deste modo do nosso tempo. Por conseguinte, *diria estes elementos: ouvir, responder, entrar na comunidade crente, comunhão com Cristo nos sacramentos, onde se doa a nós, quer na Eucaristia, quer na Confissão, etc. e, finalmente, fazer, realizar as palavras da fé de modo que se tornem a força da minha vida e assim aparece também a mim o olhar de Jesus e o seu amor ajuda-me, transforma-me.*¹⁴⁶

Não foi, certamente, a única ocasião em que Bento XVI elencou lugares de encontro com Cristo. Recorrentemente ele citava os sacramentos – principalmente a eucaristia e a confissão – e os necessitados como “lugares” onde se pode tocar Cristo, como “sinais do seu amor”:

Também nós temos a possibilidade de ter um contato sensível com Jesus, meter, por assim dizer, a mão nos sinais da sua Paixão, os sinais do seu amor: nos Sacramentos Ele torna-se particularmente próximo de nós, doa-se a nós. Queridos jovens,

¹⁴⁶ Diálogo no encontro com jovens de Roma e do Lácio em preparação à Jornada Mundial da Juventude, 25 de março de 2010.

aprendei a “ver”, a “encontrar” Jesus na Eucaristia, onde está presente e próximo até se fazer alimento para o nosso caminho; no Sacramento da Penitência, no qual o Senhor manifesta a sua misericórdia ao oferecer-nos sempre o seu perdão. Reconheci e servi Jesus também nos pobres, nos doentes, nos irmãos que estão em dificuldade e precisam de ajuda.¹⁴⁷

Segundo Bento, na confissão o que é central é “o encontro pessoal com Deus, Pai de bondade e de misericórdia.”¹⁴⁸ Já a *lectio divina* “é verdadeiramente capaz não só de desvendar ao fiel o tesouro da Palavra de Deus, mas também de criar o encontro com Cristo, Palavra divina viva” (VD 30). A atitude da adoração, por sua vez, é o próprio toque no “amor corpóreo de Deus por nós”:

Deus é, sem dúvida, onipresente; mas a presença corpórea de Cristo ressuscitado constitui algo mais, constitui algo de novo. O Ressuscitado entra no meio de nós. E então não podemos senão dizer como o apóstolo Tomé: Meu Senhor e meu Deus! A adoração é, antes de mais nada, um ato de fé; o ato de fé como tal. Deus não é uma hipótese qualquer, possível ou impossível, sobre a origem do universo. Ele está ali. E se Ele está presente, prostro-me diante d’Ele. Então a razão, a vontade e o coração abrem-se para Ele, a partir d’Ele. *Em Cristo ressuscitado, está presente Deus feito homem, que sofreu por nós porque nos ama. Entramos nesta certeza do amor corpóreo de Deus por nós, e fazemo-lo amando com Ele.* Isto é adoração, e isto confere depois um cunho próprio à minha vida. E só assim posso celebrar convenientemente a Eucaristia e receber devidamente o Corpo do Senhor.¹⁴⁹

É a experiência do amor de Deus manifestado em Jesus Cristo que nos leva a testemunhar o Evangelho, anúncio cujo coração é o amor imenso de Deus por cada pessoa. Foi o que aconteceu com Santa Maria Madalena e São Paulo:

Em toda a parte, o Senhor envia-nos como suas testemunhas. Mas só o podemos ser a partir e em referência contínua com a *experiência pascal*, a que Maria de Magdala expressa anunciando aos outros discípulos: “Vi o Senhor” (Jo 20, 18). *Neste encontro pessoal com o Ressuscitado estão o fundamento inabalável e o conteúdo central da nossa fé, a nascente fresca e inexaurível da nossa esperança, o dinamismo fervoroso da nossa caridade.* Assim a nossa própria vida cristã coincidirá plenamente com o anúncio: “Cristo Senhor ressuscitou verdadeiramente”. Por isso, deixemo-nos conquistar pelo fascínio da Ressurreição de Cristo.¹⁵⁰

Note-se aí como o papa sublinhou o nexa entre o encontro pessoal com Cristo e a vida de fé, esperança e caridade. Quanto a Paulo,

foi completamente subjugado por este encontro com o Senhor, e toda a sua vida foi transformada. Ele tornou-se um discípulo e chegou a tornar-se um grande apóstolo e missionário. [...]

¹⁴⁷ Mensagem para a XXVI Jornada Mundial da Juventude, 6 de agosto de 2010.

¹⁴⁸ Discurso aos participantes no curso sobre o foro interno organizado pela Penitenciária Apostólica, 7 de março de 2008.

¹⁴⁹ Discurso à Cúria Romana para os votos de Natal, Sala Clementina, 22 de dezembro de 2011.

¹⁵⁰ Audiência geral, 7 de abril de 2010.

Cada encontro pessoal com Jesus é uma arrebatadora experiência de amor. Precedentemente, como o próprio Paulo admite, ele tinha “perseguido com excesso a Igreja de Deus, procurando assolá-la” (cf. Gl 1, 13). Contudo, o ódio e a ira expressas naquelas palavras foram completamente eliminadas pelo poder do amor de Cristo. Pelo resto da sua vida, Paulo teve o desejo ardente de levar o anúncio deste amor até aos confins da terra.

[...] Mas o cristão é chamado a transmitir *a mensagem saudável do Evangelho a todos. Deus ama cada indivíduo deste mundo, aliás, Ele ama cada pessoa de cada época da história do mundo.* Na morte e na ressurreição de Jesus, que se torna presente cada vez que celebramos a Missa, Ele oferece a vida em abundância a todas estas pessoas. *Como cristãos, somos chamados a manifestar o amor de Deus que compreende todos.* Por isso, temos que socorrer o pobre, o fraco e o marginalizado; temos que ter um cuidado especial por aqueles que estão em dificuldade, que padecem a depressão ou a ansiedade; temos que cuidar do portador de deficiência e fazer tudo aquilo que podemos para promover a sua dignidade e qualidade de vida; deveríamos prestar atenção às necessidades dos imigrantes e daqueles que procuram asilo nas nossas terras; deveríamos estender a mão com amizade aos crentes e não-crentes. Esta é a nobre vocação de amor e de serviço que todos nós recebemos. Permitti que isto vos leve a dedicar as vossas vidas ao seguimento de Cristo. Não tenhais medo de ser amigos íntimos de Cristo!¹⁵¹

O Papa Bento voltou outras vezes a reiterar que o cristão testemunha o amor recebido de Deus no encontro com Cristo amando os mais frágeis:

A missão prioritária que o Senhor vos confia hoje, renovados pelo encontro pessoal com Ele, consiste em dar testemunho do amor de Deus pelo homem. Sois chamados a fazê-lo antes de tudo com as obras do amor e as opções de vida em benefício das pessoas concretas, a partir das mais débeis, frágeis, indefesas e não autossuficientes, como os pobres, os idosos, os doentes, os portadores de deficiência, aquelas pessoas que São Paulo denomina os membros mais frágeis do corpo eclesial (cf. 1Cor 12, 15-27).¹⁵²

Trata-se daquele contínuo refrão da unidade entre o amor a Deus e o amor ao próximo: “Declarando que o segundo mandamento é semelhante ao primeiro, Jesus deixa entender que a caridade para com o próximo *é tão importante* quanto o amor a Deus”, disse Bento. “Com efeito, o sinal visível que o cristão pode mostrar para testemunhar ao mundo o amor a Deus é o amor aos irmãos.”¹⁵³

Esse amor que recebemos de Deus e que transmitimos ao próximo é identificado com a própria pessoa do Espírito Santo, como São João Paulo II já havia feito:

Quem se confia a Jesus experimenta já nesta vida a paz e a alegria do coração, que o mundo não pode dar, e nem sequer pode tirar, uma vez que foi Deus quem no-las concedeu. Portanto, vale a pena deixar-se tocar pelo fogo do Espírito Santo! A dor que nos causa é necessária para a nossa transformação. É a realidade da cruz: não é por acaso que, na linguagem de Jesus, o “fogo” é sobretudo uma representação do

¹⁵¹ Discurso no encontro com os jovens, Cais do Porto Grande, La Valleta, Malta, 18 de abril de 2010.

¹⁵² Discurso na Assembleia do II Congresso Eclesial Regional, Basílica de Aquileia, 7 de maio de 2011.

¹⁵³ Homilia na canonização de Guido Maria Conforti, Luís Guanella e Bonifácia Rodríguez de Castro, Praça de São Pedro, 26 de outubro de 2011.

mistério da cruz, sem o qual o cristianismo não existe. Por isso, iluminados e confortados por estas palavras de vida, elevemos a nossa invocação: Vinde, Espírito Santo! Ateai em nós o fogo do vosso amor! *Sabemos que esta é uma oração audaz, com a qual pedimos para ser tocados pela chama de Deus; mas sabemos sobretudo que esta chama – e só ela – tem o poder de nos salvar. [...] Temos necessidade do fogo do Espírito Santo, porque só o Amor redime. Amém!*¹⁵⁴

Assim como aconteceu com seu predecessor, os encontros com jovens são momentos privilegiados de anúncio do querigma da parte do Papa Bento, como atestam estas ocasiões:

Caros jovens, é precisamente na abertura à verdade inteira acerca de nós, de nós mesmos e do mundo, que entrevemos a iniciativa de Deus no que se nos refere. *Ele vem ao encontro de cada homem e lhe faz conhecer o mistério do seu amor.* No Senhor Jesus, que morreu e ressuscitou por nós, e que nos infundiu o Espírito Santo, tornamo-nos mesmo partícipes da vida do próprio Deus, pertencemos à família de Deus. Nele, em Cristo, podeis encontrar as respostas às interrogações que acompanham o vosso caminho, não de modo superficial e fácil, mas caminhando com Jesus, vivendo com Jesus. *O encontro com Cristo não se resolve na adesão a uma doutrina, a uma filosofia, mas aquilo que Ele vos propõe consiste em compartilhar a sua própria vida e deste modo aprender a viver, aprender o que é o homem, o que sou eu.* Àquele jovem, que lhe tinha perguntado o que devia fazer para alcançar a vida eterna, ou seja, para viver verdadeiramente, Jesus responde convidando-o a desapegar-se dos seus bens, e acrescenta: “Vem e segue-me!” (Mc 10, 21). *A palavra de Cristo mostra que a vossa vida encontra significado no mistério de Deus, que é Amor: um Amor exigente, profundo, que vai além da superficialidade! O que seria da vossa vida, sem este amor? Deus cuida do homem desde a criação até ao fim dos tempos, quando completar o seu desígnio de salvação. No Senhor ressuscitado temos a certeza da nossa esperança! O próprio Cristo, que desceu até à mansão dos mortos e ressuscitou, é a esperança em pessoa, é a Palavra definitiva pronunciada sobre a nossa história, é uma palavra positiva.*¹⁵⁵

Bento XVI foi ainda mais direto na última Jornada Mundial da Juventude que presidiu, em Madri. A grande verdade que dá sentido à nossa vida é nos reconhecermos amados por Deus:

Como pode um jovem ser fiel à fé cristã e continuar a aspirar a grandes ideais na sociedade atual? No evangelho que escutamos, Jesus dá-nos uma resposta a esta importante questão: “Assim como o Pai Me tem amor, assim Eu vos amo a vós. Permanecei no meu amor” (Jo 15, 9).

Sim, queridos amigos, *Deus ama-nos. Esta é a grande verdade da nossa vida e que dá sentido a tudo o mais. Não somos fruto do acaso nem da irracionalidade, mas, na origem da nossa existência, há um projeto de amor de Deus.* Assim permanecer no seu amor significa viver radicados na fé, *porque esta não é a simples aceitação dumas verdades abstratas, mas uma relação íntima com Cristo que nos leva a abrir o nosso coração a este mistério de amor e a viver como pessoas que se sabem amadas por Deus.* [...] Queridos jovens, não vos conformeis com nada menos do que a Verdade e o Amor, não vos conformeis com nada menos do que Cristo.¹⁵⁶

¹⁵⁴ Homilia na Solenidade de Pentecostes, Basílica de São Pedro, 23 de maio de 2010.

¹⁵⁵ Discurso no encontro com os jovens da Diocese de San Marino-Montefeltro, Praça Vittorio Emanuele, Pennabilli, 19 de junho de 2011.

¹⁵⁶ Discurso na vigília de oração com os jovens na XXVI Jornada Mundial da Juventude, Madri, 20 de agosto de 2011.

Ele, porém, não deixou de lembrar que só a comunidade eclesial, como testemunha de Cristo, pode garantir a verdade desse encontro:

Queridos jovens, permiti que, como Sucessor de Pedro, vos convide a fortalecer esta fé que nos tem sido transmitida desde os apóstolos, a colocar Cristo, Filho de Deus, no centro da vossa vida. Mas permiti também que vos recorde que seguir Jesus na fé é caminhar com Ele na comunhão da Igreja. Não se pode, sozinho, seguir Jesus. Quem cede à tentação de seguir “por conta própria” ou de viver a fé segundo a mentalidade individualista, que predomina na sociedade, corre o risco *de nunca encontrar Jesus Cristo*, ou de acabar seguindo uma imagem falsa d’Ele.¹⁵⁷

Foi falando justamente das experiências dos jovens na JMJ que o Papa Bento explicitou ainda mais a relação entre a nossa necessidade de amor e o anúncio cristão centrado em Deus-Amor:

Por fim, como última característica, que não se deve descurar na espiritualidade das Jornadas Mundiais da Juventude, quero mencionar a alegria. Donde brota? Como se explica? Seguramente são muitos os fatores que interagem; mas, a meu ver, o fator decisivo é *esta certeza que deriva da fé: Eu sou desejado; tenho uma missão na história; sou aceito, sou amado*. Josef Pieper mostrou, no seu livro sobre o amor, que o homem só se pode aceitar a si mesmo, se for aceito por outra pessoa qualquer. Precisa que haja outra pessoa que lhe diga, e não só por palavras: *É bom que tu existas*. Somente a partir de um “tu” é que o “eu” pode encontrar-se si mesmo. Só se for aceito, é que o “eu” se pode aceitar a si mesmo. Quem não é amado, também não se pode amar a si mesmo. *Este saber-se acolhido provém, antes de tudo, de outra pessoa. Entretanto todo o acolhimento humano é frágil; no fim das contas, precisamos de um acolhimento incondicional; somente se Deus me acolher e eu estiver seguro disso mesmo é que sei definitivamente: É bom que eu exista; é bom ser uma pessoa humana. Quando falta ao homem a percepção de ser acolhido por Deus, de ser amado por Ele, a pergunta sobre se existir como pessoa humana seja verdadeiramente coisa boa, deixa de encontrar qualquer resposta; torna-se cada vez mais insuperável a dúvida acerca da existência humana. Onde se torna predominante a dúvida sobre Deus, acaba inevitavelmente por seguir-se a dúvida acerca do meu ser homem. Hoje vemos quão difusa é esta dúvida! Vemo-lo na falta de alegria, na tristeza interior que se pode ler em muitos rostos humanos. Só a fé me dá esta certeza: é bom que eu exista; é bom existir como pessoa humana, mesmo em tempos difíceis. A fé faz-nos felizes a partir de dentro.*¹⁵⁸

Como mistagoga desse encontro, a Igreja – aqui em particular a pastoral catequética – não pode se limitar à exposição do conteúdo da fé, pois, como vimos anteriormente, a uma pessoa não se conhece só com teorias. É necessária uma abordagem múltipla, que diga respeito às variadas dimensões da existência humana e cristã, constituindo verdadeiramente a oferta de uma nova experiência. É o que apontou Bento XVI à Igreja da África na exortação apostólica pós-sinodal *Africae Munus*, de 19 de novembro de 2011:

¹⁵⁷ Homilia na Celebração Eucarística conclusiva da XXVI Jornada Mundial da Juventude, Madri, 21 de agosto de 2011.

¹⁵⁸ Discurso à Cúria Romana para os votos de Natal, Sala Clementina, 22 de dezembro de 2011.

De modo particular, a nova evangelização deve integrar a dimensão intelectual da fé na experiência viva do encontro com Jesus Cristo presente e operante na comunidade eclesial, porque, na origem do fato de ser cristão, não está uma decisão ética nem uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa, que dá à vida um novo horizonte e conseqüentemente a sua orientação decisiva. Por isso a catequese deve integrar a parte teórica, constituída por noções aprendidas de memória, com a parte prática, vivida ao nível litúrgico, espiritual, eclesial, cultural e caritativo, a fim de que a semente da Palavra de Deus, caída num terreno fértil, lance profundas raízes e possa crescer e chegar à maturação (n. 165).

O encontro com Cristo muda, enfim, radicalmente toda a nossa perspectiva de vida: Jesus nos resgata da falta de sentido, oferecendo-nos um amor que não passa:

Já não há mais lugar para a angústia diante do tempo que passa e não volta para trás; agora é o momento de confiar infinitamente em Deus, por quem sabemos ser amados, para quem vivemos e a quem a nossa vida se orienta, na espera do seu retorno definitivo. Desde que o Salvador desceu do Céu, o homem já não é mais escravo de um tempo que passa sem um porquê, ou que esteja marcado pela fadiga, pela tristeza, pela dor. O homem é filho de um Deus que entrou no tempo para resgatar o tempo da falta de sentido ou da negatividade, e que resgatou toda a humanidade, dando-lhe, como nova perspectiva de vida, o amor que é eterno.¹⁵⁹

5.2.6 A carta apostólica *Porta Fidei*

Celebrando o aniversário de 50 anos da abertura do Concílio Vaticano II, Bento XVI proclamou o Ano da Fé, como um renovado empenho para tornar cada vez mais visível qual é o coração da fé cristã. Já no início da carta apostólica para a proclamação desse ano comemorativo, intitulada *Porta Fidei*, o papa sublinhou: “Professar a fé na Trindade – Pai, Filho e Espírito Santo – equivale a crer num só Deus que é Amor (cf. 1Jo 4, 8)” (n. 1).

No documento, publicado em 11 de outubro de 2011 – um ano antes do início efetivo do Ano da Fé –, Bento constatou que o pressuposto da fé como substrato da vida da sociedade deixou de existir há muito tempo e por isso se faz necessário o insistente convite para um renovado encontro com Cristo:

Desde o princípio do meu ministério como Sucessor de Pedro, lembrei a necessidade de *redescobrir o caminho da fé para fazer brilhar, com evidência sempre maior, a alegria e o renovado entusiasmo do encontro com Cristo*. Durante a homilia da Santa Missa no início do pontificado, disse: “A Igreja no seu conjunto, e os Pastores nela, como Cristo devem pôr-se a caminho para conduzir os homens fora do deserto, para lugares da vida, da amizade com o Filho de Deus, para Aquele que dá a vida, a vida em plenitude.” Sucede não poucas vezes que os cristãos sintam maior preocupação com as conseqüências sociais, culturais e políticas da fé do que com a própria fé, considerando esta como um pressuposto óbvio da sua vida diária. *Ora um tal pressuposto não só deixou de existir, mas frequentemente acaba até negado*. Enquanto, no passado, era possível reconhecer um tecido cultural unitário,

¹⁵⁹ Homilia nas primeiras vésperas da Solenidade de Santa Maria Mãe de Deus, 31 de dezembro de 2011.

amplamente compartilhado no seu apelo aos conteúdos da fé e aos valores por ela inspirados, hoje parece que já não é assim em grandes setores da sociedade devido a uma profunda crise de fé que atingiu muitas pessoas (n. 2).

É aquele centro da fé cristã que ilumina a compreensão da celebração dos sacramentos e da vida moral cristã, como Bento XVI bem resumiu neste parágrafo, que entrelaça de modo convincente esses elementos, tendo por luz o “Amor que salva”:

No mistério da sua morte e ressurreição, Deus revelou plenamente *o Amor que salva* e chama os homens à conversão de vida por meio da remissão dos pecados (cf. At 5, 31). Para o apóstolo Paulo, este amor introduz o homem numa vida nova: “Pelo Batismo fomos sepultados com Ele na morte, para que, tal como Cristo foi ressuscitado de entre os mortos pela glória do Pai, também nós caminhemos numa vida nova” (Rm 6, 4). Em virtude da fé, esta vida nova plasma toda a existência humana segundo a novidade radical da ressurreição. Na medida da sua livre disponibilidade, os pensamentos e os afetos, a mentalidade e o comportamento do homem vão sendo pouco a pouco purificados e transformados, ao longo de um itinerário jamais completamente terminado nesta vida. A “fé, que atua pelo amor” (Gl 5, 6), torna-se um novo critério de entendimento e de ação, que muda toda a vida do homem (cf. Rm 12, 2; Cl 3, 9-10; Ef 4, 20-29; 2Cor 5, 17) (n. 6).

Para o Papa Bento, a estrutura e o conteúdo do Catecismo da Igreja Católica evidenciam essa unidade entre fé, liturgia, ética e oração, bem como o fato de que o que ali se apresenta não é uma teoria:

Na sua própria estrutura, o Catecismo da Igreja Católica apresenta o desenvolvimento da fé até chegar aos grandes temas da vida diária. *Repassando as páginas, descobre-se que o que ali se apresenta não é uma teoria, mas o encontro com uma Pessoa que vive na Igreja*. Na verdade, a seguir à profissão de fé, vem a explicação da vida sacramental, na qual Cristo está presente e operante, continuando a construir a sua Igreja. Sem a liturgia e os sacramentos, a profissão de fé não seria eficaz, porque faltaria a graça que sustenta o testemunho dos cristãos. Na mesma linha, a doutrina do Catecismo sobre a vida moral adquire todo o seu significado, se for colocada em relação com a fé, a liturgia e a oração (n. 11).

A fé nos convida e nos abre ao encontro com Aquele que já veio ao nosso encontro (cf. n. 10). “A fé é decidir estar com o Senhor, para viver com Ele” (n. 10). Como sempre, o papa não deixou de ressaltar que esse encontro é uma experiência de amor: “Na descoberta diária do seu amor, ganha força e vigor o compromisso missionário dos crentes, que jamais pode faltar. Com efeito, *a fé cresce quando é vivida como experiência de um amor recebido e é comunicada como experiência de graça e de alegria*” (n. 7).

Fica evidente na citação anterior aquela indissociabilidade entre fé e amor, como também aqui: “Não há outra possibilidade de adquirir certeza sobre a própria vida, senão *abandonar-se progressivamente nas mãos de um amor que se experimenta cada vez maior*”

porque tem a sua origem em Deus” (n. 7). Só em Jesus “temos a certeza para olhar o futuro e a garantia de um amor autêntico e duradouro” (n. 15).

5.2.7 Alocuções entre 2012 e 2013

Um tema caro a Bento XVI, como já vimos, é a busca de uma expressão em que *fides qua* e *fides quae* mostrem a sua íntima ligação. Em uma meditação junto ao clero de Roma, ele tratou de tal forma essas duas dimensões da fé que elas quase parecem se fundir:

Batismo e fé são inseparáveis. O Batismo é o Sacramento da fé e a fé tem um duplice aspecto. É um ato profundamente pessoal: eu conheço Cristo, encontro-me com Cristo e dou-lhe confiança. Pensemos na mulher que toca as suas vestes na esperança de ser salva (cf. Mt 9, 20-21); confia totalmente n’Ele e o Senhor diz: A tua fé te salvou, porque acreditaste (cf. Mt 9, 22). Também aos leprosos, ao único que volta, diz: a tua fé te salvou (cf. Lc 17, 19). Portanto, *inicialmente a fé é sobretudo um encontro pessoal, um tocar as vestes de Cristo, um ser tocado por Cristo, estar em contato com Cristo, confiar no Senhor, ter e encontrar o amor de Cristo e, no amor de Cristo, também a chave da verdade, da universalidade*. Mas precisamente por isto, porque chave da universalidade do único Senhor, esta fé não é só um ato pessoal de confiança, mas um ato que tem um conteúdo. A *fides qua* exige a *fides quae*, o conteúdo da fé, e o Batismo expressa este conteúdo: a fórmula trinitária é o elemento substancial do credo dos cristãos. Ele, em si, é um “sim” a Cristo, e assim ao Deus Trinitário, com esta realidade, *com este conteúdo que me une a este Senhor, a este Deus, que tem este Rosto: vive como Filho do Pai na unidade do Espírito Santo e na comunhão do Corpo de Cristo*. Por conseguinte, isto me parece muito importante: *a fé tem um conteúdo e não é suficiente, não é um elemento de unificação se este conteúdo da única fé não existe nem for vivido e confessado*.¹⁶⁰

Como se até aqui já não estivesse claro que Bento sempre compreende o encontro com Cristo como experiência redentora de amor, a sua mensagem para a JMJ de 2012 – celebrada a nível local – é inequívoca:

A primeira causa da nossa alegria é a proximidade do Senhor, que me acolhe e me ama.

De fato, *do encontro com Jesus nasce sempre uma grande alegria interior*. Podemos ver isto nos Evangelhos em muitos episódios. Recordemos a visita de Jesus a Zaqueu, um cobrador de impostos desonesto, um pecador público, ao qual Jesus diz: “Hoje tenho que ficar em tua casa”. E Zaqueu, refere São Lucas, “recebeu-o cheio de alegria” (Lc 19, 5-6). *É a alegria do encontro com o Senhor; é o sentir o amor de Deus que pode transformar toda a existência e trazer salvação*. E Zaqueu decidiu mudar de vida e dar metade dos seus bens aos pobres.¹⁶¹

¹⁶⁰ *Lectio Divina* no encontro com o clero da Diocese de Roma no início da Quaresma, Sala Paulo VI, 23 de fevereiro de 2012.

¹⁶¹ Mensagem para a XXVII Jornada Mundial da Juventude, 15 de março de 2012.

Aqui o papa repete, com outras palavras, o que havia ensinado na *Spe Salvi*: é sentir o amor de Deus que traz salvação. A salvação se identifica como experiência desse amor, que dá sentido e alegria à minha vida presente e me abre o horizonte da vida futura.

Na hora da paixão de Jesus, *este amor manifesta-se em toda a sua força*. Nos últimos momentos da sua vida terrena, na ceia com os seus amigos, Ele diz: “Como o Pai Me amou, também Eu vos amei. Permaneci no meu amor... Digo-vos isto para que a Minha alegria esteja em vós e o vosso gozo seja completo” (Jo 15, 9.11). Jesus quer introduzir os seus discípulos e cada um de nós na alegria plena, a mesma que Ele partilha com o Pai, para que o amor com que o Pai o ama esteja em nós (cf. Jo 17, 26). *A alegria cristã é abrir-se a este amor de Deus e pertencer-Lhe*. [...]

Queridos amigos, aprendei a ver como Deus age nas nossas vidas, descobri-o escondido no coração dos acontecimentos do vosso dia a dia. Acreditai que *Ele é sempre fiel* à aliança que estabeleceu convosco no dia do vosso Batismo. Sabei que nunca vos abandonará. Dirigi com frequência o vosso olhar para Ele. *Na cruz, ofereceu a sua vida porque vos ama. A contemplação de um amor tão grande leva nos corações uma esperança e uma alegria que nada pode derrubar. Um cristão nunca pode estar triste porque encontrou Cristo, que deu a vida por ele*. [...]

A alegria cristã nasce do saber que se é amado por um Deus que se fez homem, deu a sua vida por nós e derrotou o mal e a morte; e é viver de amor por Ele. Santa Teresa do Menino Jesus, jovem carmelita, escrevia: “Jesus, amar-te é a minha alegria!”¹⁶²

Essa experiência fecunda de amor, que renova o meu olhar, é a condição para a maturidade da fé e a credibilidade do testemunho:

Vigiai e trabalhai para que a comunidade cristã saiba formar pessoas adultas na fé, porque encontraram Jesus Cristo, que se tornou o ponto de referência fundamental da sua vida; pessoas que o conhecem, porque o amam; e que o amam porque o conheceram; pessoas capazes de oferecer motivos de vida sólidos e creíveis.¹⁶³

O Papa Bento continuou enfatizando que Jesus está no centro da experiência de fé cristã porque é o sinal de Deus por excelência – é o *verbum abbreviatum*,¹⁶⁴ nele “coube” todo o amor de Deus:

O homem Jesus de Nazaré é a transparência de Deus, n’Ele Deus habita plenamente. E enquanto nós procuramos sempre outros sinais, outros prodígios, não nos apercebemos de que o verdadeiro Sinal é Ele, Deus feito carne, é Ele o maior milagre do universo: todo o amor de Deus contido num coração humano, num rosto de homem.¹⁶⁵

Na mensagem para a JMJ seguinte – essa sim celebrada a nível internacional, já com o Papa Francisco, no Rio de Janeiro – Bento voltou a ressaltar:

¹⁶² Ibid.

¹⁶³ Discurso à Assembleia Geral da Conferência Episcopal Italiana, Sala do Sínodo, 24 de maio de 2012.

¹⁶⁴ Cf. Audiência geral, 16 de janeiro de 2013.

¹⁶⁵ *Angelus*, 8 de julho de 2012.

Evangelizar significa levar aos outros a Boa Nova da salvação, e *esta Boa Nova é uma pessoa: Jesus Cristo. Quando O encontro, quando descubro até que ponto sou amado por Deus e salvo por Ele*, nasce em mim não apenas o desejo, mas a necessidade de fazê-lo conhecido pelos demais. No início do Evangelho de João, vemos como André, depois de ter encontrado Jesus, se apressa em conduzir a Ele seu irmão Simão (cf. 1, 40-42). *A evangelização sempre parte do encontro com o Senhor Jesus: quem se aproximou d'Ele e experimentou o seu amor, quer logo partilhar a beleza desse encontro e a alegria que nasce dessa amizade.* Quanto mais conhecemos a Cristo, tanto mais queremos anunciá-lo. Quanto mais falamos com Ele, tanto mais queremos falar d'Ele. Quanto mais somos conquistados por Ele, tanto mais desejamos levar outras pessoas para Ele.¹⁶⁶

É interessante ter em mente que, a partir de agosto de 2012, o Papa Bento XVI já tinha tomado a decisão de renunciar, como soubemos posteriormente.¹⁶⁷ Assim, os seus discursos daqui até o fim do seu pontificado ganham um peso singular. Note-se, por exemplo, como ele voltou ao cerne de todo o seu anúncio ao concluir a catequese em que abordou “os caminhos para chegar ao conhecimento de Deus”:

Hoje muitos têm uma concepção limitada da fé cristã porque a identificam com um mero sistema de crença e de valores e não com *a verdade de um Deus que se revelou na história*, desejoso de comunicar intimamente com o homem, numa relação de amor com ele. Na realidade, como fundamento de toda a doutrina e valor está *o evento do encontro do homem com Deus em Jesus Cristo. O Cristianismo, antes de uma moral ou de uma ética, é o acontecimento do amor, é o acolhimento da pessoa de Jesus.*¹⁶⁸

Ele retornou também à questão da unidade do amor a Deus e do amor ao próximo, lembrando que “o mandamento do amor só pode ser plenamente posto em prática por aquele que vive numa relação profunda com Deus” e que “antes de ser um mandamento – o amor não é uma ordem – é um dom, uma realidade que Deus nos faz conhecer e experimentar, de modo que, como uma semente, possa germinar também dentro de nós e desenvolver-se na nossa vida.” E disse ainda:

De Deus nós aprendemos a querer sempre e só o bem e nunca o mal. Aprendemos a olhar para o próximo não só com os nossos olhos, mas com o olhar de Deus, que é o olhar de Jesus Cristo. Um olhar que parte do coração e não se detém na superfície, vai além das aparências e consegue captar as expectativas profundas do outro: *expectativas de ser recebido, de uma atenção gratuita, numa palavra: de amor.* Mas verifica-se também o percurso contrário: que abrindo-me ao outro tal como ele é, indo ao seu encontro, pondo-me à disposição, abro-me também ao conhecimento de Deus, a sentir que Ele existe e é bondoso. *Amor de Deus e amor ao próximo são inseparáveis e estão em relação recíproca.* Jesus não inventou nem um nem outro, mas revelou que eles são, no fundo, *um único mandamento*, e fê-lo não só com palavras, mas sobretudo com o seu testemunho: *a própria Pessoa de Jesus e todo o seu mistério encarnam a unidade do amor de Deus e do próximo*, como os dois

¹⁶⁶ Mensagem para a XXVIII Jornada Mundial da Juventude, 18 de outubro de 2012.

¹⁶⁷ Cf. BENTO XVI. *Ultime conversazioni*. Milão: Garzanti, 2016, p. 32.

¹⁶⁸ Audiência geral, 14 de novembro de 2012.

braços da Cruz, vertical e horizontal. Na Eucaristia Ele doa-nos este amor duplo, doando-se a Si mesmo, para que, alimentados por este Pão, nos amemos uns aos outros como Ele nos amou.¹⁶⁹

Os sacramentos ocupam, como todos sabem, um lugar muito importante no ensinamento de Bento XVI. Porém, como vemos aí, nunca são o fim do caminho, mas sempre aparecem ordenados ao amor entre os fiéis e dos fiéis para com todos. É nessa chave que o papa pôde dizer que o “verdadeiro objetivo” da reforma litúrgica do concílio “era levar as pessoas a um encontro pessoal com o Senhor presente na Eucaristia, e portanto com o Deus vivo, de modo que, através deste contato com o amor de Cristo, o amor mútuo dos seus irmãos e irmãs também pudesse crescer.”¹⁷⁰

Tanto é assim que os sacramentos perdem a sua eficácia – ou seja, não dão origem a existências voltadas ao amor – quando não são vividos como encontro com Cristo, mas como mero hábito. Foi o que o papa constatou refletindo sobre a pedofilia praticada pelo clero:

Como se pode explicar o fato de pessoas, que regularmente receberam o Corpo do Senhor e confessaram os seus pecados no sacramento da Penitência, terem incorrido em tais transgressões? Continua um mistério. Evidentemente, porém, *o seu cristianismo já não era alimentado pelo encontro jubiloso com Jesus Cristo: tornara-se meramente uma questão de hábito.*¹⁷¹

Foi nesse contexto que Bento XVI deixou uma impressão importante sobre o Vaticano II: “A obra do Concílio tinha realmente a intenção de *superar esta forma de cristianismo e redescobrir a fé como uma profunda relação pessoal com a bondade de Jesus Cristo.*”¹⁷² Ele voltou a falar disso na audiência geral realizada no dia anterior ao cinquentenário da abertura do Concílio:

Penso que devemos aprender *a lição mais simples e mais fundamental do Concílio*, ou seja, que *o cristianismo na sua essência consiste na fé em Deus, que é Amor trinitário, e no encontro pessoal e comunitário com Cristo que orienta e guia a vida*: tudo o resto é consequência. O mais importante hoje, precisamente como era o desejo dos Padres conciliares, é que se veja – de novo, com clareza – que Deus está presente, nos diz respeito e nos responde. E que, ao contrário, quando falta a fé em Deus, desaba o que é essencial, porque o homem perde a sua dignidade profunda e aquilo que enobrece a sua humanidade, contra qualquer reducionismo. O Concílio recorda-nos que a Igreja, em todos os seus componentes, tem a sua tarefa, o mandato de transmitir *a palavra do amor de Deus que salva*, para que seja ouvido e acolhido o chamado divino que contém em si a nossa bem-aventurança eterna.¹⁷³

¹⁶⁹ *Angelus*, 4 de novembro de 2012.

¹⁷⁰ Mensagem por ocasião da conclusão do 50º Congresso Eucarístico Internacional, 28 de junho de 2012.

¹⁷¹ *Ibid.*

¹⁷² *Ibid.*

¹⁷³ Audiência geral, 10 de outubro de 2012.

Bento reviu até mesmo a noção de graça a partir do viés da centralidade da experiência do amor de Deus: a graça é “o Amor na sua pureza e beleza, é o próprio Deus”:

A salvação do mundo não é obra do homem – da ciência, da técnica, da ideologia – mas vem da Graça. *O que significa esta palavra? Graça quer dizer o Amor na sua pureza e beleza, é o próprio Deus, do modo como se revelou na história salvífica narrada na Bíblia e completamente em Jesus Cristo.* [...] O poder de amor de Deus é mais forte do que o mal, pode preencher os vazios que o egoísmo provoca na história das pessoas, das famílias, das nações e do mundo. Estes vazios podem tornar-se infernos, onde a vida humana é como que arrastada para baixo, para o nada, perdendo o sentido e a luz. Os remédios falsos que o mundo propõe preenchem estes vazios – emblemática é a droga – mas na realidade alargam o abismo. *Só o amor pode salvar desta queda, mas não um amor qualquer: um amor que tenha em si a pureza da Graça – de Deus que transforma e renova – e que assim possa introduzir nos pulmões intoxicados novo oxigênio, ar puro, renovada energia de vida.*¹⁷⁴

Entendendo a graça a partir dessa perspectiva, o papa afirmou ainda que o cristianismo é em sua essência “um ‘evangelho’, uma ‘notícia alegre’, enquanto alguns pensam que é um obstáculo para a alegria, porque veem nele um conjunto de proibições e de regras. Na realidade, o cristianismo é o anúncio da vitória da Graça sobre o pecado, da vida sobre a morte.”¹⁷⁵

Enfim, em uma de suas últimas audiências gerais, menos de um mês antes de anunciar a sua renúncia ao papado, Bento XVI como que resumiu boa parte daquilo que foi a sua pregação como Bispo de Roma:

*Toda a nossa existência deve ser orientada para o encontro com Jesus Cristo, para o amor por Ele; e, nela, um lugar central deve ser ocupado também pelo amor ao próximo, aquele amor que, à luz do Crucificado, nos faz reconhecer o rosto de Jesus no pobre, no frágil e no sofredor. Isto só é possível se o verdadeiro rosto de Jesus se tornar familiar para nós na escuta da sua Palavra, no falar interiormente, no entrar nesta Palavra, de maneira que deveras O encontremos, e naturalmente no Mistério da Eucaristia.*¹⁷⁶

5.3 CONSIDERAÇÕES

A contribuição de Bento XVI para o desenvolvimento do querigma do magistério pontifício pós-conciliar se deu no trabalho de elaboração, refinamento e harmonização daqueles elementos já presentes em São João Paulo II. Bento aparou as arestas e conferiu unidade à pregação do bispo de Roma, permitindo que cada ponto do seu ensinamento

¹⁷⁴ Discurso no ato de veneração a Maria Imaculada, Praça da Espanha, Roma, 8 de dezembro de 2012.

¹⁷⁵ Ibid.

¹⁷⁶ Audiência geral, 16 de janeiro de 2013.

bebesse daquele centro que é a revelação de Deus-Amor em Jesus Cristo. É a contribuição que só um papa teólogo poderia dar.

O anúncio de Deus que é Amor foi o centro do magistério de Bento, como testemunha a sua primeira encíclica, *Deus Caritas Est*. A experiência de ser amado faz com que a vida cristã se caracterize sobretudo pela alegria, tema que perpassa o seu pontificado. Jesus se revela como o rosto desse amor misericordioso – e, por isso, o papa se esforçou por apresentar de maneira convincente ao homem de hoje a pessoa e a mensagem de Jesus, de maneira especial com a publicação dos três volumes de Jesus de Nazaré, remate da obra teológica ratzingeriana.

Saber-me amado com um amor assim – fiável, seguro, ilimitado, incondicional – muda o modo como olho o mundo, muda meu olhar. Passo a ver cada pessoa como objeto desse amor imenso – e só esse novo olhar pode constituir o fundamento do agir cristão. O Papa Bento não mediu palavras para sublinhar a unidade entre o amor a Deus e o amor ao próximo: um é tão importante quanto o outro. Aquilo que lhes está acima, que é originário, é o amor *de* Deus. Tudo é visto sob a luz desse amor. Bento foi fiel àquele enunciado do Catecismo Romano que é citado ao final do prólogo do *Catecismo da Igreja Católica* (n. 25):

A finalidade da doutrina e do ensino deve fixar-se toda no amor que não acaba. Podemos expor muito bem o que se deve crer, esperar ou fazer; mas, sobretudo, devemos pôr sempre em evidência o amor de nosso Senhor, de modo que cada qual compreenda que qualquer ato de virtude perfeitamente cristão, não tem outra origem nem outro fim senão o amor.

Fica claro, assim, que a ênfase que o Papa Bento deu à segurança da fé, à fé enquanto certeza, não é uma tentativa de se agarrar a algumas ideias, mas o compromisso de assegurar aquilo que é mais central no anúncio cristão e que é capaz de mudar realmente a vida do homem: somos amados por Deus. Disso depende a imagem que temos de Deus e do ser humano (cf. DCE 1) e por isso não podem pairar dúvidas sobre esse amor. Esse amor – Jesus Cristo – é a verdade que a Igreja proclama. Dessa maneira vemos que não há tanta distância assim entre o conteúdo da fé – a *fides quae* – e a atitude de entrega – a *fides qua*. A evangelização, por sua vez, não pode ser outra coisa que irradiação¹⁷⁷ da alegria do amor de Deus: longe de toda concepção proselitista, a vida cristã atrai por si mesma.¹⁷⁸

Talvez o maior problema de seu papado tenha sido a recepção de sua mensagem. A própria síntese de seu magistério que apresentamos aqui não corresponde à imagem de Bento

¹⁷⁷ Cf. Homilia na celebração eucarística para o VII Encontro Mundial das Famílias, Milão, 3 de junho de 2012.

¹⁷⁸ Cf. Homilia na celebração eucarística de abertura da 5ª Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e Caribenho, Aparecida, 13 de maio de 2007.

XVI que foi largamente assimilada tanto por quem o repudia quanto por quem o admira: um papa conservador e distante, a antítese do espírito do concílio. Essa imagem é fruto de uma recepção seletiva, mal interpretada e distorcida, seja devido à agenda dos meios de comunicação seja pelas suas dificuldades no governo prático da Igreja.¹⁷⁹

A verdade é que o magistério de Bento não permite uma leitura moralista, legalista ou restauracionista da fé da Igreja, como a de muitos daqueles que dizem o defender. “Reformador ou conservador?”, perguntou Peter Seewald na última entrevista que realizou com Bento XVI, já como papa emérito. “É preciso ser sempre os dois. É preciso renovar, e eu busquei levar a Igreja adiante sobre a base de uma interpretação moderna da fé. Ao mesmo tempo, é preciso continuidade, é preciso garantir que a fé não sofra rompimentos, não deixar que se despedace”, respondeu Bento.¹⁸⁰

Bento foi um autêntico papa de transição – o que não significa tapar buracos, mas sim executar o difícil trabalho de passar de uma época a outra. Ele levou a tal profundidade aquilo que recebeu de seus predecessores que abriu espaço para o novo. Para isso contribuiu o seu labor teológico, mas também o contexto em que cresceu e desempenhou o seu ministério presbiteral: Bento é o primeiro papa em mais de mil anos proveniente de um país onde o catolicismo não é majoritário, o que certamente o ajudou a se sintonizar melhor com a linguagem e as expectativas do homem moderno.

¹⁷⁹ Cf. *Ultime conversazioni*, p. 221.

¹⁸⁰ *Ultime conversazioni*, p. 222.

6 FRANCISCO

6.1 VIDA, CONTEXTO E PONTIFICADO

A seguir à renúncia de Bento XVI, já tão inédita, veio algo totalmente novo: o primeiro papa latino-americano – e o primeiro não europeu desde o ano 741. Até o nome que o jesuíta Jorge Mario Bergoglio, até então arcebispo de Buenos Aires, escolheu era novo: Francisco. Desde o ano 913 um nome inédito não era escolhido por um papa – à exceção de João Paulo, o único nome composto da história do papado.

Nascido em 17 de dezembro de 1936, Bergoglio entrou na Companhia de Jesus aos 21 anos, depois de trabalhar por um tempo como técnico químico. Ordenado padre em 1969, ele foi superior dos jesuítas na Argentina de 1973 a 1979. Em 1992, foi nomeado bispo auxiliar de Buenos Aires. Em 1997, tornou-se o arcebispo da capital argentina, sendo nomeado cardeal em 2001. Foi, além disso, presidente da Conferência Episcopal Argentina de 2005 a 2011. Na Conferência de Aparecida, em 2007, foi o relator do documento final.

Seu pontificado é guiado pela necessidade de uma Igreja em saída, que abandone toda autorreferencialidade para, servindo, levar o amor de Cristo. Esse foi o ponto central de seu pequeno pronunciamento durante as congregações gerais que antecederam o conclave que o elegeu.¹⁸¹ Trata-se de colocar Deus no centro da vida da Igreja, sempre – o seu amor, a sua graça, a sua ação. Ouve-se esse refrão na crítica que faz com frequência ao neopelagianismo.

Como grande sinal dessa ênfase, está o Jubileu Extraordinário da Misericórdia. Francisco o proclamou porque está convencido de que, para que a Igreja exerça sua missão de ser testemunha da misericórdia, é necessária a conversão espiritual de seus membros – a experiência da misericórdia, a convicção de que sem o perdão amoroso de Deus nada somos.

6.2 DESENVOLVIMENTO DA TEMÁTICA

6.2.1 O início do pontificado

Os seus primeiros pronunciamentos como bispo de Roma já acenam à importância da volta à fonte. Na homilia da primeira missa, na Capela Sistina, Francisco deixou claro:

¹⁸¹ Cf. *A doce e confortadora alegria de evangelizar*. Disponível em <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/518772-esta-e-a-intervencao-magistral-do-cardeal-bergoglio-no-pre-conclave>>. Acesso em 3 de novembro de 2016.

“Podemos caminhar o que quisermos, podemos edificar um monte de coisas, mas se não confessarmos Jesus Cristo, está errado.”¹⁸²

Um dia depois, recordou ao colégio cardinalício qual é a “missão de sempre” da Igreja:

Levar Jesus Cristo ao homem e conduzir o homem *para que se encontre com Jesus Cristo*, Caminho, Verdade e Vida, realmente presente na Igreja e ao mesmo tempo em cada homem. *Este encontro leva a nos tornarmos homens novos* no mistério da graça, suscitando na alma aquela alegria cristã que constitui o cêntuplo dado por Cristo a quem O recebe na própria vida.¹⁸³

Na mesma ocasião, reiterou que a verdade transmitida pela fé cristã se identifica com a pessoa de Jesus Cristo e responde às exigências do coração humano:

A verdade cristã é fascinante e persuasiva, porque responde a uma necessidade profunda da existência humana, anunciando de modo convincente que Cristo é o único Salvador do homem todo e de todos os homens. Este anúncio permanece válido hoje como o foi nos primórdios do cristianismo, quando se realizou a primeira grande expansão missionária do Evangelho.¹⁸⁴

No dia 17, seu primeiro domingo como papa, Francisco presidiu a celebração eucarística na Paróquia de Santa Ana, no Vaticano. Na homilia, identificou a misericórdia com a Boa Nova trazida pela pessoa de Jesus: “Ora, a mensagem de Jesus é sempre a mesma: a misericórdia. A meu ver – humildemente o afirmo –, é a mensagem mais forte do Senhor: a misericórdia.”¹⁸⁵ O Evangelho do dia narra o encontro de Jesus com a mulher adúltera (cf. Jo 8, 1-11).

Em seguida, fez seu primeiro pronunciamento desde a janela do Palácio Apostólico, durante a tradicional oração do *Angelus*, e teve a oportunidade de voltar a falar da misericórdia divina: “Impressiona o comportamento de Jesus: não ouvimos palavras de desprezo, não ouvimos palavras de condenação, mas apenas palavras de amor, de misericórdia, que convidam à conversão [...] Irmãos e irmãs, o rosto de Deus é o de um pai misericordioso”. E se referiu ainda a Jesus como a “Misericórdia de Deus feita homem”.¹⁸⁶

A sua homilia na celebração eucarística por ocasião do início de seu ministério como bispo de Roma, no dia 19, Solenidade de São José, centrou-se na vocação de guardião comum a todo cristão. Nesse contexto, inspirado pela figura do esposo da Virgem, o papa convidou os fiéis a guardarem “com amor aquilo que Deus nos deu”, mas pôs sempre em primeiro lugar

¹⁸² Homilia na celebração eucarística com os cardeais, Capela Sistina, 14 de março de 2013.

¹⁸³ Discurso na audiência aos membros do Colégio Cardinalício, Sala Clementina, 15 de março de 2013. Lembramos que os grifos, exceto quando especificado de outra maneira, são nossos.

¹⁸⁴ *Ibid.*

¹⁸⁵ Homilia na Santa Missa na Paróquia de Santa Ana no Vaticano, 17 de março de 2013.

¹⁸⁶ *Angelus*, Praça de São Pedro, 17 de março de 2013.

“guardar Jesus com Maria”. Em José, disse o papa, é possível ver “qual é o centro da vocação cristã: Cristo. Guardemos Cristo na nossa vida, para guardar os outros, para guardar a criação!”¹⁸⁷

No domingo seguinte, teve início a Semana Santa de 2013. Na homilia da celebração eucarística do Domingo de Ramos e da Paixão do Senhor, Francisco destacou que a permanente alegria do cristão se fundamenta em seu encontro com Jesus:

Nunca sejais homens e mulheres tristes: um cristão não o pode ser jamais! Nunca vos deixeis invadir pelo desânimo! A nossa alegria não nasce do fato de possuímos muitas coisas, mas de *termos encontrado uma Pessoa: Jesus*, que está no meio de nós; nasce do fato de sabermos que, com Ele, nunca estamos sozinhos, mesmo nos momentos difíceis, mesmo quando o caminho da vida é confrontado com problemas e obstáculos que parecem insuperáveis... e há tantos!¹⁸⁸

O encontro com Jesus suscita alegria porque é um encontro salvífico, um encontro de amor. Na cruz, disse o papa, “Jesus toma sobre Si o mal, a sujeira, o pecado do mundo, incluindo o nosso pecado, o pecado de todos nós, e lava-o; lava-o com o seu sangue, com a misericórdia, com o amor de Deus”. No fim da homilia, Francisco pediu a intercessão de Maria para “que Ela nos ensine a alegria do encontro com Cristo.”¹⁸⁹

Na Quinta-feira Santa, Francisco deu continuidade ao costume que tinha como arcebispo de Buenos Aires de celebrar a missa da Ceia do Senhor em alguma comunidade situada nas “periferias existenciais”. Na sua primeira Semana Santa como bispo de Roma, Francisco presidiu a celebração eucarística no Instituto Penal para Menores de Casal del Marmo, na capital italiana. Na homilia, proferida antes do rito do lava-pés, o papa pediu aos presentes que entendessem o gesto como “uma carícia de Jesus, que Jesus o faz, pois Jesus veio justamente por isso: para servir, para nos ajudar.”¹⁹⁰

Na Vigília Pascal, Francisco sublinhou que as mulheres que acorreram ao túmulo de Jesus na manhã de domingo ficaram amedrontadas à vista dos homens em trajés resplandecentes, mas recobram a esperança quando foram instadas a lembrar o que Jesus tinha dito. O papa indicou então a importância de continuamente fazer memória do encontro com Jesus:

¹⁸⁷ Homilia na Santa Missa para o início do ministério petrino do Bispo de Roma, Praça de São Pedro, 19 de março de 2013.

¹⁸⁸ Homilia na Celebração do Domingo de Ramos e da Paixão do Senhor, Praça de São Pedro, 24 de março de 2013.

¹⁸⁹ Ibid.

¹⁹⁰ Homilia na Santa Missa na Ceia do Senhor, Cárcere para menores Casal del Marmo, Roma, 28 de março de 2013.

Este é o convite a fazer memória do encontro com Jesus, das suas palavras, dos seus gestos, da sua vida; e é precisamente este recordar amorosamente a experiência com o Mestre que faz as mulheres superarem todo o medo e levarem o anúncio da Ressurreição aos Apóstolos e a todos os restantes (cf. Lc 24, 9). *Fazer memória daquilo que Deus fez e continua a fazer por mim, por nós*, fazer memória do caminho percorrido; e isto abre de par em par o coração à esperança para o futuro. Aprendamos a fazer memória daquilo que Deus fez na nossa vida.¹⁹¹

Antes, ainda, havia convidado os fiéis a acolher com confiança o Ressuscitado em suas vidas:

Assim se apresenta a novidade de Deus diante dos olhos das mulheres, dos discípulos, de todos nós: a vitória sobre o pecado, sobre o mal, sobre a morte, sobre tudo o que oprime a vida e lhe dá um rosto menos humano. E isto é uma mensagem dirigida a mim, a ti, amada irmã, a ti amado irmão. *Quantas vezes precisamos que o Amor nos diga: Porque buscais o Vivente entre os mortos?* Os problemas, as preocupações de todos os dias tendem a fechar-nos em nós mesmos, na tristeza, na amargura... e aí está a morte. Não procuremos aí o Vivente! Aceita então que Jesus Ressuscitado entre na tua vida, acolhe-O como amigo, com confiança: Ele é a vida! Se até agora estiveste longe d’Ele, basta que faças um pequeno passo e Ele te acolherá de braços abertos. Se és indiferente, aceita arriscar: não ficarás desiludido. Se te parece difícil segui-Lo, não tenhas medo, entrega-te a Ele, podes estar seguro de que Ele está perto de ti, está contigo e dar-te-á a paz que procuras e a força para viver como Ele quer.¹⁹²

A tomada de posse de Francisco da cátedra de Roma, na Basílica de São João de Latrão, coincidiu com o II Domingo da Páscoa, desde o ano 2000 chamado também de Domingo da Divina Misericórdia. Em sua homilia, o papa disse: “A *misericórdia* de Deus: como é bela esta realidade da fé para a nossa vida! Como é grande e profundo o amor de Deus por nós! É um amor que não falha, que sempre agarra a nossa mão, nos sustenta, levanta e guia”. Essa misericórdia divina “tem um rosto concreto: o de Jesus, de Jesus Ressuscitado”. É quando “se deixa envolver pela misericórdia divina”, vendo-a nas feridas do Ressuscitado, que Tomé se torna “um homem novo, já não incrédulo mas crente.”¹⁹³

6.2.2 A carta encíclica *Lumen Fidei*

Publicada em 29 de junho de 2013, a encíclica *Lumen Fidei* concluiu o esforço de Bento XVI em rerepresentar a vida cristã a partir das três virtudes teológicas, seguindo-se às encíclicas *Deus Caritas Est* e *Spe Salvi*. A introdução da *Lumen Fidei* diz que antes da renúncia Bento já havia concluído um primeiro esboço do texto e Francisco se limitou a fazer

¹⁹¹ Homilia na Vigília Pascal, Basílica Vaticana, 30 de março de 2013.

¹⁹² Ibid.

¹⁹³ Homilia no Domingo da Divina Misericórdia, Basílica de São João de Latrão, 7 de abril de 2013.

algumas novas contribuições. Como as encíclicas sobre o amor e a esperança, é um documento de importância fundamental para a nossa pesquisa.

A luz da fé, “capaz de iluminar toda a existência do homem”, não pode vir de nós mesmos, afirmou o Papa Francisco:

A fé nasce no encontro com o Deus vivo, que nos chama e revela o seu amor: um amor que nos precede e sobre o qual podemos apoiar-nos para construir solidamente a vida. Transformados por este amor, recebemos olhos novos e experimentamos que há nele uma grande promessa de plenitude e se nos abre a visão do futuro. A fé, que recebemos de Deus como dom sobrenatural, aparece-nos como luz para a estrada orientando os nossos passos no tempo (n. 4).

Essa fé gera nos cristãos “uma nova experiência, uma visão luminosa da existência” (n. 5; cf. tb. n. 18); ela “é um convite para se abrir à fonte da luz, respeitando o mistério próprio de um Rosto que pretende revelar-se de forma pessoal e no momento oportuno”; e, como “encontro pessoal”, é o contrário da idolatria, já que “o ídolo é um pretexto para se colocar a si mesmo no centro da realidade, na adoração da obra das próprias mãos”. “Acreditar significa confiar-se a um amor misericordioso que sempre acolhe e perdoa, que sustenta e guia a existência, que se mostra poderoso na sua capacidade de endireitar os desvios da nossa história” (n. 13).

Dessa maneira, a fé é fé no amor – o primeiro capítulo da encíclica chama-se justamente, ecoando o início da *Deus Caritas Est*, “Acreditamos no Amor”. Dá-se assim a dinâmica entre a fé, a caridade e a esperança:

Na fé, dom de Deus e virtude sobrenatural por Ele infundida, reconhecemos que um grande Amor nos foi oferecido, que uma Palavra estupenda nos foi dirigida: acolhendo esta Palavra que é Jesus Cristo — Palavra encarnada —, o Espírito Santo transforma-nos, ilumina o caminho do futuro e faz crescer em nós as asas da esperança para o percorrermos com alegria. Fé, esperança e caridade constituem, numa interligação admirável, o dinamismo da vida cristã rumo à plena comunhão com Deus (n. 7).

O amor de Deus se torna, pois, plenamente fiável na pessoa de Jesus. Essa é precisamente a sua missão. É desse amor que trata a fé:

A fé cristã está centrada em Cristo; é confissão de que Jesus é o Senhor e que Deus O ressuscitou de entre os mortos (cf. Rm 10, 9). Todas as linhas do Antigo Testamento se concentram em Cristo: Ele torna-Se o “sim” definitivo a todas as promessas, fundamento último do nosso “Amém” a Deus (cf. 2Cor 1, 20). A história de Jesus é a manifestação plena da fiabilidade de Deus. Se Israel recordava os grandes atos de amor de Deus, que formavam o centro da sua confissão e abriam o horizonte da sua fé, agora a vida de Jesus aparece como o lugar da intervenção definitiva de Deus, a suprema manifestação do seu amor por nós. A palavra que Deus nos dirige em Jesus já não é uma entre muitas outras, mas a sua Palavra eterna (cf. Hb 1, 1-2). Não há nenhuma garantia maior que Deus possa dar para nos

certificar do seu amor, como nos lembra São Paulo (cf. Rm 8, 31-39). Portanto, a fé cristã é fé no Amor pleno, no seu poder eficaz, na sua capacidade de transformar o mundo e iluminar o tempo. “Nós conhecemos o amor que Deus nos tem, pois cremos nele” (1 Jo 4, 16). A fé identifica, no amor de Deus manifestado em Jesus, o fundamento sobre o qual assenta a realidade e o seu destino último (n. 15).

O mistério da cruz e da ressurreição constitui a prova da fiabilidade do amor manifestado em Cristo. “Os evangelistas situam, na hora da Cruz, o momento culminante do olhar de fé: *naquela hora resplandece o amor divino em toda a sua sublimidade e amplitude*” (n. 16). Mas é a ressurreição que desvenda em última instância a total fiabilidade do amor de Deus: “Se o amor do Pai não tivesse feito Jesus ressurgir dos mortos, se não tivesse podido restituir a vida ao seu corpo, não seria um amor plenamente fiável, capaz de iluminar também as trevas da morte” (n. 17). Afinal,

se Deus fosse incapaz de agir no mundo, o seu amor não seria verdadeiramente poderoso, verdadeiramente real e, por conseguinte, não seria sequer verdadeiro amor, capaz de cumprir a felicidade que promete. E, então, seria completamente indiferente crer ou não crer n’Ele. Ao contrário, os cristãos confessam o amor concreto e poderoso de Deus, que atua verdadeiramente na história e determina o seu destino final; um amor que se fez passível de encontro, que se revelou em plenitude na paixão, morte e ressurreição de Cristo (n. 17).

Assim, a fé se trata de “*uma forma de conhecimento própria do amor*” (n. 26 e 30), que se dá na história, como “resposta a uma Palavra que interpela pessoalmente, a um Tu que nos chama pelo nome” (n. 8). Entram em cena os sentidos espirituais da escuta, da visão e do toque: se ouve, se vê e se toca, como reitera tantas vezes o Evangelho, a “*pessoa concreta de Jesus*”:

A luz da fé é a luz de um Rosto, no qual se vê o Pai. [...] Isto significa que o conhecimento da fé não nos convida a olhar uma verdade puramente interior; a verdade que a fé nos descerra é uma verdade centrada no encontro com Cristo, na contemplação da sua vida, na percepção da sua presença (n. 30).

E ainda:

A luz do amor nasce quando somos tocados no coração, recebendo assim, em nós, a presença interior do amado, que nos permite reconhecer o seu mistério. [...] Por meio da sua encarnação, com a sua vinda entre nós, Jesus tocou-nos e, através dos sacramentos, ainda hoje nos toca; desta forma, transformando o nosso coração, permitiu-nos – e permite-nos – reconhecê-Lo e confessá-Lo como Filho de Deus. Pela fé, podemos tocá-Lo e receber a força da sua graça (n. 31).

Sendo verdade de um encontro pessoal, a fé é a verdade de um amor. Sua segurança não nos torna, pois, arrogantes nem nos endurece, mas cresce na convivência que respeita o outro, superando assim a desconfiança do pensamento atual em relação à verdade:

A luz do amor, própria da fé, pode iluminar as perguntas do nosso tempo acerca da verdade. Muitas vezes, hoje, a verdade é reduzida a autenticidade subjetiva do indivíduo, válida apenas para a vida individual. Uma verdade comum mete-nos medo, porque a identificamos – como dissemos atrás – com a imposição intransigente dos totalitarismos; mas, se *ela é a verdade do amor, se é a verdade que se mostra no encontro pessoal com o Outro e com os outros*, então fica livre da reclusão no indivíduo e pode fazer parte do bem comum. *Sendo a verdade de um amor, não é verdade que se impõe pela violência, não é verdade que esmaga o indivíduo; nascendo do amor pode chegar ao coração, ao centro pessoal de cada homem; daqui resulta claramente que a fé não é intransigente, mas cresce na convivência que respeita o outro.* O crente não é arrogante; pelo contrário, a verdade torna-o humilde, sabendo que, mais do que possuímo-la nós, é ela que nos abraça e possui. Longe de nos endurecer, a segurança da fé põe-nos a caminho e torna possível o testemunho e o diálogo com todos (n. 34).

E como a revelação de Deus na vida, morte e ressurreição de Jesus de Nazaré chega até nós hoje? Já que o conhecimento humano é sobremaneira relacional, há “uma cadeia ininterrupta de testemunhos”, a Igreja, através da qual “nos chega o rosto de Jesus”: “O passado da fé, aquele ato de amor de Jesus que gerou no mundo uma vida nova, chega até nós na memória de outros, das testemunhas, guardado vivo naquele sujeito único de memória que é a Igreja; esta é uma Mãe que nos ensina a falar a linguagem da fé” (n. 38). Na e com a Igreja, a noção do encontro se assegura e se liberta de qualquer caracterização intimista, pois “a fé não é só uma opção individual que se realiza na interioridade do crente, não é uma relação isolada entre o ‘eu’ do fiel e o ‘Tu’ divino, entre o sujeito autônomo e Deus; mas, por sua natureza, abre-se ao ‘nós’, verifica-se sempre dentro da comunhão da Igreja” (n. 39).

Os sacramentos são vistos, assim, como o meio próprio para a transmissão – Tradição – da memória fundadora da fé da Igreja.

De fato, a fé tem necessidade de um âmbito onde se possa testemunhar e comunicar, e que o mesmo seja adequado e proporcionado ao que se comunica. *Para transmitir um conteúdo meramente doutrinal, uma ideia, talvez bastasse um livro ou a repetição de uma mensagem oral; mas aquilo que se comunica na Igreja, o que se transmite na sua Tradição viva é a luz nova que nasce do encontro com o Deus vivo, uma luz que toca a pessoa no seu íntimo, no coração, envolvendo a sua mente, vontade e afetividade, abrindo-a a relações vivas na comunhão com Deus e com os outros.* Para se transmitir tal plenitude, existe um meio especial que põe em jogo a pessoa inteira: corpo e espírito, interioridade e relações. Este meio são os sacramentos celebrados na liturgia da Igreja: neles, comunica-se *uma memória encarnada*, ligada aos lugares e épocas da vida, associada com todos os sentidos; neles, a pessoa é envolvida, como membro de um sujeito vivo, num tecido de relações comunitárias (n. 40).

A fecundidade desse encontro de amor é demonstrada, mais uma vez, quando a encíclica fala de como a luz da fé é capaz de iluminar as relações humanas na sociedade:

A fé nasce do encontro com o amor gerador de Deus que mostra o sentido e a bondade da nossa vida; esta é iluminada na medida em que entra no dinamismo

aberto por este amor, isto é, enquanto se torna caminho e exercício para a plenitude do amor. A luz da fé é capaz de valorizar a riqueza das relações humanas, a sua capacidade de perdurarem, serem fiáveis, enriquecerem a vida comum. A fé não afasta do mundo, nem é alheia ao esforço concreto dos nossos contemporâneos. *Sem um amor fiável, nada poderia manter verdadeiramente unidos os homens: a unidade entre eles seria concebível apenas enquanto fundada sobre a utilidade, a conjugação dos interesses, o medo, mas não sobre a beleza de viverem juntos, nem sobre a alegria que a simples presença do outro pode gerar.* A fé faz compreender a arquitetura das relações humanas, porque identifica o seu fundamento último e destino definitivo em Deus, no seu amor, e assim ilumina a arte da sua construção, tornando-se um serviço ao bem comum. Por isso, a fé é um bem para todos, um bem comum: a sua luz não ilumina apenas o âmbito da Igreja nem serve somente para construir uma cidade eterna no além, mas ajuda também a construir as nossas sociedades de modo que caminhem para um futuro de esperança (n. 51).

Enfim,

o encontro com Cristo, o deixar-se conquistar e guiar pelo seu amor alarga o horizonte da existência, dá-lhe uma esperança firme que não desilude. A fé não é um refúgio para gente sem coragem, mas *a dilatação da vida: faz descobrir uma grande chamada — a vocação ao amor — e assegura que este amor é fiável, que vale a pena entregar-se a ele, porque o seu fundamento se encontra na fidelidade de Deus, que é mais forte do que toda a nossa fragilidade.* (n. 56)

O conteúdo da encíclica ressoou de maneira direta ainda em duas ocasiões. Francisco falou a partir da sua própria experiência de fé, em carta a Eugenio Scalfari, diretor do jornal *La Repubblica*. Nela, o papa respondia a alguns questionamentos que o jornalista, que se define ateu, teve ao ler a sua primeira encíclica:

*A fé, para mim, nasceu do encontro com Jesus: um encontro pessoal, que tocou o meu coração e deu uma direção e um sentido novo à minha existência*¹⁹⁴; mas, ao mesmo tempo, um encontro que se tornou possível pela comunidade de fé em que vivi e graças à qual encontrei o acesso ao entendimento da Sagrada Escritura, à vida nova que flui, como jorros de água, de Jesus através dos sacramentos, à fraternidade com todos e ao serviço dos pobres, verdadeira imagem do Senhor. Sem a Igreja – creia-me! –, eu não teria podido encontrar Jesus, embora ciente de que este dom imenso da fé está guardado em frágeis vasos de barro que é a nossa humanidade.¹⁹⁵

O papa também reafirmou a Scalfari em que consiste o centro da fé cristã:

A fé cristã acredita nisto: Jesus é o Filho de Deus que veio dar a sua vida para abrir a todos o caminho do amor. Por isso, ilustre Dr. Scalfari, tem razão quando vê, na encarnação do Filho de Deus, o eixo da fé cristã. Já Tertuliano escrevia: “*caro cardo salutis* – a carne [de Cristo] é o eixo da salvação”. É que a encarnação, ou seja, o fato de o Filho de Deus ter tomado a nossa carne e compartilhado alegrias e sofrimentos, vitórias e derrotas da nossa existência até ao grito da cruz, vivendo tudo no amor e na fidelidade ao Abbá, *testemunha o amor incrível que Deus tem por cada homem, o valor inestimável que lhe reconhece.* Por isso, cada um de nós é

¹⁹⁴ Perceba-se a semelhança com uma das frases iniciais da *Deus Caritas Est*: “Ao início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, o rumo decisivo.”

¹⁹⁵ Carta ao diretor do jornal italiano *La Repubblica* Eugenio Scalfari, 4 de setembro de 2013.

chamado a assumir o olhar e a opção de amor de Jesus, a entrar no seu modo de ser, pensar e agir. *Esta é a fé*, com todas as suas expressões que são descritas concretamente na encíclica.¹⁹⁶

Francisco disse ainda, na mesma carta, que o fermento e o sal que a Igreja é chamada a semear são “o amor e a misericórdia de Deus que envolvem todos os homens”.

Comentando a doutrina da *Lumen Fidei* em mensagem aos participantes de um encontro de academias pontifícias que refletia a encíclica, Francisco retomou o tema da fé como encontro vivo com uma pessoa:

No dia seguinte à Ressurreição de Jesus, os seus discípulos não contemplaram uma verdade puramente interior nem abstrata, mas uma verdade que se revelava precisamente no encontro com o Ressuscitado, na contemplação da sua vida, dos seus mistérios. Justamente, São Tomás de Aquino afirma que se trata de uma *oculata fides*, de uma fé que vê!¹⁹⁷

6.2.3 Alocuções no ano de 2013

Com a renúncia de Bento XVI, coube a Francisco dar continuidade ao Ano da Fé, proclamado pelo seu antecessor em comemoração aos cinquenta anos de abertura do Concílio Vaticano II. O papa argentino assumiu assim as diversas celebrações previstas para o ano, tematizadas a partir de diversos âmbitos da comunidade eclesial.

Em uma celebração dedicada às confrarias e associações ligadas à piedade popular, Francisco, além de lembrar que os bispos latino-americanos chamaram a piedade popular de “espaço de encontro com Jesus Cristo”, evidenciou que é nesse encontro que reside a unidade da Igreja: “Assim é a Igreja: uma grande riqueza e variedade de expressões em que tudo é reconduzido à unidade; a variedade reconduzida à unidade e *a unidade é o encontro com Cristo.*”¹⁹⁸

Também no contexto do Ano da Fé, foi realizado na vigília de Pentecostes um encontro com os movimentos eclesiais, em que alguns fiéis puderam dirigir perguntar ao papa. Ao responder sobre a sua própria experiência de fé, Francisco rememorou o dia 21 de setembro de 1953, quando, ao confessar-se com um sacerdote desconhecido em sua paróquia, sentiu “que algo tinha mudado”. A experiência de fé do jovem Bergoglio – então com quase 17 anos –, que coincidiu com o seu chamado ao sacerdócio, foi definida por ele como uma experiência de encontro:

¹⁹⁶ Ibid.

¹⁹⁷ Mensagem aos participantes na XVIII sessão pública das pontifícias academias, 28 de janeiro de 2014.

¹⁹⁸ Homilia na celebração eucarística por ocasião do dia das confrarias e da piedade popular, Praça de São Pedro, 5 de maio de 2013.

Esta foi para mim uma experiência de encontro: achei que alguém me esperava. Eu não sei o que se passou, não me lembro; não sei sequer por que motivo estivesse lá aquele padre que eu não conhecia, não sei porque senti aquela vontade de me confessar, mas a verdade é que alguém estava à minha espera. Esperava-me há muito tempo.¹⁹⁹

A pessoa à sua espera não era simplesmente o sacerdote, aqui simples mediador do encontro, mas o próprio Jesus, como Francisco esclarece em seguida:

Na fé, é importante esta experiência. Dizemos que devemos procurar Deus, ir ter com Ele para pedir perdão... Mas, quando chegamos, já Ele está à nossa espera, Ele chega primeiro! Em espanhol, temos uma palavra que explica bem isto: “O Senhor sempre nos *primerea*”, é o primeiro, está à nossa espera! E esta é uma graça mesmo grande: encontrar alguém que te espera. Tu vais pecador, e Ele está à tua espera para te perdoar. Esta é a experiência que os Profetas de Israel descreviam ao dizer que o Senhor é como a flor da amendoeira, a primeira flor da Primavera (cf. Jr 1, 11-12). Antes da chegada das outras flores, aparece ela: é ela que espera. O Senhor espera por nós. E, quando O procuramos, deparamos com esta realidade: *é Ele que está à nossa espera, para nos acolher, para nos dar o seu amor*. E isto infunde no teu coração uma maravilha tal que nem acreditas, e assim vai crescendo a fé... no encontro com uma pessoa, no encontro com o Senhor. Alguém poderá dizer: “Não, eu prefiro estudar a fé nos livros”. É importante estudá-la, mas olhai que isso não basta! *O mais importante é o encontro com Jesus, o encontro com Ele*; é isto que te dá a fé, porque é precisamente Ele quem a dá a ti.²⁰⁰

Na mesma ocasião, Francisco deixou claro que o encontro com Jesus leva ao encontro com os outros, a uma cultura do encontro: “Esta palavra, para mim, é muito importante: o encontro com os outros. Por quê? Porque *a fé é um encontro com Jesus*, e nós devemos fazer o mesmo que Jesus: encontrar os outros.”²⁰¹

Em sua mensagem para o Dia Mundial das Missões, que em 2013 foi celebrado em uma data muito próxima ao do encerramento do Ano da Fé, Francisco destacou que

O homem do nosso tempo necessita de uma luz segura que ilumine a sua estrada e que só o encontro com Cristo lhe pode dar. Com o nosso testemunho de amor, levemos a este mundo a esperança que nos dá a fé! A missionariedade da Igreja não é proselitismo, mas testemunho de vida que ilumina o caminho, que traz esperança e amor. A Igreja – repito mais uma vez – não é uma organização assistencial, uma empresa, uma ONG, mas *uma comunidade de pessoas, animadas pela ação do Espírito Santo, que viveram e vivem a maravilha do encontro com Jesus Cristo* e desejam partilhar esta experiência de profunda alegria, partilhar a Mensagem de salvação que o Senhor nos trouxe. É justamente o Espírito Santo que guia a Igreja neste caminho.²⁰²

¹⁹⁹ Palavras na Vigília de Pentecostes com os movimentos eclesiais, Praça de São Pedro, 18 de maio de 2013.

²⁰⁰ Ibid.

²⁰¹ Ibid.

²⁰² Mensagem para o Dia Mundial das Missões, 19 de maio de 2013.

Essa “Mensagem de salvação” é identificada, no início do texto, com o dom da fé no amor de Deus, “dom que não está reservado a poucos, mas é oferecido a todos com generosidade: todos deveriam poder experimentar a alegria de se sentirem amados por Deus, a alegria da salvação.”²⁰³

A Jornada Mundial da Juventude de 2013, no Rio de Janeiro, que constituiu a primeira viagem internacional de Francisco, foi ocasião oportuna para que o papa se aprofundasse bastante no chamado ao encontro com Cristo e no seu significado. Já ao chegar ao Brasil, ele disse que os jovens que participam da JMJ “em Cristo encontram as respostas para suas mais altas e comuns aspirações e podem saciar a fome de verdade límpida e de amor autêntico que os irmanem para além de toda diversidade.”²⁰⁴ As respostas estão em Cristo porque “Jesus nos mostrou que a face de Deus é a de um Pai que nos ama.”²⁰⁵

Francisco colocou toda a existência cristã sob as coordenadas das virtudes teologais em sua homilia na festa de acolhida dos jovens em Copacabana, retomando o tema da peregrinação da cruz da JMJ pelo Brasil, “Bote fé”. Pela importância do encadeamento de toda a fala do papa, vamos reproduzi-la quase que integralmente:

É assim também na nossa vida, queridos jovens: se queremos que ela tenha realmente sentido e plenitude, como vocês mesmos desejam e merecem, digo a cada um e a cada uma de vocês: “bote fé” e a vida terá um sabor novo, a vida terá uma bússola que indica a direção; “bote esperança” e todos os seus dias serão iluminados e o seu horizonte já não será escuro, mas luminoso; “bote amor” e a sua existência será como uma casa construída sobre a rocha, o seu caminho será alegre, porque encontrará muitos amigos que caminham com você. “Bote fé”, “bote esperança”, “bote amor”! Todos juntos: Bote fé, bote esperança, bote amor!²⁰⁶

Em seguida, identificou a vivência das virtudes teologais como vida em Cristo, Aquele que atende e supera as expectativas do nosso coração:

Mas quem pode nos dar tudo isso? No Evangelho, escutamos a resposta: Cristo. “Este é o meu Filho, o Eleito. Escutai-O”! *Jesus é Aquele que nos traz a Deus e que nos leva a Deus; com Ele toda a nossa vida se transforma, se renova e nós podemos olhar a realidade com novos olhos*, “a partir da perspectiva de Jesus e com os seus olhos” (LF 18). Por isso, hoje, lhes digo a cada um de vocês com força: “Bote Cristo” na sua vida, e você encontrará um amigo em quem sempre confiar; “bote Cristo”, e você verá crescer as asas da esperança para percorrer com alegria o caminho do futuro; “bote Cristo” e a sua vida ficará cheia do seu amor, será uma vida fecunda. Porque todos nós desejamos ter uma vida fecunda, uma vida que dá vida aos outros!²⁰⁷

²⁰³ Ibid.

²⁰⁴ Discurso na cerimônia de boas-vindas, Palácio Guanabara, Rio de Janeiro, 22 de julho de 2013.

²⁰⁵ Homilia na celebração eucarística na Basílica do Santuário Nacional de Nossa Senhora Aparecida, 24 de julho de 2013.

²⁰⁶ Homilia na festa de acolhida dos jovens, Praia de Copacabana, Rio de Janeiro, 25 de julho de 2013.

²⁰⁷ Ibid.

Depois, Francisco traçou a relação entre pôr Cristo no centro da própria vida e descentrar-se, tirar a si mesmo do centro:

Hoje, fará bem a todos perguntar-se, queria que nos perguntássemos, com sinceridade: em quem depositamos a nossa confiança? Em nós mesmos, nas coisas, ou em Jesus? Todos sentimos muitas vezes a tentação de colocar-nos a nós mesmos no centro, de crer que somos o eixo do universo, a de crer que somos somente nós que construímos a nossa vida, ou de pensar que ela se encha de felicidade com o possuir, com o dinheiro, com o poder. Mas todos sabemos que não é assim! É verdade, o ter, o dinheiro, o poder podem gerar um momento de embriaguez, a ilusão de ser feliz, mas, no fim de contas, são eles que nos possuem e nos levam a querer ter sempre mais, a nunca estar saciados. E acabamos empanturrados, mas não nutridos; e é muito triste ver uma juventude empanturrada, mas fraca. A juventude deve ser forte, nutrir-se da sua fé e não empanturrar-se com outras coisas! “Bote Cristo” na sua vida, bote n’Ele a sua confiança e você nunca se decepcionará! *Vejam, queridos amigos, a fé realiza na nossa vida uma revolução que podíamos chamar copernicana: porque nos tira do centro e bota no centro a Deus; a fé nos imerge no seu amor que nos dá segurança, força, esperança. Aparentemente parece que não muda nada, mas, no mais íntimo de nós mesmos, tudo muda.* Quando está Deus, no nosso coração, habita a paz, a mansidão, a ternura, a coragem, a serenidade e a alegria, que são os frutos do Espírito Santo (cf. Gl 5, 22); então, a nossa existência se transforma, o nosso modo de pensar e agir se renova, torna-se o modo de pensar e de agir de Jesus, de Deus. Queridos amigos, a fé é revolucionária e eu hoje lhes pergunto: você está disposto, você está disposta a entrar nesta onda revolucionária da fé? Somente entrando nesta onda é que sua vida jovem adquirirá sentido e assim será fecunda!²⁰⁸

No final da homilia, o papa ainda indicou os lugares onde se pode realizar o encontro com Cristo: a Palavra, a Reconciliação, a Eucaristia – “Sacramento do seu sacrifício de amor” – e o próximo.

Querido jovem, querida jovem, “bote Cristo” na sua vida. Nestes dias, Ele lhe espera: na Palavra; escute-O com atenção e a presença d’Ele entusiasmará o seu coração será inflamado pela sua presença; “Bote Cristo”: Ele lhe acolhe no Sacramento do perdão, com a sua misericórdia cura todas as feridas do pecado. Não tenham medo de pedir perdão a Deus, porque Ele, no seu grande amor, nunca se cansa de nos perdoar, como um pai que nos ama. *Deus é pura misericórdia!* “Bote Cristo”: Ele lhe espera também no encontro com a sua Carne na Eucaristia, Sacramento da sua presença, do seu sacrifício de amor, e lhe espera também na humanidade de tantos jovens que vão lhe enriquecer com a sua amizade, lhe encorajar com o seu testemunho de fé, lhe ensinar a linguagem do amor, da caridade, da bondade, do serviço. Você também, querido jovem, pode ser uma testemunha jubilosa do seu amor, uma testemunha corajosa do seu Evangelho para levar a este nosso mundo um pouco de luz. *Deixe-se amar por Jesus; é um amigo que não desilude.* “É bom estarmos aqui”, botando Cristo na nossa vida, botando a fé, a esperança, o amor que Ele nos dá.²⁰⁹

Note-se desde já, perpassando toda a homilia, o uso de diversas expressões que manifestam o caráter de segurança da fé – “bússola que indica a direção”, “casa construída

²⁰⁸ Ibid.

²⁰⁹ Ibid.

sobre a rocha”, “amigo em quem sempre confiar”, “amor que nos dá segurança”. Essa ênfase ecoa a preocupação recorrente de Bento XVI em abordar a fé como uma certeza segura. Francisco voltou a ressaltar essa dimensão da fé em seu discurso durante a Via Sacra com os jovens:

O que foi que a Cruz deixou naqueles que a viram, e naqueles que a tocaram? O que deixa a Cruz em cada um de nós? Olhem! Deixa um bem que ninguém mais pode nos dar: *a certeza do amor fiel de Deus por nós*. Um amor tão grande que entra no nosso pecado e o perdoa, entra no nosso sofrimento e nos dá a força para poder levá-lo, entra também na morte para derrotá-la e nos salvar. *Na Cruz de Cristo, está todo o amor de Deus, está a sua imensa misericórdia. E este é um amor em que podemos confiar, em que podemos crer.*²¹⁰

Por fim, o papa falou sobre a saída de si mesmo em direção ao próximo a que nos impele a experiência desse amor fiável e misericordioso:

Queridos jovens, levemos as nossas alegrias, os nossos sofrimentos, os nossos fracassos para a Cruz de Cristo; encontraremos um Coração aberto que nos compreende, perdoa, ama e pede para levar este mesmo amor para a nossa vida, para amar cada irmão e irmã com este mesmo amor.²¹¹

A natureza centrífuga do encontro com Cristo voltou a ser assunto na homilia da celebração eucarística que encerrou a JMJ de 2013:

Durante estes dias, aqui no Rio, vocês puderam fazer a bela experiência de encontrar Jesus e de encontrá-lo juntos, sentindo a alegria da fé. Mas a experiência deste encontro não pode ficar trancafiada na vida de vocês ou no pequeno grupo da paróquia, do movimento, da comunidade de vocês. Seria como cortar o oxigênio a uma chama que arde. A fé é uma chama que se faz tanto mais viva quanto mais é partilhada, transmitida, para que todos possam conhecer, amar e professar que Jesus Cristo é o Senhor da vida e da história (cf. Rm 10,9).²¹²

Isso ficou ainda mais claro no longo e aprofundado discurso aos bispos responsáveis do Celam. Francisco propôs uma leitura da herança da conferência realizada em Aparecida, em 2007. Entre os quatro desdobramentos da tentação de ideologizar a mensagem evangélica elencados pelo papa, ele fez menção direta ao reducionismo do encontro com Cristo quando falou da tentação da ideologização psicológica:

Trata-se de uma hermenêutica elitista que, em última análise, reduz o ‘encontro com Jesus Cristo’ e seu sucessivo desenvolvimento a uma dinâmica de autoconhecimento. Costuma verificar-se principalmente em cursos de

²¹⁰ Palavras durante a Via Sacra com os jovens, Praia de Copacabana, Rio de Janeiro, 26 de julho de 2013.

²¹¹ Ibid.

²¹² Homilia na celebração eucarística para a XXVIII Jornada Mundial da Juventude, Praia de Copacabana, Rio de Janeiro, 28 de julho de 2013.

espiritualidade, retiros espirituais, etc. Acaba por resultar numa posição imanente autorreferencial.²¹³

Em seguida, Francisco voltou a pôr em evidência a centralidade de Cristo na vocação do discípulo missionário:

O discípulo missionário não pode possuir-se a si mesmo; a sua imanência está em tensão para a transcendência do discipulado e para a transcendência da missão. Não admite a autorreferencialidade: ou refere-se a Jesus Cristo ou refere-se às pessoas a quem deve levar o anúncio dele. Sujeito que se transcende. *Sujeito projetado para o encontro: o encontro com o Mestre (que nos unge discípulos) e o encontro com os homens que esperam o anúncio.* Por isso, gosto de dizer que a posição do discípulo missionário não é uma posição de centro, mas de periferias: vive em tensão para as periferias... incluindo as da eternidade no encontro com Jesus Cristo. No anúncio evangélico, falar de “periferias existenciais” descentraliza e, habitualmente, temos medo de sair do centro. *O discípulo-missionário é um “descentrado”: o centro é Jesus Cristo, que convoca e envia.* O discípulo é enviado para as periferias existenciais.²¹⁴

Já em seu discurso ao episcopado brasileiro, afirmando que “a missão nasce precisamente dessa fascinação divina, dessa maravilha do encontro”, Francisco questionou se a Igreja ainda é capaz de anunciar o querigma:

Eu gostaria que hoje nos perguntássemos todos: Somos ainda uma Igreja capaz de aquecer o coração? Uma Igreja capaz de reconduzir a Jerusalém? Capaz de acompanhar de novo a casa? Em Jerusalém, residem as nossas fontes: Escritura, Catequese, Sacramentos, Comunidade, amizade do Senhor, Maria e os Apóstolos... Somos ainda capazes de contar de tal modo essas fontes, que despertem o encanto pela sua beleza?

Muitos se foram, porque lhes foi prometido algo de mais alto, algo de mais forte, algo de mais rápido. *Mas haverá algo de mais alto que o amor revelado em Jerusalém? Nada é mais alto do que o abaixamento da Cruz, porque lá se atinge verdadeiramente a altura do amor! Somos ainda capazes de mostrar esta verdade para aqueles que pensam que a verdadeira altura da vida esteja em outro lugar?*

Porventura se conhece algo de mais forte que a força escondida na fragilidade do amor, do bem, da verdade, da beleza?

A busca do que é cada vez mais rápido atrai o homem de hoje: internet rápida, carros velozes, aviões rápidos, relatórios rápidos... E, todavia, se sente uma necessidade desesperada de calma, quero dizer, de lentidão. A Igreja sabe ainda ser lenta: no tempo para ouvir, na paciência para costurar novamente e reconstruir? Ou a própria Igreja já se deixa arrastar pelo frenesi da eficiência? [...]. Onde está a nossa Jerusalém em que nascemos? No Batismo, *no primeiro encontro de amor*, na chamada, na vocação! Precisamos de uma Igreja que volte a dar calor, a inflamar o coração.²¹⁵

²¹³ Discurso aos bispos responsáveis do Conselho Episcopal Latino-Americano por ocasião da reunião geral de coordenação, Auditório do Centro de Estudos do Sumaré, Rio de Janeiro, 28 de julho de 2013.

²¹⁴ Ibid.

²¹⁵ Discurso durante o encontro com o episcopado brasileiro, Arcebispo do Rio de Janeiro, 27 de julho de 2013.

Nesse encontro com a misericórdia de Deus se experimenta a alegria da salvação, como recordou o papa, já de volta a Roma, durante o *Angelus* no domingo em que a liturgia da Palavra trazia as parábolas da misericórdia (Lc 15), coração de toda a fé cristã:

Estas três parábolas falam da alegria de Deus. Deus é alegre! E isto é interessante: Deus é alegre! E em que consiste a alegria de Deus? A alegria de Deus é perdoar, a alegria de Deus é perdoar! É o júbilo de um pastor que encontra a sua ovelha; a alegria de uma mulher que encontra a sua moeda; é a felicidade de um pai que volta a receber em casa o filho que se tinha perdido, que estava morto e reviveu, voltou para casa. *Aqui está o Evangelho inteiro! Aqui está! Aqui está o Evangelho inteiro, todo o Cristianismo!* Mas vede que não se trata de sentimento, não é “moralismo”! Pelo contrário, a misericórdia é a verdadeira força que pode salvar o homem e o mundo do “câncer” que é o pecado, o mal moral, o mal espiritual. Só o amor preenche os vazios, os abismos negativos que o mal abre no coração e na história. Somente o amor pode fazer isto, e esta é a alegria de Deus!²¹⁶

É em Jesus que encontramos esse amor misericordioso de Deus: “Jesus é todo misericórdia, Jesus é todo amor: é Deus que se fez homem.”²¹⁷

Na Jornada dos Catequistas por ocasião do Ano da Fé, comentando o Magnificat, Francisco destacou a importância da memória da nossa experiência com Deus; é daí que parte o anúncio, pois “o catequista é pessoa da memória de Deus, se tem uma relação constante, vital com Ele e com o próximo”:

Neste cântico de Maria, está presente também *a memória da sua história pessoal, a história de Deus com Ela, a sua própria experiência de fé*. E o mesmo se passa com cada um de nós, com cada cristão: *a fé contém precisamente a memória da história de Deus conosco, a memória do encontro com Deus que toma a iniciativa*, que cria e salva, que nos transforma; a fé é memória da sua Palavra que inflama o coração, das suas ações salvíficas pelas quais nos dá vida, purifica, cuida de nós e alimenta. O catequista é precisamente um cristão que põe esta memória ao serviço do anúncio; não para dar nas vistas, nem para falar de si, mas *para falar de Deus, do seu amor, da sua fidelidade*. Falar e transmitir tudo aquilo que Deus revelou, isto é, a doutrina na sua totalidade, sem cortes nem acréscimos.²¹⁸

Em uma mensagem à Rádio Vaticano, que completou seu 30º aniversário durante o Ano da Fé, Francisco afirmou que “somente o encontro com Jesus pode transformar o coração e a história do homem”.²¹⁹

A um grupo de catecúmenos recém-admitidos ao catecumenato, um dia antes da celebração de encerramento do Ano da Fé, Francisco disse que o que os unia era o desejo do encontro com o Senhor:

²¹⁶ *Angelus*, Praça de S. Pedro, 15 de setembro de 2013.

²¹⁷ *Ibid.*

²¹⁸ Homília na Santa Missa na Jornada dos Catequistas por ocasião do Ano da Fé. Praça de São Pedro, 29 de setembro de 2013.

²¹⁹ Mensagem por ocasião do trigésimo aniversário do Centro Televisivo Vaticano, 18 de outubro de 2013.

Este desejo é evocado pelas palavras do Salmista: “Do mesmo modo como a corça anseia pelas águas vivas, assim a minha alma suspira por vós, ó meu Deus. A minha alma tem sede de Deus, do Deus vivo; quando irei contemplar a face de Deus?” (Sl 42 [41], 2-3). Como é importante manter vivo este desejo, *este desejo de encontrar o Senhor e fazer a sua experiência, fazer experimentar o seu amor, fazer a experiência da sua misericórdia!* Se vier a faltar a sede do Deus vivo, a fé corre o risco de se tornar habitudinária, corre o perigo de se apagar, como um fogo que já não é atizado. Corre o risco de se tornar “rançosa”, insensata.²²⁰

Em seguida, o papa identificou três momentos da passagem evangélica lida na celebração (Jo 1, 35-42): a escuta, o encontro e o caminho. Sobre o momento do encontro com “o Único que pode dar um sentido pleno à nossa vida”, Francisco disse:

Os dois discípulos encontram o Mestre e permanecem com Ele. *Depois de O ter encontrado, sentem imediatamente algo de novo no seu coração:* a exigência de transmitir a sua alegria inclusive aos outros, a fim de que também eles possam encontrá-lo. Com efeito, André encontra o seu irmão Simão e o conduz a Jesus. Como nos faz bem contemplar esta cena! Recorda-nos que Deus não nos criou para permanecermos sozinhos, fechados em nós mesmos, mas *para podermos encontrá-lo e para nos abrirmos ao encontro com o próximo. Deus vem primeiro ao encontro de cada um de nós;* e isto é maravilhoso! É Ele que vem ao nosso encontro! Na Bíblia, Deus manifesta-se sempre como Aquele que toma a iniciativa do encontro com o homem: é Ele que procura o homem e, em geral, procura-o precisamente enquanto o homem faz a experiência amarga e trágica de trair Deus e de O evitar. Deus não espera para o procurar: procura-o imediatamente! O nosso Pai é um procurador paciente! Ele precede-nos e espera-nos sempre. Não se cansa de nos esperar, não se afasta de nós, mas tem a paciência de *esperar o momento favorável do encontro* com cada um de nós. *E quando o encontro se realiza, nunca se trata de um encontro apressado, porque Deus deseja permanecer prolongadamente ao nosso lado para nos sustentar e consolar, para nos infundir a sua alegria.* Deus tem pressa de nos encontrar, mas nunca tem pressa de nos deixar. Ele permanece ao nosso lado. Do mesmo modo como nós anelamos por Ele e o desejamos, assim também Ele deseja estar ao nosso lado, porque nós lhe pertencemos, somos “algo” seu, somos suas criaturas. Podemos dizer que também Ele tem sede de nós, de nos encontrar. O nosso Deus tem sede de nós. E este é o coração de Deus. É bom sentir isto!²²¹

A seguir, Francisco destacou que esse encontro acontece como caminho, rumo a um encontro definitivo, e voltou a sublinhar a dimensão de certeza da fé:

A fé é um caminho com Jesus. Recordai sempre isto: a fé consiste em caminhar com Jesus; é um caminho que dura a vida inteira. No final haverá o encontro definitivo. Sem dúvida, em determinados momentos ao longo deste caminho sentimo-nos cansados e confusos. No entanto, a fé confere-nos a certeza da presença constante de Jesus em cada situação, inclusive na mais dolorosa ou difícil de compreender. Somos chamados a caminhar para penetrar cada vez mais no mistério do amor de Deus que, sobranceiro, nos permite viver com serenidade e esperança.²²²

²²⁰ Palavras durante o encontro com os catecúmenos na conclusão do Ano da Fé, Basílica de São Pedro, 23 de novembro de 2013.

²²¹ Ibid.

²²² Ibid.

Por fim, o papa exortou os catecúmenos a não esquecerem o momento do primeiro encontro com o amor fiel de Jesus:

Convido-vos a conservar o entusiasmo do primeiro momento, que vos fez abrir os olhos à luz da fé; a recordar como *o discípulo muito amado*, o dia, a hora em que permanecestes pela primeira vez com Jesus, quando sentistes o seu olhar sobre vós. Nunca esqueçais este olhar de Jesus sobre ti, sobre ti, sobre ti... Jamais esqueçais este olhar! *Trata-se de um olhar de amor. E assim estareis sempre persuadidos do amor fiel do Senhor. Ele é fiel! E estais certos disto: Ele nunca vos trairá!*²²³

Enfim, a homilia na conclusão do Ano da Fé, na Solenidade de Cristo Rei, foi ocasião para o papa destacar “a centralidade de Cristo: Cristo está no centro, Cristo é o centro. Cristo, centro da criação, do povo e da história”:

Jesus é o centro da criação; e, portanto, a atitude que se requer do crente – se o quer ser de verdade – é reconhecer e aceitar na vida esta centralidade de Jesus Cristo, nos pensamentos, nas palavras e nas obras. E, assim, os nossos pensamentos serão pensamentos cristãos, pensamentos de Cristo. As nossas obras serão obras cristãs, obras de Cristo, as nossas palavras serão palavras cristãs, palavras de Cristo. Diversamente, quando se perde este centro, substituindo-o por outra coisa qualquer, disso só derivam danos para o meio ambiente que nos rodeia e para o próprio homem.²²⁴

Jesus é também o centro da Igreja, povo de Deus: “Somente n’Ele, n’Ele por centro, temos a identidade como povo.” Além disso,

Cristo é o centro da história da humanidade e também o centro da história de cada homem. A Ele podemos referir as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias de que está tecida a nossa vida. Quando Jesus está no centro, até os momentos mais sombrios da nossa existência se iluminam: Ele dá-nos esperança, como fez com o bom ladrão no Evangelho de hoje. [...] Jesus é precisamente o centro dos nossos desejos de alegria e de salvação.²²⁵

6.2.4 A exortação apostólica *Evangelii Gaudium*

É na exortação apostólica *Evangelii Gaudium* – largamente considerada como o documento mais característico do pensamento do Papa Francisco – que fica melhor explicitada e aprofundada a importância do querigma na vida da Igreja. Aqui Francisco não só fala de modo querigmático, mas explicita a razão da importância de fazê-lo. Tendo por tema o anúncio do Evangelho no mundo atual, a exortação, publicada precisamente no encerramento

²²³ Ibid.

²²⁴ Homilia na Santa Missa na conclusão do Ano da Fé na Solenidade de Nosso Senhor Jesus Cristo, Rei do Universo, Praça de São Pedro, 24 de novembro de 2013.

²²⁵ Ibid.

do Ano da Fé (24 de novembro de 2013), recolheu as contribuições da assembleia sinodal realizada em 2012, no pontificado de Bento XVI, sobre a nova evangelização.

Vamos destacar quatro trechos da exortação fundamentais para o nosso tema. O primeiro se encontra logo na introdução e é como que um convite, sem cuja aceitação a leitura da exortação não seria fecunda.

Convido todo o cristão, em qualquer lugar e situação que se encontre, *a renovar hoje mesmo o seu encontro pessoal com Jesus Cristo ou, pelo menos, a tomar a decisão de se deixar encontrar por Ele, de O procurar dia a dia sem cessar*. Não há motivo para alguém poder pensar que este convite não lhe diz respeito, já que “da alegria trazida pelo Senhor ninguém é excluído” (GD 22). Quem arrisca, o Senhor não o desilude; e, quando alguém dá um pequeno passo em direção a Jesus, descobre que Ele já aguardava de braços abertos a sua chegada. Este é o momento para dizer a Jesus Cristo: “Senhor, deixei-me enganar, de mil maneiras fugi do vosso amor, mas aqui estou novamente para renovar a minha aliança convosco. Preciso de Vós. Resgatai-me de novo, Senhor; aceitai-me mais uma vez nos vossos braços redentores”. Como nos faz bem voltar para Ele, quando nos perdemos! Insisto uma vez mais: Deus nunca Se cansa de perdoar, somos nós que nos cansamos de pedir a sua misericórdia. Aquele que nos convidou a perdoar “setenta vezes sete” (Mt18, 22) dá-nos o exemplo: Ele perdoa setenta vezes sete. Volta uma vez e outra a carregar-nos aos seus ombros. *Ninguém nos pode tirar a dignidade que este amor infinito e inabalável nos confere*. Ele permite-nos levantar a cabeça e recomeçar, com uma ternura que nunca nos defrauda e sempre nos pode restituir a alegria. Não fujamos da ressurreição de Jesus; nunca nos demos por mortos, suceda o que suceder. Que nada possa mais do que a sua vida que nos impele para diante! (n. 3).

Pouco depois, Francisco retoma a introdução da encíclica *Deus Caritas Est*, de seu predecessor:

Não me cansarei de repetir estas palavras de Bento XVI que nos levam ao centro do Evangelho: “Ao início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, o rumo decisivo” (DCE 1).

Somente graças a este *encontro – ou reencontro – com o amor de Deus*, que se converte em amizade feliz, é que somos resgatados da nossa consciência isolada e da autorreferencialidade. Chegamos a ser plenamente humanos, quando somos mais do que humanos, quando permitimos a Deus que nos conduza para além de nós mesmos a fim de alcançarmos o nosso ser mais verdadeiro. Aqui está a fonte da ação evangelizadora. Porque, *se alguém acolheu este amor que lhe devolve o sentido da vida*, como é que pode conter o desejo de o comunicar aos outros? (n. 7-8).

Mais à frente, o papa deixa explícita sua intenção de retornar à fonte:

Jesus Cristo pode romper também os esquemas enfadonhos em que pretendemos aprisioná-Lo, e surpreende-nos com a sua constante criatividade divina. Sempre que procuramos *voltar à fonte e recuperar o frescor original do Evangelho*, despontam novas estradas, métodos criativos, outras formas de expressão, sinais mais eloquentes, palavras cheias de renovado significado para o mundo atual. Na realidade, toda a ação evangelizadora autêntica é sempre “nova” (n. 11).

Essa fonte é “o centro e a essência” do anúncio cristão, que “são sempre o mesmo: *o Deus que manifestou o seu amor imenso em Cristo morto e ressuscitado*” (n. 11).

O segundo trecho da exortação que para nós é fundamental é o que se encontra sob o título “A partir do coração do Evangelho” (Cap. I, 3). Nele, Francisco traça uma relação entre a doutrina sobre a hierarquia das verdades, como expressa no decreto *Unitatis Redintegratio*, do Concílio Vaticano II, e o ensinamento de Santo Tomás de Aquino de que a misericórdia é a maior das virtudes e de que o elemento principal da Nova Lei de Cristo é a graça do Espírito Santo. O papa parte da necessidade de repensar a maneira de comunicar a mensagem do Evangelho na atualidade, centrando-a no seu núcleo fundamental, de modo que desde aí o anúncio possa ser compreendido em sua totalidade pelo interlocutor:

Se pretendemos colocar tudo em chave missionária, isso aplica-se também à maneira de comunicar a mensagem. No mundo atual, com a velocidade das comunicações e a seleção interessada dos conteúdos feita pelos *mass-media*, a mensagem que anunciamos corre mais do que nunca o risco de aparecer mutilada e reduzida a alguns dos seus aspectos secundários. Consequentemente, algumas questões que fazem parte da doutrina moral da Igreja ficam fora do contexto que lhes dá sentido. O problema maior ocorre quando a mensagem que anunciamos parece então identificada com tais aspectos secundários, que, apesar de serem relevantes, por si sozinhos *não manifestam o coração da mensagem de Jesus Cristo*. Portanto, convém ser realistas e não dar por suposto que os nossos interlocutores conhecem o horizonte completo daquilo que dizemos ou que eles podem relacionar o nosso discurso com o núcleo essencial do Evangelho que lhe confere sentido, beleza e fascínio (n. 34).

Uma pastoral em chave missionária não está obsesionada pela transmissão desarticulada de uma imensidade de doutrinas que se tentam impor à força de insistir. *Quando se assume um objetivo pastoral e um estilo missionário, que chegue realmente a todos sem exceções nem exclusões, o anúncio concentra-se no essencial, no que é mais belo, mais importante, mais atraente e, ao mesmo tempo, mais necessário*. A proposta acaba simplificada, sem com isso perder profundidade e verdade, e assim se torna mais convincente e radiosa (n. 35).

O papa se refere ao problema de recepção da mensagem que a Igreja tem a transmitir. Sabemos que os meios de comunicação, ao menos durante o pontificado de Bento XVI, agiram de maneira seletiva, de modo a transmitir uma imagem incompleta, e portanto distorcida, do ensinamento do papa. Francisco está consciente disso e tem a preocupação de que a mensagem nuclear da Igreja chegue aos ouvidos do interlocutor.

Isso não se reduz, contudo, a uma questão de estratégia. Trata-se de ser fiel à doutrina da Igreja, apresentando cada conteúdo em seu pleno sentido, evidenciando a relação entre cada um deles e o núcleo fundamental da fé cristã.

Todas as verdades reveladas procedem da mesma fonte divina e são acreditadas com a mesma fé, mas algumas delas são mais importantes por exprimir mais diretamente o coração do Evangelho. Neste núcleo fundamental, o que sobressai é *a beleza do*

*amor salvífico de Deus manifestado em Jesus Cristo morto e ressuscitado.*²²⁶ Neste sentido, o Concílio Vaticano II afirmou que “*existe uma ordem ou ‘hierarquia’ das verdades da doutrina católica, já que o nexo delas com o fundamento da fé cristã é diferente*” (UR 11). Isto é válido tanto para os dogmas da fé como para o conjunto dos ensinamentos da Igreja, incluindo a doutrina moral (n. 36).

São Tomás de Aquino ensinava que, também na mensagem moral da Igreja, há uma *hierarquia* nas virtudes e ações que delas procedem (cf. ST I-II, q. 66, a. 4-6). *Aqui o que conta é, antes de mais nada, “a fé que atua pelo amor”* (Gl 5, 6). As obras de amor ao próximo são a manifestação externa mais perfeita da graça interior do Espírito: “O elemento principal da Nova Lei é a graça do Espírito Santo, que se manifesta através da fé que opera pelo amor” (ST I-II, q. 108, a. 1). Por isso afirma que, relativamente ao agir exterior, *a misericórdia é a maior de todas as virtudes*: “Em si mesma, a misericórdia é a maior das virtudes; na realidade, compete-lhe debruçar-se sobre os outros e – o que mais conta – remediar as misérias alheias. Ora, isto é tarefa especialmente de quem é superior; é por isso que se diz que é próprio de Deus usar de misericórdia e é, sobretudo nisto, que se manifesta a sua onipotência” (ST II-II, q. 30, a. 4) (n. 37).

O núcleo da fé cristã é “a beleza do amor salvífico de Deus manifestado em Jesus Cristo morto e ressuscitado”. Qualquer exposição doutrinal que não esclareça a relação que um dado conteúdo tem com esse núcleo é infecunda e contribui mais para distorcer o Evangelho do que para anunciá-lo. Mais: é necessário ter isso em mente no que diz respeito à proporção com que cada conteúdo doutrinal é enfatizado. Quando, nessa proporção, não se faz justiça ao núcleo fundamental da fé cristã, fica claro que se trata não do anúncio do Evangelho de Jesus Cristo, mas de doutrinação ideológica:

É importante tirar as consequências pastorais desta doutrina conciliar, que recolhe uma antiga convicção da Igreja. Antes de mais nada, deve-se dizer que, no anúncio do Evangelho, é necessário que haja uma *proporção adequada*. Esta reconhece-se na frequência com que se mencionam alguns temas e nas acentuações postas na pregação. Por exemplo, se um pároco, durante um ano litúrgico, fala dez vezes sobre a temperança e apenas duas ou três vezes sobre a caridade ou sobre a justiça, gera-se uma desproporção, acabando obscurecidas precisamente aquelas virtudes que deveriam estar mais presentes na pregação e na catequese. É o mesmo acontece quando se fala mais da lei que da graça, mais da Igreja que de Jesus Cristo, mais do Papa que da Palavra de Deus (n. 38).

Tal como existe uma unidade orgânica entre as virtudes que impede de excluir qualquer uma delas do ideal cristão, assim também nenhuma verdade é negada. Não é preciso mutilar a integridade da mensagem do Evangelho. Além disso, *cada verdade entende-se melhor se a colocarmos em relação com a totalidade harmoniosa da mensagem cristã*: e, neste contexto, todas as verdades têm a sua própria importância e iluminam-se reciprocamente. Quando a pregação é fiel ao Evangelho, manifesta-se com clareza a centralidade de algumas verdades e fica claro que *a pregação moral cristã não é uma ética estoica, é mais do que uma ascese, não é uma mera filosofia prática nem um catálogo de pecados e erros. O Evangelho convida, antes de tudo, a responder a Deus que nos ama e salva, reconhecendo-O nos outros e saindo de nós mesmos para procurar o bem de todos*. Este convite não há-de ser obscurecido em nenhuma circunstância! *Todas as virtudes estão ao serviço desta resposta de amor*. Se tal convite não refulge com vigor e fascínio, o edifício moral da Igreja corre o risco de se tornar um castelo de cartas, sendo este o

²²⁶ Este grifo é do próprio papa.

nosso pior perigo; é que, então, *não estaremos propriamente a anunciar o Evangelho, mas algumas acentuações doutrinárias ou morais, que derivam de certas opções ideológicas*. A mensagem correrá o risco de perder o seu frescor e já não ter “o perfume do Evangelho” (n. 39).

O terceiro trecho a ser destacado se encontra sob o título “Uma evangelização para o aprofundamento do querigma” (Cap. III, 4). Falando do crescimento de cada fiel em Cristo, Francisco deixa claro:

Não seria correto que este apelo ao crescimento fosse interpretado, exclusiva ou prioritariamente, como formação doutrinária. Trata-se de “cumprir” aquilo que o Senhor nos indicou como resposta ao seu amor, sobressaindo, junto com todas as virtudes, aquele mandamento novo que é o primeiro, o maior, o que melhor nos identifica como discípulos: “É este o meu mandamento: que vos ameis uns aos outros como Eu vos amei” (*Jo 15, 12*) (n. 161).

Remetendo-se à exortação apostólica *Catechesi Tradendae*, de São João Paulo II, e ao Diretório Geral para a Catequese, o papa afirma que o querigma “deve ocupar o centro da atividade evangelizadora e de toda a tentativa de renovação eclesial” (n. 164). Em seguida, dá como que um enunciado do querigma:

O querigma é trinitário. É o fogo do Espírito que se dá sob a forma de línguas e nos faz *crer em Jesus Cristo, que, com a sua morte e ressurreição, nos revela e comunica a misericórdia infinita do Pai*. Na boca do catequista, volta a ressoar sempre o primeiro anúncio: “*Jesus Cristo ama-te, deu a sua vida para te salvar, e agora vive contigo todos os dias para te iluminar, fortalecer, libertar*” (n. 164).

Francisco ainda sublinha que o querigma é o eixo de todo o anúncio:

Ao designar-se como “primeiro” este anúncio, não significa que o mesmo se situa no início e que, em seguida, se esquece ou substitui por outros conteúdos que o superam; é o primeiro em sentido qualitativo, porque é o anúncio *principal*,²²⁷ aquele que sempre se tem de voltar a ouvir de diferentes maneiras e aquele que sempre se tem de voltar a anunciar, de uma forma ou de outra, durante a catequese, em todas as suas etapas e momentos (n. 164).

O papa rebate aqueles que creem que o querigma é um estágio menos amadurecido da fé: “Não se deve pensar que, na catequese, o querigma é deixado de lado em favor duma formação supostamente mais ‘sólida’. Nada há de mais sólido, mais profundo, mais seguro, mais consistente e mais sábio que esse anúncio” (n. 165). Fora do querigma, não se compreende o anúncio cristão:

Toda a formação cristã é, primariamente, o aprofundamento do querigma que se vai, cada vez mais e melhor, fazendo carne, que nunca deixa de iluminar a tarefa catequética, e permite compreender adequadamente o sentido de qualquer tema que

²²⁷ O grifo é do Papa.

se desenvolve na catequese. É o anúncio que dá resposta ao anseio de infinito que existe em todo o coração humano. (n. 165).

Francisco traça ainda as características que o anúncio tem quando aquele que anuncia tem consciência da centralidade do querigma:

A centralidade do *querigma* requer certas características do anúncio que hoje são necessárias em toda a parte: *que exprima o amor salvífico de Deus como prévio à obrigação moral e religiosa*, que não imponha a verdade mas faça apelo à liberdade, que seja pautado pela alegria, o estímulo, a vitalidade e uma integralidade harmoniosa que não reduza a pregação a poucas doutrinas, por vezes mais filosóficas que evangélicas. Isto exige do evangelizador certas atitudes que ajudam a acolher melhor o anúncio: proximidade, abertura ao diálogo, paciência, acolhimento cordial que não condena (n. 165).

Enfim, o quarto trecho da exortação que nos interessa tem precisamente o título de “O encontro pessoal com o amor de Jesus que nos salva”, o que é elencado como a primeira das “motivações para um renovado impulso missionário”: “A primeira motivação para evangelizar é o amor que recebemos de Jesus, aquela experiência de sermos salvos por Ele que nos impele a amá-Lo cada vez mais” (n. 264). Para isso, “é urgente recuperar um espírito *contemplativo*”,²²⁸ pondo-nos diante de Jesus e de seu amor para que Ele volte a nos cativar.

Colocados diante d’Ele com o coração aberto, deixando que Ele nos olhe, reconhecemos aquele olhar de amor que descobriu Natanael no dia em que Jesus Se fez presente e lhe disse: “Eu vi-te, quando estavas debaixo da figueira!” (Jo 1, 48). Como é doce permanecer diante dum crucifixo ou de joelhos diante do Santíssimo Sacramento, e fazê-lo simplesmente para estar à frente dos seus olhos! [...] Sucede então que, em última análise, “o que nós vimos e ouvimos, isso anunciamos” (1Jo 1, 3). (Ibid.)

Segundo o papa, é preciso não perder de vista que a mensagem por cuja transmissão somos responsáveis não é um anúncio qualquer, mas aquilo que há de mais precioso, que realmente cala no coração do homem:

Às vezes perdemos o entusiasmo pela missão, porque esquecemos que o Evangelho dá resposta às necessidades mais profundas das pessoas, porque todos fomos criados para aquilo que o Evangelho nos propõe: a amizade com Jesus e o amor fraterno. Quando se consegue exprimir, de forma adequada e bela, o conteúdo essencial do Evangelho, com certeza essa mensagem fala aos anseios mais profundos do coração. [...] O entusiasmo na evangelização funda-se nesta convicção. Temos à disposição um tesouro de vida e de amor que *não pode enganar*, a mensagem que não pode manipular nem desiludir. É uma resposta que desce ao mais fundo do ser humano e pode sustentá-lo e elevá-lo. É a verdade que não passa de moda, porque é capaz de penetrar onde nada mais pode chegar. *A nossa tristeza infinita só se cura com um amor infinito* (n. 265).

²²⁸ É o próprio papa que grifa dessa maneira.

Como manter essa convicção? Acima de tudo “com a *experiência* pessoal, constantemente renovada, de saborear a sua amizade e a sua mensagem”:

Não se pode perseverar numa evangelização cheia de ardor, se não se está convencido, *por experiência própria*, que não é a mesma coisa ter conhecido Jesus ou não. O conhecer, não é a mesma coisa caminhar com Ele ou caminhar tateando, não é a mesma coisa poder escutá-Lo ou ignorar a sua Palavra, não é a mesma coisa poder contemplá-Lo, adorá-Lo, descansar n’Ele ou não o poder fazer. Não é a mesma coisa procurar construir o mundo com o seu Evangelho em vez de o fazer unicamente com a própria razão. Sabemos bem que a vida com Jesus se torna muito mais plena e, com Ele, é mais fácil encontrar o sentido para cada coisa. É por isso que evangelizamos. O verdadeiro missionário, que não deixa jamais de ser discípulo, sabe que Jesus caminha com ele, fala com ele, respira com ele, trabalha com ele. *Sente Jesus vivo com ele*, no meio da tarefa missionária. Se uma pessoa não O descobre presente no coração mesmo da entrega missionária, depressa perde o entusiasmo e deixa de estar segura do que transmite, faltam-lhe força e paixão. *E uma pessoa que não está convencida, entusiasmada, segura, enamorada, não convence ninguém* (n. 266).

Aqui fica clara a dimensão experiencial da fé. É preciso sentir Jesus, saborear a sua mensagem, perceber a sua presença e nele se descobrir amado pessoalmente com um amor sem igual.

6.2.5 Alocuções no ano de 2014

Exatamente um ano depois do fim do pontificado de Bento XVI, em discurso à Pontifícia Comissão para a América Latina, Francisco questionou: “Um jovem sem utopia é um idoso precoce, alguém que envelhece antes do tempo. Como posso fazer com que este desejo do jovem, que esta sua utopia o leve ao encontro com Jesus Cristo? Trata-se de todo um caminho que é necessário percorrer.”²²⁹

Em discurso aos membros da Federação Italiana de Exercícios Espirituais, o papa postulou: “Os homens e as mulheres de hoje têm necessidade de encontrar Deus, de conhecer Deus ‘não por ter ouvido falar dele’ (cf. Jó 42, 5)”.²³⁰ No mesmo dia, disse aos bispos espanhóis que “a fé não é uma mera herança cultural, mas um presente, *um dom que nasce do encontro pessoal com Jesus e da aceitação livre e jubilosa da nova vida que nos oferece*.”²³¹

A alegria cristã, segundo Francisco, se origina “no encontro pessoal com Cristo e no acolhimento da sua mensagem de misericórdia. É uma exigência primária para os evangelizadores, cuja missão consiste em favorecer este encontro do Senhor com os homens e

²²⁹ Discursos à plenária da Pontifícia Comissão para a América Latina, Sala Clementina, 28 de fevereiro de 2014.

²³⁰ Discurso aos membros da Federação Italiana de Exercícios Espirituais, 3 de março de 2014.

²³¹ Discurso aos bispos da Conferência Episcopal da Espanha em visita *ad limina apostolorum*, 3 de março de 2014.

as mulheres rumo aos quais são enviados.”²³² “É a experiência do encontro com o Senhor que nos impele e nos doa a alegria de O anunciar a todos os povos”,²³³ disse ainda o papa.

Francisco explicitou novamente a relação entre o encontro com Jesus e a missão em um discurso a deficientes visuais e auditivos:

Para ser testemunha do Evangelho, é necessário ter antes encontrado Ele, Jesus. Quem O conhece verdadeiramente, torna-se sua testemunha. Como a Samaritana — lemos no domingo passado — aquela mulher, se encontra com Jesus, fala com Ele, e a sua vida muda; depois, ela vai ter com o seu povo e diz: “Vinde ver alguém que me disse tudo aquilo que eu fiz, talvez seja o Messias!” (cf. Jo 4, 29).

Testemunha do Evangelho é alguém que encontrou Jesus Cristo, que O conheceu, ou melhor, que se sentiu por Ele conhecido, reconhecido, respeitado, amado e perdoado; e este encontro sensibilizou-o em profundidade, enchendo-o de uma alegria nova, de um significado renovado para a sua vida. E isto transparece, comunica-se, transmite-se aos outros.

Recordei a Samaritana, porque ela é um exemplo claro do *tipo de pessoas que Jesus amava encontrar*, para fazer delas testemunhas: pessoas marginalizadas, excluídas, desprezadas. A Samaritana era-o enquanto mulher e enquanto samaritana, porque os samaritanos eram muito desprezados pelos judeus. Mas pensemos em muitas pessoas que Jesus quis encontrar, sobretudo pessoas marcadas pela enfermidade e pela deficiência, para as curar e restituir à plena dignidade. É muito importante que precisamente estas pessoas se tornem testemunhas de uma nova atitude, que podemos denominar cultura do encontro. Exemplo típico é a figura do cego de nascença, que nos será representada amanhã, no Evangelho da Missa (cf. Jo 9, 1-41).²³⁴

Na homilia da Vigília Pascal de 2014, Francisco falou do encontro pessoal com Jesus como a nossa “Galileia”, “o lugar do primeiro chamado”, do “primeiro amor”:

Na vida do cristão, depois do Batismo, há também outra “Galileia”, uma “Galileia” mais existencial: *a experiência do encontro pessoal com Jesus Cristo*, que me chamou para O seguir e participar na sua missão. Neste sentido, voltar à Galileia significa guardar no coração a memória viva desta chamada, quando Jesus passou pela minha estrada, *olhou-me com misericórdia*, pediu-me para O seguir; voltar para Galileia significa recuperar a lembrança daquele momento em que os olhos d’Ele se cruzaram com os meus, *quando me fez sentir que me amava*.²³⁵

Duas semanas depois, durante a oração do *Regina Coeli*, o papa disse que “as Escrituras e a Eucaristia são os elementos indispensáveis para o encontro com o Senhor” e pediu que cada cristão

²³² Discurso aos bispos da Conferência Episcopal de Madagascar em visita *ad limina apostolorum*, 28 de março de 2014.

²³³ Discurso aos participantes do encontro dos diretores nacionais de pontifícias obras missionárias e colaboradores da Congregação para a Evangelização dos Povos, Sala Clementina, 9 de maio de 2014.

²³⁴ Discurso ao Movimento Apostólico de Cegos e à Pequena Missão para os Surdos-Mudos, Sala Paulo VI, 29 de março de 2014.

²³⁵ Homilia na Vigília Pascal na Noite Santa, Basílica de São Pedro, 19 de abril de 2014.

redescubra a graça do encontro transformador com o Senhor, com o Senhor ressuscitado, que está sempre conosco. Há sempre uma Palavra de Deus que nos orienta depois das nossas debandadas; e apesar dos nossos cansaços e desilusões há sempre um Pão repartido que nos faz continuar o caminho.²³⁶

Na celebração eucarística em ação de graças pela canonização de São José de Anchieta, dentro da Oitava da Páscoa, Francisco falou sobre a alegria experimentada no encontro dos discípulos com o Ressuscitado e sobre a tentação a que somos expostos ao encontrá-lo:

É o momento da admiração, do encontro com Jesus Cristo, onde tanta alegria não nos parece verdadeira; ainda mais, assumir a alegria, o júbilo daquele instante, parece-nos arriscado e sentimos a tentação de nos refugiarmos no ceticismo, no “não exageres!”. É mais fácil acreditar num fantasma do que em Cristo vivo! É mais fácil ir ter com um necromante que nos prediz o futuro, que nos lê as cartas, do que ter confiança na esperança de um Cristo vencedor, de um Cristo que venceu a morte! É mais fácil uma ideia, uma imaginação, do que a docilidade a este Senhor que ressuscita da morte e só Deus sabe para que nos convida! Este processo de relativizar tanto a fé acaba por nos afastar do encontro, distanciando-nos da carícia de Deus. *É como se “destilássemos” a realidade do encontro com Jesus Cristo no alambique do medo, no alambique da segurança excessiva, do desejo de controlarmos nós mesmos o encontro.* Os discípulos tinham medo da alegria... e também nós!²³⁷

Mas, disse Francisco na sequência, “a alegria do encontro com Jesus Cristo, aquela que temos tanto medo de aceitar, é contagiosa e clama o anúncio: é ali que a Igreja cresce!”

É o Espírito Santo que nos conduz ao encontro pessoal com Jesus Cristo:

O Espírito, prometido pelo Pai, é Aquele que nos revela Jesus Cristo, que nos oferece a possibilidade de dizer: Jesus! Sem o Espírito não o podemos dizer. Ele revela Jesus Cristo, conduzindo-nos ao encontro pessoal com Ele, e é assim que a nossa vida muda. Uma pergunta: viveis esta experiência e também a compartilhais? Mas para a compartilhar é necessário vivê-la, é preciso ser testemunha disto!²³⁸

Poucos meses antes, Francisco tinha dito: “Qual é o primeiro dom do Espírito Santo? O dom de si mesmo, que é amor e faz com que nos apaixonemos por Jesus. E este amor muda a vida.”²³⁹

O papa ofereceu ainda o encontro com Cristo como uma grande chave para o ecumenismo em uma homilia durante a Divina Liturgia presidida pelo Patriarca Bartolomeu em sua sede, em Istambul:

²³⁶ *Regina Coeli*, Praça de São Pedro, 4 de maio de 2014.

²³⁷ Homilia na Santa Missa de ação de graças pela canonização de São José de Anchieta, Igreja de Santo Inácio de Loyola, Roma, 24 de abril de 2014.

²³⁸ Discurso aos membros da *Catholic Fraternity of Charismatic Covenant Communities and Fellowships*, Sala Paulo VI, 31 de outubro de 2014.

²³⁹ Discurso aos participantes no 37º Encontro Nacional da Renovação Carismática Católica, Estádio Olímpico, 1º de junho de 2014.

Um autêntico diálogo é sempre um encontro entre pessoas com um nome, um rosto, uma história, e não apenas um confronto de ideias.

Isto vale sobretudo para nós, cristãos, porque, para nós, a verdade é a pessoa de Jesus Cristo. O exemplo de Santo André – que, juntamente com outro discípulo, acolheu o convite do Divino Mestre: “Vinde e vereis” e “ficaram com Ele nesse dia” (Jo 1, 39) – mostra-nos claramente que *a vida cristã é uma experiência pessoal, um encontro transformador com Aquele que nos ama e nos quer salvar*. Também o anúncio cristão se difunde graças a pessoas que, apaixonadas por Cristo, não podem deixar de transmitir *a alegria de serem amadas e salvas*. Aqui, mais uma vez, é esclarecedor o exemplo do Apóstolo André. Depois de ter seguido Jesus até onde habitava e ter-se demorado com Ele, “encontrou primeiro o seu irmão Simão e disse-lhe: ‘Encontramos o Messias!’ – que quer dizer Cristo. E levou-o até Jesus” (Jo 1, 40-42). *Fica, assim, claro que nem sequer o diálogo entre cristãos pode subtrair-se a esta lógica do encontro pessoal.*²⁴⁰

6.2.6 A encíclica *Laudato Si'*

Na encíclica *Laudato Si'*, sobre o cuidado da casa comum, datada de 24 de maio de 2015, o papa voltou a sublinhar a imensa dignidade de cada pessoa humana, que encontra sua origem no amor de Deus:

A Bíblia ensina que cada ser humano é criado por amor, feito à imagem e semelhança de Deus (cf. Gn 1, 26). Esta afirmação mostra-nos a imensa dignidade de cada pessoa humana [...]. Todos aqueles que estão empenhados na defesa da dignidade das pessoas podem encontrar, na fé cristã, as razões mais profundas para tal compromisso. Como é maravilhosa a certeza de que a vida de cada pessoa não se perde num caos desesperador, num mundo regido pelo puro acaso ou por ciclos que se repetem sem sentido! O Criador pode dizer a cada um de nós: “Antes de te haver formado no ventre materno, Eu já te conhecia” (Jr 1, 5). *Fomos concebidos no coração de Deus* [...] (n. 65).

Toda a confiança posta no amor de Deus não diminui o reconhecimento de seu poder: “O poder infinito de Deus não nos leva a escapar da sua ternura paterna, porque n’Ele se conjugam o carinho e a força. Na verdade, toda espiritualidade sã implica simultaneamente acolher o amor divino e adorar, com confiança, o Senhor pelo seu poder infinito” (n. 73). Antes, o seu poder se expressa precisamente como amor criador, que se dirige não apenas ao ser humano, mas a toda criatura:

O mundo procede não do caos nem do acaso, mas de uma decisão, o que o exalta ainda mais. Há uma opção livre, expressa na palavra criadora. O universo não apareceu como resultado de uma onipotência arbitrária, de uma demonstração de força ou de um desejo de autoafirmação. *A criação pertence à ordem do amor. O amor de Deus é a razão fundamental de toda a criação*: “Tu amas tudo quanto existe e não detestas nada do que fizeste; pois, se odiasses alguma coisa, não a terias criado” (Sb 11, 24). *Então cada criatura é objeto da ternura do Pai que lhe atribui um lugar no mundo. Até a vida efêmera do ser mais insignificante é objeto do seu*

²⁴⁰ Palavras durante a Divina Liturgia na Igreja Patriarcal de São Jorge, Istambul, 30 de novembro de 2014.

amor e, naqueles poucos segundos de existência, Ele envolve-o com o seu carinho (n. 77).

Assim, pela fé, o cristão pode ver que “todo o universo material é uma linguagem do amor de Deus, do seu carinho sem medida por nós. O solo, a água, as montanhas: tudo é carícia de Deus” (n. 84). Para isso, faz-se necessário o deter-se em contemplação, para enxergar um mundo rico em significado existencial, um dom de amor. “A natureza está cheia de palavras de amor; mas, como poderemos ouvi-las no meio do ruído constante, da distração permanente e ansiosa, ou do culto da notoriedade?” (n. 225).

Dessa maneira, como destacou Francisco, existe uma relação intrínseca entre a fé cristã e o cuidado da criação. O encontro com Cristo é a fonte desse olhar novo que contempla o dom cheio de significado recebido por Deus:

Temos de reconhecer também que alguns cristãos, até comprometidos e piedosos, com o pretexto do realismo pragmático frequentemente se burlam das preocupações pelo meio ambiente. Outros são passivos, não se decidem a mudar os seus hábitos e tornam-se incoerentes. Falta-lhes, pois, uma conversão ecológica, que comporta *deixar emergir, nas relações com o mundo que os rodeia, todas as consequências do encontro com Jesus*. Viver a vocação de guardiões da obra de Deus²⁴¹ não é algo de opcional nem um aspecto secundário da experiência cristã, mas parte essencial duma existência virtuosa (n. 217).

6.2.7 A bula *Misericordiae Vultus*

O início da bula de proclamação do Jubileu da Misericórdia, publicada em 11 de abril de 2015, já aponta a centralidade da pessoa de Cristo, enquanto reveladora do amor do Pai: “*Jesus Cristo é o rosto da misericórdia do Pai. O mistério da fé cristã parece encontrar nestas palavras a sua síntese. Tal misericórdia tornou-se viva, visível e atingiu o seu clímax em Jesus de Nazaré*” (n. 1).

A bula recapitula os elementos querigmáticos expostos pelos predecessores de Francisco sob a noção da misericórdia. “Com a sua palavra, os seus gestos e toda a sua pessoa (cf. DV 4), Jesus de Nazaré revela a misericórdia de Deus” (n. 1). A misericórdia é “a palavra que revela o mistério da Santíssima Trindade”, “o ato último e supremo pelo qual Deus vem ao nosso encontro” e “o caminho que une Deus e o homem, porque nos abre o coração à esperança de sermos amados para sempre, apesar da limitação do nosso pecado” (n. 2).

²⁴¹ A vocação de guardião foi o tema da homilia da celebração eucarística para o início do ministério petrino de Francisco, como vimos acima.

É a misericórdia que “torna a história de Deus com Israel uma história da salvação”, que enche de “valor salvífico” os acontecimentos dessa história (n. 7). Enfim, o amor de Deus, ou melhor, o Amor que é Deus,

tornou-se visível e palpável em toda a vida de Jesus. *A sua pessoa não é senão amor, um amor que se dá gratuitamente.* O seu relacionamento com as pessoas, que se abeiram d’Ele, manifesta algo de único e irrepetível. Os sinais que realiza, sobretudo para com os pecadores, as pessoas pobres, marginalizadas, doentes e atribuladas, decorrem sob o signo da misericórdia. Tudo n’Ele fala de misericórdia. N’Ele, nada há que seja desprovido de compaixão. (n. 8)

A Eucaristia é vista assim como o memorial pelo qual Jesus coloca “simbolicamente” “sob a luz da misericórdia” o “ato supremo da Revelação” que é a sua pessoa e a sua páscoa. “No mesmo horizonte da misericórdia, viveu Ele a sua paixão e morte, ciente do grande mistério de amor que se realizaria na cruz” (n. 7).

É assim que o papa pôde escrever na bula que é nas parábolas da misericórdia que se encontra “o núcleo do Evangelho e da nossa fé, porque a misericórdia é apresentada como a força que tudo vence, enche o coração de amor e consola com o perdão.” Assim,

a misericórdia é a palavra-chave para indicar o agir de Deus para conosco. Ele não se limita a afirmar o seu amor, mas torna-o visível e palpável. Aliás, o amor nunca poderia ser uma palavra abstrata. Por sua própria natureza, é vida concreta: intenções, atitudes, comportamentos que se verificam na atividade de todos os dias. A misericórdia de Deus é a sua responsabilidade por nós. Ele sente-se responsável, isto é, deseja o nosso bem e quer ver-nos felizes, cheios de alegria e serenos (n. 9).

É a experiência desse amor que ordena o agir do cristão: “Somos chamados a viver de misericórdia, porque, primeiro, foi usada misericórdia para conosco” (n. 9). E não apenas dos cristãos individualmente, mas toda a ação da Igreja, já que

a arquitrave que suporta a vida da Igreja é a misericórdia. Toda a sua ação pastoral deveria estar envolvida pela ternura com que se dirige aos crentes; no anúncio e testemunho que oferece ao mundo, nada pode ser desprovido de misericórdia. A credibilidade da Igreja passa pela estrada do amor misericordioso e compassivo (n. 11).

Consciente da noção de hierarquia das verdades a que deu destaque na *Evangelii Gaudium*, Francisco escreveu que “a primeira verdade da Igreja é o amor de Cristo. E, deste amor que vai até ao perdão e ao dom de si mesmo, a Igreja faz-se serva e mediadora junto dos homens. Por isso, onde a Igreja estiver presente, aí deve ser evidente a misericórdia do Pai” (n. 12).

6.2.8 Alocuções entre 2015 e 2016

Na homilia durante a celebração da Liturgia das Horas em que anunciou solenemente a convocação do Ano Santo, Francisco recorreu mais uma vez à noção de hierarquia das verdades para justificar a sua decisão:

Presente no coração de muitos está esta pergunta: Por que motivo um Jubileu da Misericórdia, hoje? Simplesmente porque a Igreja é chamada, neste tempo de grandes mudanças epocais, a oferecer mais vigorosamente os sinais da presença e proximidade de Deus. Este não é o tempo para nos deixarmos distrair, mas para o contrário: permanecermos vigilantes e despertarmos em nós *a capacidade de fixar o essencial*. É o tempo para a Igreja reencontrar o sentido da missão que o Senhor lhe confiou no dia de Páscoa: ser sinal e instrumento da misericórdia do Pai (cf. Jo 20, 21-23).²⁴²

Vale revisitar também a homilia em que Francisco deu a notícia de que convocaria o Ano Santo, durante uma celebração penitencial, no dia em que completou dois anos como papa. Na ocasião, ele meditou sobre a experiência do encontro com Cristo que teve a mulher “que muito amou” (cf. Lc 7, 36-50):

Cada gesto desta mulher fala de amor e exprime o seu desejo de *ter uma certeza inabalável na sua vida: ser perdoada*. Esta certeza é uma boa certeza! E Jesus dá-lhe esta certeza: acolhendo-a demonstra-lhe o amor de Deus por ela, precisamente por ela, uma pecadora pública! O amor e o perdão são simultâneos: Deus perdoa-lhe muito, perdoa-lhe tudo, porque “amou muito” (Lc 7, 47); e *ela adora Jesus porque sente que n’Ele há misericórdia e não condenação. Sente que Jesus a compreende com amor, a ela, que é uma pecadora*. Graças a Jesus, Deus esquece os seus muitos pecados, não os recorda mais (cf. Is 43, 25). Porque também isto é verdade: quando Deus perdoa, esquece. É grande o perdão de Deus! Agora para ela começa uma nova fase; renasceu no amor e numa vida nova. *Esta mulher encontrou verdadeiramente o Senhor*. No silêncio, abriu-lhe o seu coração; na dor, mostrou-lhe o arrependimento pelos seus pecados; com o seu choro, apelou-se à sua bondade divina para receber o perdão. Para ela não haverá juízo algum a não ser o que vem de Deus, e este é o juízo da misericórdia. *O protagonista deste encontro é certamente o amor que vai além da justiça*.²⁴³

Além disso, o papa deixou claro na homilia que desejou convocar o Ano Santo porque, para que a Igreja torne “mais evidente a sua missão de ser testemunha da misericórdia”, é necessário percorrer “um caminho que começa com uma conversão espiritual.”²⁴⁴

Na homilia da celebração eucarística durante a qual abriu a Porta Santa da Basílica de São Pedro, Francisco recordou que é Deus “que nos procura, é Ele que nos vem ao encontro”, com o seu amor salvador:

²⁴² Homilia na celebração das primeiras vésperas do II Domingo de Páscoa ou Domingo da Divina Misericórdia, Basílica de São Pedro, 11 de abril de 2015.

²⁴³ Homilia na celebração penitencial, Basílica de São Pedro, 13 de março de 2015.

²⁴⁴ Ibid.

O início da história do pecado no Jardim do Éden encontra solução no projeto de um *amor que salva*. As palavras do Gênesis levam-nos à experiência diária que descobrimos na nossa existência pessoal. Há sempre a tentação da desobediência, que se exprime no desejo de projetar a nossa vida independentemente da vontade de Deus. Esta é a inimizade que ameaça continuamente a vida dos homens, tentando contrapô-los ao desígnio de Deus. E todavia a própria história do pecado só é compreensível à luz do amor que perdoa. O pecado só se entende sob esta luz. Se tudo permanecesse ligado ao pecado, seríamos os mais desesperados entre as criaturas. Mas não! A promessa da vitória do amor de Cristo encerra tudo na misericórdia do Pai.²⁴⁵

A experiência da misericórdia se dá no âmbito da experiência da nossa miséria, revelando assim um amor que ultrapassa toda medida. Reconhecer-se necessitado de misericórdia “é o primeiro passo do caminho cristão”.²⁴⁶ Por isso, são significativas as fortes palavras do papa ao abrir uma Porta Santa em um albergue da Cáritas em Roma:

Esta Porta, que é a Porta da Caridade, onde são assistidos muitos descartados, nos faça entender que seria bom se também cada um de nós, cada um dos romanos, de todos os romanos, *se considerasse descartado e sentisse a necessidade da ajuda de Deus*. Rezemos por Roma, por todos os habitantes de Roma, por todos começando por mim, para que o Senhor nos conceda *a graça de nos sentir descartados; porque nós não temos mérito algum: só Ele nos dá a misericórdia e a graça*. E para nos aproximar daquela graça devemos aproximar-nos dos descartados, dos pobres, dos mais necessitados, porque sobre esta aproximação todos nós seremos julgados. Que o Senhor hoje, ao abrirmos esta porta, conceda esta graça a toda Roma, a cada habitante de Roma, para poder prosseguir no abraço da misericórdia, no qual o pai carrega o filho ferido, mas o ferido é o pai: *Deus está ferido de amor e por isso é capaz de nos salvar a todos*.²⁴⁷

É no mesmo sentido que, ao abrir a Porta Santa na Basílica de Santa Maria Maior, Francisco destacou que “quem não sabe perdoar, ainda não conheceu a plenitude do amor”, que é o “fruto próprio e original da fé cristã”. O vínculo entre o encontro com Cristo e a experiência do perdão foi sublinhado ao fim da homilia, em que o papa, referindo-se a Maria, exortou:

Deixemo-nos acompanhar por Ela para redescobrimos a beleza do encontro com o seu Filho Jesus. Abramos de par em par o nosso coração à alegria do perdão, conscientes da esperança segura que nos é restituída, para fazer da nossa existência diária um instrumento humilde do amor de Deus.²⁴⁸

O papa teve ainda oportunidade de deixar claro que “o encontro com o Senhor” é “pessoal, íntimo”. Enquanto nós podemos ser instrumentos que facilitam esse encontro, é

²⁴⁵ Homilia na celebração eucarística com a abertura da Porta Santa, Praça de São Pedro, 8 de dezembro de 2015.

²⁴⁶ Homilia na celebração eucarística com a bênção e imposição de cinzas e o envio dos missionários da misericórdia, Basílica de São Pedro, 10 de fevereiro de 2016.

²⁴⁷ Homilia na celebração eucarística com a abertura da “Porta Santa da Caridade”, Albergue da Cáritas, Via Marsala, Roma, 18 de dezembro de 2015.

²⁴⁸ Homilia na Santa Missa com a abertura da Porta Santa, Basílica de Santa Maria Maior, 1º de janeiro de 2016.

preciso ter em mente que “o único que age em cada pessoa é Deus. No Evangelho, é Ele que para e pergunta pelo cego; é Ele que ordena que o tragam; é Ele que o escuta e cura.”²⁴⁹

Falando aos agentes de pastoral da Igreja italiana, Francisco identificou mais uma vez a doutrina cristã com a própria pessoa de Jesus, ao alertar contra o pelagianismo: “A doutrina cristã não é um sistema fechado incapaz de gerar perguntas, dúvidas, interrogações, mas é viva, sabe inquietar, animar. Tem uma face não rígida, um corpo que se move e se desenvolve, tem a carne macia: *a doutrina cristã chama-se Jesus Cristo.*”²⁵⁰

No início da Semana Santa de 2016, Francisco disse que encontramos em Jesus “a fonte da nossa alegria, a verdadeira alegria, que permanece e dá a paz; pois só Jesus nos salva das amarras do pecado, da morte, do medo e da tristeza” – e nos salva se aniquilando e se humilhando, como gestos de um amor ilimitado. É precisamente na cruz que Jesus,

no ápice da aniquilação, revela o verdadeiro rosto de Deus, que é misericórdia. Perdoa aos seus algozes, abre as portas do paraíso ao ladrão arrependido e toca o coração do centurião. Se é abissal o mistério do mal, infinita é a realidade do Amor que o atravessou, chegando até ao sepulcro e à morada dos mortos, assumindo todo o nosso sofrimento para o redimir, levando luz às trevas, vida à morte, amor ao ódio.²⁵¹

Há dois âmbitos em que Deus se excede em sua misericórdia: o encontro e o perdão. O encontro, por sua superabundância, sempre decorre em festa, oportunidade de Deus “expressar livremente o seu amor”.²⁵² Já na Vigília Pascal, falou sobre a esperança como dom concedido no âmbito do amor de Deus revelado em Cristo:

O Senhor nos livre desta terrível armadilha: sermos cristãos sem esperança, que vivem como se o Senhor não tivesse ressuscitado e o centro da vida fossem os nossos problemas. [...]

Este é o fundamento da esperança, que não é mero otimismo, nem uma atitude psicológica ou um bom convite a ter coragem. A esperança cristã é um dom que Deus nos concede, se sairmos de nós mesmos e nos abirmos a Ele. Esta esperança não decepciona porque o Espírito Santo foi infundido nos nossos corações (cf. Rm 5, 5). O Consolador não faz com que tudo apareça bonito, não elimina o mal com a varinha mágica, mas infunde *a verdadeira força da vida*, que não é a ausência de problemas, mas *a certeza de sermos sempre amados e perdoados por Cristo, que por nós venceu o pecado, venceu a morte, venceu o medo.* Hoje é a festa da nossa esperança, a celebração desta certeza: *nada e ninguém poderá jamais separar-nos do seu amor* (cf. Rm 8, 39).²⁵³

²⁴⁹ Homilia na celebração penitencial, Basílica de São Pedro, 4 de março de 2016.

²⁵⁰ Discurso no encontro com os participantes do V Congresso da Igreja Italiana, Catedral de Santa Maria del Fiore, Florença, 10 de novembro de 2015.

²⁵¹ Homilia na celebração do Domingo de Ramos e da Paixão do Senhor, Praça de São Pedro, 20 de março de 2016. O grifo é do Papa.

²⁵² Homilia na Santa Missa Crismal, Basílica de São Pedro, 24 de março de 2016.

²⁵³ Homilia na Vigília Pascal na Noite Santa, Basílica de S. Pedro, 26 de março de 2016.

A celebração jubilar para os adolescentes foi ocasião para o papa enfatizar novamente os elementos vistos até agora, em uma linguagem bem simples: amar é “o caminho para sermos felizes”, disse ele. Mas isso exige esforço, pois “amar quer dizer dar... e não só coisas materiais, mas algo de nós mesmos: o próprio tempo, a própria amizade, as próprias capacidades”. É o que faz o próprio Deus:

Que nos oferece o Senhor? Oferece-nos uma amizade fiel, dom de que nunca nos privará. O Senhor é o amigo para sempre. Mesmo se O decepcionas e te afastas d’Ele, Jesus continua a amar-te e a permanecer junto de ti, continua a crer em ti mais de quanto crês tu em ti próprio. Esta é a dimensão concreta do amor que Jesus nos ensina. E isto é muito importante! Pois a principal ameaça, que impede de crescer como se deve, é ninguém se importar de ti – e isto é triste –, é quando sentes que te deixam de lado. Ao contrário, o Senhor está sempre contigo e sente-Se contente em estar contigo.²⁵⁴

A misericórdia foi também, evidentemente, o centro das alocações do papa durante a Jornada Mundial da Juventude, em Cracóvia, onde ele voltou a propor a fé em Jesus Cristo como resposta à inquietude do coração do jovem. No início de sua participação na JMJ, Francisco disse aos jovens: “Para se sentir realizados, para ter uma vida renovada, há uma resposta, há uma resposta que não está à venda, há uma resposta que não se compra, uma resposta que não é uma coisa, que não é um objeto; *é uma pessoa*, chama-se Jesus Cristo.”²⁵⁵

Na Via Sacra, deixou claro que é na misericórdia vivida em obras que está o agir cristão: “A nossa credibilidade de cristãos é posta em jogo no acolhimento da pessoa marginalizada que está ferida no corpo, e no acolhimento do pecador que está ferido na alma. Não nas ideias, mas nisto!”²⁵⁶

Em uma mensagem em vídeo à celebração do Jubileu da Misericórdia no continente americano, que aconteceu em Bogotá, Francisco abordou um trecho da Primeira Carta de São Paulo a Timóteo (1, 12-16) e disse, falando a um só tempo da experiência do encontro com a misericórdia de Deus em Jesus e de como é nisto que consiste o cerne da doutrina cristã:

Temos a oportunidade de estar aqui, para que possamos dizer com Paulo: foram misericordiosos conosco. Não obstante os nossos pecados, os nossos limites, as nossas faltas; não obstante as nossas numerosas quedas, *Jesus Cristo viu-nos, aproximou-se, deu-nos a mão e teve misericórdia de nós*. De quem? De mim, de ti, de todos. *Cada um de nós poderá recordar, pensando em todas as vezes que o Senhor o viu, que olhou para ele, que se aproximou dele e o tratou com misericórdia*. Todas as vezes que o Senhor confiou de novo nele, apostou de novo nele (cf. Ez 16). Volta à minha mente o capítulo 16 de Ezequiel, aquele não se cansar de apostar em cada um de nós do Senhor. E *a isto Paulo chama doutrina*

²⁵⁴ Homilia no Jubileu dos Adolescentes, Praça de S. Pedro, 24 de abril de 2016.

²⁵⁵ Discurso no encontro de boas-vindas com os participantes da JMJ, Cracóvia, Esplanada de Błonia, 28 de julho de 2016.

²⁵⁶ Alocação na Via Sacra com os jovens, Cracóvia, Esplanada de Błonia, 29 de julho de 2016.

*segura – curioso! –isto é doutrina segura: foram misericordiosos para conosco. É este o fulcro da sua carta a Timóteo. No atual contexto jubilar quanto bem nos faz voltar a esta verdade, recordar como o Senhor ao longo da nossa vida se aproximou de nós e foi misericordioso para conosco, pôr no centro a recordação do nosso pecado e não dos nossos presumíveis sucessos, crescer com a consciência humilde e não culposa da nossa história de distâncias – a nossa, não a de outrem, não a de quem está ao nosso lado, e muito menos a do nosso povo – e voltar a admirar-se com a misericórdia de Deus. Esta é palavra segura, é doutrina segura e não palavras vazias.*²⁵⁷

Muito significativa também é a catequese feita na celebração jubilar dos agentes de misericórdia, na véspera da canonização de Santa Teresa de Calcutá. A fé cristã, que é fé no amor, é uma “certeza inabalável”, porque Deus não nos ama apenas com palavras. Refletindo sobre o hino à caridade (1Cor 13), Francisco disse:

Foram muitas as vezes em que São Paulo falou do amor e da fé em seus escritos; mesmo assim, neste texto, é-nos oferecido algo extraordinariamente grande e original. Ele afirma que, ao contrário da fé e da esperança, o amor “jamais acabará” (v. 8): é para sempre. Este ensinamento deve ser para nós uma certeza inabalável; o amor de Deus nunca diminuirá nas nossas vidas e na história do mundo. É um amor que permanece para sempre *jovem, ativo, dinâmico* capaz de atrair para si de modo incomparável. É um amor *fiel* que não trai, apesar das nossas contradições. É um amor *fecundo* que gera e conduz para além da nossa preguiça. É desse amor que todos nós somos testemunhas. O amor de Deus, de fato, vem ao nosso encontro. É como um rio na cheia que nos arrasta, mas sem nos anular; muito pelo contrário, é uma condição de vida: “se não tivesse amor, eu nada seria” – como diz São Paulo (v. 2). Quanto mais nos deixamos envolver por este amor, mais a nossa vida se regenera. Deveríamos verdadeiramente dizer com toda a nossa força: *sou amado, por isso existo!*

O amor de que o Apóstolo fala não é algo abstrato e vago; pelo contrário, é um amor que se vê, se toca e se experimenta em primeira pessoa. A maior e mais expressiva forma desse amor é Jesus. Toda a sua pessoa e a sua vida não são outra coisa senão a manifestação concreta do amor do Pai, chegando até o ponto culminante: “A prova de que Deus nos ama é que Cristo morreu por nós, quando éramos ainda pecadores” (Rm 5, 8). Isto é amor! Não são palavras, é amor. Desde o Calvário, onde o sofrimento do Filho de Deus atinge o seu ponto mais elevado, brota a fonte do amor que apaga todo o pecado e que recria tudo numa vida nova. Trazemos sempre conosco, de modo indelével, esta certeza da fé: Cristo “me amou e se entregou por mim” (Gl 2, 20). Esta é a grande certeza: Cristo me amou e se entregou por mim, por ti, por todos, por cada um de nós! Nada e ninguém pode nos separar do amor de Deus (cf. Rm 8, 35-39). O amor, portanto, é a expressão máxima de toda a vida e que nos permite existir!²⁵⁸

No Jubileu dos Catequistas o papa teve a oportunidade de voltar a fazer aquilo que fez na *Evangelii Gaudium*: explicitar a dinâmica do querigma enquanto anúncio daquilo que é essencial. Voltando à Primeira Carta de São Paulo a Timóteo (agora a 6, 14), ele falou do

²⁵⁷ Mensagem em vídeo por ocasião da celebração do Jubileu Extraordinário da Misericórdia no continente americano, 27-30 de agosto de 2016.

²⁵⁸ Catequese para o Jubileu dos agentes de misericórdia, Praça de São Pedro, 3 de setembro de 2016. Os grifos são do Papa.

“mandamento” que o Apóstolo pede que seja guardado e evocou claramente a noção de hierarquia das verdades:

Fala apenas de um mandamento, parecendo querer fazer com que o nosso olhar se mantenha *fixo no que é essencial na fé*. De fato, São Paulo não recomenda uma multidão de pontos e aspectos, mas sublinha o centro da fé. *Este centro à volta do qual tudo gira, este coração pulsante que a tudo dá vida é o anúncio pascal, o primeiro anúncio*: o Senhor Jesus ressuscitou, o Senhor Jesus ama-te, por ti deu a sua vida; ressuscitado e vivo, está ao teu lado e interessa-Se por ti todos os dias. Isto, nunca o devemos esquecer. Neste Jubileu dos Catequistas, pede-se-nos para não nos cansarmos de colocar em primeiro lugar o anúncio principal da fé: o Senhor ressuscitou. *Não há conteúdos mais importantes, nada é mais firme e atual. Cada conteúdo da fé torna-se perfeito, se se mantiver ligado a este centro, se for permeado pelo anúncio pascal; mas se, pelo contrário, se isolar, perde sentido e força*. Somos chamados continuamente a viver e anunciar a boa-nova do amor do Senhor: “Jesus ama-te verdadeiramente, tal como és. Dá-Lhe lugar: apesar das decepções e feridas da vida, deixa-Lhe a possibilidade de te amar. Não te decepcionará”.

O mandamento de que fala São Paulo faz-nos pensar também no mandamento novo de Jesus: “Que vos ameis uns aos outros como Eu vos amei” (Jo 15, 12). *É amando que se anuncia Deus-Amor*: não à força de convencer, nunca impondo a verdade nem mesmo obstinando-se em torno de alguma obrigação religiosa ou moral. Anuncia-se Deus, encontrando as pessoas, com atenção à sua história e ao seu caminho. *Porque o Senhor não é uma ideia, mas uma Pessoa viva*: a sua mensagem comunica-se através do testemunho simples e verdadeiro, da escuta e acolhimento, da alegria que se irradia. Não se fala bem de Jesus, quando nos mostramos tristes; nem se transmite a beleza de Deus limitando-nos a fazer bonitos sermões. O Deus da esperança anuncia-Se vivendo no dia-a-dia o Evangelho da caridade, sem medo de o testemunhar inclusive com novas formas de anúncio.²⁵⁹

No Jubileu dos Encarcerados, Francisco destacou que “não há ponto do nosso coração que não possa ser alcançado pelo amor de Deus. Onde há uma pessoa que errou, aí mesmo se torna ainda mais presente a misericórdia do Pai, para suscitar arrependimento, perdão, reconciliação, paz.” E disse ainda:

Na Carta aos Romanos, o apóstolo Paulo fala de Deus como sendo o “Deus da esperança” (15, 13). É como se quisesse dizer também a nós: “Deus espera”; e, por mais paradoxal que possa parecer, é mesmo assim: Deus espera! *A sua misericórdia não O deixa tranquilo*. É como aquele Pai da parábola, que sempre espera o regresso do filho que errou (cf. Lc 15, 11-32). Deus não Se dá trégua nem descanso, enquanto não encontrar a ovelha que estava perdida (cf. Lc 15, 5). Ora, se Deus espera, então a esperança não pode ser tirada a ninguém, porque é a força para continuar; é a tensão para o futuro, a fim de transformar a vida; é um impulso para o amanhã, a fim de o amor – com que, apesar de tudo, *somos amados* – poder se tornar um caminho novo... Em suma, a esperança é a prova interior da força da misericórdia de Deus, que pede para olhar em frente e, com a fé e o abandono n’Ele, vencer a atração para o mal e o pecado.²⁶⁰

²⁵⁹ Homilia no Jubileu dos Catequistas, Praça de São Pedro, 25 de setembro de 2016.

²⁶⁰ Homilia no Jubileu dos Encarcerados, Basílica de São Pedro, 6 de novembro de 2016.

Ainda um dia antes do encerramento do Ano Santo, Francisco deixou claro mais uma vez quão grande e incondicional é o amor de Deus por nós. Oportunamente, ainda ressaltou que a conversão que a misericórdia de Deus nos exige é precisamente uma conversão a essa mesma misericórdia:

No coração de Deus, não há inimigos; Deus tem apenas filhos. Nós erguemos muros, construímos barreiras e classificamos as pessoas. Deus tem filhos, e não foi para Se livrar deles que os quis. O amor de Deus tem o sabor da fidelidade às pessoas, porque é um amor entranhado, um amor materno/paterno que não as deixa ao abandono, mesmo quando erraram. O nosso Pai não espera pelo momento em que formos bons, para amar o mundo; para nos amar, não espera pelo momento em que formos menos injustos, ou mesmo perfeitos; ama-nos porque escolheu amar-nos, ama-nos porque nos deu o estatuto de filhos. Amou-nos mesmo quando éramos seus inimigos (cf. Rm 5, 10). *O amor incondicional do Pai para com todos foi, e é, uma verdadeira exigência de conversão para o nosso pobre coração, que tende a julgar, dividir, contrapor e condenar.* Saber que Deus continua a amar mesmo quem O rejeita, é uma fonte ilimitada de confiança e estímulo para a missão. Nenhuma mão, por mais suja que esteja, pode impedir a Deus de colocar nela a Vida que nos deseja oferecer.²⁶¹

No encerramento do Jubileu da Misericórdia, finalmente, Francisco voltou a falar da vida e da missão de Jesus como revelação de Deus-Amor, deixando claro que a realeza de Cristo consiste no abandono de todo poder mundano e na confiança total no poder do amor, que atrai por si mesmo, sem recorrer a ameaças de condenação nem violar a nossa liberdade:

Verdadeiramente não é deste mundo o reino de Jesus (cf. Jo 18, 36); mas precisamente nele – diz-nos o apóstolo Paulo na segunda leitura – é que encontramos a redenção e o perdão (cf. Cl 1, 13-14). Porque a grandeza do seu reino não está na força segundo o mundo, *mas no amor de Deus, um amor capaz de alcançar e restaurar todas as coisas.* Por este amor, Cristo abaixou-Se até nós, viveu a nossa miséria humana, provou a nossa condição mais ignóbil: a injustiça, a traição, o abandono; experimentou a morte, o sepulcro, a morada dos mortos. Assim Se aventurou o nosso Rei até aos confins do universo, para abraçar e salvar todo o vivente. *Não nos condenou, nem sequer nos conquistou, nunca violou a nossa liberdade, mas abriu caminho com o amor humilde, que tudo desculpa, tudo espera, tudo suporta* (cf. 1Cor 13, 7). Unicamente este amor venceu e continua a vencer os nossos grandes adversários: o pecado, a morte, o medo.²⁶²

O papa ainda reafirmou o propósito do ano jubilar e a sua preocupação com o retorno ao coração da fé: “Este Ano da Misericórdia convidou-nos a descobrir novamente o centro, a regressar ao essencial.”²⁶³

²⁶¹ Homilia no consistório ordinário público para a criação de novos cardeais, Basílica de São Pedro, 19 de novembro de 2016.

²⁶² Homilia na celebração eucarística no encerramento do Jubileu Extraordinário da Misericórdia, Praça de São Pedro, 20 de novembro de 2016.

²⁶³ Ibid.

6.2.9 A exortação apostólica pós-sinodal *Amoris Laetitia*

O Papa Francisco demonstrou estar muito consciente da centralidade do querigma e da importância da dimensão experiencial da fé na exortação apostólica *Amoris Laetitia*, que, datada de 19 de março de 2016, se seguiu a duas assembleias sinodais sobre o matrimônio e a família.

Ele volta a dizer que “a convicção mais preciosa dos cristãos” é “o amor do Pai que nos sustenta e faz crescer, manifestado no dom total de Jesus Cristo, vivo no meio de nós, que nos torna capazes de enfrentar, unidos, todas as tempestades e todas as etapas da vida” (n. 290). O querigma deve ressoar de tal modo na vida da família cristã que todos deveriam “poder dizer, a partir da vivência nas nossas famílias: ‘Nós conhecemos o amor que Deus nos tem, pois cremos nele’ (1Jo 4, 16)” (Ibid.).

Ainda sobre o querigma, Francisco diz: “O nosso ensinamento sobre o matrimônio e a família não pode deixar de se inspirar e transfigurar à luz deste anúncio de amor e ternura, se não quiser tornar-se mera defesa duma doutrina fria e sem vida” (n. 59). De novo, é a questão da hierarquia das verdades que está em jogo: “Muitos não sentem a mensagem da Igreja sobre o matrimônio e a família como um reflexo claro da pregação e das atitudes de Jesus” (n. 38), lamenta o papa.

Francisco deixa claro que é o amor de Deus que satisfaz o nosso coração e dá sentido à nossa existência quando diz que, embora os esposos sejam um para o outro sinal desse amor, o cônjuge não pode pretender “que o outro satisfaça completamente as suas exigências” e esperar dele “aquilo que é próprio apenas do amor de Deus”:

Há um ponto em que o amor do casal alcança a máxima libertação e se torna um espaço de sã autonomia: quando cada um descobre que o outro não é seu, mas tem um proprietário muito mais importante, o seu único Senhor. Ninguém pode pretender possuir a intimidade mais pessoal e secreta da pessoa amada, e *só Ele pode ocupar o centro da sua vida*. [...] Isto exige um despojamento interior. O espaço exclusivo, que cada um dos cônjuges reserva para a sua relação pessoal com Deus, não só permite curar as feridas da convivência, mas possibilita também *encontrar no amor de Deus o sentido da própria existência*. Temos necessidade de invocar cada dia a ação do Espírito, para que esta liberdade interior seja possível (n. 320).

É essa experiência do amor de Deus, aliás, que permite que vivamos o amor no matrimônio, mesmo em meio às dificuldades da convivência com a miséria própria e do outro:

Isso pressupõe a experiência de ser perdoados por Deus, justificados gratuitamente e não pelos nossos méritos. Fomos envolvidos por um amor prévio a qualquer obra

nossa, que sempre dá uma nova oportunidade, promove e incentiva. Se aceitamos que o amor de Deus é incondicional, que o carinho do Pai não se deve comprar nem pagar, então poderemos amar sem limites, perdoar aos outros, ainda que tenham sido injustos para conosco (n. 108).

Vale notar ainda, embora não caiba aqui demonstrar isso exaustivamente, que a dimensão experiencial da fé está presente em toda a exortação. O papa sequer sente a necessidade de falar sobre a importância da dimensão experiencial, porque todo o texto está construído sobre esse pressuposto. Cada vez que Francisco fala da vida cristã e matrimonial como “caminho”, com dimensões de “gradualidade”, fica claro que a fé é uma experiência pessoal (cf. p. ex. n. 122, 134, 218, 221 e 295). É essa abordagem, aliás, que permite o exercício da misericórdia ao “acompanhar, discernir e integrar a fragilidade” (cap. VIII), no que diz respeito aos casais cuja condição não corresponde plenamente ao ensinamento da Igreja sobre o matrimônio.

A dimensão experiencial da fé, ademais, é destacada precisamente quando se fala da transmissão da fé aos filhos. “A fé é dom de Deus, recebido no batismo, e não o resultado de uma ação humana; mas os pais são instrumentos de Deus para a sua maturação e desenvolvimento”, diz Francisco. Por isso, “a transmissão da fé pressupõe que os pais vivam a experiência real de confiar em Deus, de O procurar, de precisar d’Ele” (n. 287).

A educação na fé sabe adaptar-se a cada filho, porque os recursos aprendidos ou as receitas às vezes não funcionam. As crianças precisam de símbolos, gestos, narrações. Os adolescentes habitualmente entram em crise com a autoridade e com as normas, pelo que *é conveniente estimular as suas experiências pessoais de fé e oferecer-lhes testemunhos luminosos que se imponham simplesmente pela sua beleza*. Os pais, que querem acompanhar a fé dos seus filhos, estão atentos às suas mudanças, porque sabem que *a experiência espiritual não se impõe, mas propõe-se à sua liberdade*. É fundamental que os filhos vejam de maneira concreta que, para os seus pais, a oração é realmente importante. Por isso, os momentos de oração em família e as expressões da piedade popular podem ter mais força evangelizadora do que todas as catequeses e todos os discursos (n. 288).

6.2.10 A carta apostólica *Misericordia et Misera*

Francisco encerrou o Jubileu Extraordinário da Misericórdia com a carta apostólica *Misericordia et Misera*, publicada em 20 de novembro de 2016. O título faz referência ao modo como Santo Agostinho descreve o encontro entre Jesus e a adúltera: “Não podia encontrar expressão mais bela e coerente do que esta, para fazer compreender o mistério do amor de Deus quando vem ao encontro do pecador: ‘Ficaram apenas eles dois: a mísera e a misericórdia’”, diz o papa.

Jesus fixou nos olhos aquela mulher e leu no seu coração: lá encontrou o desejo de ser compreendida, perdoada e libertada. A miséria do pecado foi revestida pela misericórdia do amor. Da parte de Jesus, nenhum juízo que não estivesse repassado de piedade e compaixão pela condição da pecadora (n. 1).

Ele reafirma que cada elemento da fé cristã só pode ser compreendido plenamente em relação com a misericórdia de Deus: “A misericórdia não se pode reduzir a um parêntese na vida da Igreja, mas constitui a sua própria existência, que torna visível e palpável a verdade profunda do Evangelho. Tudo se revela na misericórdia; tudo se compendia no amor misericordioso do Pai” (n. 1).

Este é um conteúdo fundamental da nossa fé, que devemos conservar em toda a sua originalidade: ainda antes e acima da revelação do pecado, temos *a revelação do amor com que Deus criou o mundo e os seres humanos. O amor é o primeiro ato com que Deus Se deu a conhecer e vem ao nosso encontro*. Por isso mantenhamos o coração aberto à *confiança de ser amados por Deus*. O seu amor sempre nos precede, acompanha e permanece conosco, não obstante o nosso pecado (n. 5).

Por isso, “nenhum de nós pode pôr condições à misericórdia; esta permanece sempre um ato de gratuidade do Pai celeste, um amor incondicional e não merecido” (n. 2).

Francisco fala também sobre como a experiência da misericórdia se desdobra em tornarmo-nos nós mesmos instrumentos da misericórdia, através da transformação do nosso olhar:

Uma vez que se experimentou a misericórdia em toda a sua verdade, nunca mais se volta atrás: cresce continuamente e transforma a vida. É, na verdade, uma nova criação que faz um coração novo, capaz de amar plenamente, e purifica os olhos para reconhecerem as necessidades mais ocultas (n. 16).

A experiência da misericórdia é, claramente, um encontro intenso, vivo e transformador:

A misericórdia renova e redime, porque é *o encontro de dois corações*: o de Deus que vem ao encontro do coração do homem. Este inflama-se e o primeiro cura-o: o coração de pedra fica transformado em coração de carne (cf. Ez 36, 26), capaz de amar, não obstante o seu pecado. Nisto se nota que somos verdadeiramente uma “nova criação” (Gl 6, 15): *sou amado, logo existo*; estou perdoado, por conseguinte renasço para uma vida nova; fui “misericordiado” e, conseqüentemente, feito instrumento da misericórdia (Ibid.)

Na carta, o papa aponta ainda diversos “lugares” onde se pode experimentar a misericórdia de Deus: a eucaristia (n. 5), a Palavra de Deus, bem como seu ecoar na homilia e na catequese (n. 6-7), no sacramento da reconciliação (n. 8-11), na consolação e no silêncio

diante do sofrimento (n. 13), na morte (n. 15) e nas obras de misericórdia em favor do próximo (n. 16-20).

6.3 CONSIDERAÇÕES

Com o Papa Francisco, a dimensão querigmática do magistério pontifício pós-conciliar atinge plena maturidade, não só enquanto fio condutor de toda a pregação e mesmo da atividade do bispo de Roma, mas ganhando também um tratamento teórico sólido no que diz respeito à importância de não perder de vista o que é essencial no anúncio cristão.

Três elementos do seu pontificado de sobressaem nesse sentido. A encíclica *Lumen Fidei*, fruto do trabalho conjunto de Bento XVI e Francisco, deixa muito mais explicitada a relação entre os elementos fundamentais do querigma. Já a exortação *Evangelii Gaudium*, sendo ela mesma um documento sobre o anúncio do Evangelho no mundo de hoje, teoriza sobre a própria necessidade do querigma e como ele ressoa na ação da Igreja. A encíclica trata do conteúdo a ser anunciado; a exortação, de como anunciá-lo.

Por fim, o Jubileu Extraordinário da Misericórdia como que recentraliza de uma vez por todas – se isso fosse possível – a Igreja ao redor do amor de Deus revelado em Jesus Cristo. O cinquentenário do Concílio Vaticano II não poderia ter sido celebrado de modo mais significativo, visto que o convite à experiência de Deus-Amor dirigido ao homem de hoje é o grande fruto da renovação eclesial conciliar.

Na recepção da mensagem de Francisco, também não falta quem a distorça e entenda a insistência na misericórdia como tendência ao laxismo. O modo como o papa aborda a misericórdia, porém, não permite essa leitura – ao mesmo tempo em que combate fortemente qualquer tendência a imaginar que a nossa salvação venha de nossas obras. Seus documentos, homilias e discursos são claros quanto a isso, bem como o livro-entrevista realizado com o jornalista Andrea Tornielli, *O nome de Deus é Misericórdia*²⁶⁴.

Além disso, tendo em vista tudo o que foi exposto a respeito da pregação de Francisco, fica claro que a sua preocupação com os mais necessitados – com as “periferias existenciais” – não é resultado de uma opção político-ideológica, muito menos de uma abordagem devedora do socialismo. “A pobreza, para nós cristãos, não é uma categoria sociológica, filosófica ou cultural. Não! É uma categoria teológica”,²⁶⁵ insistiu Francisco. Ademais, para

²⁶⁴ São Paulo: Planeta do Brasil, 2016.

²⁶⁵ Palavras durante a Vigília de Pentecostes com os movimentos eclesiais, Praça de São Pedro, 18 de maio de 2013.

ele, esquerda e direita são “hermenêuticas ultrapassadas”, “uma simplificação que hoje não tem sentido.”²⁶⁶

Francisco está sempre muito consciente daquela hierarquia de verdades de que falou na *Evangelii Gaudium*. Ele aponta a todo momento – seja simplesmente pregando, seja teorizando sobre isso, seja com seus gestos – para aquela centralidade do querigma que Bento XVI deixou clara. Com uma sensibilidade especial, fruto de sua longa experiência pastoral na Argentina, o papa evita qualquer passo que possa ser interpretado como uma interferência, um “zumbido” nessa mensagem central do Evangelho. Ainda que possa conter um conteúdo verdadeiro, um passo assim é prejudicial para o anúncio, se não deixar clara a sua relação com esse centro.

²⁶⁶ VALENTINA ALAZRAKI ENTREVISTA AL PAPA FRANCISCO. *Noticieros Televisa*. Cidade do México: Televisa, 2 de abril de 2015. Programa de TV.

7 PONTOS ESTRUTURANTES DO QUERIGMA DOS PAPAS DO PÓS-CONCÍLIO

Tendo perpassado o magistério dos cinco papas apresentados, é muito oportuno procurar sintetizar os pontos-chave do querigma por eles anunciado. É o que buscamos fazer neste capítulo, ao apontar os elementos presentes no ensinamento de todos os papas do pós-concílio, buscando fazer o magistério falar como um todo, com as diversas contribuições que cada bispo de Roma deu a essa temática. Evidencia-se aqui a profunda continuidade no seu ensinamento. Além disso, se o anúncio do encontro com Cristo é o centro da fé cristã, o que se segue pode ser tido, com todos os limites que um empreendimento dessa grandeza teria, como uma síntese do ensinamento mais nuclear do magistério papal nos últimos cinquenta anos.

7.1 O CRISTIANISMO É CRISTO

Se a fé é encontro pessoal com Jesus Cristo, então primeiramente devemos nos deter sobre a pessoa de Jesus e o que ela de fato significa. Jesus é a própria novidade e o próprio conteúdo do cristianismo. Ele não é apenas o mensageiro, mas é a mensagem. “A doutrina cristã chama-se Jesus Cristo.”²⁶⁷ O Reino proclamado por Jesus é a sua própria pessoa²⁶⁸ – Ele é a *Autobasileia* (cf. VD 93).

Em que sentido se entendem afirmações como essas? Partindo do fato de que Jesus é o “vértice da revelação”:²⁶⁹ a pessoa de Jesus nos torna acessível o rosto de Deus, como respondeu o próprio Senhor a Filipe: “Quem me vê, vê o Pai” (Jo 14, 9). Nele, vemos que Deus não está distante. O próprio Deus nos visitou na carne de Jesus de Nazaré, o Emanuel, Deus-conosco. Como descobrir quem é Deus, como Ele é e o que espera de nós? Voltando o olhar para Jesus.

É por isso que toda catequese autêntica é cristocêntrica (cf. CT 5). O seu caráter cristocêntrico não se opõe ao seu caráter trinitário, mas o complementa. Cristo permanece no centro enquanto aquele em cuja existência nos inserimos como *cristãos*, tornando-nos filhos no Filho e ungidos no Ungido.

²⁶⁷ FRANCISCO. Discurso no encontro com os participantes do V Congresso da Igreja Italiana, Catedral de Santa Maria del Fiore, Florença, 10 de novembro de 2015.

²⁶⁸ Cf. BENTO XVI. Jesus de Nazaré: Primeira parte: do Batismo no Jordão à transfiguração. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2007, p. 59.

²⁶⁹ BEATO PAULO VI. Audiência geral, 19 de junho de 1968. Tradução nossa.

A consequência de reconhecer que a pessoa de Jesus é o coração do cristianismo é que tudo deve ser compreendido sob a sua luz. Tudo o que o cristianismo ensina decorre do conhecimento de sua pessoa.²⁷⁰ O Concílio Vaticano II chamou isso de hierarquia das verdades (cf. UR 11). Ter consciência dessa hierarquia é uma exigência para a missão evangelizadora da Igreja.

Quando não está claro em que consiste o cerne do anúncio cristão, “a mensagem que anunciamos corre [...] o risco de aparecer mutilada e reduzida a alguns de seus aspectos secundários” (EG 34). E “a primeira verdade da Igreja é o amor de Cristo” (MV 12). Essa é a doutrina segura que a Igreja anuncia.²⁷¹ Ele é “a Verdade feita Pessoa. [...] Qualquer outra verdade é um fragmento da Verdade que Ele é e remete para Ele.”²⁷² “Não há conteúdos mais importantes, nada é mais firme e atual. Cada conteúdo da fé torna-se perfeito se se mantiver ligado a este centro, se for permeado pelo anúncio pascal; mas se, pelo contrário, se isolar, perde sentido e força.”²⁷³

A doutrina, a liturgia, a moral e a oração, no cristianismo, não são apenas regulamentadas ou ensinadas por Cristo. A pessoa de Jesus é a própria moral, a própria liturgia e a própria oração cristã. Tudo aquilo que a Igreja vive e ensina deve estar profundamente vinculado à pessoa de Jesus e a explicitação desse vínculo não pode ser dada por pressuposta (cf. AL 38). Jesus é o critério de tudo. Na pregação cristã, tudo fala de Cristo e, em Cristo, tudo fala de amor.

7.2 JESUS, REVELAÇÃO DE DEUS-AMOR

Se “a verdadeira novidade do Novo Testamento não reside em novas ideias, mas na própria figura de Cristo, que dá carne e sangue aos conceitos”, é porque nele se manifesta “o amor na sua forma mais radical” (DCE 12). Como vimos, o rosto de Deus revelado por Jesus é o rosto da misericórdia (cf. MV 1). Deus se manifesta em sua pessoa, em seus gestos e em sua pregação como amor misericordioso – a missão de Jesus é “tornar presente o Pai como amor e misericórdia” (DM 3). Jesus é “a Misericórdia de Deus feita homem.”²⁷⁴

Assim se compreende melhor por que Jesus é o centro da nossa fé: Ele o é enquanto revelação do amor de Deus. Em Jesus – em toda a sua vida, mas sobretudo no mistério de sua

²⁷⁰ Cf. BEATO PAULO VI. Audiência geral, 19 de junho de 1968. Tradução nossa.

²⁷¹ Cf. FRANCISCO. Mensagem em vídeo por ocasião da celebração do Jubileu Extraordinário da Misericórdia no continente americano, 27-30 de agosto de 2016.

²⁷² BENTO XVI. Discurso à Congregação para a Doutrina da Fé, 10 de fevereiro de 2006.

²⁷³ FRANCISCO. Homilia no Jubileu dos Catequistas, Praça de São Pedro, 25 de setembro de 2016.

²⁷⁴ FRANCISCO. *Angelus*, Praça de S. Pedro, 17 de março de 2013. Cf. tb. DM 2.

morte e ressurreição – Deus “não se limita a afirmar seu amor, mas torna-o visível e palpável” (MV 7). Assim, em Cristo, Deus se manifestou plenamente fiável (cf. LF 15). Quando Deus entrega o seu próprio Filho ao mundo e quando este Filho assume a cruz e a morte para se manter fiel à sua missão, já não é possível duvidar do amor de Deus por nós nem subestimá-lo. “Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida pelos seus amigos” (Jo 15, 13). Deus preferiu a morte – e morte de cruz – a nos condenar. É a convicção expressa por São Paulo: “Quem nos condenará? Cristo Jesus, que morreu, ou melhor, que ressuscitou, aquele que está a direita de Deus e intercede por nós?” (Rm 8, 34). Jesus Cristo nos dá a certeza de que Deus nos ama com um amor obstinado,²⁷⁵ que não se apaga.²⁷⁶

Mais: a fé cristã identifica, assim, o amor com o próprio Deus. “Nós conhecemos e cremos no amor que Deus nos tem” (1Jo 4, 16) é “uma fórmula sintética da existência cristã” (DCE 1). Deus se revela como Deus precisamente amando (cf. DCE 10). Por isso, é possível dizer que Ele “se torna presente precisamente nos momentos em que nada mais se faz a não ser amar” (DCE 31) – como expressa também o antigo hino *Ubi caritas* – e que “é amando que se anuncia Deus-Amor.”²⁷⁷ “A própria essência de Deus” se revela “como mistério de caridade infinita [...]. Converter-se significa converter-se ao amor.”²⁷⁸ Não há outro conteúdo a ser anunciado a não ser o amor de Deus – tudo o que a Igreja faz e anuncia deve ser manifestação desse amor.²⁷⁹

Aqui vemos como aquilo que chamamos de centro, núcleo ou coração da fé cristã é constituído, por assim dizer, de camadas de sentido. Podemos dizer que Jesus é o centro da fé cristã ou que o amor de Deus o é: dá no mesmo, pois, quando bem compreendidas, são expressões equivalentes e que acabam por se complementar, por explicitar melhor uma a outra. Da mesma maneira, sabemos que a Igreja ensina que a liturgia é o cume e a fonte da ação da Igreja (cf. SC 10): essa afirmação é bem compreendida se for expressa em conformidade com a afirmação de que o amor de Deus é o núcleo da fé da Igreja, sendo a liturgia – sobretudo a eucaristia – o lugar privilegiado em que esse amor nos toca e se nos manifesta (cf. SCa 7-8).

²⁷⁵ Cf. BENTO XVI. Homilia durante a missa na Paróquia Romana de Deus Pai Misericordioso. 26 de março de 2006.

²⁷⁶ Cf. JOÃO PAULO I. *Angelus*, 10 de setembro de 1978.

²⁷⁷ FRANCISCO. Homilia no Jubileu dos Catequistas, Praça de São Pedro, 25 de setembro de 2016.

²⁷⁸ SÃO JOÃO PAULO II. Audiência Geral, 6 de outubro de 1999. Cf. tb. ES 41 e PF 1.

²⁷⁹ Cf. CIC 25.

7.3 RESPOSTA ÀS EXPECTATIVAS DO CORAÇÃO HUMANO

Não há oposição entre o amor revelado por Deus e a experiência humana do amor (cf. DCE 8). “Toda a história da humanidade é a história da necessidade de amar e de ser amado”²⁸⁰: é nessa história que Deus se insere. Por isso, “na formação do homem e do cristão, não devemos, por receio ou por embaraço, deixar de lado a grande questão do amor: se o fizéssemos apresentaríamos um cristianismo desencarnado, que não pode interessar seriamente o jovem que se abre à vida.”²⁸¹

Se a fé cristã identifica Deus com o amor, a necessidade do coração humano de encontrar o amor é uma e a mesma coisa com a necessidade humana de encontrar Deus. Por isso, só em Jesus “é possível responder à necessidade fundamental do homem, que é necessidade de Deus, não de um Deus distante e genérico, mas do Deus que em Jesus Cristo se manifestou como o amor que salva.”²⁸²

“O homem não pode viver sem amor. Ele permanece para si próprio um ser incompreensível e a sua vida é destituída de sentido, se não lhe for revelado o amor, se ele não se encontra com o amor” (RH 10). Por isso, o encontro pessoal com Cristo é “a resposta plena e definitiva às expectativas mais profundas do coração humano.”²⁸³ “A verdade cristã é fascinante e persuasiva, porque responde a uma necessidade profunda da existência humana.”²⁸⁴

Por isso, a vida cristã não é fardo e não se caracteriza acima de tudo como renúncia. Quem abraça o cristianismo abraça a própria verdade sobre si e, em última instância, a mais fundamental liberdade. O cristianismo não entra na vida como algo sobre-humano ou anti-humano, mas como a oportunidade da realização mais plena da própria humanidade. Por isso, a existência cristã é caracterizada pela alegria. “A primeira causa da nossa alegria é a proximidade do Senhor, que me acolhe e me ama. [...] É a alegria do encontro com o Senhor; é o sentir o amor de Deus que pode transformar toda a existência e trazer salvação.”²⁸⁵

²⁸⁰ SÃO JOÃO PAULO II. Discurso aos jovens franceses reunidos no Parc-des-Princes, 1º de junho de 1980.

²⁸¹ BENTO XVI. Discurso aos participantes no Congresso Eclesial da Diocese de Roma, Basílica de São João de Latrão, 5 de junho de 2006.

²⁸² BENTO XVI. Discurso aos membros da Conferência Episcopal Italiana reunidos para a 56ª assembleia, 18 de maio de 2006.

²⁸³ SÃO JOÃO PAULO II. Carta por ocasião das solenes exéquias de Monsenhor Luigi Giussani, 22 de fevereiro de 2005.

²⁸⁴ FRANCISCO. Discurso na audiência aos membros do Colégio Cardinalício, Sala Clementina, 15 de março de 2013.

²⁸⁵ BENTO XVI. Mensagem para a XXVII Jornada Mundial da Juventude, 15 de março de 2012.

7.4 A SALVAÇÃO COMO EXPERIÊNCIA DE AMOR

Se a comunhão com Deus é a vocação fundamental do homem e, portanto, a sua necessidade mais profunda e se Deus é em sua essência amor, a salvação não pode ser primariamente compreendida de outra maneira a não ser como uma experiência de amor: de um amor fiável, seguro, que não passa e sobre o qual se pode construir a própria vida.

“O homem é redimido pelo amor” (SS 3) e “o amor do Pai se revelou no Filho como amor que salva” (RD 3). Todo o mistério da vida de Jesus é compreendido como expressão do amor de Deus por nós e é precisamente assim que somos salvos. A história da salvação é um “pedido insistente de amor” (ES 43): é a história de um povo que não confia no amor de seu Deus e de um Deus que vai até as últimas consequências para fazer o seu amor ser percebido e crido. Note-se bem: o amor não é apenas o que impele Deus a nos salvar, como se a salvação se tratasse de outra coisa. Não é como se precisássemos de uma transfusão de sangue e, então, por amor, alguém doa o seu próprio sangue. O que salva, aqui, é o amor, não a transfusão. A transfusão aparece como atestação da veracidade desse amor.

A experiência do amor de Deus é a própria salvação, porque tudo o que desejamos é um amor incondicional, que permaneça se derramando sobre nós mesmo se somos frágeis e miseráveis. Esse é o anseio do coração humano. “Se existe este amor absoluto com a sua certeza absoluta, então – e somente então – o homem está ‘redimido’, independentemente do que lhe possa acontecer naquela circunstância. É isto o que se entende, quando afirmamos: Jesus Cristo ‘redimiou-nos’” (SS 26). Agora, “não me sinto nem só, nem inútil, nem abandonado, mas integrado num destino de salvação, que um dia virá a levar-me ao Paraíso.”²⁸⁶

Por isso, a esperança – sempre em íntima relação com o amor e a fé – pode ser identificada com a redenção: “A redenção é-nos oferecida no sentido que nos foi dada a esperança, uma esperança fidedigna, graças à qual podemos enfrentar o nosso tempo presente” (SS 1). A redenção acontece precisamente quando se conhece o amor de Deus; ela é precisamente a experiência desse amor. “Sou amado, logo existo!”²⁸⁷ Tenho esperança, porque, mesmo cheio de limites, sou precioso aos olhos de alguém. Mais: sou precioso aos olhos do Autor da vida, daquele que sustenta o Universo. Eu sou definitivamente amado e, aconteça o que acontecer, eu sou esperado por este Amor (cf. SS 3). O efeito mais consolador

²⁸⁶ JOÃO PAULO I. Audiência geral, 20 de setembro de 1978.

²⁸⁷ FRANCISCO. Catequese para o Jubileu dos agentes da misericórdia, Praça de São Pedro, 3 de setembro de 2016.

da presença do Espírito Santo no cristão “é precisamente a certeza de que este amor perene e infinito, com que Deus nos amou em primeiro lugar, nunca nos abandonará.”²⁸⁸

7.5 A DIMENSÃO EXPERIENCIAL DA FÉ

Se a fé cristã consiste em conhecer a pessoa de Cristo, que revela o amor do Pai, então só pode ser uma experiência, já que a uma pessoa não se conhece por meio de teorias. É precisamente aí que a fé se revela como encontro e como ato pessoal, consciente e subjetivo.²⁸⁹ A fé não pode se reduzir a um costume social ou a uma teoria, mas deve ser assumida pessoalmente e vivida como relação amorosa com Cristo (cf. ES 9; EAm 73; DCE 1). Ela “supõe um encontro pessoal com Deus em Jesus Cristo”²⁹⁰ e não pode ser “resultado de um saber técnico ou fruto de uma bagagem científica.”²⁹¹

Em suma, pode-se dizer que a fé – ou ao menos seu efeito em nós – é existencialmente verificável. A alegria de sermos amados por Deus deve ser de alguma forma “palpável e concreta”.²⁹² Quando vivemos a vida nova que a fé nos dá, “cada um de nós reconhece a verdade existencial da promessa de Jesus Cristo aos discípulos.”²⁹³

Como se faz essa experiência? “O primeiro ponto para nos encontrarmos com Jesus, para fazer a experiência do seu amor, é conhecê-lo.”²⁹⁴ Conhecer a pessoa de Jesus não envolve, naturalmente, apenas a dimensão teórica. “Unicamente o conhecimento dos conteúdos da fé jamais substitui a experiência do encontro pessoal com o Senhor.”²⁹⁵ “Alguém poderá dizer: ‘Não, eu prefiro estudar a fé nos livros’. É importante estudá-la, mas olhai que isso não basta! O mais importante é o encontro com Jesus, o encontro com Ele; é isto que te dá a fé, porque é precisamente Ele quem a dá a ti.”²⁹⁶

²⁸⁸ SÃO JOÃO PAULO II. Audiência Geral, 6 de outubro de 1999.

²⁸⁹ Cf. BEATO PAULO VI. Audiência geral, 19 de junho de 1968.

²⁹⁰ SÃO JOÃO PAULO II. Carta aos Artistas, n. 6, 4 de abril de 1999.

²⁹¹ SÃO JOÃO PAULO II. Homilia durante a missa na Catedral de Santo Domingo com os sacerdotes, religiosos, religiosas e seminaristas, República Dominicana, 26 de janeiro de 1979

²⁹² BENTO XVI. Discurso aos participantes no Congresso Eclesial da Diocese de Roma, Basílica de São João de Latrão, 5 de junho de 2006.

²⁹³ SÃO JOÃO PAULO II. Discurso aos jovens universitários participantes de um congresso internacional, 6 de abril de 1982.

²⁹⁴ BENTO XVI. Diálogo no encontro com jovens de Roma e do Lácio em preparação à Jornada Mundial da Juventude, 25 de março de 2010.

²⁹⁵ BENTO XVI. Discurso ao primeiro grupo de bispos da Conferência Episcopal do México por ocasião da visita *ad limina*, 8 de setembro de 2005. Cf. tb. Discurso à Cúria Romana para os votos de Natal, Sala Clementina, 21 de dezembro de 2007.

²⁹⁶ FRANCISCO. Palavras na Vigília de Pentecostes com os movimentos eclesiais, Praça de São Pedro, 18 de maio de 2013.

Vários elementos propiciam o encontro com Cristo: as Escrituras, os sacramentos, a oração, o cuidado do necessitado, a comunhão dos fiéis. Se detivermos a nossa reflexão nesses elementos, constataremos que cada um deles é um meio para que Deus revele a sua misericórdia, fazendo-me reconhecer, por um lado, a minha pequenez, e por outro, a imensidão do seu amor. É então que acontece o encontro com Cristo em si, “na clareza da nossa consciência, e por isso na impressão fulgurante da misteriosa presença de Cristo em nós, na confissão impetuosa da nossa humildade.”²⁹⁷ O encontro com Cristo se identifica com o momento em que reconheço o abismo de minha miséria e o abismo da misericórdia divina (cf. MMi 1). É o momento em que “Jesus passou pela minha estrada, olhou-me com misericórdia, pediu-me para o seguir; [...] aquele momento em que os olhos dele se cruzaram com os meus, quando me fez sentir que me amava.”²⁹⁸

Essa experiência exige por sua própria natureza uma resposta. Ela nos interpela e “não pode não se traduzir em um convite da parte de Cristo a segui-lo, e da parte de quem é encontrado por Ele em uma escolha, em uma resposta, tendencialmente orientadora, talvez decisiva por toda a vida.”²⁹⁹

Vale notar que a ênfase na dimensão experiencial da fé impede qualquer discurso que se baseie na coação ou imposição de uma verdade de fé ou de uma postura moral. Se a fé é a experiência de um encontro, não pode ser acessada apenas por uma explicação teórica ou por uma normativa moral. É preciso respeitar o caminho de cada um. Por isso, “a fé não é intransigente, mas cresce na convivência que respeita o outro. O crente não é arrogante; pelo contrário, a verdade torna-o humilde, sabendo que, mais do que possuirmo-la nós, é ela que nos abraça e possui” (LF 34).

7.6 A FÉ COMO EXPERIÊNCIA TRANSMITIDA PELA IGREJA TESTEMUNHA

A ênfase na experiência do encontro com Cristo valoriza a dimensão subjetiva da fé, mas não cai em subjetivismo. O que assegura essa experiência é a Igreja, testemunha de Cristo. Isso se dá, por um lado, no próprio anúncio transmitido pela comunidade de fé.³⁰⁰ A evangelização é a comunicação de um fato, de uma boa notícia, de algo que realmente

²⁹⁷ BEATO PAULO VI. Audiência geral, 22 de março de 1972. Tradução nossa. Cf. tb. Audiência geral, 16 de janeiro de 1974.

²⁹⁸ FRANCISCO. Homilia na Vigília Pascal na Noite Santa, Basílica de São Pedro, 19 de abril de 2014.

²⁹⁹ BEATO PAULO VI. Audiência geral, 23 de setembro de 1964. Cf. tb. DCE 1.

³⁰⁰ Cf. SÃO JOÃO PAULO II. Homilia na visita pastoral à Paróquia Romana de S. Marcelino e S. Pedro, 25 de abril de 1982.

aconteceu: Deus nos mostrou o seu amor assumindo a nossa carne, esvaziando-se completamente de sua glória e aceitando a morte, ressuscitando e nos dando a vida nova.

A fé acontece sempre no âmbito de um “nós”; não é apenas encontro individual, mas também encontro comunitário com Cristo. Uma dimensão assegura a outra. A fé cristã é vivida em comunidade e não pode ser de outra maneira. “Não se pode, sozinho, seguir Jesus. Quem cede à tentação de seguir ‘por conta própria’ ou de viver a fé segundo a mentalidade individualista, que predomina na sociedade, corre o risco de nunca encontrar Jesus Cristo, ou de acabar seguindo uma imagem falsa d’Ele.”³⁰¹

Mas, se aquilo que a Igreja anuncia não é apenas uma teoria, são os sacramentos que constituem o meio eminente de transmissão da luz do encontro com Deus: “neles, comunica-se uma memória encarnada, ligada aos lugares e épocas da vida, associada com todos os sentidos; neles, a pessoa é envolvida, como membro de um sujeito vivo, num tecido de relações comunitárias” (LF 40). O próprio culto cristão, centrado na eucaristia, é memorial da salvação realizada em Cristo, que nos revela “o seu amor infinito no Sacramento do Pão eucarístico, partido para a salvação da humanidade inteira.”³⁰² Por isso, ao lado da Escritura e do próximo, os sacramentos – sobretudo a confissão e a eucaristia³⁰³ – são lugares privilegiados de encontro com Cristo.

Ainda, a Igreja transmite a fé através do testemunho não apenas das palavras, mas da vida de seus membros. A vida dos santos torna visível o rosto de Cristo.³⁰⁴ Ali vemos que o cristianismo “funciona”, dá fruto, oferece verdadeiramente uma nova forma de viver, pautada pelo amor.

Em última instância, contudo, a testemunha de Cristo é o Espírito Santo (cf. Rm 8, 16). É Ele quem nos conduz ao encontro com Cristo.³⁰⁵ Mais: Ele mesmo é a efusão de amor que redime o mundo (cf. DeV 39): “a experiência viva do Pai e do Filho realiza-se no amor, isto é, em última análise, no Espírito Santo.”³⁰⁶

³⁰¹ BENTO XVI. Homilia na Celebração Eucarística conclusiva da XXVI Jornada Mundial da Juventude, Madri, 21 de agosto de 2011.

³⁰² SÃO JOÃO PAULO II. Homilia na missa de canonização de S. Marcelino Champagnat, S. João Calábria e Sta. Agostina Livia Pietrantoni, 18 de abril de 1999.

³⁰³ Cf. SÃO JOÃO PAULO II. Discurso aos bispos da II Região dos Estados Unidos em visita *ad limina*, 15 de abril de 1983; Discurso aos bispos da Conferência Episcopal de El Salvador em visita *ad limina*, 23 de novembro de 2001; FRANCISCO. *Regina Coeli*, Praça de São Pedro, 4 de maio de 2014; Discurso aos bispos da Polônia em visita *ad limina*, 7 de fevereiro de 2014; Discurso aos bispos da Conferência Episcopal do Zimbábue em visita *ad limina*, 2 de junho de 2014.

³⁰⁴ Cf. BENTO XVI. *Angelus*, 1º de novembro de 2008.

³⁰⁵ Cf. FRANCISCO. Discurso aos membros da *Catholic Fraternity of Charismatic Covenant Communities and Fellowships*, Sala Paulo VI, 31 de outubro de 2014.

³⁰⁶ SÃO JOÃO PAULO II. Audiência geral, 6 de outubro de 1999.

7.7 A UNIDADE DO AMOR A DEUS E DO AMOR AO PRÓXIMO

Bem considerada, a ênfase no encontro pessoal com Jesus Cristo não incorre na crítica que se costuma fazer a uma espiritualidade intimista. O encontro com Cristo necessariamente desborda em amor operante ao próximo, porque o cristão é consciente de que todo o amor derramado sobre ele no encontro com a misericórdia de Deus se aplica também ao próximo; se descubro que sou precioso aos olhos de Deus, reconheço que cada um, pessoalmente, também o é, mesmo o pobre, o criminoso, o marginalizado, o enfermo, o nascituro, o oprimido. “A verdadeira contemplação demonstra-se nas obras da caridade. Portanto, o sinal de que verdadeiramente rezamos, de que tivemos o encontro com Cristo, é que somos ‘para os outros’.”³⁰⁷

Assim, pode-se dizer que no cristianismo se dá uma inédita compenetração entre fé, culto e *ethos*. Se a fé cristã é fé no amor de Deus, o culto cristão não é outra coisa que presença sacramental desse amor. E quem experimenta esse amor não pode deixar de passar a enxergar em cada pessoa alguém amado com esse mesmo amor. Na comunhão eucarística, “está contido o ser amado e o amar, por sua vez, os outros” (DCE 14). Há um nexos indivisível entre o amor a Deus e o amor ao próximo (cf. 1Jo 4, 20): são “dois amores que são ‘irmãos gêmeos’ e inseparáveis.”³⁰⁸

A comunhão com Deus que cresce cada vez mais a partir do encontro com o seu amor envolve o homem em sua totalidade e o conduz a uma união do pensar, do sentir e do querer (cf. DCE 17). Passa-se a enxergar a realidade³⁰⁹ e o outro a partir da perspectiva de Jesus (cf. DCE 18; LF 4). Assim, o amor já não é “um ‘mandamento’ que do exterior nos impõe o impossível, mas uma experiência do amor proporcionado do interior” (DCE 18). “Aquele que sabe que é amado sente-se por sua vez solicitado a amar. Precisamente assim o Senhor, que nos amou primeiro, nos pede para pôr por nossa vez no centro da nossa vida o amor por Ele e pelos homens que Ele amou.”³¹⁰

A vida cristã se vê, assim, marcada pelas coordenadas das três virtudes teológicas: a fé, a esperança e a caridade.

³⁰⁷ BENTO XVI. Discurso no encontro com o clero de Roma no início da Quaresma, Sala das Bênçãos, 22 de fevereiro de 2007.

³⁰⁸ JOÃO PAULO I. Audiência geral, 27 de setembro de 1978.

³⁰⁹ Cf. SÃO JOÃO PAULO II. Carta ao fundador do movimento Comunhão e Libertação, Monsenhor Luigi Giussani, 20 de abril de 2004.

³¹⁰ BENTO XVI. Discurso aos participantes no Congresso Eclesial da Diocese de Roma, Basílica de São João de Latrão, 5 de junho de 2006.

CONCLUSÃO

O que é, afinal, o encontro com Cristo? A que realidade se refere essa expressão? Depois de visitar o magistério dos papas do pós-concílio, sabemos que se trata sempre de uma experiência do amor de Deus, da sua misericórdia. Partindo da consciência da minha miséria e deixando-me interpelar pelo anúncio cristão, reconheço que sou amado incondicionalmente – não com meras palavras, mas com um amor concreto que se demonstrou plenamente fiável na vida, morte e ressurreição de Jesus de Nazaré. Mediante essa revelação, sou redimido: agora a minha vida é diferente, porque não estou só, não estou entregue às minhas misérias e àquelas que me cercam, mas, aconteça o que acontecer, sou amado. Mais: reconheço no rosto de cada pessoa, mesmo no daquela que me é antipática, alguém precioso aos olhos de Deus e objeto desse mesmo amor desde a eternidade. Descubro, enfim, as raízes mais profundas da dignidade humana e torno-me, uma vez “misericordiado”, instrumento da misericórdia do Pai.

Essa é a experiência cristã em si mesma: não um carisma específico, uma espiritualidade entre outras, mas o cristianismo em seu núcleo essencial. A tão perscrutada essência do cristianismo não é, pois, um objeto de luxo, um mistério arcano, cuja resposta só é acessível ao fim de uma dissertação: essa experiência é a mesma que está na base da fé firme e confiante do enfermo que está de cama há meses, da senhora da periferia cujo filho foi assassinado e da criança que é levada pelos pais a conhecer o “Papai do céu”; é a experiência do participante da Renovação Carismática, mas é também a experiência do membro do Opus Dei e do cristão engajado junto aos movimentos sociais; é a experiência que está no centro da vida laical, mas também no cerne do ministério ordenado e da profissão religiosa; é a experiência do cristão, seja católico, ortodoxo ou da Reforma: aconteça o que acontecer, Deus nunca vai nos abandonar. Deus é Amor.

Quanto mais esse núcleo for alimentado, quanto mais essa experiência for assimilada, tanto mais se abrirá espaço no coração do fiel para aquela radical transformação que muda o seu olhar, a tal ponto que a fé seja uma participação no modo de Jesus ver (cf. LF 18). A partir desse novo olhar, a fé se torna operante pela caridade, servindo à transubstanciação do mundo em amor. O coração da fé está, entretanto, naquela experiência originária de se reconhecer amado com um amor tão incondicional que nos constrange. Por isso, “é mesquinho deter-se a considerar apenas se o agir de uma pessoa corresponde ou não a uma lei ou norma geral, porque isso não basta para discernir e assegurar uma plena fidelidade a Deus na existência concreta de um ser humano” (AL 304). O encontro com a misericórdia de Deus – porquanto tenha como mediação a Escritura, uma pregação, uma obra de caridade, um sacramento, etc. –

ocorre dentro de cada consciência, lá onde restam só os dois: a Misericórdia e a miséria (cf. MMi 1).

Portanto, qualquer tentativa de usar o magistério da Igreja para julgar a autenticidade da fé de uma pessoa – quem é católico “de verdade” e quem não é – encontra contradição em si mesma. O magistério não permite essa leitura. Ainda que, tirada do contexto, possa existir uma frase ou outra que pareça a permitir, uma visão do todo a desautoriza notavelmente.

Dado o contexto em que vivemos atualmente, em que se percebe, dentro e fora da Igreja, a tendência a um conservadorismo rígido e exclusivo, muitas vezes respaldado por uma propalada “fidelidade ao magistério da Igreja”, é bom deixar claro: o magistério dos papas do pós-concílio desautoriza abertamente qualquer leitura que tenda ao legalismo, ao moralismo, ao ritualismo, ao dogmatismo e a qualquer reducionismo da fé cristã a um conjunto de normas, de ritos ou de ideias. Qualquer mínimo movimento de intolerância ou de agressividade contra uma pessoa em nome da “defesa da fé” contraria de imediato aquilo que o próprio magistério considera o seu anúncio mais central: cada um é amado por Deus com toda a ternura e a compaixão que seu coração infinito pode conter. A justiça de Deus é precisamente justiça em relação a si mesmo: Ele é Amor e não pode negar a sua própria natureza.

Ainda, a centralidade do encontro com Cristo desvela o primado da espiritualidade e alerta contra qualquer reducionismo da fé ao ativismo prático, social e político, que ao fim, desgarrado dessa experiência nuclear, se revela infecundo e cede facilmente aos jogos de poder. Mas também interpela a morosidade e a tepidez de tantas paróquias, ensimesmadas em seu “fazer por fazer”, em apenas tocar suas estruturas adiante, e incapazes de oferecer um testemunho vivo de Jesus Cristo.

Compreender melhor em que consiste o encontro com Cristo (como procuramos sintetizar no capítulo 7) pode ser, enfim, um profundo exame de consciência para cada cristão, cada comunidade, cada movimento, cada casa de formação, cada realidade eclesial. Só uma renovada experiência do amor de Deus manifestado em Jesus pode nos arrancar dos infelizes reducionismos à esquerda e à direita e da triste letargia em que sepultamos a nossa fé. Novamente, não se trata de ideias, de teorias, de normas, de programas pastorais, mas de responder à pergunta que ressoa nos Evangelhos: quem é Jesus? E, em última instância, quem é Deus? Da resposta a isso dependerá a compreensão da nossa própria identidade, pessoal e comunitária.

Mergulhamos no magistério de papas de uma estatura admirável e de estilos variadíssimos. Cada um com a sua própria formação, sua própria personalidade e seu próprio

carisma pôde contribuir a seu modo, dentro dos limites a que todo ser humano está susceptível, para o anúncio que a comunidade eclesial dirige a si mesma e ao mundo. Há muita diferença no estilo da linguagem de cada um deles. Há também ênfases particulares de um e de outro, e diferentes pontos de partida. Ao mesmo tempo, porém, constatamos impressionados a profunda continuidade no seu conteúdo. Existe uma unidade no magistério pontifício pós-conciliar que, ainda que permita críticas a certas premissas e conclusões de um papa em específico, não permite que formulemos oposições entre eles no que toca ao modo de entender o coração da fé cristã.

Dizemos isso sem qualquer tendência ao papismo – outro reducionismo – como se o *unum necessarium* na vida cristã fosse a submissão servil ao pontífice romano. Não: a fé vê. Vê a contribuição que cada homem e mulher dão ao Reino de Deus e vê também o insubstituível ministério de unidade que o papa exerce no seio da Igreja. Se todo cristão tem o direito de ser ouvido quando professa a sua experiência de fé, quanto mais aquele que está à frente do serviço daquela Igreja que preside na caridade a todas as Igrejas. Pretender uma Igreja em que a voz do papa seja negligenciada é pretender uma Igreja desfigurada.

No decurso do pós-concílio, a cada papa coube desvelar significados mais plenos contidos no ensinamento de seus predecessores, espanando os elementos de caducidade e fazendo emergir a fé da Igreja, a Tradição viva, aquela confiança no amor do Pai, aquela paixão pelo rosto de Cristo e aquela docilidade ao Espírito que experimentou cada fiel do santo povo de Deus desde o dia de Pentecostes. Se a insistência no encontro com Cristo se dá porque estamos falando da própria essência da fé cristã, a verdade é que cada pessoa que viveu essa fé na história teve uma experiência desse encontro – ainda que a terminologia só apareça no magistério pontifício, como vimos, a partir do Beato Paulo VI.

Desde Maria, José e os apóstolos, essa foi a experiência dos santos: de Agostinho a Oscar Romero, de Maria Madalena a Teresa de Calcutá, de Tomás de Aquino a José de Anchieta, de Teresa de Jesus a Josefina Bakhita, dos primeiros mártires até os santos cujo nome só saberemos na plenitude do Reino: cada um deles foi trespassado por um Amor infável que os uniu ao coração de Jesus de Nazaré e os ungiu para serem testemunhas da misericórdia do Pai.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A ampla maior parte deste trabalho foi feita a partir de pesquisas em documentos do magistério pontifício, como encíclicas, exortações apostólicas, cartas, discursos e homilias. Todos eles podem ser encontrados na página da Santa Sé na internet (www.vatican.va), bastando que se pesquise em uma ferramenta de busca ou nos índices que a própria página fornece para cada papa. Para fins de uma visualização panorâmica das fontes usadas nesta pesquisa, elencamos abaixo apenas as constituições, encíclicas, exortações apostólicas, cartas e bulas utilizados, deixando de fora os discursos e homilias vários. A ordem seguida é cronológica, segundo o ano de publicação de cada documento. Depois, seguem-se as obras usadas sobretudo para a composição do primeiro capítulo.

Do Papa São João XXIII:

Constituição *Humanae Salutis* para a Convocação do Concílio Vaticano II (1961)
Gaudet Mater Ecclesia, Discurso de Abertura do Concílio Vaticano II (1962)

Do Concílio Vaticano II:

Constituição Dogmática *Sacrosanctum Concilium* (1963)
 Constituição Dogmática *Lumen Gentium* (1964)
 Decreto *Unitatis Redintegratio* (1964)
 Constituição Dogmática *Dei Verbum* (1965)
 Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* (1965)
 Decreto *Ad Gentes* (1965)

Do Papa Beato Paulo VI:

Carta Encíclica *Ecclesiam Suam* (1964)
 Exortação Apostólica *Gaudete in Domino* (1975)
 Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi* (1975)

Do Papa São João Paulo II:

Carta Encíclica *Redemptor Hominis* (1979)
 Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Catechesi Tradendae* (1979)
 Carta Encíclica *Dives in Misericordia* (1980)
 Exortação Apostólica *Redemptionis Donum* (1984)
 Carta Encíclica *Dominum et Vivificantem* (1986)
 Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Christifideles Laici* (1988)
 Carta Encíclica *Redemptoris Missio* (1990)
 Carta Encíclica *Veritatis Splendor* (1993)
 Carta Encíclica *Fides et Ratio* (1998)
 Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Ecclesia in America* (1999)
 Carta apostólica *Novo Millenio Ineunte* (2001)

Do Papa Bento XVI:

Carta Encíclica *Deus Caritas Est* (2005)
 Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Sacramentum Caritatis* (2007)
 Carta Encíclica *Spe Salvi* (2007)
 Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Verbum Domini* (2010)
 Carta Apostólica *Porta Fidei* (2011)

Do Papa Francisco:

Carta Encíclica *Lumen Fidei* (2013)
 Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* (2013)
 Bula *Misericordiae Vultus* (2015)
 Carta Encíclica *Laudato Si'* (2015)
 Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Amoris Laetitia* (2016)
 Carta apostólica *Misericordia et Misera* (2016)

ALMEIDA, Antônio José de. *ABC do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulinas, 2015.

ALMEIDA, Antônio José de. *Leigos em quê?* Uma abordagem histórica. São Paulo: Paulinas, 2006.

ANNIE DE JESUS. *Charles de Foucauld: nos passos de Jesus de Nazaré*. Vargem Grande Paulista: Cidade Nova, 2004.

BALTHASAR, Hans Urs von. *Romano Guardini: Reform from the Source*. São Francisco: Ignatius, 2010.

BENTO XVI. *Ultime conversazioni*. Milão: Garzanti, 2016

BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. Deus: experiência histórica e rosto humano – alguns elementos sobre a questão de Deus no Concílio Vaticano II. In: BOMBONATTO, Vera Ivanise e GONÇALVES, Paulo Sérgio Lopes (org.). *Concílio Vaticano II: análise e perspectivas*. São Paulo: Paulinas, 2004.

BOFF, Clodovis Maria. *A espiritualidade na vida consagrada a 50 anos do Vaticano II*. Palestra no Encontro dos Religiosos e Religiosas (cerca de 800) do Paraná e de outros Estados do Brasil, organizado pela CRB regional e que contou com a presença do cardeal D. João Braz de Aviz, Prefeito da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e Sociedades de Vida Apostólica. Disponível em: <http://www.crbpr.com.br/retiro/palestra-proferida-por-frei-clodovis-boff-no-encontro-da-vida-consagrada-com-o-cardeal-dom-joao/#_ftn1>. Acesso em 7 de novembro de 2016.

CÁMARA, Javier e PFAFFEN, Sebastián. *Aquel Francisco*. Córdoba: Raíz de Dos, 2014.

CAVALCANTE, Pedro Teixeira. Introdução geral. In: TERESA DO MENINO JESUS E DA SANTA FACE. *Obras completas*. São Paulo: Paulus, 2002.

- ESCRIVÁ, São Josemaria. *Questões atuais do Cristianismo*. São Paulo: Quadrante, 1968.
- FAVALE, Agostino (org.). *Movimenti ecclesiali contemporanei: dimensioni storiche, teologico-spirituais ed apostoliche*. Roma: Las, 1980.
- FISICHELLA, Rino. *Introdução à teologia fundamental*. São Paulo: Loyola, 2012.
- FRANCISCO. *O nome de Deus é Misericórdia*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2016.
- GUARDINI, Romano. *A vida da fé*. Lisboa e Coimbra: Aster e Casa do Castelo, 1957.
- GUARDINI, Romano. *La esencia del cristianismo*. Madri: Cristiandad, 1984.
- KIERKEGAARD, Søren. *L'inquietudine della fede*. Turim: Gribaldi, 1968.
- LIBANIO, João Batista. *Concílio Vaticano II: em busca de uma primeira compreensão*. São Paulo: Loyola, 2005.
- LÓPEZ QUINTÁS, Alfonso. *La verdadera imagen de Romano Guardini*. Pamplona: EUNSA, 2001.
- MOUROUX, Jean. *Do batismo ao ato de fé*. São Paulo: Paulinas, 1975.
- MOUROUX, Jean. *Je crois en toi: structure personnelle de la foi*. Paris: Les Éditions du Cerf, 1954.
- MOUROUX, Jean. *L'expérience chrétienne: introduction a une théologie*. Paris: Aubier, 1952.
- POUPLIN, Paul. L'héritage spirituel de Charles de Foucauld. In: *Études* 10/2006 (Tome 405), p. 361-367. Disponível em: <www.cairn.info/revue-etudes-2006-10-page-361.htm>. Acesso em 7 de novembro de 2016.
- ROXO, Roberto Mascarenhas. *O Concílio: teologia e renovação*. Petrópolis: Vozes, 1967.
- VALENTINA ALAZRAKI ENTREVISTA AL PAPA FRANCISCO. *Noticieros Televisa*. Cidade do México: Televisa, 2 de abril de 2015. Programa de TV.
- ZAVALLONI, Roberto. *Prospectivas pastorais de J. B. Montini*. Petrópolis: Vozes, 1968.